UNE ✦ SACRA

Espiritismo

A Gênese

✦ ✦ ✦

Allan Kardec

Tradução (edição 1.8)

Créditos

Autor	Allan Kardec
Data	1868
Idioma original	Francês
Versão	Tradução (edição 1.8)
Tradução	Tradução popular, a partir do original francês
Fonte	Internet Archive — La Genèse, les miracles et les prédictions selon le spiritisme (Paris, Librairie internationale, 1868), OCR corrigé avec les numérisations bub_gb_KzDGY2nT08AC et bub_gb_hupkPNggu5sC
Licença	CC BY-NC-SA 4.0 · original: Domínio público

Sobre:

A Gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo, publicada por Allan Kardec em janeiro de 1868, um ano antes de sua morte, é a última das obras básicas.

Na primeira parte, A Gênese, Kardec apresenta o caráter da revelação espírita, a ideia de Deus e a origem do bem e do mal e relê a formação do universo, da Terra e dos seres vivos à luz da astronomia e da geologia do século XIX, comparando-as com o relato bíblico dos seis dias.

A segunda, Os milagres, trata dos fluidos e explica pelos princípios espíritas os fatos extraordinários atribuídos a Jesus.

A terceira, As predições, estuda a presciência, as profecias do Evangelho e o anúncio de uma nova era para a humanidade ("Os tempos são chegados").

Os itens são numerados de novo em cada um dos 18 capítulos. O texto segue a 1ª edição (1868); a 5ª edição, de 1872, publicada depois da morte de Kardec, traz mudanças cuja autoria é discutida.

Fonte: https://archive.org/details/bub_gb_DIErB97VOk8C

Esta tradução popular e o desenho deste arquivo são da Une Sacra, sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 (CC BY-NC-SA 4.0): pode copiar e compartilhar citando "Une Sacra (unesacra.com)", sem uso comercial e com a mesma licença. O texto original segue a licença da fonte. Termos de uso: unesacra.com/#/legal/terms

Edição digital gerada em 26 de novembro de 2026 pela Une Sacra, biblioteca aberta de textos sagrados. · UneSacra.com

Sumário

Introdução

I. Caracteres da revelação espírita

II. Deus

III. O bem e o mal

IV. Papel da ciência na Gênese

V. Sistemas do mundo antigos e modernos

VI. Uranografia geral

VII. Esboço geológico da Terra

VIII. Teorias da Terra

IX. Revoluções do globo

X. Gênese orgânica

XI. Gênese espiritual

XII. Gênese mosaica

XIII. Caracteres dos milagres

XIV. Os fluidos

XV. Os milagres do Evangelho

XVI. Teoria da presciência

XVII. Predições do Evangelho

XVIII. Os tempos são chegados

INTRODUÇÃO

✦

1 Esta nova obra é mais um passo adiante nas consequências e nas aplicações do Espiritismo. Como indica o seu título, tem por objeto o estudo de três pontos diversamente interpretados e comentados até hoje: a Gênese, os milagres e as predições, nas suas relações com as novas leis que decorrem da observação dos fenômenos espíritas.

2 Dois elementos ou, se quiserem, duas forças regem o universo: o elemento espiritual e o elemento material; da ação simultânea desses dois princípios nascem fenômenos especiais que são naturalmente inexplicáveis se se faz abstração de um dos dois, exatamente como a formação da água seria inexplicável se se fizesse abstração de um dos seus dois elementos constituintes: o oxigênio ou o hidrogênio.

3 O Espiritismo, ao demonstrar a existência do mundo espiritual e as suas relações com o mundo material, dá a chave de uma multidão de fenômenos incompreendidos e considerados, por isso mesmo, inadmissíveis por certa classe de pensadores. Esses fatos abundam nas Escrituras, e é por não conhecerem a lei que os rege que os comentadores dos dois campos opostos, girando sem cessar no mesmo círculo de ideias, uns fazendo abstração dos dados positivos da ciência, outros do princípio espiritual, não puderam chegar a uma solução racional.

4 Essa solução está na ação recíproca do espírito e da matéria. Ela tira, é verdade, à maior parte desses fatos o seu caráter sobrenatural; mas o que vale mais: admiti-los como decorrentes das leis da natureza, ou rejeitá-los com-

pletamente? A sua rejeição absoluta acarreta a da própria base do edifício, ao passo que a sua admissão a esse título, suprimindo apenas os acessórios, deixa essa base intacta. Eis por que o Espiritismo reconduz tanta gente à crença em verdades que há pouco consideravam utopias.

5 Esta obra é, pois, como dissemos, um complemento das aplicações do Espiritismo sob um ponto de vista especial. Os materiais estavam prontos, ou pelo menos elaborados havia muito tempo, mas ainda não chegara o momento de publicá-los.

5.2 Era preciso, primeiro, que as ideias que deviam servir-lhe de base tivessem chegado à maturidade e, além disso, levar em conta a oportunidade das circunstâncias. O Espiritismo não tem mistérios nem teorias secretas; tudo nele deve ser dito às claras, a fim de que cada um possa julgá-lo com conhecimento de causa; mas cada coisa deve vir a seu tempo para vir com segurança.

5.3 Uma solução dada levianamente, antes da elucidação completa da questão, seria causa de atraso em vez de avanço. Naquela de que aqui se trata, a importância do assunto impunha-nos o dever de evitar toda precipitação.

6 Antes de entrar na matéria, pareceu-nos necessário definir claramente o papel respectivo dos Espíritos e dos homens na obra da nova doutrina; essas considerações preliminares, que afastam dela toda ideia de misticismo, constituem o objeto do primeiro capítulo, intitulado: Caracteres da revelação espírita; chamamos para esse ponto uma atenção séria, porque nele está, de certo modo, o nó da questão.

7 Apesar da parte que cabe à atividade humana na elaboração desta doutrina, a iniciativa pertence aos Espíritos, mas ela não é formada da opinião pessoal de nenhum deles; não é, e não pode ser, senão a resultante do seu ensino coletivo e concordante. Só com essa condição pode dizer-se a doutrina dos Espíritos; de outro modo seria apenas a doutrina de um Espírito e não teria senão o valor de uma opinião pessoal.

8 Generalidade e concordância no ensino: tal é o caráter essencial da doutrina, a condição mesma da sua existência; daí resulta que todo princípio que não recebeu a consagração do controle da generalidade não pode ser considerado parte integrante dessa mesma doutrina, mas uma simples opinião isolada, pela qual o Espiritismo não pode assumir a responsabilidade.

9 O Livro dos Espíritos só viu o seu crédito consolidar-se porque é a expressão de um pensamento coletivo geral; no mês de abril de 1857 completou o seu primeiro período decenal; nesse intervalo, os princípios fundamentais cujas bases lançou foram sucessivamente completados e desenvolvidos, em consequência do ensino progressivo dos Espíritos, mas nenhum recebeu desmentido da experiência; todos, sem exceção, permaneceram de pé, mais vivos do que nunca, ao passo que, de todas as ideias contraditórias que se tentou opor-lhes, nenhuma prevaleceu, precisamente porque, de todas as partes, o contrário era ensinado. Esse é um resultado característico que podemos proclamar sem vaidade, pois nunca nos atribuímos o seu mérito.

10 Tendo os mesmos escrúpulos presidido à redação das nossas outras obras, pudemos, com toda a verdade, dizê-las segundo o Espiritismo, porque estávamos certo da sua conformidade com o ensino geral dos Espíritos. O mesmo se dá com esta, que podemos, por motivos semelhantes, apresentar como o complemento das precedentes, com exceção, contudo, de algu-

mas teorias ainda hipotéticas, que tivemos o cuidado de indicar como tais e que só devem ser consideradas opiniões pessoais, até que tenham sido confirmadas ou contraditas, a fim de não fazer pesar a responsabilidade delas sobre a doutrina.

11 De resto, os leitores assíduos da Revista terão podido notar nela, em estado de esboço, a maior parte das ideias que são desenvolvidas nesta última obra, como fizemos com as precedentes. A Revista é muitas vezes para nós um campo de ensaio destinado a sondar a opinião dos homens e dos Espíritos sobre certos princípios, antes de admiti-los como partes constituintes da doutrina.

Une Sacra · edição 1.8 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

I. CARACTERES DA REVELAÇÃO ESPÍRITA

✦

1 Pode-se considerar o Espiritismo uma revelação? Nesse caso, qual é o seu caráter? Sobre o que se funda a sua autenticidade? A quem e de que maneira foi feita? A doutrina espírita é uma revelação no sentido litúrgico da palavra, isto é, é em todos os pontos o produto de um ensino oculto vindo do alto? É absoluta ou suscetível de modificações?

1.2 Trazendo aos homens a verdade já pronta, não teria a revelação o efeito de impedi-los de fazer uso das suas faculdades, já que lhes pouparia o trabalho da pesquisa? Qual pode ser a autoridade do ensino dos Espíritos, se eles não são infalíveis nem superiores à humanidade? Qual é a utilidade da moral que pregam, se essa moral não é outra senão a do Cristo, que já se conhece?

1.3 Quais são as verdades novas que nos trazem? Precisa o homem de uma revelação, e não pode encontrar em si mesmo e na sua consciência tudo o que lhe é necessário para se conduzir? Tais são as questões sobre as quais importa ter uma posição firme.

2 Definamos primeiro o sentido da palavra revelação.

Revelar, derivado da palavra véu (do latim velum), significa literalmente tirar o véu; e, no sentido figurado: descobrir, dar a conhecer uma coisa secreta ou desconhecida. Na sua acepção vulgar mais geral, diz-se de toda coisa ignorada que é trazida à luz, de toda ideia nova que põe no caminho do que não se sabia.

Desse ponto de vista, todas as ciências que nos dão a conhecer os mistérios

da natureza são revelações, e pode-se dizer que há para nós uma revelação incessante; a astronomia revelou-nos o mundo astral, que não conhecíamos; a geologia, a formação da Terra; a química, a lei das afinidades; a fisiologia, as funções do organismo etc.; Copérnico, Galileu, Newton, Laplace, Lavoisier são reveladores.

3 O caráter essencial de toda revelação deve ser a verdade. Revelar um segredo é dar a conhecer um fato; se a coisa é falsa, não é um fato e, por conseguinte, não há revelação. Toda revelação desmentida pelos fatos não é revelação; se é atribuída a Deus, como Deus não pode mentir nem enganar-se, ela não pode emanar dele; deve ser considerada produto de uma concepção humana.

4 Qual é o papel do professor diante dos seus alunos, senão o de um revelador? Ensina-lhes o que não sabem, o que não teriam nem tempo nem possibilidade de descobrir por si mesmos, porque a ciência é obra coletiva dos séculos e de uma multidão de homens que trouxeram, cada um, o seu contingente de observações, das quais se aproveitam os que vêm depois deles.

4.2 O ensino é, pois, na realidade, a revelação de certas verdades científicas ou morais, físicas ou metafísicas, feita por homens que as conhecem a outros que as ignoram e que, sem isso, as teriam ignorado sempre.

5 Mas o professor só ensina o que aprendeu: é um revelador de segunda ordem; o homem de gênio ensina o que ele mesmo encontrou: é o revelador primitivo; traz a luz que, pouco a pouco, se vulgariza. Onde estaria a humanidade sem a revelação dos homens de gênio que aparecem de tempos em tempos?

Mas o que são os homens de gênio? Por que são homens de gênio? De onde vêm? Em que se tornam? Notemos que a maior parte deles traz ao nascer

faculdades transcendentes e conhecimentos inatos, que um pouco de trabalho basta para desenvolver. Pertencem realmente à humanidade, pois nascem, vivem e morrem como nós. Onde, então, buscaram esses conhecimentos que não puderam adquirir em vida? Dir-se-á, com os materialistas, que o acaso lhes deu a matéria cerebral em maior quantidade e de melhor qualidade? Nesse caso, não teriam mais mérito que um legume maior e mais saboroso que outro.

Dir-se-á, com certos espiritualistas, que Deus os dotou de uma alma mais favorecida que a do comum dos homens? Suposição igualmente ilógica, pois macularia Deus de parcialidade. A única solução racional desse problema está na preexistência da alma e na pluralidade das existências. O homem de gênio é um Espírito que viveu mais tempo; que, por conseguinte, adquiriu mais e progrediu mais que os menos adiantados. Ao encarnar-se, traz o que sabe e, como sabe muito mais que os outros sem precisar aprender, é o que se chama um homem de gênio. Mas o que sabe não deixa de ser fruto de um trabalho anterior, e não resultado de um privilégio. Antes de renascer, era, pois, um Espírito adiantado; reencarna-se, seja para fazer os outros aproveitarem o que sabe, seja para adquirir mais.

Os homens progridem incontestavelmente por si mesmos e pelos esforços da sua inteligência; mas, entregues às próprias forças, esse progresso é muito lento, se não forem ajudados por homens mais adiantados, como o aluno o é pelos seus professores. Todos os povos tiveram os seus homens de gênio, que vieram, em diversas épocas, dar-lhes um impulso e tirá-los da inércia.

6 Desde que se admite a solicitude de Deus por suas criaturas, por que não se admitiria que Espíritos capazes, pela sua energia e pela superioridade dos seus conhecimentos, de fazer a humanidade avançar se encarnem pela vontade de Deus com o fim de ajudar o progresso num sentido determinado; que recebam uma missão, como um embaixador a recebe do seu soberano? Tal é o papel dos grandes gênios. Que vêm eles fazer, senão ensinar aos homens verdades que estes ignoram, e que teriam ignorado ainda por longos períodos, a fim de lhes dar um degrau com cujo auxílio possam elevar-se mais rapidamente? Esses gênios, que aparecem através dos séculos como estrelas brilhantes, deixando atrás de si um longo rastro luminoso sobre a humanidade, são missionários ou, se quiserem, messias. Se não ensinassem aos homens nada além do que estes já sabem, a sua presença seria completamente inútil; as coisas novas que lhes ensinam, seja na ordem física, seja na ordem filosófica, são revelações.

Se Deus suscita reveladores para as verdades científicas, pode, com mais forte razão, suscitá-los para as verdades morais, que são um dos elementos essenciais do progresso. Tais são os filósofos cujas ideias atravessaram os séculos.

7 No sentido especial da fé religiosa, a revelação diz-se mais particularmente das coisas espirituais que o homem não pode saber por si mesmo, que não pode descobrir por meio dos sentidos, e cujo conhecimento lhe é dado por Deus ou pelos seus mensageiros, seja por meio da palavra direta, seja pela inspiração.

7.2 Nesse caso, a revelação é sempre feita a homens privilegiados, designados pelo nome de profetas ou messias, isto é, enviados, missionários, que têm a missão de transmiti-la aos homens. Considerada desse ponto de

vista, a revelação implica a passividade absoluta; é aceita sem controle, sem exame, sem discussão.

8 Todas as religiões tiveram os seus reveladores e, embora todos estejam longe de ter conhecido toda a verdade, tinham a sua razão de ser providencial, porque eram apropriados ao tempo e ao meio em que viviam, ao gênio particular dos povos a que falavam e em relação aos quais eram relativamente superiores. Apesar dos erros das suas doutrinas, nem por isso deixaram de mover os espíritos e, por isso mesmo, de semear germes de progresso que mais tarde deviam desabrochar, ou desabrocharão um dia, ao sol do Cristianismo. É, pois, sem razão que se lança contra eles o anátema em nome da ortodoxia, porque virá o dia em que todas essas crenças, tão diversas na forma, mas que repousam na realidade sobre um mesmo princípio fundamental — Deus e a imortalidade da alma —, se fundirão numa grande e vasta unidade, quando a razão tiver triunfado dos preconceitos. Infelizmente, as religiões foram em todos os tempos instrumentos de dominação; o papel de profeta tentou as ambições secundárias, e viu-se surgir uma multidão de pretensos reveladores ou messias que, à sombra do prestígio desse nome, exploraram a credulidade em proveito do seu orgulho, da sua cupidez ou da sua preguiça, achando mais cômodo viver à custa dos seus logrados. A religião cristã não esteve ao abrigo desses parasitas. A esse respeito, chamamos uma atenção séria para o capítulo XXI de O Evangelho segundo o Espiritismo: «Haverá falsos Cristos e falsos profetas.»

9 Há revelações diretas de Deus aos homens? É uma questão que não ousaríamos resolver, nem afirmativa nem negativamente, de maneira absoluta. A coisa não é radicalmente impossível, mas nada dá dela prova certa. O que não pode ser duvidoso é que os Espíritos mais próximos de Deus pela per-

feição se penetram do seu pensamento e podem transmiti-lo. Quanto aos reveladores encarnados, segundo a ordem hierárquica a que pertencem e o grau do seu saber pessoal, podem tirar as suas instruções dos próprios conhecimentos, ou recebê-las de Espíritos mais elevados, e até de mensageiros diretos de Deus. Estes, falando em nome de Deus, puderam às vezes ser tomados pelo próprio Deus.

Essas espécies de comunicações nada têm de estranho para quem conhece os fenômenos espíritas e a maneira como se estabelecem as relações entre os encarnados e os desencarnados. As instruções podem ser transmitidas por diversos meios: pela inspiração pura e simples, pela audição da palavra, pela vista dos Espíritos instrutores nas visões e aparições, seja em sonho, seja no estado de vigília, como se veem muitos exemplos na Bíblia, no Evangelho e nos livros sagrados de todos os povos. É, pois, rigorosamente exato dizer que a maior parte dos reveladores são médiuns inspirados, auditivos ou videntes; de onde não se segue que todos os médiuns sejam reveladores, e menos ainda intermediários diretos da Divindade ou dos seus mensageiros.

10 Só os Espíritos puros recebem a palavra de Deus com a missão de transmiti-la; mas sabe-se hoje que os Espíritos estão longe de ser todos perfeitos, e que há os que se dão falsas aparências; foi o que fez são João dizer: «Não creiais em todo Espírito, mas vede antes se os Espíritos são de Deus.» (1ª Epístola, cap. IV, v. 1.)

Pode, pois, haver revelações sérias e verdadeiras, como as há apócrifas e mentirosas. O caráter essencial da revelação divina é o da eterna verdade. Toda revelação maculada de erro ou sujeita a mudança não pode emanar de Deus. É assim que a lei do Decálogo tem todos os caracteres da sua origem,

ao passo que as outras leis mosaicas, essencialmente transitórias, muitas vezes em contradição com a lei do Sinai, são obra pessoal e política do legislador hebreu. Abrandando-se os costumes do povo, essas leis caíram por si mesmas em desuso, ao passo que o Decálogo permaneceu de pé como o farol da humanidade. O Cristo fez dele a base do seu edifício, enquanto aboliu as outras leis; se estas tivessem sido obra de Deus, ele ter-se-ia guardado de tocá-las. O Cristo e Moisés são os dois grandes reveladores que mudaram a face do mundo, e aí está a prova da sua missão divina. Uma obra puramente humana não teria tal poder.

11 Uma importante revelação se cumpre na época atual: é a que nos mostra a possibilidade de comunicar com os seres do mundo espiritual. Esse conhecimento não é novo, sem dúvida, mas permanecera até os nossos dias, de certo modo, em estado de letra morta, isto é, sem proveito para a humanidade.

11.2 A ignorância das leis que regem essas relações o abafara sob a superstição; o homem era incapaz de tirar dele qualquer dedução salutar; estava reservado à nossa época livrá-lo dos seus acessórios ridículos, compreender o seu alcance e fazer sair dele a luz que devia iluminar o caminho do futuro.

12 O Espiritismo, tendo-nos dado a conhecer o mundo invisível que nos cerca e no meio do qual vivíamos sem suspeitar, as leis que o regem, as suas relações com o mundo visível, a natureza e o estado dos seres que o habitam e, por conseguinte, o destino do homem depois da morte, é uma verdadeira revelação na acepção científica da palavra.

13 Pela sua natureza, a revelação espírita tem duplo caráter: participa ao mesmo tempo da revelação divina e da revelação científica. Participa da primeira, porque o seu advento é providencial, e não resultado da iniciativa e de um desígnio premeditado do homem; porque os pontos fundamentais da doutrina são fruto do ensino dado pelos Espíritos encarregados por Deus de esclarecer os homens sobre coisas que ignoravam, que não podiam aprender por si mesmos e que lhes importa conhecer hoje, que estão maduros para compreendê-las.

13.2 Participa da segunda, porque esse ensino não é privilégio de nenhum indivíduo, mas é dado a todos pela mesma via; porque os que o transmitem e os que o recebem não são seres passivos, dispensados do trabalho de observação e de pesquisa; porque não abdicam do seu juízo nem do seu livre-arbítrio; porque o controle não lhes é proibido, mas, ao contrário, recomendado; enfim, porque a doutrina não foi ditada inteira nem imposta à crença cega; porque é deduzida, pelo trabalho do homem, da observação dos fatos que os Espíritos põem diante dos seus olhos e das instruções que lhe dão, instruções que ele estuda, comenta, compara, e das quais ele mesmo tira as consequências e as aplicações.

13.3 Numa palavra, o que caracteriza a revelação espírita é que a sua fonte é divina, que a iniciativa pertence aos Espíritos e que a elaboração é fruto do trabalho do homem.

14 Como meio de elaboração, o Espiritismo procede exatamente da mesma maneira que as ciências positivas, isto é, aplica o método experimental. Apresentam-se fatos de uma ordem nova que não podem ser explicados pe-

las leis conhecidas; ele os observa, compara, analisa e, remontando dos efeitos às causas, chega à lei que os rege; depois deduz as suas consequências e procura as suas aplicações úteis.

14.2 Não estabelece nenhuma teoria preconcebida; assim, não pôs como hipótese nem a existência e a intervenção dos Espíritos, nem o perispírito, nem a reencarnação, nem nenhum dos princípios da doutrina; concluiu pela existência dos Espíritos quando essa existência ressaltou com evidência da observação dos fatos, e assim com os outros princípios.

14.3 Não foram os fatos que vieram depois confirmar a teoria, mas a teoria que veio posteriormente explicar e resumir os fatos. É, pois, rigorosamente exato dizer que o Espiritismo é uma ciência de observação, e não produto da imaginação.

15 Citemos um exemplo. Passa-se no mundo dos Espíritos um fato muito singular, e que certamente ninguém teria suspeitado: o dos Espíritos que não se julgam mortos. Pois bem!

15.2 Os Espíritos superiores, que o conhecem perfeitamente, não vieram dizer por antecipação: «Há Espíritos que julgam viver ainda a vida terrestre, que conservaram os seus gostos, os seus hábitos e os seus instintos»; mas provocaram a manifestação de Espíritos dessa categoria para no-los fazer observar.

15.3 Tendo-se visto, pois, Espíritos incertos do seu estado, ou afirmando que ainda eram deste mundo e julgando ocupar-se dos seus afazeres ordinários, do exemplo concluiu-se a regra.

15.4 A multiplicidade de fatos análogos provou que não era uma exceção, mas uma das fases da vida espírita; permitiu estudar todas as variedades e as causas dessa singular ilusão; reconhecer que essa situação é sobre-

tudo própria dos Espíritos pouco adiantados moralmente e que é particular a certos gêneros de morte; que é apenas temporária, mas pode durar dias, meses e anos.

15.5 Foi assim que a teoria nasceu da observação. O mesmo se dá com todos os outros princípios da doutrina.

16 Assim como a ciência propriamente dita tem por objeto o estudo das leis do princípio material, o objeto especial do Espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual; ora, como este último princípio é uma das forças da natureza, que reage incessantemente sobre o princípio material e reciprocamente, resulta que o conhecimento de um não pode ser completo sem o conhecimento do outro; que o Espiritismo e a ciência se completam um pelo outro; que a ciência sem o Espiritismo se encontra impotente para explicar certos fenômenos apenas pelas leis da matéria, e que é por ter feito abstração do princípio espiritual que ela se detém em tão numerosos impasses; que o Espiritismo sem a ciência careceria de apoio e de controle e poderia embalar-se em ilusões. O Espiritismo, vindo antes das descobertas científicas, teria sido uma obra abortada, como tudo o que vem antes do seu tempo.

17 Todas as ciências se encadeiam e se sucedem numa ordem racional; nascem umas das outras, à medida que encontram ponto de apoio nas ideias e nos conhecimentos anteriores.

17.2 A astronomia, uma das primeiras a serem cultivadas, permaneceu nos erros da infância até o momento em que a física veio revelar a lei das forças dos agentes naturais; a química, nada podendo sem a física, devia sucedê-la de perto, para depois marcharem juntas, apoiando-se uma na outra.

17.3 A anatomia, a fisiologia, a zoologia, a botânica, a mineralogia só se tornaram ciências sérias com o auxílio das luzes trazidas pela física e pela química. A geologia, nascida ontem, sem a astronomia, a física, a química e todas as outras, teria carecido dos seus verdadeiros elementos de vitalidade; só podia vir depois.

18 A ciência moderna fez justiça aos quatro elementos primitivos dos Antigos e, de observação em observação, chegou à concepção de um único elemento gerador de todas as transformações da matéria; mas a matéria, por si mesma, é inerte; não tem vida, nem pensamento, nem sentimento; precisa da sua união com o princípio espiritual. O Espiritismo não descobriu nem inventou esse princípio, mas foi o primeiro a demonstrá-lo por provas irrecusáveis; estudou-o, analisou-o e tornou evidente a sua ação. Ao elemento material, veio juntar o elemento espiritual. Elemento material e elemento espiritual: eis os dois princípios, as duas forças vivas da natureza. Pela união indissolúvel desses dois elementos explica-se sem dificuldade uma multidão de fatos até então inexplicáveis.

Pela sua própria essência, e tendo por objeto o estudo de um dos dois elementos constitutivos do universo, o Espiritismo toca forçosamente na maior parte das ciências; só podia vir depois da elaboração dessas ciências e, sobretudo, depois que elas tivessem provado a sua impotência para tudo explicar apenas pelas leis da matéria.

19 Acusa-se o Espiritismo de parentesco com a magia e a feitiçaria; mas esquece-se que a astronomia tem por irmã mais velha a astrologia judiciária, que não está tão longe de nós; que a química é filha da alquimia, da qual nenhum homem sensato ousaria ocupar-se hoje. Ninguém nega, entretanto, que houvesse na astrologia e na alquimia o germe das verdades de

onde saíram as ciências atuais. Apesar das suas fórmulas ridículas, a alquimia pôs no caminho dos corpos simples e da lei das afinidades; a astrologia apoiava-se na posição e no movimento dos astros, que estudara; mas, na ignorância das verdadeiras leis que regem o mecanismo do universo, os astros eram, para o vulgo, seres misteriosos aos quais a superstição atribuía uma influência moral e um sentido revelador. Quando Galileu, Newton e Kepler deram a conhecer essas leis, quando o telescópio rasgou o véu e mergulhou nas profundezas do espaço um olhar que certas pessoas acharam indiscreto, os planetas apareceram-nos como simples mundos semelhantes ao nosso, e todo o andaime do maravilhoso desabou.

O mesmo se dá com o Espiritismo em relação à magia e à feitiçaria; estas também se apoiavam na manifestação dos Espíritos, como a astrologia no movimento dos astros; mas, na ignorância das leis que regem o mundo espiritual, misturavam a essas relações práticas e crenças ridículas, às quais o Espiritismo moderno, fruto da experiência e da observação, fez justiça. Certamente, a distância que separa o Espiritismo da magia e da feitiçaria é maior que a que existe entre a astronomia e a astrologia, a química e a alquimia; querer confundi-los é provar que não se sabe deles a primeira palavra.

20 O simples fato da possibilidade de comunicar com os seres do mundo espiritual tem consequências incalculáveis, da mais alta gravidade; é todo um mundo novo que se nos revela, e que tem tanto mais importância quanto espera todos os homens sem exceção. Esse conhecimento não pode deixar de trazer, ao generalizar-se, uma modificação profunda nos costumes, no caráter, nos hábitos e nas crenças, que têm tão grande influência sobre as relações sociais. É toda uma revolução que se opera nas ideias, revo-

lução tanto maior, tanto mais poderosa, quanto não está circunscrita a um povo, a uma casta, mas atinge simultaneamente, pelo coração, todas as classes, todas as nacionalidades, todos os cultos.
É, pois, com razão que o Espiritismo é considerado a terceira grande revelação. Vejamos em que elas diferem e por que laço se ligam uma à outra.

21 Moisés, como profeta, revelou aos homens o conhecimento de um Deus único, soberano senhor e criador de todas as coisas; promulgou a lei do Sinai e lançou os fundamentos da verdadeira fé; como homem, foi o legislador do povo pelo qual essa fé primitiva, depurando-se, devia um dia espalhar-se por toda a Terra.

22 O Cristo, tomando da antiga lei o que é eterno e divino, e rejeitando o que era apenas transitório, puramente disciplinar e de concepção humana, acrescenta a revelação da vida futura, da qual Moisés não falara, a das penas e das recompensas que esperam o homem depois da morte. (Ver Revista Espírita, 1861, p. 90 e 280.)

23 A parte mais importante da revelação do Cristo, no sentido de que é a fonte primeira, a pedra angular de toda a sua doutrina, é o ponto de vista completamente novo sob o qual ele faz considerar a Divindade.

23.2 Já não é o Deus terrível, ciumento, vingativo de Moisés, o Deus cruel e impiedoso que rega a terra com sangue humano, que ordena o massacre e o extermínio dos povos, sem excetuar as mulheres, as crianças e os velhos, que castiga os que poupam as vítimas; já não é o Deus injusto que pune todo um povo pela falta do seu chefe, que se vinga do culpado na pessoa do inocente, que fere os filhos pela falta do pai; mas um Deus clemente, soberanamente justo e bom, cheio de mansidão e de misericórdia, que perdoa ao pecador arrependido e dá a cada um segundo as suas obras;

já não é o Deus de um único povo privilegiado, o Deus dos exércitos que preside aos combates para sustentar a própria causa contra o Deus dos outros povos, mas o pai comum do gênero humano, que estende a sua proteção sobre todos os seus filhos e os chama todos a si; já não é o Deus que recompensa e pune apenas pelos bens da Terra, que faz consistir a glória e a felicidade na sujeição dos povos rivais e na multiplicidade da descendência, mas que diz aos homens: «A vossa verdadeira pátria não é neste mundo, está no reino celeste; é lá que os humildes de coração serão elevados e que os orgulhosos serão rebaixados.»

23.3 Já não é o Deus que faz da vingança uma virtude e ordena dar olho por olho, dente por dente, mas o Deus de misericórdia que diz: «Perdoai as ofensas, se quereis que vos seja perdoado; retribuí o bem pelo mal; não façais a outrem o que não quereríeis que vos fizessem.»

23.4 Já não é o Deus mesquinho e meticuloso que impõe, sob as penas mais rigorosas, a maneira como quer ser adorado, que se ofende com a inobservância de uma fórmula, mas o Deus grande, que olha o pensamento e não se honra com a forma; já não é, enfim, o Deus que quer ser temido, mas o Deus que quer ser amado.

24 Sendo Deus o eixo de todas as crenças religiosas, o fim de todos os cultos, o caráter de todas as religiões é conforme à ideia que elas dão de Deus. As que fazem dele um Deus vingativo e cruel julgam honrá-lo com atos de crueldade, com fogueiras e torturas; as que fazem dele um Deus parcial e ciumento são intolerantes; são mais ou menos meticulosas na forma, conforme o julgam mais ou menos maculado das fraquezas e das pequenezas humanas.

25 Toda a doutrina do Cristo está fundada no caráter que ele atribui à Divindade. Com um Deus imparcial, soberanamente justo, bom e misericordioso, pôde fazer do amor de Deus e da caridade para com o próximo a condição expressa da salvação, e dizer: Nisto está toda a lei e os profetas; não há outra. Somente sobre essa crença pôde assentar o princípio da igualdade dos homens perante Deus e da fraternidade universal.

Essa revelação dos verdadeiros atributos da Divindade, junta à da imortalidade da alma e da vida futura, modificava profundamente as relações mútuas dos homens, impunha-lhes novas obrigações, fazia-os considerar a vida presente sob outra luz; devia, por isso mesmo, reagir sobre os costumes e as relações sociais. É incontestavelmente, pelas suas consequências, o ponto mais capital da revelação do Cristo, e cuja importância não se compreendeu bastante; é lamentável dizê-lo, mas é também o ponto de que mais se afastaram, o que mais se desconheceu na interpretação dos seus ensinos.

26 Entretanto, o Cristo acrescenta: Muitas das coisas que vos digo, ainda não as podeis compreender, e eu teria muitas outras a dizer-vos que não compreenderíeis; por isso vos falo em parábolas; mas mais tarde vos enviarei o Consolador, o Espírito de Verdade, que restabelecerá todas as coisas e vo-las explicará todas.

Se o Cristo não disse tudo o que poderia ter dito, é porque julgou dever deixar certas verdades na sombra até que os homens estivessem em condições de compreendê-las. Por sua própria confissão, o seu ensino era, pois, incompleto, já que anuncia a vinda daquele que deve completá-lo; previa,

pois, que se compreenderiam mal as suas palavras, que se desviariam do seu ensino; numa palavra, que se desfaria o que ele fez, já que todas as coisas devem ser restabelecidas; ora, só se restabelece o que foi desfeito.

27 Por que chama ele ao novo Messias Consolador? Esse nome significativo e sem ambiguidade é toda uma revelação. Previa, pois, que os homens teriam necessidade de consolações, o que implica a insuficiência das que encontrariam na crença que iam formar. Jamais talvez o Cristo tenha sido mais claro e mais explícito do que nestas últimas palavras, às quais poucas pessoas prestaram atenção, talvez porque se evitou pô-las em evidência e aprofundar o seu sentido profético.

28 Se o Cristo não pôde desenvolver o seu ensino de maneira completa, é que faltavam aos homens conhecimentos que estes só podiam adquirir com o tempo, e sem os quais não podiam compreendê-lo; há coisas que teriam parecido um contrassenso no estado dos conhecimentos de então. Completar o seu ensino deve, pois, entender-se no sentido de explicar e desenvolver, muito mais que no de lhe acrescentar verdades novas; porque tudo nele se encontra em germe; faltava a chave para apreender o sentido das suas palavras.

29 Mas quem ousa permitir-se interpretar as Escrituras sagradas? Quem tem esse direito? Quem possui as luzes necessárias, senão os teólogos? Quem ousa? A ciência, primeiro, que não pede licença a ninguém para dar a conhecer as leis da natureza e salta a pés juntos sobre os erros e os preconceitos. — Quem tem esse direito? Neste século de emancipação intelectual e de liberdade de consciência, o direito de exame pertence a todos, e as Escrituras já não são a arca santa em que ninguém ousava tocar com o dedo sem arriscar-se a ser fulminado. Quanto às luzes especiais necessárias, sem

contestar as dos teólogos, e por mais esclarecidos que fossem os da Idade Média, e em particular os Padres da Igreja, não o eram, contudo, ainda bastante para não condenar como heresia o movimento da Terra e a crença nos antípodas; e, sem remontar tão longe, os dos nossos dias não lançaram o anátema contra os períodos da formação da Terra?

Os homens só puderam explicar as Escrituras com o auxílio do que sabiam, das noções falsas ou incompletas que tinham sobre as leis da natureza, mais tarde reveladas pela ciência; eis por que os próprios teólogos puderam, de muito boa-fé, enganar-se sobre o sentido de certas palavras e de certos fatos do Evangelho. Querendo a todo custo encontrar neles a confirmação de um pensamento preconcebido, giravam sempre no mesmo círculo, sem deixar o seu ponto de vista, de tal sorte que só viam neles o que queriam ver. Por mais sábios teólogos que fossem, não podiam compreender as causas dependentes de leis que não conheciam.

Mas quem será juiz das interpretações diversas e muitas vezes contraditórias dadas fora da teologia? — O futuro, a lógica e o bom senso. Os homens, cada vez mais esclarecidos à medida que novos fatos e novas leis vierem a revelar-se, saberão separar os sistemas utópicos da realidade; ora, a ciência dá a conhecer certas leis; o Espiritismo dá a conhecer outras; umas e outras são indispensáveis à inteligência dos textos sagrados de todas as religiões, desde Confúcio e Buda até o cristianismo. Quanto à teologia, não poderia judiciosamente alegar as contradições da ciência, uma vez que nem sempre está de acordo consigo mesma.

30 O Espiritismo, tomando o seu ponto de partida nas próprias palavras do Cristo, como o Cristo tomou o seu em Moisés, é uma consequência direta da sua doutrina.

À ideia vaga da vida futura, acrescenta a revelação da existência do mundo invisível que nos cerca e povoa o espaço, e com isso torna precisa a crença; dá-lhe um corpo, uma consistência, uma realidade no pensamento.

Define os laços que unem a alma e o corpo, e levanta o véu que ocultava aos homens os mistérios do nascimento e da morte.

Pelo Espiritismo, o homem sabe de onde vem, para onde vai, por que está na Terra, por que nela sofre temporariamente, e vê por toda parte a justiça de Deus.

Sabe que a alma progride sem cessar através de uma série de existências sucessivas, até atingir o grau de perfeição que pode aproximá-la de Deus.

Sabe que todas as almas, tendo um mesmo ponto de partida, são criadas iguais, com uma mesma aptidão para progredir em virtude do seu livre-arbítrio; que todas são da mesma essência, e que entre elas só há a diferença do progresso realizado; que todas têm o mesmo destino e atingirão o mesmo fim, mais ou menos prontamente, conforme o seu trabalho e a sua boa vontade.

Sabe que não há criaturas deserdadas, nem mais favorecidas umas que as outras; que Deus não criou nenhuma que seja privilegiada e dispensada do trabalho imposto a outras para progredir; que não há seres perpetuamente votados ao mal e ao sofrimento; que os designados pelo nome de demônios são Espíritos ainda atrasados e imperfeitos, que fazem o mal no estado de Espíritos como o faziam no estado de homens, mas que avançarão e se melhorarão; que os anjos ou Espíritos puros não são seres à parte na criação, mas Espíritos que atingiram o fim, depois de terem seguido a fieira do progresso; que assim não há criações múltiplas de diferentes categorias entre os seres inteligentes, mas que toda a criação decorre da grande lei de uni-

dade que rege o universo, e que todos os seres gravitam para um fim comum, que é a perfeição, sem que uns sejam favorecidos à custa dos outros, sendo todos filhos das suas obras.

31 Pelas relações que o homem pode agora estabelecer com os que deixaram a Terra, tem não só a prova material da existência e da individualidade da alma, mas compreende a solidariedade que liga os vivos e os mortos deste mundo, e os deste mundo com os dos outros mundos.

31.2 Conhece a situação deles no mundo dos Espíritos; segue-os nas suas migrações; é testemunha das suas alegrias e das suas penas; sabe por que são felizes ou infelizes, e a sorte que o espera a ele próprio, segundo o bem ou o mal que faz.

31.3 Essas relações iniciam-no na vida futura, que pode observar em todas as suas fases, em todas as suas peripécias; o futuro já não é uma vaga esperança: é um fato positivo, uma certeza matemática. Então a morte já nada tem de assustador, porque é para ele a libertação, a porta da verdadeira vida.

32 Pelo estudo da situação dos Espíritos, o homem sabe que a felicidade e a infelicidade na vida espiritual são inerentes ao grau de perfeição e de imperfeição; que cada um sofre as consequências diretas e naturais das suas faltas, ou, por outras palavras, que é punido por onde pecou; que essas consequências duram tanto quanto a causa que as produziu; que assim o culpado sofreria eternamente se persistisse eternamente no mal, mas que o sofrimento cessa com o arrependimento e a reparação; ora, como depende de cada um melhorar-se, cada um pode, em virtude do seu livre-arbítrio, prolongar ou abreviar os seus sofrimentos, como o doente sofre dos seus excessos enquanto não lhes põe termo.

33 Se a razão repele, como incompatível com a bondade de Deus, a ideia das penas irremissíveis, perpétuas e absolutas, muitas vezes infligidas por uma única falta; dos suplícios do inferno, que o arrependimento mais ardente e mais sincero não pode suavizar, ela se inclina diante dessa justiça distributiva e imparcial, que leva tudo em conta, nunca fecha a porta do retorno e estende sem cessar a mão ao náufrago, em vez de o repelir para o abismo.

34 A pluralidade das existências, cujo princípio o Cristo pôs no Evangelho, mas sem defini-lo mais do que muitos outros, é uma das leis mais importantes reveladas pelo Espiritismo, no sentido de que ele demonstra a sua realidade e a sua necessidade para o progresso.

34.2 Por essa lei, o homem explica todas as anomalias aparentes que a vida humana apresenta: as diferenças de posição social; as mortes prematuras, que, sem a reencarnação, tornariam inúteis para a alma as vidas abreviadas; a desigualdade das aptidões intelectuais e morais, pela antiguidade do Espírito, que viveu mais ou menos, aprendeu e progrediu mais ou menos, e que traz ao renascer o adquirido das suas existências anteriores. (N.º 5.)

35 Com a doutrina da criação da alma a cada nascimento, recai-se no sistema das criações privilegiadas; os homens são estranhos uns aos outros, nada os liga, os laços de família são puramente carnais; não são solidários de um passado em que não existiam; com a do nada depois da morte, toda relação cessa com a vida; não são solidários do futuro. Pela reencarnação, são solidários do passado e do futuro; perpetuando-se as suas relações no mundo espiritual e no mundo corporal, a fraternidade tem por base as próprias leis da natureza; o bem tem um fim, o mal as suas consequências inevitáveis.

36 Com a reencarnação caem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode renascer rico ou pobre, grande senhor ou proletário, senhor ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, não há nenhum que prime em lógica sobre o fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda numa lei da natureza o princípio da fraternidade universal, funda na mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade.

Os homens só nascem inferiores e subordinados pelo corpo; pelo Espírito, são iguais e livres. Daí o dever de tratar os inferiores com bondade, benevolência e humanidade, porque aquele que é hoje nosso subordinado pode ter sido nosso igual ou nosso superior, talvez um parente ou um amigo, e nós podemos tornar-nos por nossa vez o subordinado daquele a quem mandamos.

37 Tirai ao homem o Espírito livre, independente, sobrevivente à matéria, e fazeis dele uma máquina organizada, sem fim, sem responsabilidade, sem outro freio além da lei civil, e boa para ser explorada como um animal inteligente. Nada esperando depois da morte, nada o detém para aumentar os gozos do presente; se sofre, só tem em perspectiva o desespero e, por refúgio, o nada.

37.2 Com a certeza do futuro, a de reencontrar os que amou, o receio de rever os que ofendeu, todas as suas ideias mudam. Ainda que o Espiritismo não tivesse feito mais do que tirar o homem da dúvida acerca da vida futura, teria feito mais pelo seu melhoramento moral do que todas as leis disciplinares que às vezes o refreiam, mas não o mudam.

38 Sem a preexistência da alma, a doutrina do pecado original não é apenas inconciliável com a justiça de Deus, que tornaria todos os homens responsáveis pela falta de um só; seria um contrassenso, e tanto menos justificável quanto a alma não existia na época a que se pretende fazer remontar a sua responsabilidade. Com a preexistência e a reencarnação, o homem traz ao renascer o germe das suas imperfeições passadas, dos defeitos de que não se corrigiu, e que se traduzem pelos seus instintos nativos, pelas suas propensões para este ou aquele vício. Esse é o seu verdadeiro pecado original, cujas consequências sofre muito naturalmente; mas com esta diferença capital: que carrega a pena das suas próprias faltas, e não a da falta de outro; e com esta outra diferença, ao mesmo tempo consoladora, encorajadora e soberanamente equitativa: que cada existência lhe oferece os meios de se resgatar pela reparação e de progredir, seja despojando-se de alguma imperfeição, seja adquirindo novos conhecimentos, e isso até que, estando suficientemente purificado, não precise mais da vida corporal e possa viver exclusivamente da vida espiritual, eterna e bem-aventurada.

Pela mesma razão, aquele que progrediu moralmente traz, ao renascer, qualidades nativas, como aquele que progrediu intelectualmente traz ideias inatas; está identificado com o bem; pratica-o sem esforço, sem cálculo e, por assim dizer, sem pensar nele. Aquele que é obrigado a combater as suas más tendências ainda está na luta; o primeiro já venceu, o segundo está vencendo. Há, pois, virtude original, como há saber original, e pecado, ou antes, vício original.

39 O Espiritismo experimental estudou as propriedades dos fluidos espirituais e a sua ação sobre a matéria. Demonstrou a existência do perispírito, suspeitado desde a Antiguidade e designado por são Paulo pelo nome de

corpo espiritual, isto é, de corpo fluídico da alma depois da destruição do corpo tangível.

39.2 Sabe-se hoje que esse envoltório é inseparável da alma; que é um dos elementos constitutivos do ser humano; que é o veículo de transmissão do pensamento e que, durante a vida do corpo, serve de laço entre o Espírito e a matéria. O perispírito desempenha papel tão importante no organismo e numa multidão de afecções, que se liga à fisiologia tanto quanto à psicologia.

40 O estudo das propriedades do perispírito, dos fluidos espirituais e dos atributos fisiológicos da alma abre novos horizontes à ciência e dá a chave de uma multidão de fenômenos até então incompreendidos, por falta de conhecimento da lei que os rege; fenômenos negados pelo materialismo, porque se ligam à espiritualidade, e qualificados por outros de milagres ou de sortilégios, conforme as crenças.

40.2 Tais são, entre outros, os fenômenos da dupla vista, da visão a distância, do sonambulismo natural e artificial, dos efeitos psíquicos da catalepsia e da letargia, da presciência, dos pressentimentos, das aparições, das transfigurações, da transmissão do pensamento, da fascinação, das curas instantâneas, das obsessões e possessões etc.

40.3 Demonstrando que esses fenômenos repousam sobre leis tão naturais quanto os fenômenos elétricos, e as condições normais em que podem reproduzir-se, o Espiritismo destrói o império do maravilhoso e do sobrenatural e, por conseguinte, a fonte da maior parte das superstições.

40.4 Se faz crer na possibilidade de certas coisas consideradas por alguns como quiméricas, impede de crer em muitas outras, cuja impossibilidade e irracionalidade demonstra.

41 O Espiritismo, muito longe de negar ou de destruir o Evangelho, vem, ao contrário, confirmar, explicar e desenvolver, pelas novas leis da natureza que revela, tudo o que o Cristo disse e fez; leva a luz aos pontos obscuros do seu ensino, de tal sorte que aqueles para quem certas partes do Evangelho eram ininteligíveis, ou pareciam inadmissíveis, as compreendem sem dificuldade com o auxílio do Espiritismo e as admitem; veem melhor o seu alcance e podem separar a realidade da alegoria; o Cristo parece-lhes maior: já não é simplesmente um filósofo, é um Messias divino.

42 Se se considera, além disso, o poder moralizador do Espiritismo, pelo fim que assinala a todas as ações da vida, pelas consequências do bem e do mal que faz tocar com o dedo; a força moral, a coragem, as consolações que dá nas aflições, por uma inalterável confiança no futuro, pelo pensamento de ter junto de si os seres que se amaram, pela certeza de revê-los, pela possibilidade de conversar com eles; enfim, pela certeza de que, de tudo o que se faz, de tudo o que se adquire em inteligência, em ciência, em moralidade até a última hora da vida, nada se perde, tudo aproveita ao adiantamento, reconhece-se que o Espiritismo realiza todas as promessas do Cristo a respeito do Consolador anunciado. Ora, como é o Espírito de Verdade que preside ao grande movimento da regeneração, a promessa da sua vinda acha-se igualmente realizada, porque, de fato, é ele o verdadeiro Consolador (1).

(1) Muitos pais de família deploram a morte prematura de filhos para cuja educação fizeram grandes sacrifícios, e dizem consigo que tudo isso foi pura perda. Com o Espiritismo, não lamentam esses sacrifícios, e estariam prontos a fazê-los mesmo com a certeza de ver morrer os filhos, porque sabem que, se estes não aproveitam essa educação no presente, ela servirá,

primeiro, ao seu adiantamento como Espíritos, e depois será outro tanto de adquirido para uma nova existência, e que, quando voltarem, terão uma bagagem intelectual que os tornará mais aptos a adquirir novos conhecimentos. Tais são essas crianças que trazem ao nascer ideias inatas, que sabem, por assim dizer, sem precisar aprender. Se, como pais, não têm a satisfação imediata de ver os filhos tirarem proveito dessa educação, gozarão dela certamente mais tarde, seja como Espíritos, seja como homens. Talvez venham a ser de novo os pais desses mesmos filhos que se dizem felizmente dotados pela natureza, e que devem as suas aptidões a uma educação precedente; assim como, se os filhos se desencaminham pela negligência dos pais, estes podem ter de sofrer mais tarde, pelos aborrecimentos e desgostos que eles lhes causarão numa nova existência. (O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. V, n.º 21: Mortes prematuras.)

43 Se a esses resultados se acrescenta a rapidez inaudita da propagação do Espiritismo, apesar de tudo o que se fez para abatê-lo, não se pode deixar de convir que a sua vinda é providencial, pois triunfa de todas as forças e de todas as más vontades humanas. A facilidade com que é aceito por tão grande número, e isso sem constrangimento, sem outros meios além do poder da ideia, prova que responde a uma necessidade — a de crer em alguma coisa, depois do vazio cavado pela incredulidade — e que, por conseguinte, veio a seu tempo.

44 Os aflitos são em grande número; não é, pois, surpreendente que tanta gente acolha uma doutrina que consola, de preferência às que desesperam; porque é aos deserdados, mais do que aos felizes do mundo, que o Espiritismo se dirige. O doente vê chegar o médico com mais alegria do que aquele que tem saúde; ora, os aflitos são doentes, e o Consolador é o mé-

dico.

Vós que combateis o Espiritismo, se quereis que o deixem para vos seguirem, dai mais e melhor do que ele; curai mais seguramente as feridas da alma. Dai, pois, mais consolações, mais satisfações do coração, esperanças mais legítimas, certezas maiores; fazei do futuro um quadro mais racional, mais sedutor; mas não penseis levar a melhor, vós com a perspectiva do nada, vós com a alternativa das chamas do inferno ou da beata e inútil contemplação perpétua.

45 A primeira revelação estava personificada em Moisés, a segunda no Cristo; a terceira não o está em nenhum indivíduo. As duas primeiras são individuais, a terceira é coletiva; esse é um caráter essencial, de grande importância. É coletiva no sentido de que não foi feita por privilégio a ninguém; de que ninguém, por conseguinte, pode dizer-se o seu profeta exclusivo. Foi feita simultaneamente por toda a Terra, a milhões de pessoas, de todas as idades, de todos os tempos e de todas as condições, desde o mais baixo até o mais alto da escala, segundo esta predição relatada pelo autor dos Atos dos Apóstolos: «Nos últimos tempos, diz o Senhor, derramarei do meu espírito sobre toda carne; os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão; os vossos jovens terão visões, e os vossos velhos terão sonhos.» Não saiu de nenhum culto especial, a fim de servir um dia a todos de ponto de reunião (1).

46. As duas primeiras revelações, sendo produto de um ensino pessoal, foram forçosamente localizadas, isto é, tiveram lugar num único ponto, em torno do qual a ideia se espalhou pouco a pouco; mas foram precisos muitos séculos para que atingissem as extremidades do mundo, sem o invadir inteiramente. A terceira tem isto de particular: não estando personificada

num indivíduo, produziu-se simultaneamente em milhares de pontos diferentes, que se tornaram todos centros ou focos de irradiação. Multiplicando-se esses centros, os seus raios juntam-se pouco a pouco, como os círculos formados por uma multidão de pedras atiradas à água; de tal sorte que, num tempo dado, acabarão por cobrir a superfície inteira do globo.

Tal é uma das causas da rápida propagação da doutrina. Se tivesse surgido num só ponto, se tivesse sido obra exclusiva de um homem, teria formado seita em torno dele; e talvez meio século se tivesse passado antes que ela atingisse os limites do país onde tivesse nascido, ao passo que, depois de dez anos, tem marcos plantados de um polo ao outro.

(1) O nosso papel pessoal no grande movimento de ideias que se prepara pelo Espiritismo, e que já começa a operar-se, é o de um observador atento que estuda os fatos para procurar a sua causa e tirar deles as consequências. Confrontamos todos os que nos foi possível reunir; comparamos e comentamos as instruções dadas pelos Espíritos em todos os pontos do globo, depois coordenamos o todo metodicamente; numa palavra, estudamos e demos ao público o fruto das nossas pesquisas, sem atribuir aos nossos trabalhos outro valor senão o de uma obra filosófica deduzida da observação e da experiência, sem jamais nos termos colocado como chefe de doutrina, nem termos querido impor as nossas ideias a ninguém. Ao publicá-las, usamos de um direito comum, e os que as aceitaram o fizeram livremente. Se essas ideias encontraram numerosas simpatias, é que tiveram a vantagem de responder às aspirações de grande número, do que não poderíamos tirar vaidade, pois a sua origem não nos pertence. O nosso maior mérito é o da perseverança e da dedicação à causa que abraçamos. Em tudo isso fizemos o

que outros poderiam ter feito como nós; é por isso que nunca tivemos a pretensão de nos julgar profeta ou messias, e menos ainda de nos dar por tal.

47 Essa circunstância, inaudita na história das doutrinas, dá a esta uma força excepcional e um poder de ação irresistível; com efeito, se a comprimem num ponto, num país, é materialmente impossível comprimi-la em todos os pontos, em todos os países. Para um lugar onde for entravada, haverá mil ao lado onde florescerá.

47.2 Mais ainda: se a atingem num indivíduo, não podem atingi-la nos Espíritos, que são a sua fonte. Ora, como os Espíritos estão por toda parte, e sempre os haverá, se, por impossível, se conseguisse sufocá-la em todo o globo, ela reapareceria algum tempo depois, porque repousa sobre um fato, esse fato está na natureza, e não se podem suprimir as leis da natureza.

47.3 Eis do que se devem persuadir os que sonham com o aniquilamento do Espiritismo. (Revista Espírita, fevereiro de 1865, p. 38: Perpetuidade do Espiritismo.)

48 Entretanto, esses centros disseminados poderiam ter ficado ainda muito tempo isolados uns dos outros, confinados como estão alguns em países longínquos. Era preciso entre eles um traço de união que os pusesse em comunhão de pensamentos com os seus irmãos de crença, informando-os do que se fazia em outros lugares.

48.2 Esse traço de união, que teria faltado ao Espiritismo na Antiguidade, encontra-se nas publicações que vão a toda parte e que condensam, sob uma forma única, concisa e metódica, o ensino dado por toda parte sob formas múltiplas e em línguas diversas.

49 As duas primeiras revelações só podiam ser resultado de um ensino direto; deviam impor-se à fé pela autoridade da palavra do mestre, não estando os homens bastante adiantados para concorrer à sua elaboração.
Notemos, todavia, entre elas, uma nuança bem sensível, que se prende ao progresso dos costumes e das ideias, embora tenham sido feitas no mesmo povo e no mesmo meio, mas com cerca de dezoito séculos de intervalo. A doutrina de Moisés é absoluta, despótica; não admite discussão e impõe-se a todo o povo pela força. A de Jesus é essencialmente conselheira; é livremente aceita e só se impõe pela persuasão; é controvertida em vida mesmo do seu fundador, que não desdenha discutir com os seus adversários.

50 A terceira revelação, vinda numa época de emancipação e de maturidade intelectual, em que a inteligência desenvolvida não pode resignar-se a um papel passivo, em que o homem nada aceita às cegas, mas quer ver para onde o conduzem, saber o porquê e o como de cada coisa, devia ser ao mesmo tempo produto de um ensino e fruto do trabalho, da pesquisa e do livre exame.

50.2 Os Espíritos só ensinam justamente o necessário para pôr no caminho da verdade, mas abstêm-se de revelar o que o homem pode encontrar por si mesmo, deixando-lhe o cuidado de discutir, de controlar e de submeter tudo ao crisol da razão, deixando-o até, muitas vezes, adquirir a experiência à sua custa. Dão-lhe o princípio, os materiais; cabe a ele tirar proveito deles e pô-los em obra (n.º 15).

51 Tendo os elementos da revelação espírita sido dados simultaneamente numa multidão de pontos, a homens de todas as condições sociais e de diversos graus de instrução, é bem evidente que as observações não podiam ser feitas por toda parte com o mesmo fruto; que as consequências a tirar, a

dedução das leis que regem essa ordem de fenômenos, numa palavra, a conclusão que devia assentar as ideias, só podiam sair do conjunto e da correlação dos fatos.

51.2 Ora, cada centro isolado, circunscrito num círculo restrito, vendo o mais das vezes apenas uma ordem particular de fatos, às vezes aparentemente contraditórios, tratando geralmente com uma mesma categoria de Espíritos e, além disso, entravado pelas influências locais e pelo espírito de partido, achava-se na impossibilidade material de abarcar o conjunto e, por isso mesmo, impotente para ligar as observações isoladas a um princípio comum.

51.3 Apreciando cada um os fatos do ponto de vista dos seus conhecimentos e das suas crenças anteriores, ou da opinião particular dos Espíritos que se manifestam, logo teria havido tantas teorias e sistemas quantos centros, e nenhum deles poderia ter sido completo, por falta de elementos de comparação e de controle.

51.4 Numa palavra, cada um ter-se-ia imobilizado na sua revelação parcial, julgando possuir toda a verdade, por não saber que em cem outros lugares se obtinha mais ou melhor.

52 É de notar, além disso, que em parte nenhuma o ensino espírita foi dado de maneira completa; ele toca num número tão grande de observações, em assuntos tão diversos, que exigem seja conhecimentos, seja aptidões mediúnicas especiais, que teria sido impossível reunir num mesmo ponto todas as condições necessárias. Devendo o ensino ser coletivo e não individual, os Espíritos dividiram o trabalho disseminando os assuntos de estudo e de observação, como em certas fábricas a confecção de cada parte de um mesmo objeto é repartida entre diferentes operários.

A revelação fez-se assim parcialmente, em diversos lugares e por uma multidão de intermediários, e é dessa maneira que ainda prossegue neste momento, porque nem tudo está revelado. Cada centro encontra nos outros centros o complemento do que obtém, e é o conjunto, a coordenação de todos os ensinos parciais, que constituiu a doutrina espírita.

Era, pois, necessário agrupar os fatos esparsos para ver a sua correlação, reunir os documentos diversos, as instruções dadas pelos Espíritos sobre todos os pontos e sobre todos os assuntos, para compará-los, analisá-los, estudar as suas analogias e diferenças. Sendo as comunicações dadas por Espíritos de todas as ordens, mais ou menos esclarecidos, era preciso apreciar o grau de confiança que a razão permitia conceder-lhes, distinguir as ideias sistemáticas individuais e isoladas das que tinham a sanção do ensino geral dos Espíritos, as utopias das ideias práticas; podar as que eram notoriamente desmentidas pelos dados da ciência positiva e pela sã lógica; utilizar os próprios erros, as informações fornecidas pelos Espíritos até da mais baixa categoria, para o conhecimento do estado do mundo invisível, e formar com tudo um todo homogêneo. Era preciso, numa palavra, um centro de elaboração, independente de toda ideia preconcebida, de todo preconceito de seita, resolvido a aceitar a verdade tornada evidente, ainda que fosse contrária às suas opiniões pessoais. Esse centro formou-se por si mesmo, pela força das coisas e sem desígnio premeditado (1).

53 Desse estado de coisas resultou uma dupla corrente de ideias: umas indo das extremidades para o centro, outras voltando do centro para a circunferência. Foi assim que a doutrina marchou prontamente para a unidade, apesar da diversidade das fontes de onde emanou; que os sistemas divergentes caíram pouco a pouco, pelo fato do seu isolamento, diante do ascen-

dente da opinião da maioria, por não encontrarem ecos simpáticos. Uma comunhão de pensamentos estabeleceu-se desde então entre os diferentes centros parciais; falando a mesma língua espiritual, compreendem-se e simpatizam de um extremo ao outro do mundo.

Os espíritas sentiram-se mais fortes, lutaram com mais coragem, marcharam com passo mais firme, quando já não se viram isolados, quando sentiram um ponto de apoio, um laço que os ligava à grande família; os fenômenos de que eram testemunhas já não lhes pareceram estranhos, anormais, contraditórios, quando puderam ligá-los a leis gerais de harmonia, abarcar com um golpe de vista o edifício e ver em todo esse conjunto um fim grande e humanitário (2).

Mas como saber se um princípio é ensinado por toda parte, ou se é apenas resultado de uma opinião individual? Não estando os grupos isolados em condições de saber o que se diz em outros lugares, era necessário que um centro reunisse todas as instruções para fazer uma espécie de apuração dos votos e levar ao conhecimento de todos a opinião da maioria (3).

(1) O Livro dos Espíritos, a primeira obra que fez o Espiritismo entrar na via filosófica, pela dedução das consequências morais dos fatos, e que abordou todas as partes da doutrina, tocando nas questões mais importantes que ela suscita, foi, desde o seu aparecimento, o ponto de reunião para o qual convergiram espontaneamente os trabalhos individuais. É notório que da publicação desse livro data a era do Espiritismo filosófico, até então restrito ao domínio das experiências de curiosidade. Se esse livro conquistou as simpatias da maioria, é que era a expressão dos sentimentos dessa mesma maioria e respondia às suas aspirações; é também porque cada um nele encontrava a confirmação e uma explicação racional do que obtinha em particular. Se tivesse estado em desacordo com o ensino geral dos Espí-

ritos, não teria tido nenhum crédito e teria caído prontamente no esquecimento. Ora, em torno de quem se reuniram? Não foi em torno do homem, que nada é por si mesmo, peça de engrenagem que morre e desaparece, mas da ideia, que não perece quando emana de uma fonte superior ao homem.

Essa concentração espontânea das forças esparsas deu lugar a uma correspondência imensa, monumento único no mundo, quadro vivo da verdadeira história do Espiritismo moderno, onde se refletem ao mesmo tempo os trabalhos parciais, os sentimentos múltiplos que a doutrina fez nascer, os resultados morais, as dedicações e os desfalecimentos; arquivo precioso para a posteridade, que poderá julgar os homens e as coisas sobre documentos autênticos. Diante desses testemunhos irrecusáveis, em que se tornarão, com o tempo, todas as falsas alegações, as difamações da inveja e do ciúme?

(2) É notável que, de todos os grupos que se formaram com a intenção premeditada de fazer cisão proclamando princípios divergentes, assim como dos que, por razões de amor-próprio ou outras, não querendo ter o ar de se submeter à lei comum, se julgaram bastante fortes para marchar sozinhos, com luzes bastantes para dispensar conselhos, nenhum conseguiu constituir uma ideia preponderante e viável; todos se extinguiram ou vegetaram na sombra. Como poderia ser de outro modo, desde que, para se distinguirem, em vez de se esforçarem por dar uma soma maior de satisfações, rejeitavam dos princípios da doutrina precisamente o que constitui o seu mais poderoso atrativo, o que ela tem de mais consolador, de mais encorajador e de mais racional? Se tivessem compreendido o poder dos elementos morais que constituíram a unidade, não se teriam embalado numa ilusão quimérica; mas, tomando o seu pequeno círculo pelo universo, só viram nos adeptos uma panelinha que podia ser facilmente derrubada por uma contrapanelinha. Era enganar-se estranhamente sobre os caracteres essenciais

da doutrina, e esse erro só podia trazer decepções; em vez de romperem a unidade, romperam o laço que, só ele, podia dar-lhes a força e a vida. (Ver Revista Espírita, abril de 1866, p. 106 e 111: O Espiritismo sem os Espíritos; o Espiritismo independente.)

(3) Tal é o objeto das nossas publicações, que podem ser consideradas o resultado dessa apuração. Todas as opiniões nelas são discutidas, mas as questões só são formuladas em princípios depois de terem recebido a consagração de todos os controles, a única que pode dar-lhes força de lei e permitir afirmar. Eis por que não preconizamos levianamente nenhuma teoria, e é nisso que a doutrina, procedendo do ensino geral, não é produto de um sistema preconcebido; é também o que faz a sua força e assegura o seu futuro.

54 Não há nenhuma ciência que tenha saído inteira do cérebro de um homem; todas, sem exceção, são produto de observações sucessivas que se apoiam nas observações precedentes, como num ponto conhecido para chegar ao desconhecido. Foi assim que os Espíritos procederam com o Espiritismo; é por isso que o seu ensino é gradual; só abordam as questões à medida que os princípios sobre os quais elas devem apoiar-se estão suficientemente elaborados e que a opinião está madura para assimilá-los. É até notável que, todas as vezes que os centros particulares quiseram abordar questões prematuras, só obtiveram respostas contraditórias, não conclusivas. Quando, ao contrário, chega o momento favorável, o ensino é idêntico em toda a linha, na quase universalidade dos centros.

Há, todavia, entre a marcha do Espiritismo e a das ciências uma diferença capital: é que estas só atingiram o ponto a que chegaram depois de longos intervalos, ao passo que bastaram alguns anos ao Espiritismo, se não para atingir o ponto culminante, pelo menos para recolher uma soma de obser-

vações bastante grande para constituir uma doutrina. Isso se deve à multidão inumerável de Espíritos que, pela vontade de Deus, se manifestaram simultaneamente, trazendo cada um o contingente dos seus conhecimentos. Daí resultou que todas as partes da doutrina, em vez de serem elaboradas sucessivamente durante vários séculos, o foram quase simultaneamente em alguns anos, e que bastou agrupá-las para formar delas um todo.

Deus quis que assim fosse, primeiro para que o edifício chegasse mais prontamente ao cume; em segundo lugar, para que se pudesse, pela comparação, ter um controle por assim dizer imediato e permanente na universalidade do ensino, não tendo cada parte valor e autoridade senão pela sua conexão com o conjunto, devendo todas harmonizar-se, encontrar o seu lugar no escaninho geral e chegar cada uma a seu tempo.

Não confiando a um só Espírito o cuidado da promulgação da doutrina, Deus quis, ademais, que o menor como o maior, entre os Espíritos como entre os homens, trouxesse a sua pedra ao edifício, a fim de estabelecer entre eles um laço de solidariedade cooperativa que faltou a todas as doutrinas saídas de uma fonte única.

Por outro lado, tendo cada Espírito, assim como cada homem, apenas uma soma limitada de conhecimentos, individualmente eram inábeis para tratar ex professo as inumeráveis questões em que o Espiritismo toca; eis igualmente por que a doutrina, para cumprir os desígnios do Criador, não podia ser obra nem de um só Espírito, nem de um só médium; só podia sair da coletividade dos trabalhos controlados uns pelos outros (1).

(1) Ver em O Evangelho segundo o Espiritismo, introdução, p. VI, e Revista Espírita, abril de 1864, p. 90: Autoridade da doutrina espírita; controle universal do ensino dos Espíritos.

55 Um último caráter da revelação espírita, que ressalta das próprias condições em que é feita, é que, apoiando-se em fatos, ela é e só pode ser essencialmente progressiva, como todas as ciências de observação. Pela sua essência, contrai aliança com a ciência, que, sendo a exposição das leis da natureza numa certa ordem de fatos, não pode ser contrária à vontade de Deus, autor dessas leis. As descobertas da ciência glorificam a Deus em vez de rebaixá-lo; só destroem o que os homens edificaram sobre as ideias falsas que fizeram de Deus.

O Espiritismo, pois, só estabelece como princípio absoluto o que é demonstrado com evidência, ou o que ressalta logicamente da observação. Tocando em todos os ramos da economia social, aos quais presta o apoio das suas próprias descobertas, assimilará sempre todas as doutrinas progressivas, de qualquer ordem que sejam, que tenham chegado ao estado de verdades práticas e saído do domínio da utopia; sem isso, suicidar-se-ia; deixando de ser o que é, mentiria à sua origem e ao seu fim providencial. O Espiritismo, marchando com o progresso, jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem que está em erro sobre um ponto, ele se modificaria nesse ponto; se uma nova verdade se revela, ele a aceita.

56 Qual é a utilidade da doutrina moral dos Espíritos, já que não é outra senão a do Cristo? Precisa o homem de uma revelação, e não pode encontrar em si mesmo tudo o que lhe é necessário para se conduzir?

Do ponto de vista moral, Deus deu sem dúvida ao homem um guia na sua consciência, que lhe diz: «Não faças a outrem o que não quererias que te fizessem.» A moral natural está certamente inscrita no coração dos homens; mas todos sabem lê-la? Nunca desconheceram esses sábios preceitos? Que fizeram da moral do Cristo? Como a praticam aqueles mesmos

que a ensinam? Não se tornou letra morta, uma bela teoria, boa para os outros e não para si? Censurareis um pai por repetir dez vezes, cem vezes as mesmas instruções aos filhos, se estes não as aproveitam? Por que faria Deus menos que um pai de família? Por que não enviaria de tempos em tempos, entre os homens, mensageiros especiais encarregados de lembrá-los dos seus deveres e de recolocá-los no bom caminho quando dele se afastam, de abrir os olhos da inteligência aos que os fecharam, como os homens mais adiantados enviam missionários aos selvagens e aos bárbaros?

Os Espíritos não ensinam outra moral senão a do Cristo, pela razão de que não há outra melhor. Mas então de que serve o seu ensino, se só dizem o que já sabemos? O mesmo se poderia dizer da moral do Cristo, que foi ensinada quinhentos anos antes dele por Sócrates e Platão, em termos quase idênticos; e de todos os moralistas que repetem a mesma coisa em todos os tons e sob todas as formas. Pois bem! Os Espíritos vêm muito simplesmente aumentar o número dos moralistas, com a diferença de que, manifestando-se por toda parte, se fazem ouvir na choupana tanto quanto no palácio, pelos ignorantes como pelas pessoas instruídas.

O que o ensino dos Espíritos acrescenta à moral do Cristo é o conhecimento dos princípios que ligam os mortos e os vivos, que completam as noções vagas que ele dera da alma, do seu passado e do seu futuro, e que dão por sanção à sua doutrina as próprias leis da natureza. Com o auxílio das novas luzes trazidas pelo Espiritismo e pelos Espíritos, o homem compreende a solidariedade que liga todos os seres; a caridade e a fraternidade tornam-se uma necessidade social; faz por convicção o que só fazia por dever, e o faz melhor.

Quando os homens praticarem a moral do Cristo, só então poderão dizer que já não precisam de moralistas encarnados ou desencarnados; mas então também Deus já não lhos enviará.

57 Uma das questões mais importantes entre as que estão postas no início deste capítulo é esta:

Qual é a autoridade da revelação espírita, já que emana de seres cujas luzes são limitadas e que não são infalíveis?

A objeção seria séria se essa revelação consistisse apenas no ensino dos Espíritos, se devêssemos recebê-la exclusivamente deles e aceitá-la de olhos fechados; ela perde todo valor desde o instante em que o homem lhe traz o concurso da sua inteligência e do seu juízo; em que os Espíritos se limitam a pô-lo no caminho das deduções que ele pode tirar da observação dos fatos. Ora, as manifestações e as suas inumeráveis variedades são fatos; o homem os estuda e procura a sua lei; é ajudado nesse trabalho pelos Espíritos de todas as ordens, que são antes colaboradores do que reveladores no sentido usual da palavra; submete os seus ditos ao controle da lógica e do bom senso; dessa maneira beneficia-se dos conhecimentos especiais que eles devem à sua posição, sem abdicar do uso da própria razão.

Não sendo os Espíritos outra coisa senão as almas dos homens, ao comunicarmos com eles não saímos da humanidade, circunstância capital a considerar. Os homens de gênio que foram os archotes da humanidade saíram, pois, do mundo dos Espíritos, assim como a ele voltaram ao deixar a Terra. Desde que os Espíritos podem comunicar-se com os homens, esses mesmos gênios podem dar-lhes instruções sob a forma espiritual, como o fizeram sob a forma corporal; podem instruir-nos depois da morte, como o faziam em vida; são invisíveis em vez de visíveis: eis toda a diferença. A sua experi-

ência e o seu saber não devem ser menores, e, se a sua palavra, como homens, tinha autoridade, não deve tê-la menos por estarem no mundo dos Espíritos.

58 Mas não são somente os Espíritos superiores que se manifestam; são também os Espíritos de todas as ordens, e isso era necessário para nos iniciar no verdadeiro caráter do mundo espiritual, mostrando-no-lo sob todas as suas faces; por aí as relações entre o mundo visível e o mundo invisível são mais íntimas, a conexão é mais evidente; vemos mais claramente de onde viemos e para onde vamos; tal é o fim essencial dessas manifestações. Todos os Espíritos, qualquer que seja o grau a que tenham chegado, nos ensinam, pois, alguma coisa; mas, como são mais ou menos esclarecidos, cabe a nós discernir o que há neles de bom ou de mau, e tirar o proveito que o seu ensino comporta; ora, todos, quaisquer que sejam, podem ensinar-nos ou revelar-nos coisas que ignoramos e que sem eles não saberíamos.

59 Os grandes Espíritos encarnados são individualidades poderosas, sem contradita, mas cuja ação é restrita e necessariamente lenta para se propagar. Se um só deles, ainda que fosse Elias ou Moisés, Sócrates ou Platão, tivesse vindo nestes últimos tempos revelar aos homens o estado do mundo espiritual, quem teria provado a verdade das suas asserções, neste tempo de ceticismo?

59.2 Não o teriam olhado como um sonhador ou um utopista? E, admitindo que estivesse na verdade absoluta, séculos se teriam passado antes que as suas ideias fossem aceitas pelas massas.

59.3 Deus, na sua sabedoria, não quis que assim fosse; quis que o ensino fosse dado pelos próprios Espíritos, e não por encarnados, a fim de convencer da sua existência, e que ocorresse simultaneamente por toda a Terra, seja

para propagá-lo mais rapidamente, seja para que se encontrasse na coincidência do ensino uma prova da verdade, tendo assim cada um os meios de se convencer por si mesmo.

60 Os Espíritos não vêm libertar o homem do trabalho, do estudo e das pesquisas; não lhe trazem nenhuma ciência já pronta; quanto ao que ele pode encontrar por si mesmo, deixam-no entregue às próprias forças; é o que os espíritas sabem perfeitamente hoje.

60.2 Há muito tempo a experiência demonstrou o erro da opinião que atribuía aos Espíritos todo o saber e toda a sabedoria, e segundo a qual bastava dirigir-se ao primeiro Espírito que aparecesse para conhecer todas as coisas.

60.3 Saídos da humanidade, os Espíritos são uma das suas faces; como na Terra, há-os superiores e vulgares; muitos sabem, pois, científica e filosoficamente, menos que certos homens; dizem o que sabem, nem mais nem menos; como entre os homens, os mais adiantados podem informar-nos sobre mais coisas e dar-nos conselhos mais judiciosos do que os atrasados.

60.4 Pedir conselhos aos Espíritos não é, pois, dirigir-se a potências sobrenaturais, mas aos seus semelhantes, àqueles mesmos a quem nos teríamos dirigido em vida deles, aos parentes, aos amigos, ou a indivíduos mais esclarecidos que nós.

60.5 Eis do que importa persuadir-se, e o que ignoram os que, não tendo estudado o Espiritismo, fazem uma ideia completamente falsa da natureza do mundo dos Espíritos e das relações de além-túmulo.

61 Qual é, então, a utilidade dessas manifestações, ou, se quiserem, dessa revelação, se os Espíritos não sabem mais do que nós, ou se não nos dizem tudo o que sabem?

Primeiro, como dissemos, abstêm-se de nos dar o que podemos adquirir pelo trabalho; em segundo lugar, há coisas que não lhes é permitido revelar, porque o nosso grau de adiantamento não o comporta. Mas, isso à parte, as condições da sua nova existência alargam o círculo das suas percepções; veem o que não viam na Terra; libertos dos entraves da matéria, livres dos cuidados da vida corporal, julgam as coisas de um ponto mais elevado e, por isso mesmo, mais sãmente; a sua perspicácia abarca um horizonte mais vasto; compreendem os seus erros, retificam as suas ideias e desembaraçam-se dos preconceitos humanos.

É nisso que consiste a superioridade dos Espíritos sobre a humanidade corporal, e que os seus conselhos podem ser, atendendo ao seu grau de adiantamento, mais judiciosos e mais desinteressados que os dos encarnados. O meio em que se encontram permite-lhes, além disso, iniciar-nos nas coisas da vida futura que ignoramos e que não podemos aprender no meio em que estamos. Até hoje o homem só criara hipóteses sobre o seu futuro; eis por que as suas crenças sobre esse ponto se dividiram em sistemas tão numerosos e tão divergentes, desde o niilismo até as descrições fantásticas do inferno e do paraíso. Hoje são as testemunhas oculares, os próprios atores da vida de além-túmulo, que vêm dizer-nos o que ela é, e eram os únicos que podiam fazê-lo. Essas manifestações serviram, pois, para nos dar a conhecer o mundo invisível que nos cerca e que não suspeitávamos; e só esse conhecimento já seria de importância capital, supondo que os Espíritos fossem incapazes de nos ensinar algo mais.

Se fordes a um país novo para vós, rejeitareis as informações do mais humilde camponês que encontrardes? Recusareis interrogá-lo sobre o estado da estrada porque é apenas um camponês? Certamente não esperareis dele esclarecimentos de altíssimo alcance, mas, tal como é, e na sua esfera, po-

derá, sobre certos pontos, informar-vos melhor do que um sábio que não conhece o país. Tirareis das suas indicações consequências que ele mesmo não poderia tirar, mas nem por isso terá deixado de ser um instrumento útil para as vossas observações, ainda que só tivesse servido para vos dar a conhecer os costumes dos camponeses. O mesmo se dá com as relações com os Espíritos, em que o menor pode ensinar-nos alguma coisa.

62 Uma comparação vulgar fará compreender ainda melhor a situação.
Um navio carregado de emigrantes parte para um destino longínquo; leva homens de todas as condições, parentes e amigos dos que ficam. Sabe-se que esse navio naufragou; nenhum vestígio dele ficou, nenhuma notícia chegou sobre a sua sorte; pensa-se que todos os viajantes pereceram, e o luto está em todas as famílias. Entretanto, a tripulação inteira, sem excetuar um só homem, abordou uma terra desconhecida, terra abundante e fértil, onde todos vivem felizes sob um céu clemente; mas ninguém o sabe. Ora, eis que um dia outro navio aborda essa terra; encontra ali todos os náufragos sãos e salvos. A feliz notícia espalha-se com a rapidez do relâmpago; cada um diz consigo: «Os nossos amigos não estão perdidos!» E dão graças a Deus por isso. Não podem ver-se, mas correspondem-se; trocam testemunhos de afeição, e eis que a alegria sucede à tristeza.
Tal é a imagem da vida terrestre e da vida de além-túmulo, antes e depois da revelação moderna; esta, semelhante ao segundo navio, traz-nos a boa nova da sobrevivência dos que nos são caros e a certeza de nos reunirmos a eles um dia; a dúvida sobre a sorte deles e sobre a nossa já não existe; o desânimo apaga-se diante da esperança.
Mas outros resultados vêm fecundar essa revelação. Deus, julgando a humanidade madura para penetrar o mistério do seu destino e contemplar a

sangue-frio novas maravilhas, permitiu que o véu que separava o mundo visível do mundo invisível fosse levantado. O fato das manifestações nada tem de extra-humano; é a humanidade espiritual que vem conversar com a humanidade corporal e dizer-lhe:

«Nós existimos; logo, o nada não existe; eis o que somos e eis o que sereis; o futuro é vosso como é nosso. Caminháveis nas trevas; vimos iluminar a vossa estrada e abrir-vos o caminho; andáveis ao acaso; mostramo-vos o fim. A vida terrestre era tudo para vós, porque nada víeis além dela; vimos dizer-vos, mostrando-vos a vida espiritual: A vida terrestre não é nada. A vossa vista detinha-se no túmulo; mostramo-vos além dele um horizonte esplêndido. Não sabíeis por que sofreis na Terra; agora, no sofrimento, vedes a justiça de Deus; o bem não tinha frutos aparentes para o futuro; terá de agora em diante um fim e será uma necessidade; a fraternidade era apenas uma bela teoria; agora está assentada numa lei da natureza. Sob o império da crença de que tudo acaba com a vida, a imensidão é vazia, o egoísmo reina como senhor entre vós, e a vossa palavra de ordem é:

«Cada um por si»; com a certeza do futuro, os espaços infinitos povoam-se ao infinito, o vazio e a solidão não estão em parte alguma, a solidariedade liga todos os seres para lá e para cá do túmulo; é o reino da caridade, com a divisa: «Cada um por todos e todos por cada um.» Enfim, ao termo da vida dizíeis um eterno adeus aos que vos são caros; agora lhes direis: «Até breve!»

Tais são, em resumo, os resultados da nova revelação; veio encher o vazio cavado pela incredulidade, levantar as coragens abatidas pela dúvida ou pela perspectiva do nada, e dar a cada coisa a sua razão de ser. Será esse resultado, pois, sem importância, porque os Espíritos não vêm resolver os problemas da ciência, dar o saber aos ignorantes e aos preguiçosos o meio

de enriquecer sem esforço? Entretanto, os frutos que o homem deve colher dela não são apenas para a vida futura; colhê-los-á na Terra, pela transformação que essas novas crenças devem necessariamente operar no seu caráter, nos seus gostos, nas suas tendências e, por conseguinte, nos hábitos e nas relações sociais. Pondo fim ao reino do egoísmo, do orgulho e da incredulidade, preparam o do bem, que é o reino de Deus.

A revelação tem, pois, por objeto pôr o homem na posse de certas verdades que ele não poderia adquirir por si mesmo, e isso com vista a ativar o progresso. Essas verdades limitam-se em geral a princípios fundamentais destinados a pô-lo no caminho das pesquisas, e não a conduzi-lo pela mão; são marcos que lhe mostram o fim: cabe-lhe a tarefa de estudá-los e de deduzir deles as aplicações; longe de o libertarem do trabalho, são novos elementos fornecidos à sua atividade.

Une Sacra · edição 1.8 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

II. DEUS

✦

1 Sendo Deus a causa primeira de todas as coisas, o ponto de partida de tudo, o eixo sobre o qual repousa o edifício da criação, é o ponto que importa considerar antes de tudo.
É princípio elementar que se julga uma causa pelos seus efeitos, mesmo quando não se vê a causa. A ciência vai mais longe: calcula o poder da causa pelo poder do efeito, e pode até determinar a sua natureza. Foi assim, por exemplo, que a astronomia concluiu pela existência de planetas em regiões determinadas do espaço, pelo conhecimento das leis que regem o movimento dos astros; procuraram-se e encontraram-se os planetas, dos quais se pode dizer, na realidade, que foram descobertos antes de terem sido vistos.

2 Numa ordem de fatos mais vulgares, se estamos mergulhados num espesso nevoeiro, pela claridade difusa julgamos que o sol está acima do horizonte, embora não vejamos o sol. Se um pássaro que fende o ar é atingido por um chumbo mortal, julgamos que um hábil atirador o alvejou, embora não vejamos o atirador. Não é, pois, sempre necessário ter visto uma coisa para saber que ela existe. Em tudo, é observando os efeitos que se chega ao conhecimento das causas.

3 Outro princípio igualmente elementar, e que passou ao estado de axioma à força de verdade, é que todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente.
Se se perguntasse quem é o inventor de tal engenhoso mecanismo, o arquiteto de tal monumento, o escultor de tal estátua ou o pintor de tal quadro, que se pensaria daquele que respondesse que aquilo se fez sozinho?

Quando se vê uma obra-prima da arte ou da indústria, diz-se que deve ser produto de um homem de gênio, porque uma alta inteligência deve ter presidido à sua concepção; julga-se, não obstante, que um homem deve tê-la feito, porque se sabe que a coisa não está acima da capacidade humana; mas a ninguém virá o pensamento de dizer que ela saiu do cérebro de um idiota ou de um ignorante, e menos ainda que é trabalho de um animal ou produto do acaso.

4 Em toda parte se reconhece a presença do homem pelas suas obras. Se abordais uma terra desconhecida, ainda que seja um deserto, e nela descobris o menor vestígio de trabalhos humanos, concluís que homens habitam ou habitaram essa região.

4.2 A existência dos homens antediluvianos não se provaria apenas por fósseis humanos, mas também, e com igual certeza, pela presença, nos terrenos dessa época, de objetos trabalhados pelos homens; um fragmento de vaso, uma pedra lascada, uma arma, um tijolo bastarão para atestar a sua presença.

4.3 Pela grosseria ou pela perfeição do trabalho reconhecer-se-á o grau de inteligência e de adiantamento dos que o realizaram. Se, pois, achando-vos num país habitado exclusivamente por selvagens, descobrísseis uma estátua digna de Fídias, não hesitaríeis em dizer que, sendo os selvagens incapazes de tê-la feito, ela deve ser obra de uma inteligência superior à dos selvagens.

5 Pois bem! Lançando os olhos em torno de si, sobre as obras da natureza, observando a previdência, a sabedoria, a harmonia que presidem a todas elas, reconhece-se que não há nenhuma que não ultrapasse o mais alto al-

cance da inteligência humana, pois o maior gênio da Terra não seria capaz de criar a menor folha de erva.

5.2 Desde que a inteligência humana não pode produzi-las, é que são produto de uma inteligência superior à humanidade. Estendendo-se essa harmonia e essa sabedoria desde o grão de areia e o ácaro até os astros inumeráveis que circulam no espaço, deve-se concluir que essa inteligência abarca o infinito, a menos que se diga que há efeitos sem causa.

6 A isso alguns opõem o seguinte raciocínio:

As obras ditas da natureza são produto de forças materiais que agem mecanicamente, em consequência das leis de atração e de repulsão; as moléculas dos corpos inertes agregam-se e desagregam-se sob o império dessas leis. As plantas nascem, brotam, crescem e multiplicam-se sempre da mesma maneira, cada uma na sua espécie, em virtude dessas mesmas leis; cada indivíduo é semelhante àquele de que saiu; o crescimento, a floração, a frutificação, a coloração estão subordinados a causas materiais, tais como o calor, a eletricidade, a luz, a umidade etc. O mesmo se dá com os animais. Os astros formam-se pela atração molecular e movem-se perpetuamente nas suas órbitas por efeito da gravitação. Essa regularidade mecânica no emprego das forças naturais não acusa uma inteligência livre. O homem move o braço quando quer e como quer, mas aquele que o movesse no mesmo sentido desde o nascimento até a morte seria um autômato; ora, as forças orgânicas da natureza, consideradas no seu conjunto, são de certo modo automáticas.

Tudo isso é verdade; mas essas forças são efeitos que devem ter uma causa, e ninguém pretendeu que elas constituam a Divindade. São materiais e mecânicas; não são inteligentes por si mesmas — isso também é verdade —; mas são postas em obra, distribuídas, apropriadas às necessidades de

cada coisa por uma inteligência que não é a dos homens. A apropriação útil dessas forças é um efeito inteligente que denota uma causa inteligente. Um relógio de pêndulo move-se com uma regularidade automática, e é essa regularidade que faz o seu mérito. A força que o faz funcionar é toda material e de modo algum inteligente; mas que seria esse relógio se uma inteligência não tivesse combinado, calculado, distribuído o emprego dessa força para fazê-lo andar com precisão? Pelo fato de a inteligência não estar no mecanismo do relógio e de não a vermos, seria racional concluir que ela não existe? Julga-se pelos seus efeitos.

A existência do relógio atesta a existência do relojoeiro; o engenho do mecanismo atesta a inteligência e o saber do relojoeiro. Quando se vê um desses relógios complicados que marcam a hora das principais cidades do mundo, o movimento dos astros, que tocam árias, que parecem, numa palavra, falar-vos para vos dar na hora certa a informação de que precisais, alguma vez veio a alguém o pensamento de dizer: «Eis um relógio muito inteligente»? Assim é o mecanismo do universo: Deus não se mostra, mas afirma-se pelas suas obras.

7 A existência de Deus é, pois, um fato adquirido, não só pela revelação, mas pela evidência material dos fatos. Os povos mais selvagens não tiveram revelação, e, porém, creem instintivamente na existência de um poder sobre-humano; é que os próprios selvagens não escapam às consequências lógicas; veem coisas que estão acima do poder humano e concluem que provêm de um ser superior à humanidade.

8 Não é dado ao homem sondar a natureza íntima de Deus. Temerário seria aquele que pretendesse levantar o véu que o oculta à nossa vista; falta-nos ainda o sentido, que só se adquire pela completa depuração do Espírito.

Mas, se não pode penetrar a sua essência, sendo a sua existência dada como premissa, pode, pelo raciocínio, chegar ao conhecimento dos seus atributos necessários; porque, vendo o que ele não pode deixar de ser sem deixar de ser Deus, conclui o que ele deve ser.

Sem o conhecimento dos atributos de Deus, seria impossível compreender a obra da criação; é o ponto de partida de todas as crenças religiosas, e é por não se terem referido a ele como ao farol que podia guiá-las que a maior parte das religiões errou nos seus dogmas. As que não atribuíram a Deus a onipotência imaginaram vários deuses; as que não lhe atribuíram a soberana bondade fizeram dele um Deus ciumento, colérico, parcial e vingativo.

9 Deus é a suprema e soberana inteligência. A inteligência do homem é limitada, pois ele não pode fazer nem compreender tudo o que existe; a de Deus, abarcando o infinito, deve ser infinita. Se a supuséssemos limitada num ponto qualquer, poderíamos conceber um ser ainda mais inteligente, capaz de compreender e de fazer o que o outro não faria, e assim por diante até o infinito.

10 Deus é eterno, isto é, não teve começo e não terá fim. Se tivesse tido um começo, é que teria saído do nada; ora, o nada, não sendo coisa alguma, nada pode produzir; ou então teria sido criado por outro ser anterior, e então seria esse ser que seria Deus. Se lhe supuséssemos um começo ou um fim, poderíamos, pois, conceber um ser que tivesse existido antes dele, ou que pudesse existir depois dele, e assim por diante até o infinito.

11 Deus é imutável. Se estivesse sujeito a mudanças, as leis que regem o universo não teriam nenhuma estabilidade.

12 Deus é imaterial, isto é, a sua natureza difere de tudo o que chamamos matéria; de outro modo não seria imutável, porque estaria sujeito às transformações da matéria.

Deus não tem forma apreciável pelos nossos sentidos; sem isso, seria matéria. Dizemos: a mão de Deus, o olho de Deus, a boca de Deus, porque o homem, não conhecendo senão a si mesmo, toma-se por termo de comparação de tudo o que não compreende. Essas imagens em que se representa Deus sob a figura de um velho de longas barbas, coberto com um manto, são ridículas; têm o inconveniente de rebaixar o Ser supremo às mesquinhas proporções da humanidade; daí a emprestar-lhe as paixões da humanidade, a fazer dele um Deus colérico e ciumento, há apenas um passo.

13 Deus é onipotente. Se não tivesse o supremo poder, poder-se-ia conceber um ser mais poderoso, e assim por diante, até que se encontrasse o ser que nenhum outro pudesse ultrapassar em poder, e seria esse que seria Deus. Ele não teria feito todas as coisas, e as que não tivesse feito seriam obra de outro deus.

14 Deus é soberanamente justo e bom. A sabedoria providencial das leis divinas revela-se nas menores coisas como nas maiores, e essa sabedoria não permite duvidar nem da sua justiça nem da sua bondade. Essas duas qualidades implicam todas as outras; se as supuséssemos limitadas, ainda que num só ponto, poder-se-ia conceber um ser que as possuísse em grau mais elevado e que lhe seria superior.

O infinito de uma qualidade exclui a possibilidade da existência de uma qualidade contrária que a diminuísse ou a anulasse. Um ser infinitamente bom não poderia ter a menor parcela de maldade, nem o ser infinitamente mau ter a menor parcela de bondade; assim como um objeto não poderia

ser de um negro absoluto com a mais leve nuança de branco, nem de um branco absoluto com a menor mancha de negro.

Deus não poderia, pois, ser ao mesmo tempo bom e mau, porque então, não possuindo nenhuma dessas qualidades em grau supremo, não seria Deus; todas as coisas estariam submetidas ao capricho, e não haveria estabilidade para nada. Ele só poderia, pois, ser infinitamente bom ou infinitamente mau; se fosse infinitamente mau, nada faria de bom; ora, como as suas obras dão testemunho da sua sabedoria, da sua bondade e da sua solicitude, deve-se concluir que, não podendo ser ao mesmo tempo bom e mau sem deixar de ser Deus, ele deve ser infinitamente bom.

A soberana bondade implica a soberana justiça; porque, se ele agisse injustamente ou com parcialidade numa única circunstância, ou em relação a uma única das suas criaturas, não seria soberanamente justo e, por conseguinte, não seria soberanamente bom.

15 Deus é infinitamente perfeito. É impossível conceber Deus sem o infinito das perfeições; sem isso não seria Deus, porque se poderia sempre conceber um ser que possuísse o que lhe faltasse. Para que nenhum ser possa ultrapassá-lo, é preciso que seja infinito em tudo.

Sendo infinitos, os atributos de Deus não são suscetíveis nem de aumento nem de diminuição; sem isso não seriam infinitos, e Deus não seria perfeito. Se se tirasse a menor parcela de um só dos seus atributos, já não se teria Deus, pois poderia existir um ser mais perfeito.

16 Deus é único. A unidade de Deus é consequência do infinito absoluto das perfeições. Outro Deus só poderia existir com a condição de ser igualmente infinito em todas as coisas; porque, se houvesse entre eles a mais leve

diferença, um seria inferior ao outro, subordinado ao seu poder, e não seria Deus.

16.2 Se houvesse entre eles igualdade absoluta, seria, desde toda a eternidade, um mesmo pensamento, uma mesma vontade, um mesmo poder; assim confundidos na sua identidade, seriam na realidade um só Deus.

16.3 Se tivessem, cada um, atribuições especiais, um faria o que o outro não faria, e então não haveria entre eles igualdade perfeita, já que nem um nem outro teria a soberana autoridade.

17 Foi a ignorância do princípio do infinito das perfeições de Deus que gerou o politeísmo, culto de todos os povos primitivos; eles atribuíram a divindade a todo poder que lhes pareceu acima da humanidade; mais tarde, a razão levou-os a fundir esses diversos poderes num só. Depois, à medida que os homens compreenderam a essência dos atributos divinos, suprimiram dos seus símbolos as crenças que eram a negação deles.

18 Em resumo, Deus só pode ser Deus com a condição de não ser ultrapassado em nada por outro ser; porque então o ser que o ultrapassasse no que quer que fosse, ainda que apenas da espessura de um cabelo, seria o verdadeiro Deus; para isso, é preciso que seja infinito em todas as coisas.
É assim que, sendo a existência de Deus constatada pelo fato das suas obras, se chega, por simples dedução lógica, a determinar os atributos que o caracterizam.

19 Deus é, pois, a suprema e soberana inteligência; é único, eterno, imutável, imaterial, onipotente, soberanamente justo e bom, infinito em todas as suas perfeições, e não pode ser outra coisa.
Tal é o eixo sobre o qual repousa o edifício universal; é o farol cujos raios se estendem sobre o universo inteiro, e o único que pode guiar o homem na

busca da verdade; seguindo-o, jamais se extraviará, e, se tantas vezes se desviou, foi por não ter seguido o caminho que lhe era indicado.

Tal é também o critério infalível de todas as doutrinas filosóficas e religiosas; o homem tem, para julgá-las, uma medida rigorosamente exata nos atributos de Deus, e pode dizer-se com certeza que toda teoria, todo princípio, todo dogma, toda crença, toda prática que estivesse em contradição com um só desses atributos, que tendesse não só a anulá-lo, mas simplesmente a enfraquecê-lo, não pode estar na verdade.

Em filosofia, em psicologia, em moral, em religião, só é verdadeiro o que não se afasta um iota das qualidades essenciais da Divindade. A religião perfeita seria aquela em que nenhum artigo de fé estivesse em oposição a essas qualidades, e cujos dogmas pudessem todos sofrer a prova desse controle sem receber dele nenhum golpe.

20 A providência é a solicitude de Deus por todas as suas criaturas. Deus está em toda parte, vê tudo, preside a tudo, até às menores coisas; é nisso que consiste a ação providencial.

«Como pode Deus, tão grande, tão poderoso, tão superior a tudo, imiscuir-se em pormenores ínfimos, preocupar-se com os menores atos e os menores pensamentos de cada indivíduo? Tal é a pergunta que se faz a incredulidade, de onde conclui que, admitindo-se a existência de Deus, a sua ação só deve estender-se às leis gerais do universo; que o universo funciona desde toda a eternidade em virtude dessas leis, às quais cada criatura está submetida na sua esfera de atividade, sem que haja necessidade do concurso incessante da providência.»

21 No seu estado atual de inferioridade, os homens só dificilmente podem compreender Deus infinito, porque eles mesmos são limitados e restritos; é por isso que o imaginam limitado e restrito como eles; representam-no como um ser circunscrito e fazem dele uma imagem à sua imagem.

21.2 Os nossos quadros que o pintam com traços humanos não contribuem pouco para manter esse erro no espírito das massas, que adoram nele mais a forma do que o pensamento.

21.3 Para a maioria, é um soberano poderoso, num trono inacessível, perdido na imensidão dos céus; e, porque as suas faculdades e as suas percepções são limitadas, não compreendem que Deus possa ou se digne intervir diretamente nas pequenas coisas.

22 Na impotência em que está o homem de compreender a própria essência da Divindade, só pode fazer dela uma ideia aproximada com o auxílio de comparações necessariamente muito imperfeitas, mas que podem pelo menos mostrar-lhe a possibilidade daquilo que, à primeira vista, lhe parece impossível.

Suponhamos um fluido bastante sutil para penetrar todos os corpos; é evidente que cada molécula desse fluido, encontrando-se em contato com cada molécula da matéria, produzirá sobre o corpo uma ação idêntica à que produziria a totalidade do fluido. É o que a química demonstra todos os dias em proporções limitadas.

Esse fluido, sendo ininteligente, age mecanicamente apenas pelas forças materiais; mas, se supusermos esse fluido dotado de inteligência, de faculdades perceptivas e sensitivas, agirá não mais cegamente, mas com discernimento, com vontade e liberdade; verá, ouvirá e sentirá.

As propriedades do fluido perispiritual podem dar-nos uma ideia disso. Ele

não é inteligente por si mesmo, pois é matéria, mas é o veículo do pensamento, das sensações e das percepções do Espírito; é em consequência da sutileza desse fluido que os Espíritos penetram em toda parte, que perscrutam os nossos pensamentos mais íntimos, que veem e agem a distância; é a esse fluido, chegado a certo grau de depuração, que os Espíritos superiores devem o dom de ubiquidade; basta-lhes um raio do seu pensamento dirigido a diversos pontos para que possam neles manifestar simultaneamente a sua presença. A extensão dessa faculdade está subordinada ao grau de elevação e de depuração do Espírito. É ainda com o auxílio desse fluido que o próprio homem age a distância, pelo poder da vontade, sobre certos indivíduos; que modifica, dentro de certos limites, as propriedades da matéria, dá a substâncias inativas propriedades determinadas, repara desordens orgânicas e opera curas pela imposição das mãos.

23 Mas os Espíritos, por mais elevados que sejam, são criaturas limitadas nas suas faculdades, no seu poder e na extensão das suas percepções, e não poderiam, sob esse aspecto, aproximar-se de Deus. Entretanto, podem servir-nos de ponto de comparação. O que o Espírito só pode realizar num limite restrito, Deus, que é infinito, realiza-o em proporções indefinidas.

23.2 Há ainda esta diferença: a ação do Espírito é momentânea e subordinada às circunstâncias; a de Deus é permanente; o pensamento do Espírito só abarca um tempo e um espaço circunscritos; o de Deus abarca o universo e a eternidade. Numa palavra, entre os Espíritos e Deus há a distância do finito ao infinito.

24 O fluido perispiritual não é o pensamento do Espírito, mas o agente e o intermediário desse pensamento; como é ele que o transmite, está de certo modo impregnado dele, e, na impossibilidade em que estamos de isolá-lo,

o pensamento parece formar um só todo com o fluido, como o som parece formar um só todo com o ar, de sorte que podemos, por assim dizer, materializá-lo. Assim como dizemos que o ar se torna sonoro, poderíamos, tomando o efeito pela causa, dizer que o fluido se torna inteligente.

25 Seja ou não assim com o pensamento de Deus, isto é, quer aja diretamente, quer por intermédio de um fluido, para facilidade da nossa inteligência representemo-lo sob a forma concreta de um fluido inteligente que enche o universo infinito e penetra todas as partes da criação: a natureza inteira está mergulhada no fluido divino; ora, em virtude do princípio de que as partes de um todo são da mesma natureza e têm as mesmas propriedades que o todo, possuindo cada átomo desse fluido, se assim se pode dizer, o pensamento, isto é, os atributos essenciais da Divindade, e estando esse fluido em toda parte, tudo está submetido à sua ação inteligente, à sua previdência, à sua solicitude; não há um ser, por ínfimo que seja, que não esteja de certo modo saturado dele. Estamos assim constantemente em presença da Divindade; não há uma só das nossas ações que possamos subtrair ao seu olhar; o nosso pensamento está em contato incessante com o seu pensamento, e é com razão que se diz que Deus lê nas mais profundas dobras do nosso coração. Estamos nele, como ele está em nós, segundo a palavra do Cristo.

Para estender a sua solicitude sobre todas as suas criaturas, Deus não precisa, pois, mergulhar o olhar do alto da imensidão; as nossas preces, para serem ouvidas por ele, não precisam transpor o espaço, nem ser ditas em voz retumbante, porque, estando ele sem cessar ao nosso lado, os nossos pensamentos repercutem nele. Os nossos pensamentos são como os sons de um sino, que fazem vibrar todas as moléculas do ar ambiente.

26 Longe de nós o pensamento de materializar a Divindade; a imagem de um fluido inteligente universal não é, evidentemente, senão uma comparação, mas própria para dar uma ideia mais justa de Deus do que os quadros que o representam sob uma figura humana; tem por único objeto fazer compreender a possibilidade de Deus estar em toda parte e ocupar-se de tudo.

27 Temos incessantemente diante dos olhos um exemplo que pode dar-nos uma ideia da maneira como a ação de Deus pode exercer-se sobre as partes mais íntimas de todos os seres e, por conseguinte, de como as impressões mais sutis da nossa alma chegam até ele. É tirado de uma instrução dada por um Espírito sobre esse assunto.

«Um dos atributos da Divindade é a infinidade; não se pode representar o Criador como tendo uma forma, um limite, uma baliza qualquer. Se não fosse infinito, poder-se-ia conceber algo maior do que ele, e seria esse algo que seria Deus. — Sendo infinito, Deus está em toda parte, porque, se não estivesse em toda parte, não seria infinito; não se pode sair desse dilema. Portanto, se há um Deus — e isso não deixa dúvida para ninguém —, esse Deus é infinito, e não se pode conceber extensão que ele não ocupe. Encontra-se, por conseguinte, em contato com todas as suas criações; envolve-as, elas estão nele; é, pois, compreensível que esteja em relação direta com cada criatura; e, para vos fazer compreender tão materialmente quanto possível de que maneira essa comunicação se dá universal e constantemente, examinemos o que se passa no homem entre o seu Espírito e o seu corpo.

«O homem é um pequeno mundo cujo diretor é o Espírito e cujo princípio dirigido é o corpo. Nesse universo, o corpo representará uma criação cujo Deus seria o Espírito. (Compreendeis que aqui só pode tratar-se de analo-

gia, e não de identidade.) Os membros desse corpo, os diferentes órgãos que o compõem, os seus músculos, os seus nervos, as suas articulações, são outras tantas individualidades materiais, se assim se pode dizer, localizadas num lugar especial do corpo; embora o número dessas partes constitutivas, tão variadas e tão diferentes por natureza, seja considerável, não é duvidoso para ninguém que não se pode produzir movimento algum, que uma impressão qualquer não pode ocorrer num lugar particular, sem que o Espírito tenha consciência disso. Há sensações diversas em vários lugares simultaneamente? O Espírito sente-as todas, discerne-as, analisa-as, assinala a cada uma a sua causa e o seu lugar de ação.

«Um fenômeno análogo ocorre entre a criação e Deus. Deus está em toda parte na natureza, como o Espírito está em toda parte no corpo; todos os elementos da criação estão em relação constante com ele, como todas as células do corpo humano estão em contato imediato com o ser espiritual; não há, pois, razão para que fenômenos da mesma ordem não se produzam da mesma maneira num e noutro caso.

«Um membro agita-se: o Espírito sente-o; uma criatura pensa: Deus o sabe. Todos os membros estão em movimento, os diferentes órgãos são postos em vibração: o Espírito sente cada manifestação, distingue-as e localiza-as. As diferentes criações, as diferentes criaturas agitam-se, pensam, agem diversamente, e Deus sabe tudo o que se passa e assinala a cada um o que lhe é particular.

«Pode-se deduzir daí igualmente a solidariedade da matéria e da inteligência, a solidariedade de todos os seres de um mundo entre si, a de todos os mundos e, enfim, a das criações e do Criador.» (Quinemant, Sociedade de Paris, 1867.)

28 Compreendemos o efeito, e isso já é muito; do efeito remontamos à causa e julgamos a sua grandeza pela grandeza do efeito; mas a sua essência íntima escapa-nos, como a da causa de uma multidão de fenômenos. Conhecemos os efeitos da eletricidade, do calor, da luz, da gravitação; calculamo-los, e, no entanto, ignoramos a natureza íntima do princípio que os produz. Será, pois, mais racional negar o princípio divino, porque não o compreendemos?

29 Nada impede admitir, para o princípio de soberana inteligência, um centro de ação, um foco principal que irradia sem cessar, inundando o universo com os seus eflúvios, como o sol com a sua luz. Mas onde está esse foco? É o que ninguém pode dizer.

29.2 É provável que não esteja mais fixado num ponto determinado do que a sua ação, e que percorra incessantemente as regiões do espaço sem limites. Se simples Espíritos têm o dom de ubiquidade, essa faculdade, em Deus, deve ser sem limite.

29.3 Enchendo Deus o universo, poder-se-ia ainda admitir, a título de hipótese, que esse foco não precisa deslocar-se e que se forma em todos os pontos onde a soberana vontade julga conveniente produzir-se; de onde se poderia dizer que ele está em toda parte e em parte nenhuma.

30 Diante desses problemas insondáveis, a nossa razão deve humilhar-se. Deus existe: não poderíamos duvidar disso; é infinitamente justo e bom: é a sua essência; a sua solicitude estende-se a tudo: compreendemo-lo; só pode, pois, querer o nosso bem, e é por isso que devemos ter confiança nele. Eis o essencial; quanto ao resto, esperemos ser dignos de compreendê-lo.

31 Já que Deus está em toda parte, por que não o vemos? Vê-lo-emos ao deixar a Terra? Tais são as perguntas que se fazem diariamente.
A primeira é fácil de resolver: os nossos órgãos materiais têm percepções limitadas, que os tornam impróprios para a visão de certas coisas, mesmo materiais. É assim que certos fluidos escapam totalmente à nossa vista e aos nossos instrumentos de análise, e, no entanto, não duvidamos da sua existência. Vemos os efeitos da peste e não vemos o fluido que a transporta; vemos os corpos moverem-se sob a influência da força de gravitação e não vemos essa força.

32 As coisas de essência espiritual não podem ser percebidas por órgãos materiais; só pela vista espiritual podemos ver os Espíritos e as coisas do mundo imaterial; só a nossa alma, pois, pode ter a percepção de Deus. Vê-lo-á ela imediatamente depois da morte? É o que só as comunicações de além-túmulo podem ensinar-nos.

32.2 Por elas sabemos que a visão de Deus é privilégio apenas das almas mais depuradas, e que assim bem poucas possuem, ao deixar o seu envoltório terrestre, o grau de desmaterialização necessário. Algumas comparações vulgares o farão compreender facilmente.

33 Aquele que está no fundo de um vale envolto em espessa bruma não vê o sol; entretanto, como dissemos acima, pela luz difusa julga da presença do sol. Se sobe a montanha, à medida que se eleva o nevoeiro se aclara, a luz torna-se cada vez mais viva, mas ele ainda não vê o sol; quando começa a avistá-lo, este ainda está velado, porque o menor vapor basta para enfraquecer o seu brilho. Só depois de se ter elevado inteiramente acima da camada de bruma é que, achando-se num ar perfeitamente puro, o vê em todo o seu esplendor.

O mesmo se dá com aquele cuja cabeça estivesse envolta em vários véus: primeiro, não vê absolutamente nada; a cada véu que se retira, distingue um clarão cada vez mais claro; só quando o último véu desapareceu é que percebe nitidamente as coisas.

O mesmo se dá ainda com um licor carregado de matérias estranhas: a princípio é turvo; a cada destilação a sua transparência aumenta, até que, estando completamente depurado, adquire uma limpidez perfeita e não apresenta nenhum obstáculo à vista.

Assim é com a alma. O envoltório perispiritual, embora invisível e impalpável para nós, é para ela uma verdadeira matéria, ainda grosseira demais para certas percepções. Esse envoltório espiritualiza-se à medida que a alma se eleva em moralidade. As imperfeições da alma são como véus que obscurecem a sua vista; cada imperfeição de que se desfaz é um véu a menos; mas só depois de se ter depurado completamente é que goza da plenitude das suas faculdades.

34 Sendo Deus a essência divina por excelência, só pode ser percebido em todo o seu brilho pelos Espíritos chegados ao mais alto grau de desmaterialização. Se os Espíritos imperfeitos não o veem, não é que estejam mais afastados dele do que os outros; como eles, como todos os seres da natureza, estão mergulhados no fluido divino, como nós o estamos na luz; apenas as suas imperfeições são véus que o ocultam à sua vista; quando o nevoeiro se dissipar, vê-lo-ão resplandecer; para isso não precisarão nem subir, nem ir procurá-lo nas profundezas do infinito; estando a vista espiritual desembaraçada das belidas morais que a obscureciam, vê-lo-ão em qualquer lugar em que se encontrem, ainda que seja na Terra, porque ele está em toda parte.

35 O Espírito só se depura com o tempo, e as diferentes encarnações são os alambiques no fundo dos quais deixa de cada vez algumas impurezas. Ao deixar o seu envoltório corporal, não se despoja instantaneamente das suas imperfeições; é por isso que há os que, depois da morte, não veem Deus mais do que em vida; mas, à medida que se depuram, têm dele uma intuição mais distinta; se não o veem, compreendem-no melhor: a luz é menos difusa.

35.2 Quando, pois, Espíritos dizem que Deus lhes proíbe responder a tal pergunta, não é que Deus lhes apareça ou lhes dirija a palavra para lhes prescrever ou proibir esta ou aquela coisa, não; mas eles o sentem; recebem os eflúvios do seu pensamento, como nos acontece em relação aos Espíritos que nos envolvem com o seu fluido, embora não os vejamos.

36 Nenhum homem pode, pois, ver Deus com os olhos da carne. Se esse favor fosse concedido a alguns, só o seria no estado de êxtase, quando a alma está tão desprendida dos laços da matéria quanto é possível durante a encarnação. Tal privilégio, aliás, só seria o das almas de escol, encarnadas em missão e não em expiação.

36.2 Mas, como os Espíritos da ordem mais elevada resplandecem com um brilho deslumbrante, pode acontecer que Espíritos menos elevados, encarnados ou desencarnados, impressionados pelo esplendor que os cerca, tenham julgado ver o próprio Deus. Assim se vê às vezes um ministro tomado pelo seu soberano.

37 Sob que aparência Deus se apresenta aos que se tornaram dignos desse favor? É sob uma forma qualquer? Sob uma figura humana, ou como um foco resplandecente de luz?

37.2 É o que a linguagem humana é impotente para descrever, porque não existe para nós nenhum ponto de comparação que possa dar dele uma ideia; somos como cegos a quem se procurasse em vão fazer compreender o brilho do sol.

37.3 O nosso vocabulário está limitado às nossas necessidades e ao círculo das nossas ideias; o dos selvagens não poderia pintar as maravilhas da civilização; o dos povos mais civilizados é pobre demais para descrever os esplendores dos céus, a nossa inteligência limitada demais para compreendê-los, e a nossa vista, fraca demais, ficaria deslumbrada.

Une Sacra · edição 1.8 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

III. O BEM E O MAL

✦

1 Sendo Deus o princípio de todas as coisas, e sendo esse princípio toda sabedoria, toda bondade, toda justiça, tudo o que dele procede deve participar desses atributos, porque o que é infinitamente sábio, justo e bom nada pode produzir de desarrazoado, de mau e de injusto. O mal que observamos não deve, pois, ter nele a sua fonte.

2 Se o mal estivesse nas atribuições de um ser especial, quer se chame Arimã ou Satanás, de duas uma: ou esse ser seria igual a Deus e, por conseguinte, tão poderoso quanto ele e de toda a eternidade como ele, ou lhe seria inferior.

No primeiro caso, haveria dois poderes rivais, lutando sem cessar, procurando cada um desfazer o que o outro faz e contrariando-se mutuamente. Essa hipótese é inconciliável com a unidade de vistas que se revela na ordenação do universo.

No segundo caso, sendo esse ser inferior a Deus, estar-lhe-ia subordinado; não podendo ter existido desde toda a eternidade como ele sem ser seu igual, teria tido um começo; se foi criado, só pode tê-lo sido por Deus; Deus teria assim criado o Espírito do mal, o que seria a negação da infinita bondade.

3 Segundo uma doutrina, o Espírito do mal, criado bom, ter-se-ia tornado mau, e Deus, para puni-lo, tê-lo-ia condenado a permanecer eternamente mau e ter-lhe-ia dado por missão seduzir os homens para induzi-los ao mal; ora, podendo uma única queda merecer-lhes os mais cruéis castigos por toda a eternidade, sem esperança de perdão, haveria aqui mais do que falta

de bondade: haveria uma crueldade premeditada, porque, para tornar a sedução mais fácil e ocultar melhor a armadilha, Satanás estaria autorizado a transformar-se em anjo de luz e a simular as próprias obras de Deus a ponto de enganar. Haveria, além disso, iniquidade e imprevidência da parte de Deus, porque, sendo deixada a Satanás toda a liberdade de sair do império das trevas e de entregar-se aos prazeres mundanos para arrastar a eles os homens, o provocador do mal seria menos punido que as vítimas das suas astúcias, que nele caem por fraqueza, já que, uma vez no abismo, estas não podem mais sair dele. Deus recusa-lhes um copo de água para estancar a sede e, durante toda a eternidade, ouve, ele e os seus anjos, os seus gemidos sem se deixar comover, ao passo que deixa Satanás proporcionar-se todos os gozos que deseja.

De todas as doutrinas sobre a teoria do mal, esta é sem contradita a mais irracional e a mais injuriosa para a Divindade. (Ver O Céu e o Inferno segundo o Espiritismo, cap. X, Os Demônios.)

4 Entretanto, o mal existe e tem uma causa.

O mal é de várias espécies. Há, primeiro, o mal físico e o mal moral; depois, os males que o homem pode evitar e os que são independentes da sua vontade. Entre estes últimos devem colocar-se os flagelos naturais.

O homem, cujas faculdades são limitadas, não pode penetrar nem abarcar o conjunto dos desígnios do Criador; julga as coisas do ponto de vista da sua personalidade, dos interesses fictícios e de convenção que criou para si e que não estão na ordem da natureza; é por isso que muitas vezes acha mau e injusto o que acharia justo e admirável se visse a sua causa, o seu fim e o

seu resultado definitivo. Procurando a razão de ser e a utilidade de cada coisa, reconhecerá que tudo traz o cunho da sabedoria infinita e inclinar-se-á diante dessa sabedoria, mesmo nas coisas que não compreender.

5 O homem recebeu em partilha uma inteligência com o auxílio da qual pode conjurar, ou pelo menos atenuar grandemente, os efeitos de todos os flagelos naturais; quanto mais adquire saber e avança em civilização, menos desastrosos são esses flagelos; com uma organização social sabiamente previdente, poderá até neutralizar as suas consequências, quando não puderem ser evitados inteiramente. Assim, para esses mesmos flagelos, que têm a sua utilidade na ordem geral da natureza e para o futuro, mas que ferem no presente, Deus deu ao homem, pelas faculdades de que dotou o seu Espírito, os meios de paralisar os seus efeitos.

É assim que ele saneia as regiões insalubres, neutraliza os miasmas pestilentos, fertiliza as terras incultas e se engenha em preservá-las das inundações; que constrói para si habitações mais sadias, mais sólidas, para resistir aos ventos tão necessários à depuração da atmosfera, que se abriga das intempéries; é assim, enfim, que, pouco a pouco, a necessidade o levou a criar as ciências, com o auxílio das quais melhora as condições de habitabilidade do globo e aumenta a soma do seu bem-estar.

Devendo o homem progredir, os males a que está exposto são um estimulante para o exercício da sua inteligência, de todas as suas faculdades físicas e morais, convidando-o à busca dos meios de se subtrair a eles. Se nada tivesse a temer, nenhuma necessidade o levaria à busca do melhor; entorpecer-se-ia na inatividade do espírito; nada inventaria e nada descobriria. A dor é o aguilhão que impele o homem para a frente no caminho do progresso.

6 Mas os males mais numerosos são os que o homem cria para si pelos próprios vícios, os que provêm do seu orgulho, do seu egoísmo, da sua ambição, da sua cupidez, dos seus excessos em todas as coisas: aí está a causa das guerras e das calamidades que elas acarretam, das dissensões, das injustiças, da opressão do fraco pelo forte e, enfim, da maior parte das doenças.

Deus estabeleceu leis cheias de sabedoria, que só têm por fim o bem; o homem encontra em si mesmo tudo o que é preciso para segui-las; o seu caminho está traçado pela consciência; a lei divina está gravada no seu coração; e, além disso, Deus lembra-lhas sem cessar pelos seus messias e pelos seus profetas, por todos os Espíritos encarnados que receberam a missão de esclarecê-lo, de moralizá-lo, de melhorá-lo, e, nestes últimos tempos, pela multidão de Espíritos desencarnados que se manifestam por toda parte. Se o homem se conformasse rigorosamente às leis divinas, não há dúvida de que evitaria os males mais pungentes e viveria feliz na Terra. Se não o faz, é em virtude do seu livre-arbítrio, e sofre as consequências disso.

7 Mas Deus, cheio de bondade, pôs o remédio ao lado do mal, isto é, do próprio mal faz sair o bem. Chega um momento em que o excesso do mal moral se torna intolerável e faz o homem sentir a necessidade de mudar de caminho; instruído pela experiência, é levado a procurar um remédio no bem, sempre por efeito do seu livre-arbítrio; quando entra num caminho melhor, é por um ato da sua vontade e porque reconheceu os inconvenientes do outro caminho. A necessidade obriga-o, pois, a melhorar-se moralmente para ser mais feliz, como essa mesma necessidade o obrigou a melhorar as condições materiais da sua existência.

Pode-se dizer que o mal é a ausência do bem, como o frio é a ausência do calor. O mal não é mais um atributo distinto do que o frio é um fluido espe-

cial; um é o negativo do outro. Onde o bem não existe, existe forçosamente o mal; não fazer o mal já é o começo do bem. Deus só quer o bem; só do homem vem o mal. Se houvesse na criação um ser encarregado do mal, o homem não poderia evitá-lo; mas, tendo o homem a causa do mal em si mesmo, e tendo ao mesmo tempo o seu livre-arbítrio e por guia as leis divinas, evitá-lo-á quando quiser.

Tomemos um fato vulgar para comparação. Um proprietário sabe que na extremidade do seu campo há um lugar perigoso, onde poderia perecer ou ferir-se quem se aventurasse por ali. Que faz ele para prevenir os acidentes? Coloca perto do lugar um aviso proibindo ir mais longe por causa do perigo. Eis a lei; ela é sábia e previdente. Se, apesar disso, um imprudente não lhe dá atenção e passa adiante, e se lhe acontece algum mal, a quem pode queixar-se senão a si mesmo?

Assim é com todo mal. O homem o evitaria se observasse as leis divinas. Deus, por exemplo, pôs um limite à satisfação das necessidades; o homem é advertido pela saciedade; se ultrapassa esse limite, fá-lo voluntariamente. As doenças, as enfermidades, a morte que daí podem resultar são, pois, obra sua e não de Deus.

8 Sendo o mal resultado das imperfeições do homem, e tendo sido o homem criado por Deus, Deus, dir-se-á, não deixou por isso de criar, se não o mal, pelo menos a causa do mal; se tivesse feito o homem perfeito, o mal não existiria.

Se o homem tivesse sido criado perfeito, seria levado fatalmente ao bem; ora, em virtude do seu livre-arbítrio, não é levado fatalmente nem ao bem nem ao mal. Deus quis que estivesse submetido à lei do progresso e que esse progresso fosse fruto do seu próprio trabalho, a fim de que tivesse o

mérito dele, assim como carrega a responsabilidade do mal que é obra da sua vontade. A questão é, pois, saber qual é, no homem, a fonte da propensão para o mal (1).

(1) «O erro consiste em pretender que a alma teria saído perfeita das mãos do Criador, quando este, ao contrário, quis que a perfeição fosse resultado da depuração gradual do espírito e obra sua própria. Deus quis que a alma, em virtude do seu livre-arbítrio, pudesse optar entre o bem e o mal, e que chegasse aos seus fins últimos por uma vida militante e resistindo ao mal. Se tivesse feito a alma perfeita como ele, e se, ao sair das suas mãos, a tivesse associado à sua beatitude eterna, tê-la-ia feito não à sua imagem, mas semelhante a si mesmo, como já dissemos. Conhecendo todas as coisas em virtude da sua própria essência e sem nada ter aprendido, movida por um sentimento de orgulho nascido da consciência dos seus divinos atributos, teria sido arrastada a renegar a sua origem, a desconhecer o autor da sua existência, e ter-se-ia constituído em estado de rebelião, de revolta contra o seu Criador.»

(Bonnamy, juiz de instrução: A Razão do Espiritismo, cap. VI.)

9 Se se estudam todas as paixões, e até todos os vícios, vê-se que têm o seu princípio no instinto de conservação. Esse instinto está em toda a sua força nos animais e nos seres primitivos que mais se aproximam da animalidade; neles domina sozinho, porque ainda não tem por contrapeso o senso moral; o ser ainda não nasceu para a vida intelectual.

9.2 O instinto enfraquece-se, ao contrário, à medida que a inteligência se desenvolve, porque esta domina a matéria; com a inteligência raciocinada nasce o livre-arbítrio, de que o homem usa a seu bel-prazer; só então começa para ele a responsabilidade dos seus atos.

10 O destino do Espírito é a vida espiritual; mas, nas primeiras fases da sua existência corporal, só tem necessidades materiais a satisfazer, e para esse fim o exercício das paixões é uma necessidade para a conservação da espécie e dos indivíduos, materialmente falando. Mas, saído desse período, tem outras necessidades: primeiro, necessidades semimorais e semimateriais; depois, exclusivamente morais. É então que o Espírito domina a matéria; se sacode o seu jugo, avança no seu caminho providencial, aproxima-se do seu destino final. Se, ao contrário, se deixa dominar por ela, atrasa-se, assemelhando-se ao bruto. Nessa situação, o que outrora era um bem, porque era uma necessidade da sua natureza, torna-se um mal, não só porque já não é uma necessidade, mas porque se torna nocivo à espiritualização do ser. O mal é assim relativo, e a responsabilidade proporcional ao grau de adiantamento.

Todas as paixões têm assim a sua utilidade providencial; sem isso, Deus teria feito algo inútil e nocivo; é o abuso que constitui o mal, e o homem abusa em virtude do seu livre-arbítrio. Mais tarde, esclarecido pelo próprio interesse, escolhe livremente entre o bem e o mal.

11 O instinto e a inteligência

Que diferença há entre o instinto e a inteligência? Onde acaba um e onde começa a outra? O instinto é uma inteligência rudimentar, ou uma faculdade distinta, um atributo exclusivo da matéria?

O instinto é a força oculta que solicita os seres orgânicos a atos espontâneos e involuntários, com vista à sua conservação. Nos atos instintivos não há reflexão, nem combinação, nem premeditação. É assim que a planta procura o ar, volta-se para a luz, dirige as raízes para a água e para a terra nutriz; que a flor se abre e se fecha alternadamente conforme a necessidade; que as

plantas trepadeiras se enrolam em torno do apoio ou se agarram com as suas gavinhas. É pelo instinto que os animais são advertidos do que lhes é útil ou nocivo; que se dirigem, conforme as estações, para os climas propícios; que constroem, sem lições prévias, com mais ou menos arte conforme as espécies, leitos macios e abrigos para a prole, engenhos para apanhar na armadilha a presa de que se alimentam; que manejam com destreza as armas ofensivas e defensivas de que são providos; que os sexos se aproximam; que a mãe choca os filhotes e que estes procuram o seio da mãe. No homem, o instinto domina exclusivamente no começo da vida; é pelo instinto que a criança faz os primeiros movimentos, que agarra o alimento, que grita para exprimir as suas necessidades, que imita o som da voz, que ensaia falar e andar. Mesmo no adulto, certos atos são instintivos: tais são os movimentos espontâneos para evitar um perigo, para escapar de um risco, para manter o equilíbrio; tais são ainda o piscar das pálpebras para atenuar o brilho da luz, a abertura maquinal da boca para respirar etc.

12 A inteligência revela-se por atos voluntários, refletidos, premeditados, combinados, segundo a oportunidade das circunstâncias. É incontestavelmente um atributo exclusivo da alma.

Todo ato maquinal é instintivo; o que denota reflexão e combinação é inteligente; um é livre, o outro não o é.

O instinto é um guia seguro, que nunca engana; a inteligência, só pelo fato de ser livre, está às vezes sujeita a erro.

Se o ato instintivo não tem o caráter do ato inteligente, revela, não obstante, uma causa inteligente essencialmente previdente. Se se admite que o instinto tem a sua fonte na matéria, é preciso admitir que a matéria é inteligente, e até mais seguramente inteligente e previdente que a alma, pois o

instinto não se engana, ao passo que a inteligência se engana.

Se se considera o instinto uma inteligência rudimentar, como se explica que seja, em certos casos, superior à inteligência raciocinada? Que dê a possibilidade de executar coisas que esta não pode produzir?

Se é atributo de um princípio espiritual especial, em que se torna esse princípio? Já que o instinto se apaga, esse princípio seria então aniquilado? Se os animais só são dotados do instinto, o seu futuro não tem saída; os seus sofrimentos não têm nenhuma compensação. Isso não seria conforme nem à justiça nem à bondade de Deus.

13 Segundo outro sistema, o instinto e a inteligência teriam um só e mesmo princípio; chegado a certo grau de desenvolvimento, esse princípio, que a princípio só teria tido as qualidades do instinto, sofreria uma transformação que lhe daria as da inteligência livre; receberia, numa palavra, o que se convencionou chamar a centelha divina. Essa transformação não seria súbita, mas gradual, de tal sorte que, durante certo período, haveria mistura das duas aptidões, a primeira diminuindo à medida que a segunda aumenta.

14 Enfim, uma última hipótese, que, de resto, se alia perfeitamente à ideia da unidade de princípio, ressalta do caráter essencialmente previdente do instinto e concorda com o que o Espiritismo nos ensina acerca das relações do mundo espiritual e do mundo corporal.

Sabe-se hoje que Espíritos desencarnados têm por missão velar pelos encarnados, de quem são os protetores e os guias; que os envolvem com os seus eflúvios fluídicos; que o homem age muitas vezes de maneira inconsciente sob a ação desses eflúvios.

Sabe-se, além disso, que o instinto, que também produz atos inconscientes,

predomina nas crianças e, em geral, nos seres cuja razão é fraca. Ora, segundo essa hipótese, o instinto não seria atributo nem da alma nem da matéria; não pertenceria propriamente ao ser vivo, mas seria efeito da ação direta dos protetores invisíveis, que supririam a imperfeição da inteligência, provocando eles mesmos os atos inconscientes necessários à conservação do ser. Seria como as andadeiras com o auxílio das quais se sustenta a criança que ainda não sabe andar. Mas, assim como se suprime gradualmente o uso das andadeiras à medida que a criança se sustenta sozinha, os Espíritos protetores deixam entregues a si mesmos os seus protegidos à medida que estes podem guiar-se pela própria inteligência.

Assim, o instinto, longe de ser produto de uma inteligência rudimentar e incompleta, seria obra de uma inteligência estranha, na plenitude da sua força, que supriria a insuficiência, seja de uma inteligência mais jovem, que ela levaria a fazer inconscientemente, para o seu bem, o que esta ainda é incapaz de fazer por si mesma, seja de uma inteligência madura, mas momentaneamente entravada no uso das suas faculdades, como acontece no homem na infância e nos casos de idiotia e de afecções mentais.

Diz-se proverbialmente que há um Deus para as crianças, os loucos e os bêbados; esse ditado é mais verdadeiro do que se pensa; esse Deus não é outro senão o Espírito protetor que vela pelo ser incapaz de se proteger pela própria razão.

15 Nessa ordem de ideias, pode-se ir mais longe. Essa teoria, por mais racional que seja, não resolve todas as dificuldades da questão. Para procurar as causas, é preciso estudar os efeitos, e da natureza dos efeitos pode-se concluir a natureza da causa.

Se se observam os efeitos do instinto, nota-se antes de tudo uma unidade

de vistas e de conjunto, uma segurança de resultados que deixam de existir assim que o instinto é substituído pela inteligência livre; além disso, na apropriação tão perfeita e tão constante das faculdades instintivas às necessidades de cada espécie, reconhece-se uma profunda sabedoria. Essa unidade de vistas não poderia existir sem a unidade de pensamento e, por conseguinte, com a multiplicidade das causas atuantes. Ora, em consequência do progresso que as inteligências individuais realizam incessantemente, há entre elas uma diversidade de aptidões e de vontades incompatível com esse conjunto tão perfeitamente harmonioso, que se produz desde a origem dos tempos e em todos os climas, com uma regularidade e uma precisão matemáticas, sem jamais falhar. Essa uniformidade no resultado das faculdades instintivas é um fato característico que implica forçosamente a unidade da causa; se essa causa fosse inerente a cada individualidade, haveria tantas variedades de instintos quantos indivíduos, desde a planta até o homem. Um efeito geral, uniforme e constante deve ter uma causa geral, uniforme e constante; um efeito que acusa sabedoria e previdência deve ter uma causa sábia e previdente.

Ora, uma causa sábia e previdente, sendo necessariamente inteligente, não pode ser exclusivamente material.

Não encontrando nas criaturas, encarnadas ou desencarnadas, as qualidades necessárias para produzir tal resultado, é preciso remontar mais alto, isto é, ao próprio Criador. Se nos reportarmos à explicação que foi dada sobre a maneira como se pode conceber a ação providencial (cap. II, n.º 25); se imaginarmos todos os seres penetrados do fluido divino, soberanamente inteligente, compreenderemos a sabedoria previdente e a unidade de vistas que presidem a todos os movimentos instintivos para o bem de cada indivíduo. Essa solicitude é tanto mais ativa quanto menos recursos o indiví-

duo tem em si mesmo e na própria inteligência; é por isso que se mostra maior e mais absoluta nos animais e nos seres inferiores do que no homem. Segundo essa teoria, compreende-se que o instinto seja um guia sempre seguro. O instinto materno, o mais nobre de todos, que o materialismo rebaixa ao nível das forças atrativas da matéria, acha-se elevado e enobrecido. Em razão das suas consequências, não convinha que fosse entregue às eventualidades caprichosas da inteligência e do livre-arbítrio. Pelo órgão da mãe, o próprio Deus vela pelas suas criaturas nascentes.

16 Essa teoria de modo algum destrói o papel dos Espíritos protetores, cujo concurso é um fato adquirido e provado pela experiência; mas é de notar que a ação destes é essencialmente individual; que se modifica segundo as qualidades próprias do protetor e do protegido, e que em parte nenhuma tem a uniformidade e a generalidade do instinto.

16.2 Deus, na sua sabedoria, conduz ele mesmo os cegos, mas confia a inteligências livres o cuidado de conduzir os que veem, para deixar a cada um a responsabilidade dos seus atos. A missão dos Espíritos protetores é um dever que aceitam voluntariamente e que é para eles um meio de adiantamento, conforme a maneira como o cumprem.

17 Todas essas maneiras de considerar o instinto são necessariamente hipotéticas, e nenhuma tem um caráter suficiente de autenticidade para ser dada como solução definitiva.

17.2 A questão será certamente resolvida um dia, quando se tiverem reunido os elementos de observação que ainda faltam; até lá, é preciso limitar-se a submeter as diversas opiniões ao crisol da razão e da lógica e esperar

que a luz se faça; a solução que mais se aproximar da verdade será necessariamente a que melhor corresponder aos atributos de Deus, isto é, à soberana bondade e à soberana justiça. (Ver cap. II, n.º 19.)

18 Sendo o instinto o guia e as paixões as molas das almas no primeiro período do seu desenvolvimento, confundem-se às vezes nos seus efeitos, e sobretudo na linguagem humana, que nem sempre se presta suficientemente à expressão de todas as nuanças. Há, entretanto, entre esses dois princípios diferenças que é essencial considerar.

O instinto é um guia seguro, sempre bom; num tempo dado, pode tornar-se inútil, mas nunca nocivo; enfraquece-se pela predominância da inteligência.

As paixões, nas primeiras idades da alma, têm isto de comum com o instinto: os seres são solicitados por elas por uma força igualmente inconsciente. Nascem mais particularmente das necessidades do corpo e prendem-se ao organismo mais do que o instinto. O que as distingue sobretudo do instinto é que são individuais e não produzem, como este, efeitos gerais e uniformes; vê-se, ao contrário, que variam de intensidade e de natureza conforme os indivíduos. São úteis, como estimulante, até a eclosão do senso moral, que, de um ser passivo, faz um ser de razão; nesse momento tornam-se não somente inúteis, mas nocivas ao adiantamento do Espírito, cuja desmaterialização retardam; enfraquecem-se com o desenvolvimento da razão.

19 O homem que só agisse constantemente pelo instinto poderia ser muito bom, mas deixaria dormir a inteligência; seria como a criança que não largasse as andadeiras e não soubesse servir-se dos membros. Aquele que não domina as suas paixões pode ser muito inteligente, mas ao mesmo tempo

muito mau. O instinto aniquila-se por si mesmo; as paixões só se domam pelo esforço da vontade.

Todos os homens passaram pela fieira das paixões; os que já não as têm, que não são, por natureza, nem orgulhosos, nem ambiciosos, nem egoístas, nem rancorosos, nem vingativos, nem cruéis, nem coléricos, nem sensuais, que fazem o bem sem esforço, sem premeditação e, por assim dizer, involuntariamente, é que progrediram no decurso das suas existências anteriores; estão livres dessas febres da mocidade. É sem razão que se diz que têm menos mérito em fazer o bem do que os que têm de lutar contra as suas tendências; para eles, a vitória está conquistada; para os outros, ainda não está; e, quando estiver, serão como os outros: por sua vez farão o bem sem pensar nisso, como crianças que leem correntemente sem precisar mais soletrar; são como dois doentes, um dos quais está curado e cheio de força, ao passo que o outro ainda está apenas convalescente e tropeça ao andar; são, enfim, como dois corredores, um dos quais está mais perto da meta do que o outro.

20 A destruição recíproca dos seres vivos é uma das leis da natureza que, à primeira vista, parecem menos se conciliar com a bondade de Deus. Pergunta-se por que ele lhes impôs a necessidade de se entredestruírem, para se alimentarem uns à custa dos outros.

Para quem só vê a matéria, para quem limita a vista à vida presente, isso parece, com efeito, uma imperfeição na obra divina; daí esta conclusão que dela tiram os incrédulos: não sendo Deus perfeito, não há Deus. É que julgam a perfeição de Deus do seu ponto de vista; o próprio juízo deles é a medida da sabedoria divina, e pensam que Deus não poderia fazer melhor do que eles mesmos fariam. Não lhes permitindo a curta vista julgar o con-

junto, não compreendem que um bem real pode sair de um mal aparente. Só o conhecimento do princípio espiritual, considerado na sua essência verdadeira, e da grande lei de unidade que constitui a harmonia da criação, pode dar ao homem a chave desse mistério e mostrar-lhe a sabedoria providencial e a harmonia precisamente onde ele só via uma anomalia e uma contradição. Dá-se com essa verdade o mesmo que com uma multidão de outras; o homem só está apto a sondar certas profundezas quando o seu Espírito chegou a um grau suficiente de maturidade.

21 A verdadeira vida, do animal tanto quanto do homem, não está mais no envoltório corporal do que na roupa; está no princípio inteligente, que preexiste e sobrevive ao corpo. Esse princípio precisa do corpo para se desenvolver pelo trabalho que deve realizar sobre a matéria bruta; o corpo gasta-se nesse trabalho, mas o Espírito não se gasta; ao contrário, sai dele de cada vez mais forte, mais lúcido e mais capaz. Que importa, pois, que o Espírito mude mais ou menos frequentemente de envoltório? Não deixa por isso de ser Espírito; é exatamente como se um homem renovasse cem vezes a roupa no mesmo ano: não deixaria por isso de ser o mesmo homem.

Pelo espetáculo incessante da destruição, Deus ensina aos homens o pouco caso que devem fazer do envoltório material e suscita neles a ideia da vida espiritual, fazendo-lha desejar como uma compensação.

Deus, dir-se-á, não poderia chegar ao mesmo resultado por outros meios, e sem obrigar os seres vivos a se entredestruírem? Bem ousado seria quem pretendesse penetrar os desígnios de Deus! Se tudo é sabedoria na sua obra, devemos supor que essa sabedoria não deve faltar nesse ponto mais do que nos outros; se não o compreendemos, devemos culpar o nosso pouco adiantamento. Todavia, podemos tentar procurar a razão disso, tomando por

bússola este princípio: Deus deve ser infinitamente justo e sábio; procuremos, pois, em tudo a sua justiça e a sua sabedoria, e inclinemo-nos diante do que ultrapassa o nosso entendimento.

22 Uma primeira utilidade que se apresenta nessa destruição, utilidade puramente física, é verdade, é esta: os corpos orgânicos só se mantêm com o auxílio das matérias orgânicas, pois só essas matérias contêm os elementos nutritivos necessários à sua transformação. Precisando os corpos, instrumentos de ação do princípio inteligente, de ser incessantemente renovados, a Providência faz que sirvam à sua manutenção mútua; é por isso que os seres se alimentam uns dos outros; é então o corpo que se alimenta do corpo, mas o Espírito não é aniquilado nem alterado; é apenas despojado do seu envoltório.

23 Há, além disso, considerações morais de uma ordem mais elevada.
A luta é necessária ao desenvolvimento do Espírito; é na luta que ele exercita as suas faculdades. Aquele que ataca para ter o seu alimento e aquele que se defende para conservar a vida competem em astúcia e inteligência e aumentam, por isso mesmo, as suas forças intelectuais. Um dos dois sucumbe; mas o que tirou, na realidade, o mais forte ou o mais hábil ao mais fraco? A sua veste de carne, nada mais; o Espírito, que não morreu, tomará outra mais tarde.

24 Nos seres inferiores da criação, naqueles em que o senso moral não existe, em que a inteligência ainda não substituiu o instinto, a luta só poderia ter por móvel a satisfação de uma necessidade material; ora, uma das necessidades materiais mais imperiosas é a do alimento; eles lutam, pois, unicamente para viver, isto é, para apanhar ou defender uma presa, porque não poderiam ser estimulados por um móvel mais elevado. É nesse pri-

meiro período que a alma se elabora e se ensaia para a vida. Quando atingiu o grau de maturidade necessário para a sua transformação, recebe de Deus novas faculdades: o livre-arbítrio e o senso moral — numa palavra, a centelha divina —, que dão novo curso às suas ideias e a dotam de novas aptidões e de novas percepções.

Mas as novas faculdades morais de que é dotada só se desenvolvem gradualmente, porque nada é brusco na natureza; há um período de transição em que o homem mal se distingue do bruto; nas primeiras idades, o instinto animal domina, e a luta ainda tem por móvel a satisfação das necessidades materiais; mais tarde, o instinto animal e o sentimento moral contrabalançam-se; o homem luta então não mais para se alimentar, mas para satisfazer a sua ambição, o seu orgulho, a necessidade de dominar: para isso, ainda precisa destruir. Mas, à medida que o senso moral prevalece, a sensibilidade desenvolve-se, a necessidade da destruição diminui; acaba até por se apagar e por se tornar odiosa: o homem tem horror ao sangue.

Entretanto, a luta é sempre necessária ao desenvolvimento do Espírito, porque, mesmo chegado a esse ponto, que nos parece culminante, ele está longe de ser perfeito; só à custa da sua atividade adquire conhecimentos, experiência, e se despoja dos últimos vestígios da animalidade; mas então a luta, de sangrenta e brutal que era, torna-se puramente intelectual; o homem luta contra as dificuldades, e não mais contra os seus semelhantes.

Une Sacra · edição 1.8 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

IV. PAPEL DA CIÊNCIA NA GÊNESE

✦

1 A história da origem de quase todos os povos antigos confunde-se com a da sua religião; é por isso que os seus primeiros livros foram livros religiosos; e, como todas as religiões se ligam ao princípio das coisas, que é também o da humanidade, deram sobre a formação e a ordenação do universo explicações em relação com o estado dos conhecimentos do tempo e dos seus fundadores. Daí resultou que os primeiros livros sagrados foram ao mesmo tempo os primeiros livros de ciência, como foram por muito tempo o único código das leis civis.

2 A religião era então um freio poderoso para governar; os povos curvavam-se de bom grado diante dos poderes invisíveis em nome dos quais os subjugavam, e dos quais os governantes diziam receber o seu poder, quando não se davam por iguais a esses mesmos poderes.
Para dar mais força à religião, era preciso apresentá-la como absoluta, infalível e imutável; sem isso, teria perdido o seu ascendente sobre seres quase brutos, que mal nasciam para a razão. Não convinha que pudesse ser discutida, tanto quanto as ordens do soberano; daí o princípio da fé cega e da obediência passiva, que tinham assim, na origem, a sua razão de ser e a sua utilidade. A veneração que se tinha pelos livros sagrados, quase sempre supostamente descidos do céu ou inspirados pela Divindade, proibia, aliás, todo exame.

3 Nos tempos primitivos, sendo os meios de observação necessariamente muito imperfeitos, as primeiras teorias sobre o sistema do mundo deviam estar maculadas de erros grosseiros; mas, ainda que esses meios tivessem

sido tão completos quanto o são hoje, os homens não teriam sabido servir-se deles; só podiam, aliás, ser fruto do desenvolvimento da inteligência e do conhecimento sucessivo das leis da natureza. À medida que o homem avançou no conhecimento dessas leis, penetrou os mistérios da criação e retificou as ideias que fizera sobre a origem das coisas.

4 Assim como, para compreender e definir o movimento correlativo dos ponteiros de um relógio, é preciso conhecer as leis que presidem ao seu mecanismo, apreciar a natureza dos materiais e calcular o poder das forças atuantes, assim também, para compreender o mecanismo do universo, é preciso conhecer as leis que regem todas as forças postas em ação nesse vasto conjunto.

O homem foi impotente para resolver o problema da criação até o momento em que a ciência lhe deu a chave dele. Foi preciso que a astronomia lhe abrisse as portas do espaço infinito e lhe permitisse mergulhar nele o olhar; que, pelo poder do cálculo, pudesse determinar com precisão rigorosa o movimento, a posição, o volume, a natureza e o papel dos corpos celestes; que a física lhe revelasse as leis da gravitação, do calor, da luz e da eletricidade, o poder desses agentes sobre a natureza inteira e a causa dos inumeráveis fenômenos que deles decorrem; que a química lhe ensinasse as transformações da matéria, e a mineralogia as matérias que formam a crosta do globo; que a geologia lhe ensinasse a ler nas camadas terrestres a formação gradual desse mesmo globo. A botânica, a zoologia, a paleontologia, a antropologia deviam iniciá-lo na filiação e na sucessão dos seres organizados; com a arqueologia, pôde seguir os vestígios da humanidade através das idades; todas as ciências, numa palavra, completando-se umas pelas outras, deviam trazer o seu contingente indispensável para o conheci-

mento da história do mundo; na falta delas, o homem só tinha por guia as suas primeiras hipóteses.

Por isso, antes que o homem estivesse de posse desses elementos de apreciação, todos os comentadores da Gênese, cuja razão esbarrava em impossibilidades materiais, giravam num mesmo círculo sem poder sair dele; só o conseguiram quando a ciência abriu o caminho, fazendo brecha no velho edifício das crenças, e então tudo mudou de aspecto; uma vez encontrado o fio condutor, as dificuldades aplanaram-se prontamente; em vez de uma Gênese imaginária, teve-se uma Gênese positiva e de certo modo experimental; o campo do universo estendeu-se ao infinito; viu-se a Terra e os astros formarem-se gradualmente segundo leis eternas e imutáveis, que testemunham muito melhor a grandeza e a sabedoria de Deus do que uma criação miraculosa saída de repente do nada, como uma mudança de cena, por uma ideia súbita da Divindade depois de uma eternidade de inação.

Já que é impossível conceber a Gênese sem os dados fornecidos pela ciência, pode-se dizer com toda a verdade que é a ciência que é chamada a constituir a verdadeira Gênese segundo as leis da natureza.

5 No ponto a que chegou no século XIX, terá a ciência resolvido todas as dificuldades do problema da Gênese?

Não, certamente; mas é incontestável que destruiu sem retorno todos os seus erros capitais e que lançou os seus fundamentos mais essenciais sobre dados irrecusáveis; os pontos ainda incertos são, propriamente falando, apenas questões de pormenor, cuja solução, qualquer que venha a ser no futuro, não pode prejudicar o conjunto. Aliás, apesar de todos os recursos de que pôde dispor, faltou-lhe até hoje um elemento importante, sem o qual a obra nunca poderia ser completa.

6 De todas as Gêneses antigas, a que mais se aproxima dos dados científicos modernos, apesar dos erros que contém e que hoje estão demonstrados até a evidência, é incontestavelmente a de Moisés. Alguns desses erros são até mais aparentes do que reais e provêm, seja da falsa interpretação de certas palavras cuja significação primitiva se perdeu ao passar de língua em língua pela tradução, ou cuja acepção mudou com os costumes dos povos, seja da forma alegórica própria do estilo oriental, da qual se tomou a letra em vez de procurar o espírito.

7 A Bíblia contém evidentemente fatos que a razão desenvolvida pela ciência não poderia aceitar hoje, e outros que parecem estranhos e repugnam, porque se ligam a costumes que já não são os nossos. Mas, ao lado disso, seria parcialidade não reconhecer que ela encerra coisas grandes e belas. A alegoria ocupa nela um lugar considerável, e sob esse véu esconde verdades sublimes, que aparecem quando se procura o fundo do pensamento, porque então o absurdo desaparece.

Por que, então, não se levantou esse véu mais cedo? Foi, de um lado, a falta das luzes que só a ciência e uma sã filosofia podiam dar, e, de outro, o princípio da imutabilidade absoluta da fé, consequência de um respeito cego demais pela letra, diante do qual a razão devia inclinar-se, e daí o receio de comprometer o andaime de crenças edificado sobre o sentido literal. Partindo essas crenças de um ponto primitivo, temeu-se que, se o primeiro elo da cadeia viesse a romper-se, todas as malhas da rede acabassem por se separar; foi por isso que se fecharam os olhos assim mesmo; mas fechar os olhos ao perigo não é evitá-lo. Quando um edifício cede, não é mais prudente

substituir logo as pedras más por boas, em vez de esperar, por respeito à velhice do edifício, que o mal não tenha remédio e seja preciso reconstruí-lo de alto a baixo?

8 A ciência, levando as suas investigações até as entranhas da Terra e as profundezas dos céus, demonstrou, pois, de maneira irrecusável, os erros da Gênese mosaica tomada ao pé da letra, e a impossibilidade material de que as coisas se tenham passado tal como nela são textualmente relatadas; por isso mesmo, desferiu um golpe profundo em crenças seculares.

8.2 A fé ortodoxa comoveu-se com isso, porque julgou ver tirada a sua pedra de base; mas quem devia ter razão: a ciência, marchando prudente e progressivamente sobre o terreno sólido dos números e da observação, sem nada afirmar antes de ter a prova na mão, ou um relato escrito numa época em que os meios de observação faltavam absolutamente?

8.3 Quem deve prevalecer, afinal de contas: aquele que diz que 2 e 2 são 5 e se recusa a verificar, ou aquele que diz que 2 e 2 são 4 e o prova?

9 Mas então, dizem, se a Bíblia é uma revelação divina, Deus enganou-se? Se não é uma revelação divina, já não tem autoridade, e a religião desmorona por falta de base.

De duas uma: ou a ciência está errada, ou tem razão; se tem razão, não pode fazer que uma opinião contrária seja verdadeira; não há revelação que possa prevalecer sobre a autoridade dos fatos.

Incontestavelmente, Deus, que é toda verdade, não pode induzir os homens em erro, nem ciente nem inconscientemente; sem isso não seria Deus. Se, pois, os fatos contradizem as palavras que lhe são atribuídas, deve-se concluir logicamente que ele não as pronunciou, ou que foram tomadas em sentido contrário.

Se a religião sofre em algumas partes com essas contradições, a culpa não é da ciência, que não pode fazer que o que é não seja, mas dos homens, por terem fundado prematuramente dogmas absolutos, dos quais fizeram uma questão de vida ou de morte, sobre hipóteses suscetíveis de serem desmentidas pela experiência.

Há coisas a cujo sacrifício é preciso resignar-se, de bom ou de mau grado, quando não se pode fazer de outro modo. Quando o mundo marcha, não podendo a vontade de alguns detê-lo, o mais sensato é segui-lo e acomodar-se ao novo estado de coisas, em vez de agarrar-se ao passado que desmorona, com o risco de cair com ele.

10 Seria preciso, por respeito a textos considerados sagrados, impor silêncio à ciência? Teria sido coisa tão impossível quanto impedir a Terra de girar. As religiões, quaisquer que sejam, nunca ganharam nada em sustentar erros manifestos.

10.2 A missão da ciência é descobrir as leis da natureza; ora, como essas leis são obra de Deus, não podem ser contrárias às religiões fundadas na verdade. Ela cumpre a sua missão pela própria força das coisas e por uma consequência natural do desenvolvimento da inteligência humana, que também é uma obra divina e só avança com a permissão de Deus, em virtude das leis progressivas que ele estabeleceu.

10.3 Lançar o anátema ao progresso como atentatório à religião é, pois, ir contra a vontade de Deus; é, além disso, esforço inútil, porque todos os anátemas do mundo não impedirão a ciência de marchar e a verdade de vir à luz. Se a religião se recusa a marchar com a ciência, a ciência marcha sozinha.

11 Só as religiões estacionárias podem temer as descobertas da ciência; essas descobertas só são funestas às que se deixam distanciar pelas ideias progressivas, imobilizando-se no absolutismo das suas crenças; fazem em geral uma ideia tão mesquinha da Divindade que não compreendem que assimilar as leis da natureza reveladas pela ciência é glorificar a Deus nas suas obras; mas, na sua cegueira, preferem fazer delas homenagem ao Espírito do mal. Uma religião que não estivesse em nenhum ponto em contradição com as leis da natureza nada teria a temer do progresso e seria invulnerável.

12 A Gênese compreende duas partes: a história da formação do mundo material e a da humanidade considerada no seu duplo princípio, corporal e espiritual. A ciência limitou-se à busca das leis que regem a matéria; no próprio homem, só estudou o envoltório carnal. Sob esse aspecto, chegou a dar conta, com uma precisão incontestável, das principais partes do mecanismo do universo e do organismo humano. Nesse ponto capital, pôde, pois, completar a Gênese de Moisés e retificar as suas partes defeituosas.
Mas a história do homem, considerado como ser espiritual, liga-se a uma ordem especial de ideias, que não é do domínio da ciência propriamente dita e que esta, por esse motivo, não tomou por objeto das suas investigações. A filosofia, que tem mais particularmente esse gênero de estudo nas suas atribuições, só formulou sobre esse ponto sistemas contraditórios, desde a espiritualidade pura até a negação do princípio espiritual e até de Deus, sem outras bases além das ideias pessoais dos seus autores; deixou, pois, a questão indecisa, por falta de um controle suficiente.

13 Essa questão, entretanto, é para o homem a mais importante, porque é o problema do seu passado e do seu futuro; a do mundo material só o toca indiretamente. O que lhe importa antes de tudo saber é de onde vem, para

onde vai; se já viveu e se viverá ainda, e que sorte lhe está reservada.
Sobre todas essas questões a ciência é muda. A filosofia só dá opiniões que concluem em sentidos diametralmente opostos; mas pelo menos permite discutir, o que faz que muita gente se ponha do seu lado de preferência ao da religião, que não discute.

14 Todas as religiões estão de acordo com o princípio da existência da alma, sem todavia demonstrá-lo; mas não se entendem nem sobre a sua origem, nem sobre o seu passado, nem sobre o seu futuro, nem sobretudo — o que é o essencial — sobre as condições de que depende a sua sorte futura.

14.2 Fazem, na maior parte, do seu futuro um quadro imposto à crença dos seus adeptos, que só pode ser aceito pela fé cega, mas não pode suportar um exame sério. Estando o destino que dão à alma ligado, nos seus dogmas, às ideias que se faziam do mundo material e do mecanismo do universo nos tempos primitivos, é inconciliável com o estado dos conhecimentos atuais.

14.3 Não podendo, pois, senão perder com o exame e a discussão, acham mais simples proscrever um e outra.

15 Dessas divergências acerca do futuro do homem nasceram a dúvida e a incredulidade. Não podia ser de outro modo; pretendendo cada religião possuir sozinha toda a verdade, dizendo uma de um modo e outra de outro, sem dar das suas asserções provas suficientes para reunir a maioria, na indecisão o homem voltou-se para o presente. Entretanto, a incredulidade deixa um vazio penoso; o homem encara com ansiedade o desconhecido em que deve, cedo ou tarde, entrar fatalmente; a ideia do nada o gela; a sua consciência diz-lhe que além do presente há para ele alguma coisa: mas o quê? A sua razão desenvolvida já não lhe permite aceitar as histórias com

que embalaram a sua infância, tomar a alegoria pela realidade. Qual é o sentido dessa alegoria? A ciência rasgou um canto do véu, mas não lhe revelou o que mais lhe importa saber. Interroga em vão; nada lhe responde de maneira peremptória e própria a acalmar as suas apreensões; em toda parte encontra a afirmação chocando-se com a negação, sem provas mais positivas de um lado do que do outro; daí a incerteza, e a incerteza sobre as coisas da vida futura faz que o homem se lance com uma espécie de frenesi sobre as da vida material.

Tal é o efeito inevitável das épocas de transição: o edifício do passado desmorona, e o do futuro ainda não está construído. O homem é como o adolescente que já não tem a crença ingênua dos seus primeiros anos e ainda não tem os conhecimentos da idade madura; tem apenas vagas aspirações que não sabe definir.

16 Se a questão do homem espiritual permaneceu até os nossos dias no estado de teoria, é que faltaram os meios de observação diretos de que se dispôs para constatar o estado do mundo material, e o campo ficou aberto às concepções do espírito humano.

16.2 Enquanto o homem não conheceu as leis que regem a matéria e não pôde aplicar o método experimental, errou de sistema em sistema acerca do mecanismo do universo e da formação da Terra. Deu-se na ordem moral o mesmo que na ordem física: para fixar as ideias, faltou o elemento essencial, o conhecimento das leis do princípio espiritual.

16.3 Esse conhecimento estava reservado à nossa época, como o das leis da matéria foi obra dos dois últimos séculos.

17 Até agora, o estudo do princípio espiritual, compreendido na metafísica, fora puramente especulativo e teórico; no Espiritismo, é todo experimental. Com o auxílio da faculdade mediúnica, mais desenvolvida nos nossos dias e, principalmente, generalizada e mais bem estudada, o homem achou-se de posse de um novo instrumento de observação.

17.2 A mediunidade foi para o mundo espiritual o que o telescópio foi para o mundo astral e o microscópio para o mundo dos infinitamente pequenos; permitiu explorar, estudar, por assim dizer de visu, as suas relações com o mundo corporal; isolar, no homem vivo, o ser inteligente do ser material, e vê-los agir separadamente.

17.3 Uma vez em relação com os habitantes desse mundo, pôde-se seguir a alma na sua marcha ascendente, nas suas migrações, nas suas transformações; pôde-se, enfim, estudar o elemento espiritual. Eis o que faltava aos comentadores anteriores da Gênese para compreendê-la e retificar os seus erros.

18 Estando o mundo espiritual e o mundo material em contato incessante, são solidários um do outro; ambos têm a sua parte de ação na Gênese. Sem o conhecimento das leis que regem o primeiro, seria tão impossível constituir uma Gênese completa quanto o é a um escultor dar vida a uma estátua.

18.2 Só hoje, embora nem a ciência material nem a ciência espiritual tenham dito a sua última palavra, o homem possui os dois elementos próprios a lançar luz sobre esse imenso problema. Eram precisas, de toda necessidade, essas duas chaves para chegar a uma solução, ainda que aproximada.

18.3 Quanto à solução definitiva, talvez nunca seja dado ao homem encontrá-la na Terra, porque há coisas que são segredos de Deus.

Une Sacra · edição 1.8 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

V. SISTEMAS DO MUNDO ANTIGOS E MODERNOS

✦

1 A ideia primeira que os homens fizeram da Terra, do movimento dos astros e da constituição do universo deve ter sido, na origem, unicamente baseada no testemunho dos sentidos. Na ignorância das leis mais elementares da física e das forças da natureza, tendo apenas a vista limitada como meio de observação, só podiam julgar pelas aparências.
Vendo o sol aparecer de manhã de um lado do horizonte e desaparecer à tarde do lado oposto, concluiu-se naturalmente que ele girava em torno da Terra, enquanto esta permanecia imóvel. Se então se tivesse dito aos homens que é o contrário que acontece, teriam respondido que isso não podia ser, porque, teriam dito, vemos o sol mudar de lugar e não sentimos a Terra mexer-se.

2 A pouca extensão das viagens, que então raramente ultrapassavam os limites da tribo ou do vale, não podia permitir constatar a esfericidade da Terra. Como, aliás, supor que a Terra pudesse ser uma bola? Os homens só teriam podido manter-se no ponto mais elevado, e, supondo-a habitada em toda a sua superfície, como teriam podido viver no hemisfério oposto, de cabeça para baixo e pés para cima? A coisa teria parecido ainda menos possível com um movimento de rotação. Quando se veem ainda nos nossos dias, em que se conhece a lei da gravitação, pessoas relativamente esclarecidas que não se dão conta desse fenômeno, não é de admirar que os homens das primeiras idades nem sequer o tenham suspeitado.
A Terra era, pois, para eles uma superfície plana, circular como uma mó de

moinho, estendendo-se a perder de vista na direção horizontal; daí a expressão ainda usada: ir ao fim do mundo. Os seus limites, a sua espessura, o seu interior, a sua face inferior, o que havia por baixo dela, tudo isso era o desconhecido (1).

(1) «A mitologia hindu ensinava que o astro do dia se despojava à tarde da sua luz e atravessava o céu durante a noite com uma face escura. A mitologia grega representava o carro de Apolo puxado por quatro cavalos. Anaximandro de Mileto sustentava, segundo Plutarco, que o sol era um carro cheio de um fogo muito vivo, que escaparia por uma abertura circular. Epicuro teria, ao que parece, emitido a opinião de que o sol se acendia de manhã e se apagava à tarde nas águas do Oceano; outros pensam que fazia desse astro uma pedra-pomes aquecida até a incandescência. Anaxágoras considerava-o um ferro em brasa do tamanho do Peloponeso. Singular observação! Os Antigos eram tão invencivelmente levados a considerar real a grandeza aparente desse astro, que perseguiram esse filósofo temerário por ter atribuído tal volume ao facho do dia, e foi preciso toda a autoridade de Péricles para salvá-lo de uma condenação à morte e comutá-la numa sentença de exílio.» (Flammarion, Estudos e leituras sobre a astronomia, p. 6.) Quando se veem tais ideias emitidas no século V antes da era cristã, no tempo mais florescente da Grécia, não é de admirar as que faziam os homens das primeiras idades sobre o sistema do mundo.

3 O céu, aparecendo sob uma forma côncava, era, segundo a crença vulgar, uma abóbada real cujas bordas inferiores repousavam sobre a Terra e lhe marcavam os confins; vasta cúpula cuja capacidade toda o ar enchia. Sem nenhuma noção do infinito do espaço, incapazes até de concebê-lo, os homens imaginavam essa abóbada formada de uma matéria sólida; daí o

nome de firmamento, que sobreviveu à crença e que significa firme, resistente (do latim firmamentum, derivado de firmus, e do grego herma, hermatos, firme, sustentáculo, suporte, ponto de apoio).

4 As estrelas, cuja natureza não podiam suspeitar, eram simples pontos luminosos, mais ou menos grandes, presos à abóbada como lâmpadas suspensas, dispostos numa única superfície e, por conseguinte, todos à mesma distância da Terra, da mesma maneira como são representados no interior de certas cúpulas pintadas de azul para figurar o azul dos céus.
Embora hoje as ideias sejam outras, o uso das antigas expressões conservou-se; diz-se ainda, por comparação: a abóbada estrelada; sob a calota do céu.

5 A formação das nuvens pela evaporação das águas da Terra era então igualmente desconhecida; não podia vir ao pensamento que a chuva que cai do céu tivesse a sua origem na Terra, de onde não se via a água subir.

5.2 Daí a crença na existência das águas superiores e das águas inferiores, das fontes celestes e das fontes terrestres, dos reservatórios colocados nas altas regiões, suposição que concordava perfeitamente com a ideia de uma abóbada sólida capaz de sustentá-los.

5.3 As águas superiores, escapando pelas fendas da abóbada, caíam em chuva, e, conforme essas aberturas fossem mais ou menos largas, a chuva era branda ou torrencial e diluviana.

6 A ignorância completa do conjunto do universo e das leis que o regem, da natureza, da constituição e da destinação dos astros, que pareciam, aliás, tão pequenos em comparação com a Terra, deve ter feito necessariamente considerar esta como a coisa principal, o fim único da criação, e os astros como acessórios criados unicamente na intenção dos seus habitantes.

6.2 Esse preconceito perpetuou-se até os nossos dias, apesar das descobertas da ciência, que mudaram, para o homem, o aspecto do mundo. Quanta gente crê ainda que as estrelas são ornamentos do céu para recrear a vista dos habitantes da Terra!

7 Não se tardou a perceber o movimento aparente das estrelas, que se movem em massa do oriente para o ocidente, levantando-se à tarde e pondo-se de manhã, conservando as suas posições respectivas. Essa observação não teve durante muito tempo outra consequência senão confirmar a ideia de uma abóbada sólida que arrastava as estrelas no seu movimento de rotação. Essas ideias primeiras, ideias ingênuas, constituíram durante longos períodos seculares o fundo das crenças religiosas e serviram de base a todas as cosmogonias antigas.

8 Mais tarde compreendeu-se, pela direção do movimento das estrelas e pelo seu retorno periódico na mesma ordem, que a abóbada celeste não podia ser simplesmente uma semiesfera pousada sobre a Terra, mas sim uma esfera inteira, oca, em cujo centro se encontrava a Terra, sempre plana, ou quando muito convexa, e habitada somente na face superior. Era já um progresso.
Mas sobre o que estava pousada a Terra? Seria inútil relatar todas as suposições ridículas geradas pela imaginação, desde a dos indianos, que a diziam carregada por quatro elefantes brancos, e estes sobre as asas de um imenso abutre. Os mais sensatos confessavam que nada sabiam a respeito.

9 Entretanto, uma opinião geralmente difundida nas teogonias pagãs colocava nos lugares baixos, ou seja, nas profundezas da Terra, ou abaixo dela — não se sabia bem —, a morada dos réprobos, chamada infernos, isto é, lugares inferiores, e nos lugares altos, além da região das estrelas, a morada dos

bem-aventurados. A palavra inferno conservou-se até os nossos dias, embora tenha perdido a sua significação etimológica desde que a geologia desalojou o lugar dos suplícios eternos das entranhas da Terra, e que a astronomia demonstrou que não há nem alto nem baixo no espaço infinito.

10 Sob o céu puro da Caldeia, da Índia e do Egito, berço das mais antigas civilizações, pôde-se observar o movimento dos astros com tanta precisão quanto o permitia a ausência de instrumentos especiais. Viu-se primeiro que certas estrelas tinham um movimento próprio, independente da massa, o que não permitia supor que estivessem presas à abóbada; chamaram-nas estrelas errantes ou planetas, para distingui-las das estrelas fixas. Calcularam-se os seus movimentos e os seus retornos periódicos.

No movimento diurno da esfera estrelada, notou-se a imobilidade da estrela polar, em torno da qual as outras descreviam, em vinte e quatro horas, círculos oblíquos paralelos, mais ou menos grandes conforme o seu afastamento da estrela central; foi o primeiro passo para o conhecimento da obliquidade do eixo do mundo. Viagens mais longas permitiram observar a diferença de aspecto do céu conforme as latitudes e as estações; a elevação da estrela polar acima do horizonte, variando com a latitude, pôs no caminho da redondeza da Terra; foi assim que pouco a pouco se fez uma ideia mais justa do sistema do mundo.

Por volta do ano 600 antes de Jesus Cristo, Tales de Mileto (Ásia Menor) conheceu a esfericidade da Terra, a obliquidade da eclíptica e a causa dos eclipses.

Um século mais tarde, Pitágoras (de Samos) descobre o movimento diurno da Terra sobre o seu eixo, o seu movimento anual em torno do sol, e liga os planetas e os cometas ao sistema solar.

Cento e sessenta anos antes de Jesus Cristo, Hiparco de Alexandria (Egito) inventa o astrolábio, calcula e prediz os eclipses, observa as manchas do sol, determina o ano trópico e a duração das revoluções da lua.

Por mais preciosas que fossem essas descobertas para o progresso da ciência, levaram cerca de 2.000 anos para se popularizar. Não tendo então as ideias novas, para se propagar, senão raros manuscritos, ficavam como partilha de alguns filósofos que as ensinavam a discípulos privilegiados; as massas, que mal se pensava em esclarecer, de modo algum se aproveitavam delas e continuavam a alimentar-se das velhas crenças.

11 Por volta do ano 140 da era cristã, Ptolomeu, um dos homens mais ilustres da escola de Alexandria, combinando as próprias ideias com as crenças vulgares e algumas das mais recentes descobertas astronômicas, compôs um sistema que se pode chamar misto, que traz o seu nome e que, durante cerca de quinze séculos, foi o único adotado no mundo civilizado.

Segundo o sistema de Ptolomeu, a Terra é uma esfera no centro do universo; compunha-se dos quatro elementos: a terra, a água, o ar e o fogo. Era a primeira região, dita elementar. A segunda região, dita etérea, compreendia onze céus, ou esferas concêntricas girando em torno da Terra, a saber: o céu da Lua, os de Mercúrio, de Vênus, do Sol, de Marte, de Júpiter, de Saturno, das estrelas fixas, do primeiro cristalino, esfera sólida transparente; do segundo cristalino; e, enfim, do primeiro móvel, que dava o movimento a todos os céus inferiores e os fazia dar uma revolução em vinte e quatro horas. Além dos onze céus estava o Empíreo, morada dos bem-aventurados, assim chamado do grego pyr, que significa fogo, porque se julgava essa região resplandecente de luz como o fogo.

A crença em vários céus sobrepostos prevaleceu por muito tempo; mas va-

riava-se quanto ao número; o sétimo era geralmente considerado o mais elevado; daí a expressão: estar arrebatado ao sétimo céu. São Paulo disse que fora elevado ao terceiro céu.

Independentemente do movimento comum, os astros tinham, segundo Ptolomeu, movimentos próprios particulares, mais ou menos grandes conforme o seu afastamento do centro. As estrelas fixas davam uma revolução em 25.816 anos. Esta última avaliação denota o conhecimento da precessão dos equinócios, que se cumpre, com efeito, em cerca de 25.000 anos.

12 No começo do século XVI, Copérnico, célebre astrônomo, nascido em Thorn (Prússia) em 1472 e falecido em 1543, retomou as ideias de Pitágoras; publicou um sistema que, confirmado cada dia por novas observações, foi favoravelmente acolhido e não tardou a derrubar o de Ptolomeu. Segundo esse sistema, o sol está no centro, os planetas descrevem órbitas circulares em torno desse astro; a Lua é um satélite da Terra.

Um século mais tarde, em 1609, Galileu, nascido em Florença, inventa o telescópio; em 1610, descobre os quatro satélites de Júpiter e calcula as suas revoluções; reconhece que os planetas não têm luz própria como as estrelas, mas são iluminados pelo sol; que são esferas semelhantes à Terra; observa as suas fases e determina a duração da sua rotação sobre o eixo; dá assim, por provas materiais, uma sanção definitiva ao sistema de Copérnico.

Desde então desmoronou o andaime dos céus sobrepostos; os planetas foram reconhecidos como mundos semelhantes à Terra, e, como ela, sem dúvida habitados; o sol, como uma estrela, centro de um turbilhão de planetas que lhe estão sujeitos; as estrelas, como inumeráveis sóis, centros prováveis de outros tantos sistemas planetários.

As estrelas já não estão confinadas numa zona da esfera celeste, mas irregu-

larmente disseminadas no espaço sem limites; as que parecem tocar-se estão a distâncias incomensuráveis umas das outras; as menores, na aparência, são as mais afastadas de nós; as maiores, as que estão mais perto, ainda se encontram a centenas de bilhões de léguas.

Os grupos a que se deu o nome de constelações são apenas agrupamentos aparentes causados pelo afastamento, efeitos de perspectiva, como os que formam, à vista de quem está colocado num ponto fixo, luzes dispersas numa vasta planície, ou as árvores de uma floresta; mas esses agrupamentos não existem na realidade; se se pudesse transportar-se à região de uma dessas constelações, à medida que se aproximasse, a forma desapareceria e novos grupos se desenhariam à vista.

Desde que esses grupos só existem em aparência, a significação que uma crença vulgar supersticiosa lhes atribui é ilusória, e a sua influência só poderia existir na imaginação.

Para distinguir as constelações, deram-se-lhes nomes, tais como: Leão, Touro, Gêmeos, Virgem, Balança, Capricórnio, Câncer, Órion, Hércules, Ursa Maior ou Carro de Davi, Ursa Menor, Lira etc., e representaram-nas por figuras que lembram esses nomes, na maior parte de fantasia, mas que, em todo caso, não têm nenhuma relação com a forma aparente do grupo de estrelas. Seria, pois, em vão que se procurariam essas figuras no céu.

A crença na influência das constelações, sobretudo das que constituem os doze signos do zodíaco, vem da ideia ligada aos nomes que têm; se a que é chamada leão tivesse sido chamada burro ou ovelha, ter-se-lhe-ia certamente atribuído uma influência inteiramente diversa.

13 A partir de Copérnico e de Galileu, as velhas cosmogonias ficaram para sempre destruídas; a astronomia só podia avançar, e não recuar. A história conta as lutas que esses homens de gênio tiveram de sustentar contra os preconceitos, e sobretudo contra o espírito de seita, interessado na manutenção dos erros sobre os quais se tinham fundado crenças que se imaginavam assentadas numa base inabalável. Bastou a invenção de um instrumento de óptica para derrubar um andaime de vários milhares de anos. Mas nada poderia prevalecer contra uma verdade reconhecida como tal. Graças à imprensa, o público, iniciado nas ideias novas, começava a não se embalar mais em ilusões e tomava parte na luta; já não era contra alguns indivíduos que era preciso combater, mas contra a opinião geral, que tomava o partido da verdade.

Como o universo é grande ao lado das mesquinhas proporções que lhe atribuíam os nossos pais! Como a obra de Deus é sublime quando a vemos cumprir-se segundo as eternas leis da natureza! Mas também quanto tempo, quantos esforços de gênio, quantas dedicações foram precisos para abrir os olhos e arrancar enfim a venda da ignorância!

14 O caminho estava desde então aberto, e nele iam entrar ilustres e numerosos sábios para completar a obra esboçada. Kepler, na Alemanha, descobre as célebres leis que trazem o seu nome e com o auxílio das quais reconhece que os planetas descrevem não órbitas circulares, mas elipses, das quais o sol ocupa um dos focos; Newton, na Inglaterra, descobre a lei da gravitação universal; Laplace, na França, cria a mecânica celeste; a astrono-

mia, enfim, já não é um sistema fundado em conjecturas ou probabilidades, mas uma ciência estabelecida sobre as bases mais rigorosas do cálculo e da geometria. Assim fica lançada uma das pedras fundamentais da Gênese.

Une Sacra · edição 1.8 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

VI. URANOGRAFIA GERAL

✦

1 Várias definições do espaço foram dadas; a principal é esta: o espaço é a extensão que separa dois corpos. De onde certos sofistas deduziram que, onde não havia corpos, não havia espaço; é nisso que doutores em teologia se basearam para estabelecer que o espaço era necessariamente finito, alegando que corpos limitados, em certo número, não poderiam formar uma série infinita, e que onde os corpos paravam, o espaço parava também. Definiu-se ainda o espaço: o lugar onde se movem os mundos, o vazio onde age a matéria etc. Deixemos nos tratados em que repousam todas essas definições que nada definem.

O espaço é uma dessas palavras que representam uma ideia primitiva e axiomática, evidente por si mesma, e que as diversas definições que se lhe podem dar só servem para obscurecer. Todos sabemos o que é o espaço, e quero apenas estabelecer a sua infinidade, a fim de que os nossos estudos ulteriores não tenham nenhuma barreira que se oponha às investigações da nossa vista.

Ora, digo que o espaço é infinito pela razão de que é impossível supor-lhe qualquer limite, e de que, apesar da dificuldade que temos de conceber o infinito, nos é, contudo, mais fácil ir eternamente pelo espaço, em pensamento, do que parar num lugar qualquer além do qual não encontraríamos mais extensão a percorrer.

Para imaginarmos, tanto quanto o permitem as nossas faculdades limitadas, a infinidade do espaço, suponhamos que, partindo da Terra, perdida no meio do infinito, rumo a um ponto qualquer do universo, e isso com a

velocidade prodigiosa da centelha elétrica, que transpõe milhares de léguas a cada segundo, mal deixamos este globo e, tendo percorrido milhões de léguas, achamo-nos num lugar de onde a Terra só nos aparece sob o aspecto de uma pálida estrela. Um instante depois, seguindo sempre a mesma direção, chegamos às estrelas longínquas que mal distinguis do vosso posto terrestre; e dali não só a Terra está inteiramente perdida para os nossos olhares nas profundezas do céu, mas até o vosso sol, no seu esplendor, é eclipsado pela extensão que nos separa dele. Animados sempre da mesma velocidade do relâmpago, transpomos sistemas de mundos a cada passo que avançamos na extensão, ilhas de luz etérea, vias estelíferas, paragens suntuosas onde Deus semeou os mundos com a mesma profusão com que semeou as plantas nos prados terrestres.

Ora, há apenas alguns minutos que caminhamos, e já centenas de milhões e milhões de léguas nos separam da Terra, bilhões de mundos passaram sob os nossos olhares, e, no entanto, escutai! Não avançamos na realidade um único passo no universo.

Se continuarmos durante anos, séculos, milhares de séculos, milhões de períodos cem vezes seculares, e incessantemente com a mesma velocidade do relâmpago, não teremos avançado mais! E isso para qualquer lado que formos e para qualquer ponto que nos dirijamos, a partir desse grão invisível que deixamos e que se chama Terra.

(1) Este capítulo é extraído textualmente de uma série de comunicações ditadas à Sociedade Espírita de Paris, em 1862 e 1863, sob o título de Estudos uranográficos, e assinadas Galileu.

2 Eis o que é o espaço!

O tempo, como o espaço, é uma palavra definida por si mesma; faz-se dele uma ideia mais justa estabelecendo a sua relação com o todo infinito.

O tempo é a sucessão das coisas; está ligado à eternidade da mesma maneira que essas coisas estão ligadas ao infinito. Suponhamo-nos na origem do nosso mundo, naquela época primitiva em que a Terra ainda não se balançava sob o impulso divino; numa palavra, no começo da Gênese. Ali o tempo ainda não saiu do misterioso berço da natureza, e ninguém pode dizer em que época dos séculos estamos, pois o pêndulo dos séculos ainda não está em movimento.

Mas silêncio! A primeira hora de uma terra isolada soa no timbre eterno, o planeta move-se no espaço, e desde então há tarde e manhã. Além da Terra, a eternidade permanece impassível e imóvel, embora o tempo marche para muitos outros mundos. Na Terra, o tempo a substitui, e durante uma série determinada de gerações contar-se-ão os anos e os séculos.

Transportemo-nos agora ao último dia deste mundo, à hora em que, curvada sob o peso da velhice, a Terra se apagará do livro da vida para nele não mais reaparecer: aqui a sucessão dos acontecimentos para; os movimentos terrestres que mediam o tempo interrompem-se, e o tempo acaba com eles.

Essa simples exposição das coisas naturais que dão nascimento ao tempo, o alimentam e o deixam extinguir-se, basta para mostrar que, visto do ponto em que nos devemos colocar para os nossos estudos, o tempo é uma gota de água que cai da nuvem no mar, e cuja queda é medida.

Tantos mundos na vasta extensão, tantos tempos diversos e incompatíveis. Fora dos mundos, só a eternidade substitui essas sucessões efêmeras e enche placidamente com a sua luz imóvel a imensidão dos céus. Imensidão sem limites e eternidade sem fim: tais são as duas grandes propriedades da

natureza universal.

O olho do observador que atravessa, sem jamais encontrar parada, as distâncias incomensuráveis do espaço, e o do geólogo que remonta para além dos limites das idades, ou que desce às profundezas da eternidade escancarada onde elas um dia se perderão, agem de acordo, cada um no seu caminho, para adquirir essa dupla noção do infinito: extensão e duração.

Ora, conservando essa ordem de ideias, ser-nos-á fácil conceber que, não sendo o tempo senão a relação das coisas transitórias e dependendo unicamente das coisas que se medem, se, tomando os séculos terrestres por unidades, os amontoarmos aos milhares sobre milhares para formar um número colossal, esse número nunca representará mais do que um ponto na eternidade; assim como os milhares de léguas juntados aos milhares de léguas são apenas um ponto na extensão.

Assim, por exemplo, estando os séculos fora da vida etérea da alma, poderíamos escrever um número tão longo quanto o equador terrestre e supor-nos envelhecidos desse número de séculos, sem que na realidade a nossa alma contasse um dia a mais; e, acrescentando a esse número indefinível de séculos uma série, longa como daqui ao sol, de números semelhantes ou ainda maiores, e imaginando-nos viver durante a sucessão prodigiosa de períodos seculares representada pela soma de tais números, quando chegássemos ao termo, o amontoado incompreensível de séculos que pesaria sobre as nossas cabeças seria como se não existisse: restaria sempre diante de nós a eternidade inteira.

O tempo é apenas uma medida relativa da sucessão das coisas transitórias; a eternidade não é suscetível de nenhuma medida do ponto de vista da dura-

ção; para ela não há nem começo nem fim; tudo lhe é presente.
Se séculos de séculos são menos que um segundo em relação à eternidade, que é a duração da vida humana?

3 À primeira vista, nada parece tão profundamente variado, tão essencialmente distinto quanto as diversas substâncias que compõem o mundo. Entre os objetos que a arte ou a natureza faz passar diariamente sob os nossos olhares, haverá dois que acusem uma identidade perfeita, ou sequer uma paridade de composição? Que dessemelhança, do ponto de vista da solidez, da compressibilidade, do peso e das propriedades múltiplas dos corpos, entre os gases atmosféricos e um fio de ouro; entre a molécula aquosa da nuvem e a do mineral que forma a armação óssea do globo! Que diversidade entre o tecido químico das plantas variadas que decoram o reino vegetal e o dos representantes não menos numerosos da animalidade na Terra!
Entretanto, podemos estabelecer como princípio absoluto que todas as substâncias conhecidas e desconhecidas, por mais dessemelhantes que pareçam, seja do ponto de vista da sua constituição íntima, seja sob o aspecto da sua ação recíproca, não são de fato senão modos diversos sob os quais a matéria se apresenta, variedades em que ela se transformou sob a direção das forças sem número que a governam.

4 A química, cujos progressos foram tão rápidos desde a minha época, em que os seus próprios adeptos ainda a relegavam ao domínio secreto da magia, essa nova ciência que se pode com justo título considerar filha do século observador, e baseada unicamente, muito mais solidamente que as suas irmãs mais velhas, no método experimental; a química, digo, fez pouco caso dos quatro elementos primitivos que os Antigos tinham concordado em reconhecer na natureza; mostrou que o elemento terrestre não

é senão a combinação de substâncias diversas, variadas ao infinito; que o ar e a água são igualmente decomponíveis, que são produto de certo número de equivalentes de gases; que o fogo, longe de ser também ele um elemento principal, não é senão um estado da matéria, resultante do movimento universal a que ela está submetida e de uma combustão sensível ou latente.

Em compensação, encontrou um número considerável de princípios até então desconhecidos, que lhe pareceram formar, pelas suas combinações determinadas, as diversas substâncias, os diversos corpos que estudou, e que agem simultaneamente segundo certas leis e em certas proporções, nos trabalhos realizados no grande laboratório da natureza. A esses princípios ela chamou corpos simples, indicando com isso que os considera primitivos e indecomponíveis, e que nenhuma operação, até hoje, poderia reduzi-los a partes relativamente mais simples que eles mesmos.

5 Mas onde param as apreciações do homem, ainda que ajudado pelos seus sentidos artificiais mais sensíveis, a obra da natureza continua; onde o vulgo toma a aparência pela realidade, onde o prático levanta o véu e distingue o começo das coisas, o olho daquele que pôde apreender o modo de ação da natureza não vê, sob os materiais constitutivos do mundo, senão a matéria cósmica primitiva, simples e una, diversificada em certas regiões na época do seu nascimento, repartida em corpos solidários durante a sua vida, e desmembrados um dia, no receptáculo da extensão, pela sua decomposição.

6 Há questões que nós mesmos, Espíritos amantes da ciência, não poderíamos aprofundar, e sobre as quais só poderíamos emitir opiniões pessoais mais ou menos conjecturais; sobre essas questões, calar-me-ei ou justificarei a minha maneira de ver; mas esta não é desse número. Àqueles, pois, que

fossem tentados a ver nas minhas palavras apenas uma teoria arriscada, direi: abarcai, se possível, num olhar investigador, a multiplicidade das operações da natureza, e reconhecereis que, se não se admite a unidade da matéria, é impossível explicar, não direi somente os sóis e as esferas, mas, sem ir tão longe, a germinação de uma semente debaixo da terra ou a produção de um inseto.

7 Se se observa tal diversidade na matéria, é porque, sendo ilimitado o número das forças que presidiram às suas transformações e das condições em que elas se produziram, as combinações variadas da matéria só podiam ser também ilimitadas.
Portanto, quer a substância que se considera pertença aos fluidos propriamente ditos, isto é, aos corpos imponderáveis, quer esteja revestida dos caracteres e das propriedades ordinárias da matéria, não há em todo o universo senão uma única substância primitiva: o cosmo, ou matéria cósmica dos uranógrafos.

8 Se um desses seres desconhecidos que consomem a sua existência efêmera no fundo das regiões tenebrosas do Oceano; se um desses poligástricos, dessas nereidas — miseráveis animálculos que só conhecem da natureza os peixes ictiófagos e as florestas submarinas — recebesse de repente o dom da inteligência, a faculdade de estudar o seu mundo e de estabelecer sobre as suas apreciações um raciocínio conjectural estendido à universalidade das coisas, que ideia faria da natureza viva que se desenvolve no seu meio, e do mundo terrestre, que não pertence ao campo das suas observações?
Se agora, por um efeito maravilhoso do seu novo poder, esse mesmo ser chegasse a elevar-se acima das suas trevas eternas, à superfície do mar, não longe das margens opulentas de uma ilha de vegetação esplêndida, ao sol

fecundo, dispensador de um calor benfazejo, que juízo faria então das suas teorias antecipadas da criação universal, teoria que logo apagaria por uma apreciação mais ampla, mas relativamente ainda tão incompleta quanto a primeira? Tal é, ó homens, a imagem da vossa ciência toda especulativa.

9 Quando, pois, venho tratar aqui da questão das leis e das forças que regem o universo, eu, que não sou, como vós, senão um ser relativamente ignorante diante da ciência real, apesar da aparente superioridade que me dá sobre os meus irmãos da Terra a possibilidade, que me pertence, de estudar questões naturais que lhes são vedadas na sua posição, o meu fim é somente expor-vos a noção geral das leis universais, sem explicar em pormenor o modo de ação e a natureza das forças especiais que delas dependem.

10 Há um fluido etéreo que enche o espaço e penetra os corpos; esse fluido é o éter, ou matéria cósmica primitiva, geradora do mundo e dos seres. Ao éter são inerentes as forças que presidiram às metamorfoses da matéria, as leis imutáveis e necessárias que regem o mundo. Essas forças múltiplas, indefinidamente variadas segundo as combinações da matéria, localizadas segundo as massas, diversificadas nos seus modos de ação segundo as circunstâncias e os meios, são conhecidas na Terra pelos nomes de peso, coesão, afinidade, atração, magnetismo, eletricidade ativa; os movimentos vibratórios do agente, pelos de som, calor, luz etc. Em outros mundos, apresentam-se sob outros aspectos, oferecem outros caracteres desconhecidos neste, e, na imensa extensão dos céus, um número indefinido de forças desenvolveu-se numa escala inimaginável, cuja grandeza somos tão pouco capazes de avaliar quanto o crustáceo no fundo do Oceano o é de abarcar a universalidade dos fenômenos terrestres (1).

Ora, assim como só há uma única substância simples, primitiva, geradora

de todos os corpos, mas diversificada nas suas combinações, assim também todas essas forças dependem de uma lei universal diversificada nos seus efeitos, que se encontra na sua origem e que, nos decretos eternos, foi soberanamente imposta à criação para constituir a sua harmonia e a sua estabilidade permanentes.

(1) Referimos tudo ao que conhecemos, e não compreendemos o que escapa à percepção dos nossos sentidos mais do que o cego de nascença compreende os efeitos da luz e a utilidade dos olhos. Pode ser, pois, que em outros meios o fluido cósmico tenha propriedades, combinações de que não temos nenhuma ideia, efeitos apropriados a necessidades que nos são desconhecidas, dando lugar a percepções novas ou a outros modos de percepção. Não compreendemos, por exemplo, que se possa ver sem os olhos do corpo e sem a luz; mas quem nos diz que não existem outros agentes além da luz, aos quais estejam afetos organismos especiais? A vista sonambúlica, que não é detida nem pela distância, nem pelos obstáculos materiais, nem pela obscuridade, oferece-nos um exemplo disso. Suponhamos que, num mundo qualquer, os seres sejam normalmente o que os nossos sonâmbulos só são excepcionalmente: não precisarão nem da nossa luz nem dos nossos olhos, e, no entanto, verão o que não podemos ver. O mesmo se dá com todas as outras sensações. As condições de vitalidade e de perceptibilidade, as sensações e as necessidades variam segundo os meios.

11 A natureza nunca é oposta a si mesma. O brasão do universo tem uma só divisa: UNIDADE. Subindo a escala dos mundos, encontra-se a unidade de harmonia e de criação, ao mesmo tempo que uma variedade infinita nesse imenso canteiro de estrelas; percorrendo os graus da vida, desde o último dos seres até Deus, a grande lei de continuidade dá-se a reconhecer;

considerando as forças em si mesmas, pode-se formar com elas uma série cuja resultante, confundindo-se com a geradora, é a lei universal.
Não poderíeis apreciar essa lei em toda a sua extensão, já que as forças que a representam no campo das vossas observações são restritas e limitadas; entretanto, a gravitação e a eletricidade podem ser consideradas uma larga aplicação da lei primordial que reina para além dos céus.
Todas essas forças são eternas — explicaremos essa palavra — e universais como a criação; sendo inerentes ao fluido cósmico, agem necessariamente em tudo e por toda parte, modificando a sua ação pela sua simultaneidade ou pela sua sucessão; predominando aqui, apagando-se mais adiante; poderosas e ativas em certos pontos, latentes ou secretas em outros; mas, finalmente, preparando, dirigindo, conservando e destruindo os mundos nos seus diversos períodos de vida, governando os trabalhos maravilhosos da natureza em qualquer ponto em que se executem, assegurando para sempre o eterno esplendor da criação.

12 Depois de ter considerado o universo sob os pontos de vista gerais da sua composição, das suas leis e das suas propriedades, podemos levar os nossos estudos ao modo de formação que deu origem aos mundos e aos seres; desceremos em seguida à criação da Terra em particular e ao seu estado atual na universalidade das coisas, e dali, tomando este globo por ponto de partida e por unidade relativa, procederemos aos nossos estudos planetários e siderais.

13 Se compreendemos bem a relação, ou antes a oposição, da eternidade com o tempo, se nos familiarizamos com a ideia de que o tempo é apenas uma medida relativa da sucessão das coisas transitórias, ao passo que a eternidade é essencialmente una, imóvel e permanente, e não é suscetível de

nenhuma medida do ponto de vista da duração, compreendemos que para ela não há nem começo nem fim.

Por outro lado, se fazemos uma ideia justa — embora necessariamente bem fraca — da infinidade do poder divino, compreenderemos como é possível que o universo sempre tenha existido e exista sempre. Desde o momento em que Deus existiu, as suas perfeições eternas falaram. Antes que os tempos tivessem nascido, a eternidade incomensurável recebeu a palavra divina e fecundou o espaço, eterno como ela.

14 Sendo Deus, pela sua natureza, desde toda a eternidade, criou desde toda a eternidade, e isso não podia ser de outro modo; porque, a qualquer época longínqua que recuemos em imaginação os limites supostos da criação, restará sempre além desse limite uma eternidade — pesai bem este pensamento —, uma eternidade durante a qual as divinas hipóstases, as volições infinitas, teriam estado sepultadas numa letargia muda, inativa e infecunda; uma eternidade de morte aparente para o Pai eterno, que dá a vida aos seres; de mutismo indiferente para o Verbo, que os governa; de esterilidade fria e egoísta para o Espírito de amor e de vivificação.

Compreendamos melhor a grandeza da ação divina e a sua perpetuidade sob a mão do Ser absoluto! Deus é o sol dos seres; é a luz do mundo. Ora, o aparecimento do sol dá instantaneamente nascimento a ondas de luz que vão espalhando-se por todas as partes na extensão; assim também o universo, nascido do Eterno, remonta aos períodos inimagináveis do infinito da duração, ao Fiat lux do começo.

15 O começo absoluto das coisas remonta, pois, a Deus; os seus aparecimentos sucessivos no domínio da existência constituem a ordem da criação perpétua.

Que imortal saberia dizer as magnificências desconhecidas e soberbamente veladas sob a noite das idades que se desenvolveram naqueles tempos antigos em que nenhuma das maravilhas do universo atual existia; naquela época primitiva em que, tendo-se feito ouvir a voz do Senhor, os materiais que deviam, no futuro, reunir-se simetricamente e por si mesmos para formar o templo da natureza se encontraram de súbito no seio dos vazios infinitos; quando, a essa voz misteriosa que cada criatura venera e ama como a de uma mãe, notas harmoniosamente variadas se produziram para irem vibrar juntas e modular o concerto dos vastos céus!

O mundo, no seu berço, não foi estabelecido na sua virilidade e na sua plenitude de vida; não: o poder criador nunca se contradiz, e, como todas as coisas, o universo nasceu criança. Revestida das leis mencionadas acima e do impulso inicial inerente à sua própria formação, a matéria cósmica primitiva deu sucessivamente nascimento a turbilhões, a aglomerações desse fluido difuso, a montões de matéria nebulosa que se dividiram eles mesmos e se modificaram ao infinito para gerar, nas regiões incomensuráveis da extensão, diversos centros de criações simultâneas ou sucessivas.

Em razão das forças que predominaram num ou noutro, e das circunstâncias ulteriores que presidiram aos seus desenvolvimentos, esses centros primitivos tornaram-se os focos de uma vida especial; uns, menos disseminados no espaço e mais ricos em princípios e em forças atuantes, começaram desde então a sua vida astral particular; os outros, ocupando uma extensão ilimitada, só cresceram com extrema lentidão, ou dividiram-se de novo em outros centros secundários.

16 Reportando-nos a apenas alguns milhões de séculos antes da época atual, a nossa Terra ainda não existe, o nosso próprio sistema solar ainda não começou as evoluções da vida planetária; e, no entanto, já esplêndidos sóis iluminam o éter; já planetas habitados dão a vida e a existência a uma multidão de seres que nos precederam na carreira humana; as produções opulentas de uma natureza desconhecida e os fenômenos maravilhosos do céu desenvolvem, sob outros olhares, os quadros da imensa criação. Que digo! Já não existem esplendores que outrora fizeram palpitar o coração de outros mortais ao pensamento do poder infinito! E nós, pobres pequenos seres que vimos depois de uma eternidade de vida, julgamo-nos contemporâneos da criação!

Mais uma vez, compreendamos melhor a natureza. Saibamos que a eternidade está atrás de nós como à nossa frente, que o espaço é o teatro de uma sucessão e de uma simultaneidade inimagináveis de criações. Tais nebulosas, que mal distinguimos nas lonjuras do céu, são aglomerações de sóis em via de formação; tais outras são vias lácteas de mundos habitados; outras, enfim, são sede de catástrofes ou de definhamento. Saibamos que, assim como estamos colocados no meio de uma infinidade de mundos, estamos também no meio de uma dupla infinidade de durações anteriores e ulteriores; que a criação universal não é para nós, e que devemos reservar essa palavra para a formação isolada do nosso pequeno glóbulo.

17 Depois de termos remontado, tanto quanto o permite a nossa fraqueza, à fonte oculta de onde decorrem os mundos, como as gotas de água de um rio, consideremos a marcha das criações sucessivas e dos seus desenvolvimentos seriais.

A matéria cósmica primitiva encerrava os elementos materiais, fluídicos e

vitais de todos os universos que desenrolam as suas magnificências diante da eternidade; é a mãe fecunda de todas as coisas, a primeira avó e, mais ainda, a geradora eterna. Não desapareceu essa substância de onde provêm as esferas siderais; não está morta essa potência, pois ainda dá incessantemente nascimento a novas criações e recebe incessantemente os princípios reconstituídos dos mundos que se apagam do livro eterno.

A matéria etérea, mais ou menos rarefeita, que desce entre os espaços interplanetários; esse fluido cósmico que enche o mundo, mais ou menos rarefeito nas regiões imensas ricas em aglomerações de estrelas, mais ou menos condensado onde o céu astral ainda não brilha, mais ou menos modificado por diversas combinações segundo as localidades da extensão, não é outra coisa senão a substância primitiva em que residem as forças universais, de onde a natureza tirou todas as coisas.

18 Esse fluido penetra os corpos como um imenso oceano. É nele que reside o princípio vital que dá nascimento à vida dos seres e a perpetua em cada globo segundo a sua condição, princípio em estado latente que dormita onde a voz de um ser não o chama. Cada criatura mineral, vegetal, animal ou outra — porque há muitos outros reinos naturais de cuja existência nem sequer suspeitais — sabe, em virtude desse princípio vital universal, apropriar-se das condições da sua existência e da sua duração.

As moléculas do mineral têm a sua soma dessa vida, tanto quanto a semente e o embrião, e agrupam-se, como no organismo, em figuras simétricas que constituem os indivíduos.

Importa muito penetrar-se desta noção: a matéria cósmica primitiva estava revestida não só das leis que asseguram a estabilidade dos mundos, mas também do princípio vital universal, que forma gerações espontâneas em

cada mundo, à medida que se manifestam as condições da existência sucessiva dos seres, e quando soa a hora do aparecimento dos filhos da vida durante o período criador.

Assim se efetua a criação universal. É, pois, verdadeiro dizer que, sendo as operações da natureza a expressão da vontade divina, Deus sempre criou, cria sem cessar e criará sempre.

19 Mas até aqui passamos em silêncio o mundo espiritual, que também faz parte da criação e cumpre os seus destinos segundo as augustas prescrições do Senhor.

Só posso dar um ensino bem restrito sobre o assunto do modo de criação dos Espíritos, em razão da minha própria ignorância, e devo calar-me ainda sobre questões que me foi permitido aprofundar.

Àqueles que estão religiosamente desejosos de conhecer e que são humildes diante de Deus, direi, suplicando-lhes que não baseiem nenhum sistema prematuro nas minhas palavras: o Espírito não chega a receber a iluminação divina que lhe dá, ao mesmo tempo que o livre-arbítrio e a consciência, a noção dos seus altos destinos, sem ter passado pela série divinamente fatal dos seres inferiores, entre os quais se elabora lentamente a obra da sua individualidade; só a partir do dia em que o Senhor imprime na sua fronte o seu augusto tipo é que o Espírito toma lugar entre as humanidades.

Mais uma vez, não construais sobre as minhas palavras os vossos raciocínios, tão tristemente célebres na história da metafísica: preferiria mil vezes calar-me sobre questões tão elevadas acima das nossas meditações ordinárias a expor-vos a desnaturar o sentido do meu ensino e a mergulhar-vos, por culpa minha, nos dédalos inextricáveis do deísmo ou do fatalismo.

20 Ora, aconteceu que, num ponto do universo, perdido entre as miríades de mundos, a matéria cósmica se condensou sob a forma de uma imensa nebulosa. Essa nebulosa estava animada das leis universais que regem a matéria; em virtude dessas leis, e notadamente da força molecular de atração, revestiu a figura de um esferoide, a única que pode revestir primitivamente uma massa de matéria isolada no espaço.

O movimento circular, produzido pela gravitação rigorosamente igual de todas as zonas moleculares para o centro, modificou logo a esfera primitiva para conduzi-la, de movimento em movimento, à forma lenticular. — Falamos do conjunto da nebulosa.

21 Novas forças surgiram em consequência desse movimento de rotação: a força centrípeta e a força centrífuga, a primeira tendendo a reunir todas as partes no centro, a segunda tendendo a afastá-las dele. Ora, acelerando-se o movimento à medida que a nebulosa se condensa, e aumentando o seu raio à medida que ela se aproxima da forma lenticular, a força centrífuga, incessantemente desenvolvida por essas duas causas, logo predominou sobre a atração central.

Assim como um movimento rápido demais da funda lhe rompe a corda e deixa escapar ao longe o projétil, assim a predominância da força centrífuga destacou o círculo equatorial da nebulosa, e desse anel formou uma nova massa isolada da primeira, mas não obstante submetida ao seu império. Essa massa conservou o seu movimento equatorial, que, modificado, se tornou o seu movimento de translação em torno do astro solar. Além disso, o seu novo estado dá-lhe um movimento de rotação em torno do próprio centro.

22 A nebulosa geradora que deu nascimento a esse novo mundo condensou-se e retomou a forma esférica; mas, como o calor primitivo, desenvolvido pelos seus diversos movimentos, só se enfraquece com extrema lentidão, o fenômeno que acabamos de descrever reproduzir-se-á muitas vezes e durante um longo período, enquanto essa nebulosa não se tiver tornado bastante densa, bastante sólida, para opor uma resistência eficaz às modificações de forma que lhe imprime sucessivamente o seu movimento de rotação.

Não terá dado, pois, nascimento a um só astro, mas a centenas de mundos destacados do foco central, saídos dela pelo modo de formação mencionado acima. Ora, cada um desses mundos, revestido, como o mundo primitivo, das forças naturais que presidem à criação dos universos, gerará em seguida novos globos, que gravitarão desde então em torno dele, como ele gravita juntamente com os seus irmãos em torno do foco da sua existência e da sua vida. Cada um desses mundos será um sol, centro de um turbilhão de planetas sucessivamente escapados do seu equador. Esses planetas receberão uma vida especial, particular, embora dependente do seu astro gerador.

23 Os planetas são assim formados de massas de matéria condensada, mas ainda não solidificada, destacadas da massa central pela ação da força centrífuga e tomando, em virtude das leis do movimento, a forma esferoidal mais ou menos elíptica, conforme o grau de fluidez que conservaram. Um desses planetas será a Terra, que, antes de se ter resfriado e revestido de uma crosta sólida, dará nascimento à Lua pelo mesmo modo de formação astral a que deve a própria existência; a Terra, desde então inscrita no livro

da vida, berço de criaturas cuja fraqueza é protegida sob a asa da divina Providência, corda nova na harpa infinita que deve vibrar no seu lugar no concerto universal dos mundos.

24 Antes que as massas planetárias tivessem atingido um grau de resfriamento suficiente para operar a sua solidificação, massas menores, verdadeiros glóbulos líquidos, destacaram-se de algumas delas no plano equatorial, plano em que a força centrífuga é maior, e, em virtude das mesmas leis, adquiriram um movimento de translação em torno do seu planeta gerador, como o tinham feito estes em torno do seu astro central gerador.
Foi assim que a Terra deu nascimento à Lua, cuja massa, menos considerável, deve ter sofrido um resfriamento mais pronto. Ora, as leis e as forças que presidiram ao seu desprendimento do equador terrestre e ao seu movimento de translação nesse mesmo plano agiram de tal sorte que esse mundo, em vez de revestir a forma esferoidal, tomou a de um globo ovoide, isto é, com a forma alongada de um ovo, cujo centro de gravidade estaria fixado na parte inferior.

25 As condições em que se efetuou a desagregação da Lua mal lhe permitiram afastar-se da Terra e obrigaram-na a permanecer perpetuamente suspensa no seu céu, como uma figura ovoide cujas partes mais pesadas formaram a face inferior voltada para a Terra, e cujas partes menos densas ocuparam o alto, se se designa por essa palavra o lado voltado em sentido oposto à Terra e que se eleva para o céu. É o que faz que esse astro nos apresente continuamente a mesma face. Pode ser comparado, para melhor fazer compreender o seu estado geológico, a um globo de cortiça cuja base, voltada para a Terra, fosse formada de chumbo.
Daí duas naturezas essencialmente distintas na superfície do mundo lu-

nar: uma, sem nenhuma analogia possível com o nosso, porque os corpos fluidos e etéreos lhe são desconhecidos; a outra, leve em relação à Terra, pois todas as substâncias menos densas se dirigiram para esse hemisfério. A primeira, perpetuamente voltada para a Terra, sem águas e sem atmosfera, a não ser às vezes nos limites desse hemisfério subterrestre; a outra, rica em fluidos, perpetuamente oposta ao nosso mundo (1).

(1) Esta teoria da Lua, inteiramente nova, explica pela lei da gravitação a razão pela qual esse astro apresenta sempre a mesma face à Terra. Encontrando-se o seu centro de gravidade, em vez de estar no centro da esfera, num dos pontos da sua superfície e, por conseguinte, sendo atraído para a Terra por uma força maior que as partes mais leves, a Lua produziria o efeito das figuras chamadas joões-teimosos, que se endireitam constantemente sobre a base, ao passo que os planetas, cujo centro de gravidade está a igual distância da superfície, giram regularmente sobre o seu eixo. Os fluidos vivificantes, gasosos ou líquidos, em consequência da sua leveza específica, achar-se-iam acumulados no hemisfério superior, constantemente oposto à Terra; o hemisfério inferior, o único que vemos, seria desprovido deles e, por conseguinte, impróprio à vida, ao passo que ela reinaria no outro. Se, pois, o hemisfério superior é habitado, os seus habitantes nunca viram a Terra, a menos que façam excursões ao outro hemisfério.

Por mais racional e científica que seja essa opinião, como ainda não pôde ser confirmada por nenhuma observação direta, só pode ser aceita a título de hipótese e como uma ideia que pode servir de marco à ciência.

26 O número e o estado dos satélites de cada planeta variaram segundo as condições especiais em que se formaram. Alguns não deram nascimento a nenhum astro secundário, tais como Mercúrio, Vênus e Marte, ao passo

que outros formaram um ou vários, como a Terra, Júpiter, Saturno etc.

27 Além dos seus satélites ou luas, o planeta Saturno apresenta o fenômeno especial do anel que, visto de longe, parece rodeá-lo como uma branca auréola. Essa formação é para nós uma nova prova da universalidade das leis da natureza.

27.2 Esse anel é, com efeito, resultado de uma separação que se operou nos tempos primitivos no equador de Saturno, assim como uma zona equatorial escapou da Terra para formar o seu satélite.

27.3 A diferença consiste em que o anel de Saturno se achou formado, em todas as suas partes, de moléculas homogêneas, provavelmente já num certo estado de condensação, e pôde, dessa sorte, continuar o seu movimento de rotação no mesmo sentido e num tempo mais ou menos igual ao que anima o planeta.

27.4 Se um dos pontos desse anel tivesse sido mais denso que qualquer outro, uma ou várias aglomerações de substância se teriam operado subitamente, e Saturno contaria vários satélites a mais. Desde o tempo da sua formação, esse anel solidificou-se, assim como os outros corpos planetários.

28 Astros errantes, mais ainda que os planetas, que conservaram essa denominação etimológica, os cometas serão os guias que nos ajudarão a transpor os limites do sistema a que pertence a Terra, para nos levar às regiões longínquas da extensão sideral.

Mas, antes de explorar, com o auxílio dessas viajantes do universo, os domínios celestes, será bom dar a conhecer, tanto quanto possível, a sua natureza intrínseca e o seu papel na economia planetária.

29 Viu-se muitas vezes nesses astros cabeludos mundos nascentes, elaborando no seu caos primitivo as condições de vida e de existência que são dadas em partilha às terras habitadas; outros imaginaram nesses corpos extraordinários mundos em estado de destruição, e a sua aparência singular foi para muitos objeto de apreciações errôneas sobre a sua natureza; de tal sorte que até a astrologia judiciária fez deles presságios de desgraças enviados pelos decretos providenciais à Terra espantada e trêmula.

30 A lei de variedade é aplicada com tão grande profusão nos trabalhos da natureza que se pergunta como os naturalistas, astrônomos ou filósofos ergueram tantos sistemas para assimilar os cometas aos astros planetários, e para ver neles apenas astros num grau mais ou menos grande de desenvolvimento ou de caducidade.

30.2 Os quadros da natureza deviam bastar amplamente, entretanto, para afastar do observador o cuidado de procurar relações que não existem, e deixar aos cometas o papel modesto, mas útil, de astros errantes que servem de batedores para os impérios solares.

30.3 Porque os corpos celestes de que se trata são inteiramente diversos dos corpos planetários; não têm, como eles, a destinação de servir de morada às humanidades; vão sucessivamente de sóis em sóis, enriquecendo-se às vezes pelo caminho com fragmentos planetários reduzidos ao estado de vapores, para buscar nos seus focos os princípios vivificantes e renovadores que derramam sobre os mundos terrestres.

31 Se, quando um desses astros se aproxima do nosso pequeno globo, para atravessar a sua órbita e voltar ao seu apogeu, situado a uma distância incomensurável do sol, o seguíssemos em pensamento para visitar com ele as regiões siderais, transporíamos essa extensão prodigiosa de matéria etérea que

separa o sol das estrelas mais vizinhas, e, observando os movimentos combinados desse astro, que se julgaria extraviado no deserto do infinito, encontraríamos ali ainda uma prova eloquente da universalidade das leis da natureza, que se exercem a distâncias que a imaginação mais ativa mal pode conceber.

Ali, a forma elíptica toma a forma parabólica, e a marcha retarda-se a ponto de percorrer apenas alguns metros no mesmo tempo em que, no seu perigeu, percorria vários milhares de léguas. Talvez um sol mais poderoso, mais importante que aquele que acaba de deixar, exerça sobre esse cometa uma atração preponderante e o receba no número dos seus próprios súditos, e então os filhos espantados da vossa pequena Terra esperarão em vão o seu retorno, que tinham prognosticado por observações incompletas. Nesse caso, nós, cujo pensamento seguiu o cometa errante por essas regiões desconhecidas, encontraremos então uma nova nação, inencontrável para os olhares terrestres, inimaginável para os Espíritos que habitam a Terra, inconcebível até para o seu pensamento, porque será o teatro de maravilhas inexploradas.

Chegamos ao mundo astral, a esse mundo deslumbrante dos vastos sóis que irradiam no espaço infinito e que são as flores brilhantes do canteiro magnífico da criação. Chegados ali, só então saberemos o que é a Terra.

[32] Durante as belas noites estreladas e sem lua, todos puderam notar esse clarão esbranquiçado que atravessa o céu de uma extremidade à outra e que os Antigos tinham apelidado de via láctea, por causa da sua aparência leitosa.

32.2 Esse clarão difuso foi longamente explorado pelo olho do telescópio nos tempos modernos, e esse caminho de pó de ouro, ou esse riacho de leite da antiga mitologia, transformou-se num vasto campo de maravilhas desconhecidas.

32.3 As pesquisas dos observadores levaram ao conhecimento da sua natureza e mostraram, onde o olhar extraviado só encontrava uma fraca claridade, milhões de sóis mais luminosos e mais importantes do que aquele que nos ilumina.

33 A via láctea é, com efeito, um campo semeado de flores solares ou planetárias que brilham na sua vasta extensão. O nosso sol e todos os corpos que o acompanham fazem parte desses globos radiantes de que se compõe a via láctea; mas, apesar das suas dimensões gigantescas em relação à Terra e à grandeza do seu império, ele ocupa apenas um lugar inapreciável nessa vasta criação.

33.2 Podem contar-se uns trinta milhões de sóis semelhantes a ele, que gravitam nessa imensa região, afastados cada um dos outros mais de cem mil vezes o raio da órbita terrestre.

34 Pode-se julgar, por essa aproximação, a extensão dessa região sideral e a relação que une o nosso sistema à universalidade dos sistemas que a ocupam. Pode-se julgar igualmente a exiguidade do domínio solar e, com mais razão, o nada da nossa pequena Terra. Que seria, então, se se considerassem os seres que a povoam!

Digo o nada, porque as nossas determinações se aplicam não só à extensão material, física, dos corpos que estudamos — isso seria pouco —, mas também, e sobretudo, ao seu estado moral de habitação, ao grau que ocupam na universal hierarquia dos seres. A criação mostra-se ali em toda a sua ma-

jestade, criando e propagando, em todo o redor do mundo solar e em cada um dos sistemas que o cercam de todos os lados, as manifestações da vida e da inteligência.

35 Conhece-se dessa maneira a posição ocupada pelo nosso sol ou pela Terra no mundo das estrelas; essas considerações adquirirão um peso ainda maior se se refletir no próprio estado da via láctea, que, na imensidão das criações siderais, não representa ela mesma senão um ponto insensível e inapreciável, visto de longe; porque não é outra coisa senão uma nebulosa estelar, como há milhares delas no espaço. Se nos parece mais vasta e mais rica que outras, é pela única razão de que nos cerca e se desenvolve em toda a sua extensão sob os nossos olhos, ao passo que as outras, perdidas em profundezas insondáveis, mal se deixam entrever.

36 Ora, se se sabe que a Terra não é nada, ou quase nada, no sistema solar; este, nada ou quase nada na via láctea; esta, nada ou quase nada na universalidade das nebulosas; e essa própria universalidade, bem pouca coisa no meio do imenso infinito, começar-se-á a compreender o que é o globo terrestre.

37 As estrelas que se chamam fixas, e que constelam os dois hemisférios do firmamento, não estão isoladas de toda atração exterior, como em geral se supõe; longe disso, pertencem todas a uma mesma aglomeração de astros estelares. Essa aglomeração não é outra senão a grande nebulosa de que fazemos parte, e cujo plano equatorial, que se projeta no céu, recebeu o nome de via láctea.

37.2 Todos os sóis que a compõem são solidários; as suas múltiplas influências reagem perpetuamente umas sobre as outras, e a gravitação universal os reúne todos numa mesma família.

38 Entre esses diversos sóis, a maior parte está, como o nosso, cercada de mundos secundários, que eles iluminam e fecundam pelas mesmas leis que presidem à vida do nosso sistema planetário. Uns, como Sírius, são milhares de vezes mais magníficos em dimensões e em riquezas do que o nosso, e o seu papel é mais importante no universo, assim como planetas em maior número e muito superiores aos nossos os cercam. Outros são muito dessemelhantes pelas suas funções astrais. É assim que certo número desses sóis, verdadeiros gêmeos da ordem sideral, são acompanhados pelos seus irmãos da mesma idade e formam, no espaço, sistemas binários aos quais a natureza deu funções inteiramente diversas das que pertencem ao nosso sol. Ali os anos já não se medem pelos mesmos períodos, nem os dias pelos mesmos sóis, e esses mundos iluminados por um duplo facho receberam em partilha condições de existência inimagináveis para os que não saíram deste pequeno mundo terrestre.

Outros astros sem cortejo, privados de planetas, receberam os melhores elementos de habitabilidade que tenham sido dados a algum. As leis da natureza são diversificadas na sua imensidão, e, se a unidade é a grande palavra do universo, a variedade infinita não deixa de ser o seu eterno atributo.

39 Apesar do número prodigioso dessas estrelas e dos seus sistemas, apesar das distâncias incomensuráveis que as separam, nem por isso deixam de pertencer todas à mesma nebulosa estelar, que os olhares dos mais poderosos telescópios mal podem atravessar e que as concepções mais ousadas da imaginação mal podem transpor; nebulosa que, não obstante, é apenas uma unidade na ordem das nebulosas que compõem o mundo astral.

40 As estrelas que se chamam fixas não estão imóveis na extensão. As constelações que se figuraram na abóbada do firmamento não são criações simbólicas reais. A distância da Terra e a perspectiva sob a qual se mede o universo a partir desse posto são as duas causas dessa dupla ilusão de óptica.

41 Vimos que a totalidade dos astros que cintilam na cúpula azulada está encerrada numa mesma aglomeração cósmica, numa mesma nebulosa, que chamais via láctea; mas, por pertencerem todos ao mesmo grupo, esses astros não deixam de estar animados, cada um, de um movimento próprio de translação no espaço.

41.2 O repouso absoluto não existe em parte alguma; são regidos pelas leis universais da gravitação e rolam na extensão sob o impulso incessante dessa força imensa; rolam não segundo caminhos traçados pelo acaso, mas segundo órbitas fechadas cujo centro é ocupado por um astro superior.

41.3 Para tornar as minhas palavras mais compreensíveis por um exemplo, falarei especialmente do vosso sol.

42 Sabe-se, por observações modernas, que ele não é fixo nem central, como se julgava nos primeiros dias da astronomia nova, mas que avança no espaço, arrastando consigo o seu vasto sistema de planetas, de satélites e de cometas.

Ora, essa marcha não é fortuita, e ele não vai, errando pelos vazios infinitos, extraviar longe das regiões que lhe são assinaladas os seus filhos e os seus súditos. Não, a sua órbita é medida, e, juntamente com outros sóis da mesma ordem que ele, cercados como ele de certo número de terras habitadas, gravita em torno de um sol central. O seu movimento de gravitação, assim

como o dos sóis seus irmãos, é inapreciável para observações anuais, porque grande número de períodos seculares bastaria apenas para marcar o tempo de um desses anos astrais.

43 O sol central de que acabamos de falar é ele mesmo um globo secundário em relação a outro mais importante ainda, em torno do qual perpetua uma marcha lenta e medida, em companhia de outros sóis da mesma ordem.
Poderíamos constatar essa subordinação sucessiva de sóis a sóis até que a nossa imaginação se cansasse de subir tal hierarquia; porque — não o esqueçamos — podem contar-se, em número redondo, uns trinta milhões de sóis na via láctea, subordinados uns aos outros como as engrenagens gigantescas de um imenso sistema.

44 E esses astros, em número inumerável, vivem cada um de uma vida solidária; assim como nada está isolado na economia do vosso pequeno mundo terrestre, assim também nada está isolado no incomensurável universo.
Esses sistemas de sistemas pareceriam de longe, ao olho investigador do filósofo que soubesse abarcar o quadro desenvolvido pelo espaço e pelo tempo, uma poeira de pérolas de ouro levantada em turbilhões sob o sopro divino que faz voar os mundos siderais nos céus, como os grãos de areia nas costas do deserto.
Nada mais de imobilidade, nada mais de silêncio, nada mais de noite! O grande espetáculo que se desenrolaria assim sob os nossos olhares seria a criação real, imensa e cheia da vida etérea que o olhar infinito do Criador abarca no seu imenso conjunto.

Mas até aqui só falamos de uma nebulosa; os seus milhões de sóis, os seus milhões de terras habitadas formam apenas, como dissemos, uma ilha no arquipélago infinito.

45 Um deserto imenso, sem limites, estende-se além da aglomeração de estrelas de que acabamos de falar e a envolve. Solidões sucedem às solidões, e as planícies incomensuráveis do vazio estendem-se ao longe. Encontrando-se os montões de matéria cósmica isolados no espaço como as ilhas flutuantes de um imenso arquipélago, se se quiser apreciar de algum modo a ideia da enorme distância que separa o montão de estrelas de que fazemos parte das aglomerações mais próximas, é preciso saber que essas ilhas estelares estão disseminadas e são raras no vasto oceano dos céus, e que a extensão que as separa umas das outras é incomparavelmente maior que a que mede as suas dimensões respectivas.

Ora, lembremo-nos de que a nebulosa estelar mede, em número redondo, mil vezes a distância das estrelas mais próximas tomada por unidade, isto é, algumas centenas de milhares de trilhões de léguas. A distância que se estende entre elas, sendo muito mais vasta, não poderia ser expressa por números acessíveis à compreensão do nosso espírito; só a imaginação, nas suas mais altas concepções, é capaz de transpor essa imensidão prodigiosa, essas solidões mudas e privadas de toda aparência de vida, e de encarar de algum modo a ideia dessa infinidade relativa.

46 Esse deserto celeste, entretanto, que envolve o nosso universo sideral e que parece estender-se como os confins remotos do nosso mundo astral, é abarcado pela vista e pelo poder infinito do Altíssimo, que, além desses céus dos nossos céus, desenvolveu a trama da sua criação ilimitada.

47 Além dessas vastas solidões, com efeito, mundos resplandecem na sua magnificência tanto quanto nas regiões acessíveis às investigações humanas; além desses desertos, esplêndidos oásis vogam no éter límpido e renovam incessantemente as cenas admiráveis da existência e da vida.

47.2 Ali se desenrolam os agregados longínquos de substância cósmica que o olho profundo do telescópio entrevê através das regiões transparentes do nosso céu, essas nebulosas que chamais irresolúveis e que vos aparecem como leves nuvens de poeira branca perdidas num ponto desconhecido do espaço etéreo.

47.3 Ali se revelam e se desenvolvem mundos novos, cujas condições variadas e estranhas às que são inerentes ao vosso globo lhes dão uma vida que as vossas concepções não podem imaginar nem os vossos estudos constatar.

47.4 É ali que resplandece em toda a sua plenitude o poder criador; para quem vem das regiões ocupadas pelo vosso sistema, outras leis estão ali em ação, cujas forças regem as manifestações da vida, e os caminhos novos que seguimos nesses países estranhos abrem-nos perspectivas desconhecidas.

48 Vimos que uma única lei primordial e geral foi dada ao universo para assegurar a sua estabilidade eterna, e que essa lei geral é perceptível aos nossos sentidos por várias ações particulares que chamamos forças diretoras da natureza. Vamos mostrar hoje que a harmonia do mundo inteiro, considerada sob o duplo aspecto da eternidade e do espaço, é assegurada por essa lei suprema.

49 Com efeito, se remontarmos à origem primeira das primitivas aglomerações de substância cósmica, notamos que já, sob o império dessa lei, a matéria sofre as transformações necessárias que a levam do germe ao fruto ma-

duro, e que, sob o impulso das diversas forças nascidas dessa lei, percorre a escala das suas revoluções periódicas: primeiro centro fluídico dos movimentos, depois gerador dos mundos, mais tarde núcleo central e atrativo das esferas que nasceram no seu seio.

Já sabemos que essas leis presidem à história do Cosmo; o que importa saber agora é que presidem igualmente à destruição dos astros, porque a morte não é apenas uma metamorfose do ser vivo, mas também uma transformação da matéria inanimada; e, se é verdade dizer, no sentido literal, que só a vida é acessível à foice da morte, é também justo acrescentar que a substância deve, de toda necessidade, sofrer as transformações inerentes à sua constituição.

50 Eis um mundo que, desde o seu berço primitivo, percorreu toda a extensão dos anos que a sua organização especial lhe permitia percorrer; o foco interior da sua existência apagou-se, os seus elementos próprios perderam a sua virtude primeira; os fenômenos da sua natureza, que reclamavam para a sua produção a presença e a ação das forças atribuídas a esse mundo, já não podem apresentar-se, porque essa alavanca da sua atividade já não tem o ponto de apoio que lhe dava toda a sua força.

Ora, pensar-se-á que essa terra extinta e sem vida vai continuar a gravitar nos espaços celestes sem fim e a passar como uma cinza inútil no turbilhão dos céus? Pensar-se-á que permanece inscrita no livro da vida universal, quando já não é senão uma letra morta e destituída de sentido? Não; as mesmas leis que a elevaram acima do caos tenebroso e que a gratificaram com os esplendores da vida, as mesmas forças que a governaram durante os séculos da sua adolescência, que firmaram os seus primeiros passos na existência e que a conduziram à idade madura e à velhice, vão presidir à desa-

gregação dos seus elementos constitutivos para restituí-los ao laboratório onde o poder criador vai buscar sem cessar as condições da estabilidade geral. Esses elementos vão voltar à massa comum do éter, para se assimilarem a outros corpos ou para regenerarem outros sóis; e essa morte não será um acontecimento inútil para essa terra nem para as suas irmãs; renovará em outras regiões outras criações de natureza diferente, e onde sistemas de mundos se esvaneceram renascerá em breve um novo canteiro de flores mais brilhantes e mais perfumadas.

51 Assim, a eternidade real e efetiva do universo é assegurada pelas mesmas leis que dirigem as operações do tempo; assim os mundos sucedem aos mundos, os sóis aos sóis, sem que o imenso mecanismo dos vastos céus seja jamais atingido nas suas gigantescas molas.

Onde os vossos olhos admiram esplêndidas estrelas sob a abóbada das noites, onde o vosso espírito contempla irradiações magníficas que resplandecem em espaços longínquos, há muito tempo o dedo da morte extinguiu esses esplendores, há muito tempo o vazio sucedeu a esses deslumbramentos e até recebeu novas criações ainda desconhecidas. O imenso afastamento desses astros, pelo qual a luz que nos enviam leva milhares de anos para chegar até nós, faz que só hoje recebamos os raios que nos enviaram muito antes da criação da Terra, e que os admiraremos ainda durante milhares de anos depois do seu desaparecimento real.

Que são os seis mil anos da humanidade histórica diante dos períodos seculares? Segundos nos vossos séculos. Que são as vossas observações astronômicas diante do estado absoluto do mundo? A sombra eclipsada pelo sol.

52 Portanto, aqui como nos nossos outros estudos, reconheçamos que a Terra e o homem são apenas nada diante do que é, e que as mais colossais operações do nosso pensamento ainda só se estendem num campo imperceptível ao lado da imensidão e da eternidade de um universo que não acabará.

E quando esses períodos da nossa imortalidade tiverem passado sobre as nossas cabeças, quando a história atual da Terra nos aparecer como uma sombra vaporosa no fundo da nossa lembrança; quando tivermos habitado, durante séculos sem nome, esses diversos graus da nossa hierarquia cosmológica; quando os domínios mais longínquos das idades futuras tiverem sido percorridos por inumeráveis peregrinações, teremos diante de nós a sucessão ilimitada dos mundos e, por perspectiva, a imóvel eternidade.

53 Essa imortalidade das almas, de que o sistema do mundo físico é a base, pareceu imaginária aos olhos de certos pensadores prevenidos; qualificaram-na ironicamente de imortalidade viajante e não compreenderam que só ela era verdadeira diante do espetáculo da criação. Entretanto, é possível fazer compreender toda a sua grandeza, eu diria quase toda a sua perfeição.

54 Que as obras de Deus sejam criadas para o pensamento e para a inteligência; que os mundos sejam a morada de seres que os contemplam e que descobrem sob o seu véu o poder e a sabedoria daquele que os formou, essa questão já não é duvidosa para nós; mas que as almas que os povoam sejam solidárias, é o que importa conhecer.

55 A inteligência humana, com efeito, tem dificuldade em considerar esses globos radiosos que cintilam na extensão como simples massas de matéria inerte e sem vida; tem dificuldade em pensar que há, nessas regiões longínquas, crepúsculos magníficos e noites esplêndidas, sóis fecundos e dias

cheios de luz, vales e montanhas onde as produções múltiplas da natureza desenvolveram toda a sua pompa luxuriante; tem dificuldade em imaginar, digo, que o espetáculo divino em que a alma pode retemperar-se como na própria vida esteja despojado da existência e privado de todo ser pensante que possa conhecê-lo.

56 Mas a essa ideia eminentemente justa da criação é preciso acrescentar a da humanidade solidária, e é nisso que consiste o mistério da eternidade futura.
Uma mesma família humana foi criada na universalidade dos mundos, e os laços de uma fraternidade ainda não apreciada da vossa parte foram dados a esses mundos. Se esses astros que se harmonizam nos seus vastos sistemas são habitados por inteligências, não o são por seres desconhecidos uns dos outros, mas sim por seres marcados na fronte com o mesmo destino, que devem encontrar-se momentaneamente segundo as suas funções de vida e reencontrar-se segundo as suas mútuas simpatias; é a grande família dos Espíritos que povoam as terras celestes; é a grande irradiação do Espírito divino que abarca a extensão dos céus e que permanece como tipo primitivo e final da perfeição espiritual.

57 Por que estranha aberração se julgou dever recusar à imortalidade as vastas regiões do éter, quando a encerravam num limite inadmissível e numa dualidade absoluta? O verdadeiro sistema do mundo devia, pois, preceder a verdadeira doutrina dogmática, e a ciência, a teologia? Esta se extraviará enquanto a sua base assentar na metafísica? A resposta é fácil e mostra-nos que a nova filosofia se assentará triunfante sobre as ruínas da antiga, porque a sua base se terá erguido vitoriosa sobre os antigos erros.

58 A inteligência humana elevou as suas poderosas concepções acima dos limites do espaço e do tempo; penetrou no domínio inacessível das idades antigas, sondou o mistério dos céus insondáveis, explicou o enigma da criação. O mundo exterior desenrolou sob os olhares da ciência o seu panorama esplêndido e a sua magnífica opulência, e os estudos do homem elevaram-no ao conhecimento do verdadeiro; explorou o universo, encontrou a expressão das leis que o regem e a aplicação das forças que o sustentam, e, se não lhe foi dado olhar face a face a causa primeira, pelo menos chegou à noção matemática da série das causas secundárias.

Neste último século sobretudo, o método experimental — o único que é verdadeiramente científico — foi posto em prática nas ciências naturais, e com o seu auxílio o homem despojou-se sucessivamente dos preconceitos da antiga Escola e das teorias especulativas, para se encerrar no campo da observação e cultivá-lo com cuidado e inteligência.

Sim, a ciência do homem é sólida e fecunda, digna das nossas homenagens pelo seu passado difícil e longamente provado, digna das nossas simpatias pelo seu futuro, prenhe de descobertas úteis e proveitosas; porque a natureza é desde então um livro acessível às pesquisas do homem estudioso, um mundo aberto às investigações do pensador, uma região brilhante que o espírito humano já visitou e na qual pode avançar ousadamente, tendo na mão a experiência por bússola.

59 Um antigo amigo da minha vida terrestre falava-me assim há pouco. Uma peregrinação tinha-nos trazido de volta à Terra, e estudávamos de novo moralmente este mundo; o meu companheiro acrescentava que o homem está hoje familiarizado com as leis mais abstratas da mecânica, da física, da química; que as aplicações à indústria não são menos notáveis que

as deduções da ciência pura, e que a criação inteira, sabiamente estudada por ele, parece ser desde então o seu régio apanágio. E, como prosseguíamos a nossa marcha fora deste mundo, respondi-lhe nestes termos:

60. Fraco átomo perdido num ponto imperceptível do infinito, o homem julgou abarcar com os seus olhares a extensão universal, quando mal podia contemplar a região que habita; julgou estudar as leis da natureza inteira, quando as suas apreciações mal tinham alcançado as forças em ação em torno dele; julgou determinar a grandeza do céu, quando se consumia na determinação de um grão de poeira. O campo das suas observações é tão exíguo que, perdido de vista um fato, o espírito tem dificuldade em reencontrá-lo; o céu e a terra do homem são tão pequenos que a alma, no seu impulso, não tem tempo de abrir a asa antes de ter chegado às últimas paragens acessíveis à observação.

O universo incomensurável cerca-nos por todos os lados, desdobrando além dos nossos céus riquezas desconhecidas, pondo em jogo forças inapreciadas, desenvolvendo modos de existência inconcebíveis para nós e propagando ao infinito o esplendor e a vida.

E o ácaro, miserável acarídeo, privado de asas e de luz, cuja triste existência se consome na folha que lhe deu a vida, pretenderia, porque dá alguns passos nessa folha agitada pelo vento, ter o direito de falar sobre a árvore imensa a que ela pertence, árvore cuja sombra mal percebeu; imaginaria loucamente poder raciocinar sobre a floresta de que a sua árvore faz parte e discutir sabiamente sobre a natureza dos vegetais que nela se desenvolvem, dos seres que a habitam, do sol longínquo cujos raios descem às vezes até lá para levar o movimento e a vida? — Em verdade, o homem seria estranhamente pretensioso se quisesse medir a grandeza infinita pela medida da sua pequenez infinita!

Por isso deve estar bem penetrado desta ideia: se os labores áridos dos séculos passados lhe granjearam o seu primeiro conhecimento das coisas, se a progressão do espírito o colocou no vestíbulo do saber, ainda não fez mais do que soletrar a primeira página do livro; é, como a criança, suscetível de se enganar a cada palavra e, longe de pretender interpretar doutoralmente a obra, deve contentar-se em estudá-la humildemente, página por página, linha por linha. Felizes ainda os que o podem fazer!

61 Considerações morais

Vós nos seguistes nas nossas excursões celestes e visitastes conosco as regiões imensas do espaço. Sob os nossos olhares, os sóis sucederam aos sóis, os sistemas aos sistemas, as nebulosas às nebulosas; o panorama esplêndido da harmonia do cosmo desenrolou-se diante dos nossos passos, e recebemos uma antecipação da ideia do infinito, que só poderemos compreender em toda a sua extensão segundo a nossa perfectibilidade futura. Os mistérios do éter desvendaram o seu enigma até aqui indecifrável, e concebemos pelo menos a ideia da universalidade das coisas. Importa agora parar e refletir.

62 É belo, sem dúvida, ter reconhecido a pequenez da Terra e a sua medíocre importância na hierarquia dos mundos; é belo ter rebaixado a presunção humana, que nos é tão cara, e ter-nos humilhado diante da grandeza absoluta; mas será mais belo ainda interpretar no sentido moral o espetáculo de que fomos testemunhas. Quero falar do poder infinito da natureza e da ideia que devemos fazer do seu modo de ação nos diversos domínios do vasto universo.

63 Habituados como estamos a julgar as coisas pela nossa pobre e pequena morada, imaginamos que a natureza não pôde ou não deve ter agido nos outros mundos senão segundo as regras que reconhecemos aqui embaixo. Ora, é precisamente nisso que importa reformar o nosso juízo.

Lançai um instante os olhos sobre uma região qualquer do vosso globo e sobre uma das produções da vossa natureza: não reconheceis nela o selo de uma variedade infinita e a prova de uma atividade sem igual? Não vedes na asa do pequeno canário, na pétala de um botão de rosa entreaberto, a prestigiosa fecundidade dessa bela natureza?

Que os vossos estudos se apliquem aos seres que planam nos ares; que desçam à violeta dos bosques; que mergulhem nas profundezas do Oceano: em tudo e por toda parte ledes esta verdade universal: a natureza onipotente age segundo os lugares, os tempos e as circunstâncias; é una na sua harmonia geral, mas múltipla nas suas produções; brinca com um sol como com uma gota de água; povoa de seres vivos um mundo imenso com a mesma facilidade com que faz eclodir o ovo depositado pela borboleta de outono.

64 Ora, se tal é a variedade que a natureza pôde descrever-nos em todos os lugares deste pequeno mundo tão estreito, tão limitado, quanto mais deveis estender esse modo de ação ao pensar nas perspectivas dos vastos mundos? Quanto mais deveis desenvolvê-lo e reconhecer a sua poderosa extensão, aplicando-o a esses mundos maravilhosos que, muito mais que a Terra, atestam a sua inconhecível perfeição?

Não vejais, pois, em torno de cada um dos sóis do espaço sistemas semelhantes ao vosso sistema planetário; não vejais nesses planetas supostos os três reinos da natureza que brilham em torno de vós; mas pensai que, assim

como nenhum rosto de homem se parece com outro rosto em todo o gênero humano, assim também uma diversidade prodigiosa, inimaginável, foi espalhada nas moradas etéreas que vogam no seio dos espaços.

Do fato de a nossa natureza animada começar no zoófito para terminar no homem; de a atmosfera alimentar a vida terrestre; de o elemento líquido a renovar sem cessar; de as vossas estações fazerem suceder nessa vida os fenômenos que a dividem, não concluais que os milhões de milhões de terras que vogam na extensão sejam semelhantes a esta; longe disso, diferem segundo as condições diversas que lhes foram atribuídas e segundo o seu papel respectivo na cena do mundo; são as pedrarias variadas de um imenso mosaico, as flores diversificadas de um admirável canteiro.

Une Sacra · edição 1.8 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

VII. ESBOÇO GEOLÓGICO DA TERRA

✦

1 A Terra traz em si os vestígios evidentes da sua formação; seguem-se as suas fases com uma precisão matemática nos diferentes terrenos que compõem a sua armação. O conjunto desses estudos constitui a ciência chamada geologia, ciência nascida neste século e que lançou luz sobre a questão tão controvertida da sua origem e da dos seres vivos que a habitam. Aqui não há hipótese; é o resultado rigoroso da observação dos fatos, e diante dos fatos a dúvida não é permitida. A história da formação do globo está escrita nas camadas geológicas de maneira muito mais certa do que nos livros preconcebidos, porque é a própria natureza que fala, que se mostra a descoberto, e não a imaginação dos homens que cria sistemas. Onde se veem os vestígios do fogo, pode-se dizer com certeza que o fogo existiu; onde se veem os da água, diz-se com não menos certeza que a água ali permaneceu; onde se veem os dos animais, diz-se que animais ali viveram.

A geologia é, pois, uma ciência toda de observação; só tira consequências do que vê; sobre os pontos duvidosos nada afirma: emite apenas opiniões discutíveis, cuja solução definitiva espera observações mais completas. Sem as descobertas da geologia, como sem as da astronomia, a Gênese do mundo estaria ainda nas trevas da lenda. Graças a ela, hoje o homem conhece a história da sua habitação, e o andaime das fábulas que cercavam o seu berço desmoronou para não mais se levantar.

2 Em toda parte onde existem nos terrenos cortes, escavações naturais ou feitas pelos homens, notam-se o que se chama estratificações, isto é, camadas sobrepostas. Os terrenos que apresentam essa disposição são designados pelo nome de terrenos estratificados.

2.2 Essas camadas, de espessura muito variável, desde alguns centímetros até 100 metros e mais, distinguem-se entre si pela cor e pela natureza das substâncias de que se compõem. As obras de engenharia, a abertura de poços, a exploração das pedreiras e sobretudo das minas permitiram observá-las até uma profundidade bastante grande.

3 As camadas são em geral homogêneas, isto é, cada uma é formada de uma mesma substância, ou de diversas substâncias que existiram juntas e formaram um todo compacto. A linha de separação que as isola umas das outras é sempre nitidamente marcada, como nas fiadas de um edifício; em parte alguma se veem misturar-se e perder-se uma na outra no lugar dos seus limites respectivos, como acontece, por exemplo, com as cores do prisma e do arco-íris.

Por esses caracteres reconhece-se que foram formadas sucessivamente, depositadas umas sobre as outras em condições e por causas diferentes; as mais profundas foram naturalmente formadas primeiro, e as mais superficiais posteriormente. A última de todas, a que se encontra na superfície, é a camada de terra vegetal, que deve as suas propriedades aos detritos das matérias orgânicas provenientes das plantas e dos animais.

As camadas inferiores, colocadas abaixo da camada vegetal, receberam em geologia o nome de rochas, palavra que, nessa acepção, nem sempre implica a ideia de uma substância pedregosa, mas significa um leito ou banco de uma substância mineral qualquer. Umas são formadas de areia, de argila

ou barro, de marga, de seixos rolados; outras, de pedras propriamente ditas, mais ou menos duras, tais como os arenitos, os mármores, o giz, os calcários ou pedras de cal, as pedras molares, o carvão de pedra, os asfaltos etc. Diz-se que uma rocha é mais ou menos possante conforme a sua espessura é mais ou menos considerável.

4 Pela inspeção da natureza dessas rochas ou camadas, reconhece-se por sinais certos que umas provêm de matérias fundidas e às vezes vitrificadas pela ação do fogo; outras, de substâncias terrosas depositadas pelas águas; algumas dessas substâncias ficaram desagregadas, como as areias; as outras, primeiro em estado pastoso, sob a ação de certos agentes químicos ou de outras causas, endureceram e adquiriram com o tempo a consistência da pedra.

4.2 Os bancos de pedras sobrepostos anunciam depósitos sucessivos. O fogo e a água tiveram, pois, a sua parte de ação na formação dos materiais que compõem a armação sólida do globo.

5 A posição normal das camadas terrosas ou pedregosas provenientes de depósitos aquosos é a direção horizontal. Quando se veem essas imensas planícies que se estendem às vezes a perder de vista, de uma horizontalidade perfeita, lisas como se tivessem sido niveladas com rolo, ou esses fundos de vales tão planos quanto a superfície de um lago, pode-se ter a certeza de que, numa época mais ou menos remota, esses lugares estiveram muito tempo cobertos por águas tranquilas que, ao se retirarem, deixaram a seco as terras que tinham depositado durante a sua permanência.

5.2 Depois da retirada das águas, essas terras cobriram-se de vegetação. Se, em vez de terras gordas, limosas, argilosas ou margosas, próprias para assimilar os princípios nutritivos, as águas só depositaram areias silicosas,

sem agregação, têm-se essas planícies arenosas e áridas que constituem as charnecas e os desertos.

5.3 Os depósitos que as inundações parciais deixam, e os que formam os aterros na foz dos rios, podem dar disso uma ideia em pequeno.

6 Embora a horizontalidade seja a posição normal e mais geral das formações aquosas, veem-se muitas vezes, em extensões bastante grandes, nos países de montanhas, rochas duras que a sua natureza indica terem sido formadas pelas águas, numa posição inclinada e às vezes até vertical. Ora, como, segundo as leis do equilíbrio dos líquidos e do peso, os depósitos aquosos só podem formar-se em planos horizontais, visto que os que ocorrem em planos inclinados são arrastados para os fundos pelas correntes e pelo próprio peso, fica evidente que esses depósitos devem ter sido levantados por uma força qualquer, depois da sua solidificação ou transformação em pedras.

Dessas considerações pode-se concluir com certeza que todas as camadas pedregosas provenientes de depósitos aquosos numa posição perfeitamente horizontal foram formadas, no decurso dos séculos, por águas tranquilas, e que, todas as vezes que têm uma posição inclinada, é que o solo foi atormentado e deslocado posteriormente por convulsões gerais ou parciais mais ou menos consideráveis.

7 Um fato característico da mais alta importância, pelo testemunho irrecusável que fornece, consiste nos restos fósseis de animais e de vegetais que se encontram em quantidades inumeráveis nas diferentes camadas; e, como esses restos se encontram até nas pedras mais duras, deve-se concluir que a existência desses seres é anterior à formação dessas mesmas pedras; ora, se se considera o número prodigioso de séculos que foram precisos para operar o

seu endurecimento e levá-las ao estado em que se encontram desde tempos imemoriais, chega-se a esta consequência forçosa: o aparecimento dos seres orgânicos na Terra perde-se na noite dos tempos e é muito anterior, por conseguinte, à data assinalada pela Gênese (1).

(1) A palavra fóssil, de acepção mais geral, substituiu a de petrificação, que só se aplicava aos corpos transformados em pedra pela infiltração de matérias silicosas ou calcárias nos tecidos orgânicos. Todas as petrificações são necessariamente fósseis, mas nem todos os fósseis são petrificações.

Os objetos que se revestem de uma camada pedregosa, quando mergulhados em certas águas carregadas de substâncias calcárias, não são petrificações propriamente ditas, mas simples incrustações.

8 Entre esses restos de vegetais e de animais, há os que foram penetrados em todas as partes da sua substância, sem que a sua forma fosse alterada, por matérias silicosas ou calcárias que os transformaram em pedras, algumas das quais têm a dureza do mármore: são as petrificações propriamente ditas.

8.2 Outros foram simplesmente envolvidos pela matéria em estado mole; encontram-se intactos, e alguns inteiros, nas pedras mais duras. Outros, enfim, só deixaram impressões, mas de uma nitidez e de uma delicadeza perfeitas.

8.3 No interior de certas pedras encontrou-se até a impressão de pegadas, e pela forma do pé, dos dedos e das unhas reconheceu-se de que espécie de animal provinham.

9 Os fósseis de animais só compreendem, como se concebe, as partes sólidas e resistentes, isto é, as ossadas, as escamas e os chifres; às vezes são esqueletos completos; o mais das vezes, são apenas partes destacadas, mas

cuja proveniência é fácil de reconhecer. Pela inspeção de uma mandíbula, de um dente, vê-se logo se pertence a um animal herbívoro ou carnívoro. Como todas as partes do animal têm uma correlação necessária, a forma da cabeça, de uma omoplata, de um osso da perna, de um pé basta para determinar o tamanho, a forma geral, o gênero de vida do animal (1). Os animais terrestres têm uma organização que não permite confundi-los com os animais aquáticos. Os peixes e as conchas fósseis são excessivamente numerosos; só as conchas formam às vezes bancos inteiros de grande espessura. Pela sua natureza, reconhece-se sem dificuldade se são animais marinhos ou de água doce.

(1) Os monumentos, inscrições e objetos de fabricação humana pertencem à arqueologia.

10 Os seixos rolados que, em certos lugares, constituem rochas possantes são um indício inequívoco da sua origem. São arredondados como os calhaus da beira-mar, sinal certo do atrito que sofreram por efeito das águas. As regiões onde se encontram enterrados em massas consideráveis foram incontestavelmente ocupadas pelo Oceano ou por águas violentamente agitadas.

11 Os terrenos das diversas formações são, além disso, caracterizados pela própria natureza dos fósseis que encerram; os mais antigos contêm espécies animais e vegetais que desapareceram completamente da superfície do globo. Certas espécies mais recentes também desapareceram, mas conservaram os seus análogos, que só diferem dos seus troncos pelo tamanho e por algumas nuanças de forma. Outras, enfim, de que vemos os últimos representantes, tendem evidentemente a desaparecer num futuro mais ou menos próximo, tais como os elefantes, os rinocerontes, os hipopótamos

etc. Assim, à medida que as camadas terrestres se aproximam da nossa época, as espécies animais e vegetais aproximam-se também das que existem hoje.

As perturbações, os cataclismos que ocorreram na Terra desde a sua origem mudaram, pois, as suas condições de vitalidade e fizeram desaparecer gerações inteiras de seres vivos.

12 Interrogando a natureza das camadas geológicas, sabe-se da maneira mais positiva se, na época da sua formação, a região que as encerra estava ocupada pelo mar, por lagos, ou por florestas e planícies povoadas de animais terrestres. Se, pois, numa mesma região, se encontra uma série de camadas sobrepostas, contendo alternadamente fósseis marinhos, terrestres e de água doce, repetidas várias vezes, é uma prova irrecusável de que essa mesma região foi várias vezes invadida pelo mar, coberta de lagos e posta a seco.

E quantos séculos de séculos certamente, quantos milhares de séculos talvez, foram precisos para que cada período se cumprisse! Que força poderosa não foi precisa para deslocar e recolocar o oceano, levantar as montanhas! Por quantas revoluções físicas, por quantas comoções violentas não deve ter passado a Terra antes de ser o que a vemos desde os tempos históricos! E quereriam que isso fosse obra de menos tempo do que é preciso para fazer crescer uma planta!

13 O estudo das camadas geológicas atesta, como foi dito, formações sucessivas que mudaram o aspecto do globo e dividem a sua história em várias épocas. Essas épocas constituem o que se chama períodos geológicos, cujo conhecimento é essencial para o estabelecimento da Gênese.

13.2 Contam-se seis principais, que se designam pelos nomes de períodos primário, de transição, secundário, terciário, diluviano e pós-diluviano ou atual. Os terrenos formados durante cada período chamam-se também terrenos primitivos, de transição, secundários etc. Diz-se assim que tal ou tal camada ou rocha, tal ou tal fóssil, se encontra nos terrenos de tal ou tal período.

14 É essencial notar que o número desses períodos não é absoluto e que depende dos sistemas de classificação. Só se compreendem nos seis principais designados acima os que são marcados por uma mudança notável e geral no estado do globo; mas a observação prova que várias formações sucessivas se operaram durante cada um deles; é por isso que se dividem em subperíodos caracterizados pela natureza dos terrenos, e que elevam a vinte e seis o número das formações gerais bem caracterizadas, sem contar as que provêm de modificações devidas a causas puramente locais.

15 O achatamento dos polos e outros fatos concludentes são indícios certos de que a Terra deve ter estado, na sua origem, num estado de fluidez ou de moleza. Esse estado podia ter por causa a matéria liquefeita pelo fogo ou dissolvida pela água.

Diz-se proverbialmente: não há fumaça sem fogo. Essa proposição, rigorosamente verdadeira, é uma aplicação do princípio: não há efeito sem causa. Pela mesma razão, pode-se dizer: não há fogo sem foco. Ora, pelos fatos que se passam sob os nossos olhos, não é apenas fumaça que se produz, é fogo bem real, que deve ter um foco; vindo esse fogo do interior da Terra, e não do alto, o foco deve ser interior; sendo o fogo permanente, o foco deve sê-lo igualmente.

O calor que aumenta à medida que se penetra no interior da Terra e que, a

certa distância da superfície, atinge uma temperatura muito alta; as fontes termais, tanto mais quentes quanto de maior profundidade vêm; os fogos e as massas de matérias fundidas e abrasadas que escapam dos vulcões, como por vastos respiradouros, ou pelas fendas produzidas em certos terremotos, não podem deixar dúvida sobre a existência de um fogo interior.

16 A experiência demonstra que a temperatura se eleva de um grau a cada trinta metros de profundidade; de onde se segue que, a uma profundidade de 300 metros, o aumento é de 10 graus; a 3.000 metros, de 100 graus, temperatura da água fervente; a 30.000 metros, ou 7 a 8 léguas, de 1.000 graus; a 25 léguas, de mais de 3.300 graus, temperatura a que nenhuma matéria conhecida resiste à fusão. Dali até o centro há ainda um espaço de mais de 1.400 léguas, ou seja, 2.800 léguas de diâmetro, que estaria ocupado por matérias fundidas.

Embora isso seja apenas uma conjectura, julgando a causa pelo efeito, tem todos os caracteres da probabilidade, e chega-se a esta conclusão: a Terra é ainda uma massa incandescente recoberta de uma crosta sólida de 25 léguas, no máximo, de espessura, o que é apenas a 120ª parte do seu diâmetro. Proporcionalmente, seria muito menos que a espessura da mais fina casca de laranja.

De resto, a espessura da crosta terrestre é muito variável, porque há regiões, sobretudo nos terrenos vulcânicos, onde o calor e a flexibilidade do solo indicam que ela é muito pouco considerável. A alta temperatura das águas termais é igualmente indício da vizinhança do fogo central.

17 Daí fica evidente que o estado primitivo de fluidez ou de moleza da Terra deve ter tido por causa a ação do calor, e não a da água. A Terra era, pois, na sua origem, uma massa incandescente.

17.2 Em consequência da irradiação do calórico, aconteceu-lhe o que acontece a toda matéria em fusão: resfriou-se pouco a pouco, e o resfriamento começou naturalmente pela superfície, que endureceu, ao passo que o interior permaneceu fluido.

17.3 Pode-se assim comparar a Terra a um bloco de carvão que sai todo vermelho da fornalha, cuja superfície se apaga e se resfria em contato com o ar, ao passo que, se o quebramos, encontramos o interior ainda em brasa.

18 Na época em que o globo terrestre era uma massa incandescente, não continha um átomo a mais nem a menos do que hoje; somente, sob a influência dessa alta temperatura, a maior parte das substâncias que o compõem, e que vemos sob a forma de líquidos ou de sólidos, de terras, de pedras, de metais e de cristais, encontrava-se num estado muito diferente; elas apenas sofreram uma transformação; em consequência do resfriamento e das misturas, os elementos formaram novas combinações. O ar, consideravelmente dilatado, devia estender-se a uma distância incomensurável; toda a água, forçosamente reduzida a vapor, estava misturada ao ar; todas as matérias suscetíveis de volatilizar-se, tais como os metais, o enxofre, o carbono, encontravam-se nele em estado de gás. O estado da atmosfera nada tinha, pois, de comparável ao que é hoje; a densidade de todos os vapores dava-lhe uma opacidade que nenhum raio do sol podia atravessar. Se um ser vivo tivesse podido existir na superfície do globo nessa época, só teria sido iluminado pelo brilho sinistro da fornalha colocada sob os seus pés e da atmosfera abrasada.

Período primário

19. O primeiro efeito do resfriamento foi solidificar a superfície exterior da massa em fusão e formar nela uma crosta resistente, que, delgada a princí-

pio, se espessou pouco a pouco. Essa crosta constitui a pedra chamada granito, de extrema dureza, assim chamada pelo seu aspecto granulado. Distinguem-se nela três substâncias principais: o feldspato, o quartzo ou cristal de rocha e a mica; esta última tem o brilho metálico, embora não seja um metal.

A camada granítica é, pois, a primeira que se formou no globo, que ela envolve por inteiro e do qual constitui, de certo modo, a armação óssea; é o produto direto da matéria em fusão consolidada. Foi sobre ela, e nas cavidades que apresentava a sua superfície atormentada, que se depositaram sucessivamente as camadas dos outros terrenos, formados posteriormente. O que a distingue destes últimos é a ausência de toda estratificação; isto é, forma uma massa compacta e uniforme em toda a sua espessura, e não disposta em camadas. A efervescência da matéria incandescente devia produzir nela numerosas e profundas fendas, pelas quais essa matéria se derramava.

20. O segundo efeito do resfriamento foi liquefazer algumas das matérias contidas no ar em estado de vapores, que se precipitaram na superfície do solo. Houve então chuvas e lagos de enxofre e de betume, verdadeiros riachos de ferro, de chumbo e de outros metais fundidos, que se infiltravam nas fissuras e que constituem hoje os veios e filões metálicos.

Sob a influência desses diversos agentes, a superfície granítica sofreu decomposições alternadas; fizeram-se misturas que formaram os terrenos primitivos propriamente ditos, distintos da rocha granítica, mas em massas confusas e sem estratificações regulares.

Vieram em seguida as águas, que, caindo sobre um solo escaldante, se vaporizavam de novo, voltavam a cair em chuvas torrenciais, e assim por diante, até que a temperatura lhes permitiu permanecer sobre o solo em estado lí-

quido.

É na formação dos terrenos graníticos que começa a série dos períodos geológicos. Aos seis períodos principais conviria, pois, acrescentar o do estado primitivo de incandescência do globo.

21. Tal foi o aspecto desse primeiro período, verdadeiro caos de todos os elementos confundidos, procurando o seu assento, em que nenhum ser vivo podia existir; por isso, um dos seus caracteres distintivos em geologia é a ausência de todo vestígio da vida vegetal e animal.

É impossível assinalar uma duração determinada a esse primeiro período, tanto quanto aos seguintes; mas, pelo tempo que é preciso a uma bala de canhão de um volume dado, aquecida ao rubro-branco, para que a sua superfície esteja bastante resfriada para que uma gota de água permaneça nela em estado líquido, calculou-se que, se essa bala tivesse o tamanho da Terra, seria preciso mais de um milhão de anos.

20 No começo do período de transição, a crosta sólida granítica ainda tinha pouca espessura e só oferecia uma resistência bastante fraca à efervescência das matérias abrasadas que recobria e comprimia. Produziam-se nela inchaços e numerosos rasgões, por onde se derramava a lava interior. O solo só apresentava desigualdades pouco consideráveis.

As águas, pouco profundas, cobriam quase toda a superfície do globo, com exceção das partes levantadas, que formavam terrenos baixos muitas vezes submersos.

O ar purgara-se pouco a pouco das matérias mais pesadas, momentaneamente em estado gasoso, que, condensando-se por efeito do resfriamento, se tinham precipitado na superfície do solo e depois sido arrastadas e dissolvidas pelas águas.

Quando se fala de resfriamento nessa época, é preciso entender essa palavra num sentido relativo, isto é, em relação ao estado primitivo, porque a temperatura devia ser ainda escaldante.

Os espessos vapores aquosos que se elevavam de todas as partes da imensa superfície líquida voltavam a cair em chuvas abundantes e quentes e obscureciam o ar. Entretanto, os raios do sol começavam a aparecer através dessa atmosfera brumosa.

Uma das últimas substâncias de que o ar deve ter sido purgado, porque está naturalmente em estado gasoso, é o ácido carbônico, que formava então uma das suas partes constituintes.

21 Nessa época começaram a formar-se as camadas de terrenos de sedimento, depositadas pelas águas carregadas de lodo e de matérias diversas próprias à vida orgânica.

Aparecem então os primeiros seres vivos do reino vegetal e do reino animal; em pequeno número a princípio, encontram-se os seus vestígios cada vez mais frequentes à medida que se sobe nas camadas dessa formação. É notável que em toda parte a vida se manifesta assim que as condições são propícias à vitalidade, e que cada espécie nasce logo que se produzem as condições próprias à sua existência. Dir-se-ia que os germes estavam latentes e só esperavam as condições favoráveis para eclodir.

22 Os primeiros seres orgânicos que apareceram na Terra são os vegetais de organização menos complicada, designados em botânica pelos nomes de criptógamas, acotiledôneas, monocotiledôneas, isto é, os líquens, cogumelos, musgos, fetos e plantas herbáceas. Ainda não se veem árvores de caule lenhoso, mas apenas as do gênero palmeira, cujo caule esponjoso é análogo ao das ervas.

Os animais desse período, que sucederam aos primeiros vegetais, são exclusivamente marinhos; são primeiro pólipos, radiados, zoófitos, animais cuja organização simples e, por assim dizer, rudimentar mais se aproxima dos vegetais; mais tarde vêm crustáceos e peixes cujas espécies já não existem hoje.

23 Sob o império do calor e da umidade, e em consequência do excesso de ácido carbônico espalhado no ar, gás impróprio à respiração dos animais terrestres, mas necessário às plantas, os terrenos descobertos cobriram-se rapidamente de uma vegetação possante, ao mesmo tempo que as plantas aquáticas se multiplicavam no seio dos pântanos.

23.2 Plantas do gênero das que, nos nossos dias, são simples ervas de alguns centímetros atingiam uma altura e uma grossura prodigiosas; assim havia florestas de fetos arborescentes de oito a dez metros de altura e de grossura proporcional; licopódios (pé-de-lobo, gênero de musgo) do mesmo tamanho; cavalinhas (1) de quatro a cinco metros, que hoje têm apenas um. No fim do período começam a aparecer algumas árvores do gênero conífera ou pinheiro.

24 Em consequência do deslocamento das águas, os terrenos que produziam essas massas de vegetais foram várias vezes submersos e recobertos de novos sedimentos terrosos, enquanto os que eram postos a seco se adornavam por sua vez de semelhante vegetação. Houve assim várias gerações de vegetais alternadamente aniquiladas e renovadas. O mesmo não se deu com os animais, que, sendo todos aquáticos, não podiam sofrer com essas alternativas.

Esses restos, acumulados durante uma longa série de séculos, formaram camadas de grande espessura. Sob a ação do calor, da umidade, da pressão

exercida pelos depósitos terrosos posteriores e, sem dúvida, também de diversos agentes químicos, dos gases, dos ácidos e dos sais produzidos pela combinação dos elementos primitivos, essas matérias vegetais sofreram uma fermentação que as converteu em hulha ou carvão de pedra. As minas de hulha são, pois, o produto direto da decomposição dos montões de vegetais acumulados durante o período de transição; é por isso que se encontram em quase todas as regiões.

25 Encontrando-se hoje os restos fósseis da vegetação possante dessa época tanto sob os gelos das terras polares quanto na zona tórrida, deve-se concluir que, sendo a vegetação uniforme, a temperatura devia sê-lo igualmente. Os polos não estavam, pois, cobertos de gelo como agora.

25.2 É que a Terra tirava então o seu calor de si mesma, do fogo central, que aquecia de maneira igual toda a camada sólida, ainda pouco espessa. Esse calor era muito superior ao que podiam dar os raios solares, enfraquecidos, aliás, pela densidade da atmosfera.

25.3 Só mais tarde, quando o calor central já não pôde exercer sobre a superfície exterior do globo senão uma ação fraca ou nula, o do sol se tornou preponderante, e as regiões polares, recebendo apenas raios oblíquos que davam muito pouco calor, cobriram-se de gelo. Compreende-se que, na época de que falamos, e ainda muito tempo depois, o gelo fosse desconhecido na Terra.

26 Esse período deve ter sido muito longo, a julgar pelo número e pela espessura das camadas de hulha (1).

Com o período de transição desaparecem a vegetação colossal e os animais que caracterizavam essa época, seja porque as condições atmosféricas já não eram as mesmas, seja porque uma série de cataclismos aniquilou tudo o

que tinha vida na Terra. É provável que as duas causas tenham contribuído para essa mudança, porque, de um lado, o estudo dos terrenos que marcam o fim desse período atesta grandes convulsões causadas pelos levantamentos e pelas erupções que derramaram sobre o solo grandes quantidades de lavas, e, de outro, mudanças notáveis se operaram nos três reinos.
(1) ... Supondo apenas mil anos para a formação de cada um desses níveis, seriam já 68.000 anos só para essa camada de hulha.

27 O período secundário é caracterizado, do ponto de vista mineral, por camadas numerosas e possantes, que atestam uma formação lenta no seio das águas e marcam diferentes épocas bem caracterizadas.
A vegetação é menos rápida e menos colossal do que no período precedente, sem dúvida em consequência da diminuição do calor e da umidade, e das modificações ocorridas nos elementos constitutivos da atmosfera. Às plantas herbáceas e polposas juntam-se as de caule lenhoso e as primeiras árvores propriamente ditas.

28 Os animais são ainda aquáticos, ou quando muito anfíbios; a vida animal na terra firme faz poucos progressos. Uma prodigiosa quantidade de animais de concha desenvolve-se no seio dos mares, em consequência da formação das matérias calcárias; novos peixes, de organização mais aperfeiçoada que no período precedente, nascem; veem-se aparecer os primeiros cetáceos. Os animais mais característicos dessa época são os répteis monstruosos, entre os quais se notam:
O ictiossauro, espécie de peixe-lagarto que atingia até dez metros de comprimento, e cujas mandíbulas, prodigiosamente alongadas, estavam armadas de cento e oitenta dentes. A sua forma geral lembra um pouco a do crocodilo, mas sem couraça escamosa; os seus olhos tinham o volume da ca-

beça de um homem; tinha barbatanas como a baleia e expelia a água por respiradouros como esta.

O plesiossauro, outro réptil marinho, tão grande quanto o ictiossauro, cujo pescoço excessivamente longo se dobrava como o do cisne e lhe dava a aparência de uma enorme serpente presa a um corpo de tartaruga. Tinha a cabeça do lagarto e os dentes do crocodilo; a sua pele devia ser lisa como a do precedente, porque não se encontrou nenhum vestígio de escamas nem de carapaça.

O teleossauro aproxima-se mais dos crocodilos atuais, que parecem ser os seus diminutivos; como estes, tinha uma couraça escamosa e vivia ao mesmo tempo na água e na terra; o seu tamanho era de cerca de dez metros, dos quais três ou quatro só para a cabeça; a sua enorme goela tinha dois metros de abertura.

O megalossauro, grande lagarto, espécie de crocodilo de 14 a 15 metros de comprimento, essencialmente carnívoro, que se alimentava de répteis, pequenos crocodilos e tartarugas.

A sua formidável mandíbula estava armada de dentes em forma de lâmina de podão, de dois gumes, recurvados para trás, de tal sorte que, uma vez entrados na presa, era impossível a esta soltar-se.

O iguanodonte, o maior dos lagartos que apareceram na Terra; tinha de 20 a 25 metros da cabeça à ponta da cauda. O seu focinho era encimado por um chifre ósseo semelhante ao da iguana dos nossos dias, da qual parece diferir apenas pelo tamanho, tendo esta apenas um metro de comprimento. A forma dos dentes prova que era herbívoro, e a dos pés, que era um animal terrestre.

O pterodáctilo, animal bizarro do tamanho de um cisne, que tinha ao mesmo tempo algo do réptil pelo corpo, da ave pela cabeça e do morcego

pela membrana carnosa que ligava os seus dedos, de comprimento prodigioso, e lhe servia de paraquedas quando se precipitava sobre a presa do alto de uma árvore ou de um rochedo. Não tinha bico córneo como as aves, mas os ossos das mandíbulas, tão longos quanto a metade do corpo e guarnecidos de dentes, terminavam em ponta como um bico.

29 Durante esse período, que deve ter sido muito longo, como o atestam o número e a possança das camadas geológicas, a vida animal tomou um imenso desenvolvimento no seio das águas, como se dera com a vegetação no período precedente. O ar, mais depurado e mais próprio à respiração, começa a permitir a alguns animais viverem em terra.

29.2 O mar foi várias vezes deslocado, mas, ao que parece, sem abalos violentos. Com esse período desaparecem por sua vez essas raças de gigantescos animais aquáticos, substituídas mais tarde por espécies análogas, de formas menos desproporcionadas e de tamanho infinitamente menor.

30 O orgulho fez o homem dizer que todos os animais foram criados na sua intenção e para as suas necessidades. Mas qual é o número dos que lhe servem diretamente, que ele pôde sujeitar, comparado ao número incalculável daqueles com os quais nunca teve nem jamais terá nenhuma relação?

30.2 Como sustentar semelhante tese diante dessas inumeráveis espécies que, sozinhas, povoaram a Terra milhares de milhares de séculos antes que ele mesmo viesse a ela, e que desapareceram? Pode-se dizer que foram criadas em seu proveito? Entretanto, essas espécies tinham todas a sua razão de ser, a sua utilidade.

30.3 Deus não pôde criá-las por um capricho da sua vontade e para se dar o prazer de aniquilá-las; porque todas tinham a vida, instintos, o sentimento da dor e do bem-estar. Com que fim o fez? Esse fim deve ser sobera-

namente sábio, embora ainda não o compreendamos.

30.4 Talvez um dia seja dado ao homem conhecê-lo, para confundir o seu orgulho; mas, enquanto isso, como as ideias se engrandecem diante desses horizontes novos em que lhe é permitido agora mergulhar os olhares, e que desenrolam diante dele o espetáculo imponente dessa criação, tão majestosa na sua lentidão, tão admirável na sua previdência, tão pontual, tão precisa e tão invariável nos seus resultados!

31 Com o período terciário começa para a Terra uma nova ordem de coisas; o estado da sua superfície muda completamente de aspecto; as condições de vitalidade são profundamente modificadas e aproximam-se do estado atual. Os primeiros tempos desse período são assinalados por uma parada na produção vegetal e animal; tudo traz os vestígios de uma destruição quase geral dos seres vivos, e então aparecem sucessivamente novas espécies, cuja organização mais perfeita está adaptada à natureza do meio em que são chamadas a viver.

32 Durante os períodos precedentes, a crosta sólida do globo, em razão da sua pouca espessura, apresentava, como foi dito, uma resistência bastante fraca à ação do fogo interior; esse envoltório, facilmente rasgado, permitia às matérias em fusão derramarem-se livremente na superfície do solo. Já não foi assim quando adquiriu certa espessura; as matérias abrasadas, comprimidas por todos os lados, como a água em ebulição num vaso fechado, acabaram por fazer uma espécie de explosão; a massa granítica, violentamente quebrada numa multidão de pontos, foi sulcada de fendas como um vaso rachado. Ao longo dessas fendas, a crosta sólida, levantada e erguida, formou os picos, as cadeias de montanhas e as suas ramificações. Certas partes do envoltório não rasgadas foram simplesmente elevadas, ao

passo que, em outros pontos, se produziram afundamentos e escavações.
A superfície do solo tornou-se então muito desigual; as águas, que até esse momento o cobriam de maneira quase uniforme na maior parte da sua extensão, foram repelidas para as partes mais baixas, deixando a seco vastos continentes, ou cumes de montanhas isoladas, que formaram ilhas.
Tal é o grande fenômeno que se cumpriu no período terciário e que transformou o aspecto do globo. Não se produziu nem instantânea nem simultaneamente em todos os pontos, mas sucessivamente e em épocas mais ou menos afastadas.

33 Uma das primeiras consequências desses levantamentos foi, como se disse, a inclinação das camadas de sedimento, primitivamente horizontais, que permaneceram nessa posição em toda parte onde o solo não foi convulsionado. É, pois, nos flancos e nas vizinhanças das montanhas que essas inclinações são mais pronunciadas.

34 Nas regiões onde as camadas de sedimento conservaram a sua horizontalidade, para atingir as de primeira formação é preciso atravessar todas as outras, muitas vezes até uma profundidade considerável, ao cabo da qual se encontra inevitavelmente a rocha granítica. Mas, quando essas camadas foram levantadas em montanhas, foram levadas acima do seu nível normal, e às vezes a uma altura muito grande, de tal sorte que, se se faz um corte vertical no flanco da montanha, elas se mostram a descoberto em toda a sua espessura, sobrepostas como as fiadas de um edifício.
É assim que se encontram em grandes altitudes bancos consideráveis de conchas, primitivamente formados no fundo dos mares. Está perfeitamente reconhecido hoje que em nenhuma época o mar pôde atingir tal altura, porque todas as águas que existem na Terra não bastariam, ainda que

houvesse cem vezes mais. Seria, pois, preciso supor que a quantidade de água diminuiu, e então se perguntaria em que se tornou a porção desaparecida. Os levantamentos, que são hoje um fato incontestável e demonstrado pela ciência, explicam de maneira tão lógica quanto rigorosa os depósitos marinhos que se encontram em certas montanhas. Esses terrenos estiveram evidentemente submersos durante uma longa série de séculos, mas no seu nível primitivo, e não no lugar que ocupam agora.

É exatamente como se uma porção do fundo de um lago se achasse levantada a vinte e cinco ou trinta metros acima da superfície da água; o cume dessa elevação traria os restos das plantas e dos animais que jaziam outrora no fundo da água, o que de modo algum implicaria que as águas do lago se tivessem elevado a essa altura.

35 Nos lugares onde o levantamento da rocha primitiva produziu um rasgão completo do solo, seja pela sua rapidez, seja pela forma, pela altura e pelo volume da massa levantada, o granito mostrou-se a nu, como um dente que fura a gengiva. As camadas que o recobriam, levantadas, quebradas, erguidas, foram postas a descoberto; é assim que terrenos pertencentes às formações mais antigas, que se encontravam, na sua posição primitiva, a grande profundidade, formam hoje o solo de certas regiões.

36 A massa granítica, deslocada por efeito dos levantamentos, deixou em alguns lugares fissuras por onde escapa o fogo interior e escorrem as matérias em fusão: são os vulcões. Os vulcões são como as chaminés dessa imensa fornalha, ou, melhor ainda, são válvulas de segurança que, dando saída ao excesso das matérias ígneas, preservam de comoções muito mais terríveis; de onde se pode dizer que o número dos vulcões em atividade é uma causa de segurança para o conjunto da superfície do solo.

Pode-se fazer uma ideia da intensidade desse fogo pensando que há vulcões que se abrem no próprio seio do mar, e que a massa de água que os recobre e neles penetra não basta para apagá-los.

37 Os levantamentos operados na massa sólida deslocaram necessariamente as águas, que foram repelidas para as partes ocas, tornadas mais profundas pela elevação dos terrenos emersos e pelos afundamentos. Mas esses mesmos baixios, levantados por sua vez, ora num lugar, ora noutro, expulsaram as águas, que refluíram para outra parte, e assim por diante, até que estas puderam tomar um assento mais estável.

Os deslocamentos sucessivos dessa massa líquida lavraram e atormentaram forçosamente a superfície do solo. As águas, ao escoarem, arrastaram uma parte dos terrenos de formações anteriores postos a descoberto pelos levantamentos, desnudaram certas montanhas que estavam recobertas deles e puseram à luz a sua base granítica ou calcária; vales profundos foram cavados e outros entulhados.

Há, pois, montanhas formadas diretamente pela ação do fogo central: são principalmente as montanhas graníticas; outras são devidas à ação das águas, que, arrastando as terras móveis e as matérias solúveis, cavaram vales em torno de uma base resistente, calcária ou outra.

As matérias arrastadas pela corrente das águas formaram as camadas do período terciário, que se distinguem facilmente das precedentes, menos pela sua composição, que é quase a mesma, do que pela sua disposição.

As camadas dos períodos primário, de transição e secundário, formadas sobre uma superfície pouco acidentada, são quase uniformes por toda a Terra; as do período terciário, ao contrário, formadas sobre uma base muito desigual e pelo arrastamento das águas, têm um caráter mais local. Em toda

parte, cavando a certa profundidade, encontram-se todas as camadas anteriores, na ordem da sua formação, ao passo que não se encontra em toda parte o terreno terciário, nem todas as camadas deste.

38 Durante as convulsões do solo que ocorreram no início desse período, concebe-se que a vida orgânica deve ter sofrido uma parada, o que se reconhece pela inspeção dos terrenos privados de fósseis. Mas, logo que veio um estado mais calmo, os vegetais e os animais reapareceram. Estando mudadas as condições de vitalidade e mais depurada a atmosfera, viram-se formar novas espécies, de organização mais perfeita. As plantas, quanto à sua estrutura, diferem pouco das dos nossos dias.

39 Durante os dois períodos precedentes, os terrenos não cobertos pelas águas ofereciam pouca extensão, e ainda assim eram pantanosos e frequentemente submersos; é por isso que só havia animais aquáticos ou anfíbios. O período terciário, que viu formarem-se vastos continentes, é caracterizado pelo aparecimento dos animais terrestres.

Assim como o período de transição viu nascer uma vegetação colossal, e o período secundário répteis monstruosos, este vê produzirem-se mamíferos gigantescos, tais como o elefante, o rinoceronte, o hipopótamo, o paleotério, o megatério, o dinotério, o mastodonte, o mamute etc. Viu nascer igualmente as aves, assim como a maior parte das espécies que vivem ainda nos nossos dias. Algumas das espécies dessa época sobreviveram aos cataclismos posteriores; outras, que se designam pela qualificação genérica de animais antediluvianos, desapareceram completamente, ou foram substituídas por espécies análogas, de formas menos pesadas e menos maciças, das quais os primeiros tipos foram como os esboços; tais são o felis spelaea, animal carnívoro do tamanho de um touro, com os caracteres anatômicos

do tigre e do leão; o cervus megaceros, variedade do cervo, cujas galhadas, de 3 metros de comprimento, estavam espaçadas de 3 a 4 metros nas extremidades.

40 Julgou-se durante muito tempo que o macaco e as diversas variedades de quadrúmanos, animais que mais se aproximam do homem pela conformação, ainda não existiam; mas descobertas recentes parecem não deixar dúvida sobre a presença desses animais, pelo menos para o fim do período.

41 Esse período é marcado por um dos maiores cataclismos que convulsionaram o globo, mudaram mais uma vez o aspecto da superfície e destruíram sem retorno uma multidão de espécies vivas, de que só se encontram os restos. Por toda parte deixou vestígios que atestam a sua generalidade.

41.2 As águas, violentamente expulsas do seu leito, invadiram os continentes, arrastando consigo as terras e os rochedos, desnudando as montanhas, desenraizando as florestas seculares. Os novos depósitos que formaram são designados em geologia pelo nome de terrenos diluvianos.

42 Um dos vestígios mais significativos desse grande desastre são as rochas chamadas blocos erráticos. Chamam-se assim rochedos de granito que se encontram isolados nas planícies, repousando sobre terrenos terciários e no meio dos terrenos diluvianos, às vezes a várias centenas de léguas das montanhas de que foram arrancados. É evidente que só puderam ser transportados a tão grandes distâncias pela violência das correntes.

43 Um fato não menos característico, e de que ainda não se explica a causa, é que é nos terrenos diluvianos que se encontram os primeiros aerólitos; foi, pois, só nessa época que começaram a cair. A causa que os produz não existia, portanto, anteriormente.

44 É ainda por essa época que os polos começam a cobrir-se de gelos e que se formam as geleiras das montanhas, o que indica uma mudança notável na temperatura do globo.

44.2 Essa mudança deve ter sido súbita, porque, se se tivesse operado gradualmente, os animais, tais como os elefantes, que hoje só vivem nos climas quentes e que se encontram em tão grande número em estado fóssil nas terras polares, teriam tido tempo de retirar-se pouco a pouco para as regiões mais temperadas.

44.3 Tudo prova, ao contrário, que devem ter sido apanhados bruscamente por um grande frio e envolvidos pelos gelos.

45 Foi, pois, esse o verdadeiro dilúvio universal. As opiniões estão divididas sobre as causas que o puderam produzir; mas, quaisquer que sejam, o fato nem por isso deixa de existir.

Supõe-se bastante geralmente que ocorreu uma mudança brusca na posição do eixo da Terra, em consequência da qual os polos foram deslocados; daí uma projeção geral das águas sobre a superfície. Se essa mudança se tivesse operado com lentidão, as águas ter-se-iam deslocado gradualmente, sem abalo, ao passo que tudo indica uma comoção violenta e súbita. Na ignorância em que se está da verdadeira causa, só se podem emitir hipóteses.

O deslocamento súbito das águas pode também ter sido ocasionado pelo levantamento de certas partes da crosta sólida e pela formação de novas montanhas no seio dos mares, como aconteceu no começo do período terciário; mas, além de que o cataclismo não teria sido geral, isso não explicaria a mudança súbita da temperatura dos polos.

46 Na tormenta causada pela convulsão das águas, muitos animais pereceram; outros, para escapar à inundação, retiraram-se para as alturas, para cavernas e fendas, onde pereceram em massa, seja pela fome, seja devorando-se uns aos outros, seja talvez também pela irrupção das águas nos lugares onde se tinham refugiado e de onde não tinham podido escapar.

46.2 Assim se explica a grande quantidade de ossadas de animais diversos, carnívoros e outros, que se encontram de mistura em certas cavernas, chamadas por essa razão cavernas ou brechas ósseas. Encontram-se nelas o mais das vezes sob as estalagmites. Em algumas, as ossadas parecem ter sido arrastadas para ali pela corrente das águas.

47 Uma vez restabelecido o equilíbrio na superfície do globo, a vida animal e vegetal retomou prontamente o seu curso. O solo, firmado, tomara um assento mais estável; o ar, mais depurado, convinha a órgãos mais delicados.

47.2 O sol, que brilhava com todo o seu esplendor através de uma atmosfera límpida, espalhava, com a luz, um calor menos sufocante e mais vivificante que o da fornalha interior.

47.3 A Terra povoava-se de animais menos ferozes e mais sociáveis; os vegetais, mais suculentos, ofereciam uma alimentação menos grosseira; tudo, enfim, estava preparado na Terra para o novo hóspede que devia habitá-la. Foi então que apareceu o homem, o último ser da criação, aquele cuja inteligência devia doravante concorrer para o progresso geral, progredindo ele mesmo.

48 O homem só existe realmente na Terra desde o período diluviano, ou apareceu antes dessa época? Essa questão é muito controvertida hoje; mas a sua solução, qualquer que seja, tem apenas uma importância secundária, porque nada mudaria no conjunto dos fatos estabelecidos.

O que fizera pensar que o aparecimento dos homens é posterior ao dilúvio é que não se tinha encontrado nenhum vestígio autêntico da sua existência durante o período anterior. As ossadas descobertas em diversos lugares, que fizeram crer na existência de uma pretensa raça de gigantes antediluvianos, foram reconhecidas como ossadas de elefantes.

O que não é duvidoso é que o homem não existia nem no período primário, nem no de transição, nem no período secundário, não só porque não se encontra dele nenhum vestígio, mas porque as condições de vitalidade não existiam para ele. Se apareceu no período terciário, só pode ter sido para o fim, e ainda assim devia ser pouco numeroso; de outro modo, já que se encontram os vestígios mais delicados de tão grande número de animais que viveram nessa época, não se compreenderia que os homens não tivessem deixado nenhum indício da sua presença, seja pelos restos do corpo, seja por trabalhos quaisquer.

De resto, o período diluviano, tendo sido curto, não trouxe mudanças notáveis nas condições climáticas e atmosféricas; os animais e os vegetais eram os mesmos antes e depois; não há, pois, impossibilidade material em que o aparecimento do homem tenha precedido esse grande cataclismo; a presença do macaco nessa época aumenta a probabilidade do fato, que descobertas recentes parecem confirmar (1).

Seja como for, quer o homem tenha aparecido antes, quer não, do grande dilúvio universal, é certo que o seu papel humanitário só começou realmente a desenhar-se no período pós-diluviano; pode-se, pois, considerá-lo caracterizado pela sua presença.

(1) Ver os trabalhos do Sr. Boucher de Perthes.

Une Sacra · edição 1.8 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

VIII. TEORIAS DA TERRA

✦

1 De todas as teorias acerca da origem da Terra, a que teve mais crédito nestes últimos tempos é a de Buffon, seja por causa da posição do seu autor no mundo sábio, seja porque não se sabia mais nada naquela época.

Vendo todos os planetas moverem-se na mesma direção, do ocidente para o oriente, e no mesmo plano, percorrendo órbitas cuja inclinação não excede 7 graus e meio, Buffon concluiu dessa uniformidade que deviam ter sido postos em movimento pela mesma causa.

Segundo ele, sendo o sol uma massa incandescente em fusão, supôs que um cometa, tendo-o atingido obliquamente, rasando a sua superfície, destacara dele uma porção que, projetada no espaço pela violência do choque, se dividiu em vários fragmentos. Esses fragmentos formaram os planetas, que continuaram a mover-se circularmente pela combinação da força centrípeta e da força centrífuga, no sentido imprimido pela direção do choque primitivo, isto é, no plano da eclíptica.

Os planetas seriam assim partes da substância incandescente do sol e, por conseguinte, teriam sido eles mesmos incandescentes na sua origem. Levaram para resfriar-se e consolidar-se um tempo proporcional ao seu volume, e, quando a temperatura o permitiu, a vida nasceu na sua superfície.

Em consequência do abaixamento gradual do calor central, a Terra chegaria, num tempo dado, a um estado completo de resfriamento; a massa líquida estaria inteiramente congelada, e o ar, cada vez mais condensado, acabaria por desaparecer. O abaixamento da temperatura, tornando a vida impossível, traria a diminuição e depois o desaparecimento de todos os se-

res organizados. O resfriamento, que começou pelos polos, ganharia sucessivamente todas as regiões até o equador.

Tal é, segundo Buffon, o estado atual da Lua, que, menor que a Terra, seria hoje um mundo extinto, do qual a vida está doravante excluída. O próprio sol teria um dia a mesma sorte. Segundo o seu cálculo, a Terra teria levado cerca de 74.000 anos para chegar à sua temperatura atual, e daqui a 93.000 anos veria o fim da existência da natureza organizada.

[2] A teoria de Buffon, contraditada pelas novas descobertas da ciência, está hoje quase completamente abandonada, pelos seguintes motivos:

1º Durante muito tempo julgou-se que os cometas eram corpos sólidos, cujo encontro com um planeta podia acarretar a destruição deste. Nessa hipótese, a suposição de Buffon nada tinha de improvável. Mas sabe-se agora que são formados de uma matéria gasosa condensada, bastante rarefeita, entretanto, para que se possam perceber estrelas de grandeza média através do seu núcleo. Nesse estado, oferecendo menos resistência que o sol, um choque violento capaz de projetar ao longe uma porção da sua massa é coisa impossível.

2º A natureza incandescente do sol é igualmente uma hipótese que nada, até agora, vem confirmar, e que as observações parecem, ao contrário, desmentir. Embora ainda não se esteja completamente fixado sobre a sua natureza, o poder dos meios de observação de que hoje se dispõe permitiu estudá-lo melhor. É agora geralmente admitido pela ciência que o sol é um globo composto de matéria sólida, cercado de uma atmosfera luminosa que não está em contato com a sua superfície.

3º No tempo de Buffon, só se conheciam os seis planetas conhecidos dos antigos: Mercúrio, Vênus, a Terra, Marte, Júpiter e Saturno. Desde então

descobriu-se grande número deles, três dos quais sobretudo, Juno, Ceres e Palas, têm a órbita inclinada de 13, 10 e 34 graus, o que não concorda com a hipótese de um movimento de projeção único.

4º Os cálculos de Buffon sobre o resfriamento estão reconhecidos como completamente inexatos desde a descoberta da lei do decrescimento do calor, pelo Sr. Fourier. Não foram 74.000 anos que a Terra levou para chegar à sua temperatura atual, mas milhões de anos.

5º Buffon só considerou o calor central do globo, sem levar em conta o dos raios solares; ora, está hoje reconhecido, por dados científicos de rigorosa precisão fundados na experiência, que, em razão da espessura da crosta terrestre, o calor interno do globo só tem, há muito tempo, uma parte insignificante na temperatura da superfície exterior; as variações que essa atmosfera sofre são periódicas e devidas à ação preponderante do calor solar (cap. VII, n.º 25). Sendo permanente o efeito dessa causa, ao passo que o do calor central é nulo ou quase, a diminuição deste não pode trazer à superfície da Terra modificações sensíveis. Para que a Terra se tornasse inabitável pelo resfriamento geral, seria preciso a extinção do sol (1).

(1) Ver, para mais pormenores sobre esse assunto e sobre a lei do decrescimento do calor: Cartas sobre as revoluções do globo, por Bertrand, p. 19 e 307.

3 A teoria da formação da Terra pela condensação da matéria cósmica é a que prevalece hoje na ciência, como a mais bem justificada pela observação, a que resolve o maior número de dificuldades e a que se apoia, mais que todas as outras, no grande princípio da unidade universal. É a que está descrita acima, cap. VI, Uranografia geral.

Essas duas teorias, como se vê, chegam ao mesmo resultado: o estado primi-

tivo de incandescência do globo, a formação de uma crosta sólida pelo resfriamento, a existência do fogo central e o aparecimento da vida orgânica logo que a temperatura a torna possível. Diferem pelo modo de formação da Terra, e é provável que, se Buffon tivesse vivido nos nossos dias, teria tido outras ideias. São, pois, dois caminhos diferentes que conduzem ao mesmo fim.

A geologia toma a Terra no ponto em que a observação direta é possível. O seu estado anterior, escapando à experimentação, só pode ser conjectural; ora, entre duas hipóteses, o bom senso diz que se deve escolher a que é sancionada pela lógica e que melhor concorda com os fatos observados.

Teoria da incrustação

Só mencionamos esta teoria a título de lembrança, uma vez que nada tem de científica, e unicamente porque teve alguma repercussão nestes últimos tempos e seduziu algumas pessoas. Está resumida na carta seguinte:

«Deus, segundo a Bíblia, criou o mundo em seis dias, quatro mil anos antes da era cristã. Eis o que os geólogos contestam pelo estudo dos fósseis e pelos milhares de caracteres incontestáveis de antiguidade que fazem remontar a origem da Terra a milhões de anos; e, no entanto, a Escritura disse a verdade, e os geólogos também, e é um simples camponês que os põe de acordo, ensinando-nos que a nossa Terra não é senão um planeta incrustativo muito moderno, composto de materiais muito antigos.

«Depois da retirada do planeta desconhecido, chegado à maturidade ou em harmonia com o que existia no lugar que ocupamos hoje, a alma da Terra recebeu a ordem de reunir os seus satélites para formar o nosso globo atual segundo as regras do progresso em tudo e para tudo. Só quatro desses astros consentiram na associação que lhes era proposta; só a Lua persistiu na sua autonomia, porque os globos também têm o seu livre-arbítrio. Para

proceder a essa fusão, a alma da Terra dirigiu aos satélites um raio magnético atrativo, que catalepsiou todo o seu mobiliário vegetal, animal e hominal, que eles trouxeram para a comunidade. A operação só teve por testemunhas a alma da Terra e os grandes mensageiros celestes que a ajudaram nessa grande obra, abrindo esses globos para pôr em comum as suas entranhas. Operada a soldadura, as águas escoaram-se para os vazios deixados pela ausência da Lua. As atmosferas confundiram-se, e começou o despertar ou a ressurreição dos germes catalepsiados; o homem foi tirado em último lugar do seu estado de hipnotismo e viu-se cercado da vegetação luxuriante do paraíso terrestre e dos animais que pastavam em paz em torno dele. Tudo isso podia fazer-se em seis dias, com operários tão poderosos quanto aqueles que Deus encarregara dessa tarefa. O planeta Ásia trouxe-nos a raça amarela, a mais anciãmente civilizada; a África, a raça negra; a Europa, a raça branca; e a América, a raça vermelha. A Lua talvez nos tivesse trazido a raça verde ou azul.

«Assim, certos animais, de que só se encontram os restos, nunca teriam vivido na nossa Terra atual, mas teriam sido trazidos de outros mundos deslocados pela velhice. Os fósseis que se encontram em climas onde não poderiam ter existido aqui embaixo viviam, sem dúvida, em zonas bem diferentes, nos globos onde nasceram. Tais restos encontram-se nos polos entre nós, que viviam no equador entre eles.»

5. Essa teoria tem contra si os dados mais positivos da ciência experimental, além de deixar inteira a questão de origem que pretende resolver. Diz bem como a Terra se teria formado, mas não diz como se formaram os quatro mundos reunidos para constituí-la.

Se as coisas se tivessem passado assim, como se explicaria que não se encontrem em parte alguma os vestígios dessas imensas soldaduras, que iriam até

as entranhas do globo? Trazendo cada um desses mundos os seus materiais próprios, a Ásia, a África, a Europa e a América teriam cada uma uma geologia particular diferente, o que não é o caso. Vê-se, ao contrário, primeiro o núcleo granítico uniforme, de composição homogênea em todas as partes do globo, sem solução de continuidade. Depois, as camadas geológicas da mesma formação, idênticas na sua constituição, por toda parte sobrepostas na mesma ordem, continuando-se sem interrupção de um lado ao outro dos mares, da Europa à Ásia, à África, à América, e reciprocamente. Essas camadas, testemunhas das transformações do globo, atestam que essas transformações se cumpriram em toda a sua superfície, e não numa parte; mostram-nos os períodos de aparecimento, de existência e de desaparecimento das mesmas espécies animais e vegetais igualmente nas diferentes partes do mundo; a fauna e a flora desses períodos remotos marchando por toda parte simultaneamente sob a influência de uma temperatura uniforme, mudando por toda parte de caráter à medida que a temperatura se modifica. Tal estado de coisas é inconciliável com a formação da Terra pela junção de vários mundos diferentes.

Se esse sistema tivesse sido concebido há apenas um século, poderia ter conquistado um lugar provisório nas cosmogonias especulativas, puramente imaginárias e fundadas sem o método experimental; mas hoje não tem nenhuma vitalidade e nem sequer suporta o exame, porque é contraditado pelos fatos materiais.

Sem discutir aqui o livre-arbítrio atribuído aos planetas, nem a questão da sua alma, pergunta-se em que se teria tornado o mar, que ocupa o vazio deixado pela Lua, se esta não tivesse mostrado má vontade em reunir-se às suas irmãs; e o que aconteceria à Terra atual se um dia desse à Lua a fantasia de vir retomar o seu lugar e expulsar dele o mar.

6. Esse sistema seduziu algumas pessoas porque parecia explicar a presença das diferentes raças de homens na Terra e a sua localização; mas, se essas raças puderam germinar em mundos separados, por que não o teriam podido fazer em pontos diversos de um mesmo globo? É querer resolver uma dificuldade por uma dificuldade muito maior. Com efeito, por mais rapidez e destreza com que se tenha feito a operação, essa junção não pôde fazer-se sem abalos violentos; quanto mais rápida foi, mais desastrosos devem ter sido os cataclismos; parece, pois, impossível que seres simplesmente adormecidos no sono cataléptico tenham podido resistir a eles para despertarem depois tranquilamente. Se eram apenas germes, em que consistiam? Como seres já formados teriam sido reduzidos ao estado de germes? Restaria sempre a questão de saber como esses germes se desenvolveram de novo. Seria ainda a Terra formada por via miraculosa, mas por outro processo, menos poético e menos grandioso que o primeiro; ao passo que as leis naturais dão da sua formação uma explicação muito mais completa e, sobretudo, mais racional, deduzida da experiência e da observação (1).

(1) Quando semelhante sistema se liga a toda uma cosmogonia, pergunta-se sobre que base racional pode repousar o resto.

A concordância que se pretende estabelecer, por esse sistema, entre a Gênese bíblica e a ciência é inteiramente ilusória, pois é contraditada pela própria ciência. Por outro lado, todas as crenças saídas do texto bíblico têm por pedra angular a criação de um casal único, de onde saíram todos os homens. Tirai essa pedra, e tudo o que está construído sobre ela desmorona. Ora, esse sistema, dando à humanidade uma origem múltipla, é a negação da doutrina que lhe dá um pai comum.

O autor da carta acima, homem de grande saber, por um instante seduzido por essa teoria, logo viu os seus lados vulneráveis e não tardou a combatê-la com as armas da ciência.

Une Sacra · edição 1.8 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

IX. REVOLUÇÕES DO GLOBO

✦

1 Os períodos geológicos marcam as fases do aspecto geral do globo, em consequência das suas transformações; mas, com exceção do período diluviano, que traz os caracteres de uma convulsão súbita, todos os outros se cumpriram lentamente e sem transição brusca. Durante todo o tempo que os elementos constitutivos do globo levaram para tomar o seu assento, as mudanças devem ter sido gerais; uma vez consolidada a base, só devem ter-se produzido modificações parciais na superfície.

2 Além das revoluções gerais, a Terra sofreu grande número de perturbações locais, que mudaram o aspecto de certas regiões. Como para as outras, duas causas contribuíram para isso: o fogo e a água.

O fogo: seja pelas erupções vulcânicas, que sepultaram sob espessas camadas de cinzas e de lavas os terrenos circunvizinhos, fazendo desaparecer as cidades e os seus habitantes; seja por terremotos; seja por levantamentos da crosta sólida, que repeliram as águas para as regiões mais baixas; seja pelo afundamento dessa mesma crosta em certos lugares, numa extensão mais ou menos grande, onde as águas se precipitaram, deixando outros terrenos a descoberto. Foi assim que ilhas surgiram no seio do Oceano, enquanto outras desapareceram; que porções de continentes foram separadas e formaram ilhas; que braços de mar postos a seco reuniram ilhas aos continentes.

A água: seja pela irrupção ou pela retirada do mar em certas costas; seja por desmoronamentos que, detendo os cursos de água, formaram lagos; seja pelos transbordamentos e pelas inundações; seja, enfim, pelos aterros forma-

dos na foz dos rios. Esses aterros, repelindo o mar, criaram novas regiões: tal é a origem do delta do Nilo ou Baixo Egito, do delta do Ródano ou Camargue, e de tantos outros.

3 Pela inspeção dos terrenos rasgados pelo levantamento das montanhas e das camadas que formam os seus contrafortes, pode-se determinar a sua idade geológica. Por idade geológica das montanhas não se deve entender o número de anos da sua existência, mas o período durante o qual foram formadas e, por conseguinte, a sua antiguidade relativa. Seria um erro julgar que essa antiguidade está em razão da sua elevação ou da sua natureza exclusivamente granítica, visto que a massa de granito, ao levantar-se, pode ter perfurado e separado as camadas sobrepostas.

Constatou-se assim, pela observação, que as montanhas dos Vosges, da Bretanha e da Côte-d'Or, na França, que não são muito elevadas, pertencem às formações mais antigas; datam do período de transição e são anteriores aos depósitos de hulha. O Jura formou-se pelo meio do período secundário; é contemporâneo dos répteis gigantescos. Os Pireneus formaram-se mais tarde, no começo do período terciário. O Monte Branco e o grupo dos Alpes ocidentais são posteriores aos Pireneus e datam do meio do período terciário. Os Alpes orientais, que compreendem as montanhas do Tirol, são mais recentes ainda, porque só se formaram pelo fim do período terciário. Algumas montanhas da Ásia são até posteriores ao período diluviano ou lhe são contemporâneas.

Esses levantamentos devem ter ocasionado grandes perturbações locais e inundações mais ou menos consideráveis, pelo deslocamento das águas, pela interrupção e pela mudança do curso dos rios (1).

(1) O último século oferece um exemplo notável de um fenômeno desse

gênero. A seis jornadas de marcha da cidade do México havia, em 1759, uma região fértil e bem cultivada, onde cresciam em abundância o arroz, o milho e as bananas. No mês de junho, terremotos assustadores agitaram o solo, e esses tremores renovaram-se sem cessar durante dois meses inteiros. Na noite de 28 para 29 de setembro, a terra teve uma violenta convulsão; um terreno de várias léguas de extensão levantou-se pouco a pouco e acabou por atingir uma altura de 500 pés, numa superfície de 10 léguas quadradas. O terreno ondulava como as vagas do mar sob o sopro da tempestade; milhares de montículos elevavam-se e abismavam-se alternadamente; enfim, abriu-se um abismo de quase 3 léguas; fumaça, fogo, pedras abrasadas, cinzas foram lançados a uma altura prodigiosa. Seis montanhas surgiram desse abismo escancarado, entre as quais o vulcão a que se deu o nome de Jorullo, que se eleva hoje a 550 metros acima da antiga planície. No momento em que começava o abalo do solo, os dois rios Cuitimba e San Pedro, refluindo para trás, inundaram toda a planície hoje ocupada pelo Jorullo; mas, no terreno que subia sempre, abriu-se um abismo que os engoliu. Reapareceram a oeste, num ponto muito afastado do seu antigo leito. (Louis Figuier, A Terra antes do dilúvio.)

[4] O dilúvio bíblico, designado também pelo nome de grande dilúvio asiático, é um fato cuja existência não pode ser contestada. Deve ter sido ocasionado pelo levantamento de uma parte das montanhas dessa região, como o do México. O que vem em apoio dessa opinião é a existência de um mar interior que se estendia outrora do mar Negro ao oceano Boreal, atestada pelas observações geológicas. O mar de Azov, o mar Cáspio, cujas águas são salgadas, embora não se comuniquem com nenhum outro mar; o lago Aral e os inumeráveis lagos espalhados nas imensas planícies da Tartária e nas

estepes da Rússia parecem ser restos desse antigo mar. Por ocasião do levantamento das montanhas do Cáucaso, uma parte dessas águas foi repelida para o norte, para o oceano Boreal; a outra, para o sul, para o oceano Índico. Estas inundaram e devastaram precisamente a Mesopotâmia e toda a região habitada pelos antepassados do povo hebreu. Embora esse dilúvio se tenha estendido por uma superfície bastante grande, um ponto averiguado hoje é que foi apenas local; que não pôde ser causado pela chuva, porque, por mais abundante e contínua que tivesse sido durante quarenta dias, o cálculo prova que a quantidade de água caída não podia ser bastante grande para cobrir toda a Terra, até acima das mais altas montanhas.
Para os homens de então, que só conheciam uma extensão muito limitada da superfície do globo e não tinham nenhuma ideia da sua configuração, desde o instante em que a inundação invadira os países conhecidos, para eles devia ser toda a Terra. Se a essa crença se acrescenta a forma figurada e hiperbólica própria do estilo oriental, não se ficará surpreendido com o exagero do relato bíblico.

5 O dilúvio asiático é evidentemente posterior ao aparecimento do homem na Terra, pois a memória dele conservou-se pela tradição em todos os povos dessa parte do mundo, que o consagraram nas suas teogonias.
É igualmente posterior ao grande dilúvio universal que marcou o período geológico atual; e, quando se fala de homens e de animais antediluvianos, isso se entende desse primeiro cataclismo.

6 Além do seu movimento anual em torno do sol, que produz as estações, e do seu movimento de rotação sobre si mesma em 24 horas, que produz o dia e a noite, a Terra tem um terceiro movimento, que se cumpre em cerca de 25.000 anos (mais exatamente 25.808 anos), e que produz o fenômeno

designado em astronomia pelo nome de precessão dos equinócios.
Esse movimento, que seria impossível explicar em poucas palavras, sem figuras e sem uma demonstração geométrica, consiste numa espécie de balanço circular, que se comparou ao de um pião que está parando, em consequência do qual o eixo da Terra, mudando de inclinação, descreve um duplo cone cujo vértice está no centro da Terra e cujas bases abarcam a superfície circunscrita pelos círculos polares, isto é, uma amplitude de 23 graus e meio de raio.

[7] O equinócio é o instante em que o sol, passando de um hemisfério ao outro, se encontra perpendicularmente sobre o equador, o que acontece duas vezes por ano: a 20 de março, quando o sol volta para o hemisfério boreal, e a 22 de setembro, quando volta para o hemisfério austral.
Mas, em consequência da mudança gradual na obliquidade do eixo, que acarreta uma na obliquidade do equador sobre a eclíptica, o instante do equinócio encontra-se cada ano adiantado alguns minutos (25 min 7 s). É esse adiantamento que se chama precessão dos equinócios (do latim praecedere, ir adiante, formado de prae, antes, e cedere, ir-se).
Esses poucos minutos, com o tempo, fazem horas, dias, meses e anos; daí resulta que o equinócio da primavera, que chega agora em março, chegará, num tempo dado, em fevereiro, depois em janeiro, depois em dezembro, e então o mês de dezembro terá a temperatura do mês de março, e março a de junho, e assim por diante, até que, voltando ao mês de março, as coisas se encontrem de novo no estado atual, o que acontecerá daqui a 25.868 anos, para recomeçar a mesma revolução indefinidamente (1).
(1) Girando a Terra em torno do sol em um ano, à medida que avança, o sol encontra-se cada mês diante de uma nova constelação. Essas constelações

são em número de doze, a saber: Carneiro, Touro, Gêmeos, Caranguejo, Leão, Virgem, Balança, Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário e Peixes. Chamam-se constelações zodiacais ou signos do zodíaco, e formam um círculo no plano do equador terrestre. Segundo o mês do nascimento de um indivíduo, dizia-se que ele nascera sob tal signo; daí os prognósticos da astrologia. Mas, em consequência da precessão dos equinócios, acontece que os meses já não correspondem às mesmas constelações que há 2.000 anos: aquele que nasce no mês de julho já não está no signo do Leão, mas no do Caranguejo. Assim cai a ideia supersticiosa ligada à influência dos signos. (Cap. V, n.º 12.)

8 Resulta desse movimento cônico do eixo que os polos da Terra não olham constantemente para os mesmos pontos do céu; que a estrela polar não será sempre estrela polar; que os polos estão gradualmente mais ou menos inclinados para o sol e recebem dele raios mais ou menos diretos; de onde se segue que a Islândia e a Lapônia, por exemplo, que estão sob o círculo polar, poderão, num tempo dado, receber os raios solares como se estivessem na latitude da Espanha e da Itália, e que, na posição oposta extrema, a Espanha e a Itália poderão ter a temperatura da Islândia e da Lapônia, e assim por diante a cada renovação do período de 23.000 anos.

9 As consequências desse movimento ainda não puderam ser determinadas com precisão, porque só se pôde observar uma parte muito pequena da sua revolução; há, pois, a esse respeito apenas presunções, algumas das quais têm certa probabilidade.

Essas consequências são:

1º O aquecimento e o resfriamento alternados dos polos e, por conseguinte, a fusão dos gelos polares durante a metade do período de 25.000

anos, e a sua formação de novo durante a outra metade desse período. De onde resultaria que os polos não estariam votados a uma esterilidade perpétua, mas gozariam alternadamente dos benefícios da fertilidade.

2º O deslocamento gradual do mar, que invade pouco a pouco as terras, enquanto descobre outras, para abandoná-las de novo e voltar ao seu antigo leito. Esse movimento periódico, renovado indefinidamente, constituiria uma verdadeira maré universal de 25.000 anos.

A lentidão com que se opera esse movimento do mar torna-o quase imperceptível para cada geração; mas é sensível ao cabo de alguns séculos. Não pode causar nenhum cataclismo súbito, porque os homens se retiram, de geração em geração, à medida que o mar avança, e avançam sobre as terras de onde o mar se retira. É a essa causa, mais que provável, que alguns sábios atribuem a retirada do mar em certas costas e a sua invasão em outras.

10 O deslocamento lento, gradual e periódico do mar é um fato adquirido pela experiência e atestado por numerosos exemplos em todos os pontos do globo. Tem por consequência a manutenção das forças produtivas da terra. Essa longa imersão é um tempo de repouso durante o qual as terras submersas recuperam os princípios vitais esgotados por uma produção não menos longa. Os imensos depósitos de matérias orgânicas formados pela permanência das águas durante séculos de séculos são adubos naturais periodicamente renovados, e as gerações sucedem-se sem perceber essas mudanças (1).

Segundo isso, o território de Paris e da França seria um dia de novo ocupado pelo mar, como já o foi várias vezes, como o provam as observações geológicas. As partes montanhosas formarão então ilhas, como o são agora Jersey, Guernsey e a Inglaterra, outrora contíguas ao continente. Navegar-

se-á por cima das regiões que hoje se percorrem de trem; os navios abordarão em Montmartre, no monte Valérien, nas colinas de Saint-Cloud e de Meudon; os bosques e as florestas onde se passeia estarão sepultados sob as águas, recobertos de lodo e povoados de peixes em vez de aves.

O dilúvio bíblico não pode ter tido essa causa, pois a invasão das águas foi súbita e a sua permanência de curta duração, ao passo que, de outro modo, teria sido de vários milhares de anos e duraria ainda, sem que os homens o tivessem percebido.

(1) Entre os fatos mais recentes que provam o deslocamento do mar, podem citar-se os seguintes:

No golfo da Gasconha, entre o velho Soulac e a torre de Cordouan, quando o mar está calmo, descobrem-se no fundo da água pedaços de muralha: são os restos da antiga e grande cidade de Noviomagus, invadida pelas ondas em 380. O rochedo de Cordouan, que estava então ligado à margem, está agora a 12 km dela.

No mar da Mancha, na costa do Havre, o mar ganha cada dia terreno e mina as falésias de Sainte-Adresse, que desmoronam pouco a pouco. A 2 quilômetros da costa, entre Sainte-Adresse e o cabo de la Hève, existe o banco de l'Éclat, outrora descoberto e unido à terra firme. Antigos documentos constatam que nesse lugar, onde hoje se navega, havia a aldeia de Saint-Denis-chef-de-Caux. Tendo o mar invadido o terreno no século XIV, a igreja foi tragada em 1378. Pretende-se que se veem os seus restos no fundo da água com tempo calmo.

Em quase toda a extensão do litoral da Holanda, o mar só é contido à força de diques, que se rompem de tempos em tempos. O antigo lago Flevo, reunido ao mar em 1225, forma hoje o golfo do Zuiderzee. Essa irrupção do Oceano tragou várias aldeias.

11 As grandes comoções da Terra ocorreram na época em que a crosta sólida, pela sua pouca espessura, só oferecia uma fraca resistência à efervescência das matérias incandescentes do interior; viram-se diminuir de intensidade e de generalidade à medida que a crosta se consolidou. Numerosos vulcões estão agora extintos; outros foram recobertos pelos terrenos de formação posterior.

Poderão certamente ainda produzir-se perturbações locais, em consequência de erupções vulcânicas, da abertura de alguns novos vulcões, de inundações súbitas de certas regiões; algumas ilhas poderão sair do mar e outras abismar-se nele; mas o tempo dos cataclismos gerais, como os que marcaram os grandes períodos geológicos, passou. A Terra tomou doravante um assento que, sem ser absolutamente invariável, põe desde então o gênero humano ao abrigo das perturbações gerais, a menos de causas desconhecidas, estranhas ao nosso globo, que nada poderia fazer prever.

12 Quanto aos cometas, está-se hoje plenamente tranquilizado sobre a sua influência, mais salutar que nociva, pois parecem destinados a reabastecer, se assim se pode dizer, os mundos, levando-lhes os princípios vitais que recolheram durante o seu curso através do espaço e na vizinhança dos sóis. Seriam assim fontes de prosperidade, mais do que mensageiros de desgraça.

Pela sua natureza fluídica, hoje bem constatada (cap. VI, n.º 28 e seguintes), não é de temer um choque violento; porque, no caso de um deles encontrar a Terra, seria esta que passaria através do cometa, como através de um nevoeiro.

A sua cauda não é mais temível; é apenas a reflexão da luz solar na imensa atmosfera que os envolve, pois está constantemente dirigida para o lado

oposto ao sol e muda de direção segundo a posição desse astro. Essa matéria gasosa poderia também, em consequência da rapidez da sua marcha, formar uma espécie de cabeleira, como a esteira atrás de um navio ou a fumaça de uma locomotiva. De resto, vários cometas já se aproximaram da Terra sem lhe causar nenhum dano; e, em razão da sua densidade respectiva, a Terra exerceria sobre o cometa uma atração maior que o cometa sobre a Terra. Só um resto de velhos preconceitos pode inspirar receios quanto à sua presença.

13 É preciso igualmente relegar para o número das hipóteses quiméricas a possibilidade do encontro da Terra com outro planeta; a regularidade e a invariabilidade das leis que presidem aos movimentos dos corpos celestes tiram a esse encontro toda probabilidade.

A Terra, entretanto, terá um fim; como? É o que é impossível prever; mas, como ainda está longe da perfeição que pode atingir, e da velhice, que seria um sinal de declínio, os seus habitantes atuais estão seguros de que não será no seu tempo. (Cap. VI, n.º 48 e seguintes.)

14 Fisicamente, a Terra teve as convulsões da sua infância; entrou desde então num período de estabilidade relativa: no do progresso pacífico, que se cumpre pelo retorno regular dos mesmos fenômenos físicos e pelo concurso inteligente do homem. Mas ainda está em pleno trabalho de parto do progresso moral. Aí estará a causa das suas maiores comoções.

14.2 Até que a humanidade tenha crescido suficientemente em perfeição pela inteligência e pela prática das leis divinas, as maiores perturbações serão obra dos homens mais do que da natureza, isto é, serão antes morais e sociais do que físicas.

Une Sacra · edição 1.8 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

X. GÊNESE ORGÂNICA

✦

1 Houve um tempo em que os animais não existiam; logo, começaram. Viu-se aparecer cada espécie à medida que o globo adquiria as condições necessárias à sua existência: isso é positivo. Como se formaram os primeiros indivíduos de cada espécie? Compreende-se que, dado um primeiro casal, os indivíduos se tenham multiplicado; mas esse primeiro casal, de onde saiu?

1.2 É esse um dos mistérios que se prendem ao princípio das coisas e sobre os quais só se podem fazer hipóteses. Se a ciência ainda não pode resolver inteiramente o problema, pode pelo menos pôr no caminho.

2 Uma primeira questão que se apresenta é esta: cada espécie animal saiu de um primeiro casal, ou de vários casais criados, ou, se quiserem, germinados simultaneamente em diferentes lugares?

Esta última suposição é a mais provável; pode-se até dizer que ressalta da observação. Com efeito, existe numa mesma espécie uma variedade infinita de gêneros, que se distinguem por caracteres mais ou menos marcados. Era preciso, de toda necessidade, pelo menos um tipo para cada variedade, apropriado ao meio em que era chamada a viver, pois cada uma se reproduz identicamente a mesma.

Por outro lado, a vida de um indivíduo, principalmente de um indivíduo nascente, está submetida a tantas eventualidades que toda uma criação poderia ter sido comprometida sem a pluralidade dos tipos primitivos, o que não teria sido segundo a previdência divina. Aliás, se um tipo pôde formar-se num ponto, não há razão para que não se tenha formado em vários pon-

tos pela mesma causa.
Enfim, a observação das camadas geológicas atesta a presença, nos terrenos da mesma formação, e isso em proporções enormes, da mesma espécie nos pontos mais afastados do globo. Essa multiplicação tão geral e de certo modo contemporânea teria sido impossível com um tipo primitivo único.
Tudo concorre, pois, para provar que houve criação simultânea e múltipla dos primeiros casais de cada espécie animal e vegetal.

3 A formação dos primeiros seres vivos pode deduzir-se, por analogia, da mesma lei segundo a qual se formaram, e se formam todos os dias, os corpos inorgânicos. À medida que se aprofundam as leis da natureza, veem-se as suas engrenagens, que à primeira vista parecem tão complicadas, simplificarem-se e confundirem-se na grande lei de unidade que preside a toda a obra da criação. Compreender-se-á melhor quando se tiver dado conta da formação dos corpos inorgânicos, que é o seu primeiro grau.

4 A química considera elementares certo número de substâncias, tais como o oxigênio, o hidrogênio, o azoto, o carbono, o cloro, o iodo, o flúor, o enxofre, o fósforo e todos os metais. Pela sua combinação, formam os corpos compostos: os óxidos, os ácidos, os álcalis, os sais e as inumeráveis variedades que resultam da combinação destes.
A combinação de dois corpos para formar um terceiro exige um concurso particular de circunstâncias: seja um grau determinado de calor, de secura ou de umidade, seja o movimento ou o repouso, seja uma corrente elétrica etc. Se essas condições não existem, a combinação não se dá.

5 Quando há combinação, os corpos componentes perdem as suas propriedades características, ao passo que o composto que resulta deles possui novas, diferentes das dos primeiros. É assim, por exemplo, que o oxigênio e o

hidrogênio, que são gases invisíveis, combinados quimicamente, formam a água, que é líquida, sólida ou vaporosa, conforme a temperatura. Na água já não há, propriamente falando, oxigênio e hidrogênio, mas um novo corpo; decomposta essa água, os dois gases, novamente livres, recuperam as suas propriedades, e já não há água. A mesma quantidade de água pode assim ser alternadamente decomposta e recomposta ao infinito.

Na simples mistura, não há produção de um novo corpo, e os princípios misturados conservam as suas propriedades intrínsecas, que são apenas enfraquecidas, como acontece com o vinho misturado com água. É assim que uma mistura de 21 partes de oxigênio e de 79 partes de azoto forma o ar respirável, ao passo que uma combinação química de 5 partes de oxigênio para 2 de azoto produz o ácido nítrico.

6 A composição e a decomposição dos corpos dão-se em consequência do grau de afinidade que os princípios elementares têm uns pelos outros. A formação da água, por exemplo, resulta da afinidade recíproca do oxigênio e do hidrogênio; mas, se se põe em contato com a água um corpo que tenha pelo oxigênio mais afinidade do que este tem pelo hidrogênio, a água decompõe-se; o oxigênio é absorvido, o hidrogênio torna-se livre, e já não há água.

7 Os corpos compostos formam-se sempre em proporções definidas, isto é, pela combinação de uma quantidade determinada dos princípios constituintes. Assim, para formar a água é preciso uma parte de oxigênio e duas de hidrogênio.

7.2 Ainda que se pusesse, nas mesmas condições, uma proporção maior de um ou de outro dos dois gases, só seria absorvida a quantidade necessária, e o excesso ficaria livre.

7.3 Se, em outras condições, houver duas partes de oxigênio combinadas com duas de hidrogênio, em vez de água obtém-se o deutóxido de hidrogênio, líquido corrosivo, formado, contudo, dos mesmos elementos que a água, mas noutra proporção.

8 Tal é, em poucas palavras, a lei que preside à formação de todos os corpos da natureza. A inumerável variedade desses corpos resulta de um número muito pequeno de princípios elementares combinados em proporções diferentes.

Assim, o oxigênio combinado em certas proporções com o carbono, o enxofre e o fósforo forma os ácidos carbônico, sulfúrico e fosfórico; o oxigênio e o ferro formam o óxido de ferro ou ferrugem; o oxigênio e o chumbo, ambos inofensivos, dão lugar aos óxidos de chumbo, tais como o litargírio, o alvaiade e o mínio, que são venenosos. O oxigênio, com os metais chamados cálcio, sódio e potássio, forma a cal, a soda e a potassa. A cal unida ao ácido carbônico forma os carbonatos de cal ou pedras calcárias, tais como o mármore, o giz, a pedra de construção, as estalactites das grutas; unida ao ácido sulfúrico, forma o sulfato de cal ou gesso, e o alabastro; ao ácido fosfórico, o fosfato de cal, base sólida dos ossos; o hidrogênio e o cloro formam o ácido clorídrico; o ácido clorídrico e a soda formam o cloridrato de soda ou sal marinho.

9 Todas essas combinações, e milhares de outras, obtêm-se artificialmente, em pequeno, nos laboratórios de química; operam-se espontaneamente, em grande, no grande laboratório da natureza.

A Terra, no seu princípio, não continha essas matérias combinadas, mas somente os seus princípios constituintes volatilizados. Quando as terras calcárias e outras, tornadas com o tempo pedregosas, se depositaram na sua

superfície, não existiam já formadas; mas no ar encontravam-se, em estado gasoso, todas as substâncias primitivas; essas substâncias, precipitadas por efeito do resfriamento, sob o império de circunstâncias favoráveis, combinaram-se segundo o grau da sua afinidade molecular; foi então que se formaram as diferentes variedades de carbonatos, de sulfatos etc., primeiro em dissolução nas águas, depois depositadas na superfície do solo.
Suponhamos que, por uma causa qualquer, a Terra voltasse ao seu estado de incandescência primitiva: tudo isso se decomporia; os elementos separar-se-iam; todas as substâncias fusíveis se fundiriam; todas as que são volatilizáveis se volatilizariam. Depois, um segundo resfriamento traria uma nova precipitação, e as antigas combinações formar-se-iam de novo.

10 Essas considerações provam quanto a química era necessária para a inteligência da Gênese. Antes do conhecimento das leis da afinidade molecular, era impossível compreender a formação da Terra. Essa ciência iluminou a questão com uma luz inteiramente nova, como a astronomia e a geologia o fizeram sob outros pontos de vista.

11 Na formação dos corpos sólidos, um dos fenômenos mais notáveis é o da cristalização, que consiste na forma regular que tomam certas substâncias na sua passagem do estado líquido ou gasoso ao estado sólido. Essa forma, que varia segundo a natureza da substância, é geralmente a de sólidos geométricos, tais como o prisma, o romboedro, o cubo, a pirâmide. Todos conhecem os cristais de açúcar-cande; os cristais de rocha, ou sílica cristalizada, são prismas de seis faces terminados por uma pirâmide igualmente hexagonal. O diamante é carbono puro, ou carvão cristalizado. Os desenhos que se produzem nas vidraças no inverno são devidos à cristalização do vapor de água sob a forma de agulhas prismáticas.

A disposição regular dos cristais prende-se à forma particular das moléculas de cada corpo; essas parcelas, infinitamente pequenas para nós, mas que nem por isso deixam de ocupar certo espaço, solicitadas umas para as outras pela atração molecular, arranjam-se e justapõem-se, segundo a exigência da sua forma, de maneira a tomar cada uma o seu lugar em torno do núcleo ou primeiro centro de atração e a formar um conjunto simétrico.

A cristalização só se opera sob o império de certas circunstâncias favoráveis, fora das quais não pode dar-se; o grau da temperatura e o repouso são condições essenciais. Compreende-se que um calor forte demais, mantendo as moléculas afastadas, não lhes permitiria condensar-se, e que a agitação, opondo-se ao seu arranjo simétrico, faria que só formassem uma massa confusa e irregular e, por conseguinte, nenhuma cristalização propriamente dita.

12 A lei que preside à formação dos minerais conduz naturalmente à formação dos corpos orgânicos.

A análise química mostra-nos todas as substâncias vegetais e animais compostas dos mesmos elementos que os corpos inorgânicos. Os desses elementos que desempenham o papel principal são o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono; os outros só se encontram neles acessoriamente. Como no reino mineral, a diferença de proporção na combinação desses elementos produz todas as variedades de substâncias orgânicas e as suas diversas propriedades, tais como os músculos, os ossos, o sangue, a bílis, os nervos, a matéria cerebral, a gordura, nos animais; a seiva, a madeira, as folhas, os frutos, as essências, os óleos, as resinas etc., nos vegetais. Assim, na formação dos animais e das plantas não entra nenhum corpo especial que não se encontre igualmente no reino mineral (1).

(1) O quadro abaixo, da análise de algumas substâncias, mostra a diferença de propriedades que resulta só da diferença na proporção dos elementos constituintes. Em 100 partes (carbono, hidrogênio, oxigênio, azoto):
Açúcar de cana: 42.470 de carbono, ... de hidrogênio, 50.030 de oxigênio, sem azoto.
Açúcar de uva: 30.710 de carbono, 6.780 de hidrogênio, 56.510 de oxigênio, sem azoto.
Álcool: 51.980 de carbono.
Azeite de oliva: 77.210 de carbono.
Óleo de nozes: 79.774 de carbono.
Gordura: 78.996 de carbono.
Fibrina: 53.360 de carbono.
(Os demais valores do quadro estão ilegíveis no original digitalizado.)

13 Alguns exemplos usuais farão compreender as transformações que se operam no reino orgânico apenas pela modificação dos elementos constitutivos.
No suco da uva ainda não há nem vinho nem álcool, mas simplesmente água e açúcar. Quando esse suco chegou à maturidade e se encontra colocado em circunstâncias propícias, produz-se nele um trabalho íntimo, a que se dá o nome de fermentação. Nesse trabalho, uma parte do açúcar decompõe-se; o oxigênio, o hidrogênio e o carbono separam-se e combinam-se nas proporções necessárias para fazer álcool; de sorte que, bebendo suco de uva, não se bebe realmente álcool, pois ainda não existe.
No pão e nos legumes que se comem, não há certamente nem carne, nem sangue, nem ossos, nem bílis, nem matéria cerebral, e, no entanto, esses mesmos alimentos vão, decompondo-se e recompondo-se pelo trabalho da

digestão, produzir essas diferentes substâncias apenas pela transmutação dos seus elementos constitutivos.

Na semente de uma árvore também não há nem madeira, nem folhas, nem flores, nem frutos, e é um erro pueril julgar que a árvore inteira, sob forma microscópica, se encontra na semente; nem sequer há nessa semente, longe disso, a quantidade de oxigênio, de hidrogênio e de carbono necessária para formar uma folha da árvore. A semente encerra um germe que eclode quando ela se encontra em condições favoráveis; esse germe cresce pelos sucos que tira da terra e pelos gases que aspira do ar; esses sucos, que não são nem madeira, nem folhas, nem flores, nem frutos, infiltrando-se na planta, formam a sua seiva, como os alimentos, nos animais, formam o sangue. Essa seiva, levada pela circulação a todas as partes do vegetal, segundo os órgãos a que chega e onde sofre uma elaboração especial, transforma-se em madeira, folhas, frutos, como o sangue se transforma em carne, ossos, bílis etc., e, no entanto, são sempre os mesmos elementos: oxigênio, hidrogênio, azoto e carbono, diversamente combinados.

14 As diferentes combinações dos elementos para a formação das substâncias minerais, vegetais e animais só podem, pois, operar-se nos meios e nas circunstâncias propícias; fora dessas circunstâncias, os princípios elementares estão numa espécie de inércia.

14.2 Mas, logo que as circunstâncias são favoráveis, começa um trabalho de elaboração; as moléculas entram em movimento, agitam-se, atraem-se, aproximam-se, separam-se em virtude da lei das afinidades e, pelas suas combinações múltiplas, compõem a variedade infinita das substâncias.

14.3 Cessem essas condições, e o trabalho é subitamente detido, para recomeçar quando elas se apresentarem de novo. É assim que a vegetação se ativa, se retarda, cessa e recomeça, sob a ação do calor, da luz, da umidade, do frio ou da secura; que tal planta prospera num clima ou num terreno e definha ou perece em outro.

15 O que se passa diariamente sob os nossos olhos pode pôr-nos no caminho do que se passou na origem dos tempos, porque as leis da natureza são sempre as mesmas.

Já que os elementos constitutivos dos seres orgânicos e dos seres inorgânicos são os mesmos, e que os vemos incessantemente, sob o império de certas circunstâncias, formar as pedras, as plantas e os frutos, pode-se concluir que os corpos dos primeiros seres vivos se formaram como as primeiras pedras, pela reunião das moléculas elementares em virtude da lei de afinidade, à medida que as condições de vitalidade do globo se tornaram propícias a tal ou tal espécie.

A semelhança de forma e de cores, na reprodução dos indivíduos de cada espécie, pode ser comparada à semelhança de forma de cada espécie de cristal. As moléculas, justapondo-se sob o império da mesma lei, produzem um conjunto análogo.

16 Dizendo que as plantas e os animais são formados dos mesmos princípios constituintes que os minerais, é preciso entendê-lo no sentido exclusivamente material; por isso só se trata aqui do corpo.

Sem falar do princípio inteligente, que é uma questão à parte, há na matéria orgânica um princípio especial, inapreensível, que ainda não pôde ser definido: é o princípio vital. Esse princípio, que é ativo no ser vivo, está extinto no ser morto, mas nem por isso deixa de dar à substância proprieda-

des características que a distinguem das substâncias inorgânicas. A química, que decompõe e recompõe a maior parte dos corpos inorgânicos, pôde decompor os corpos orgânicos, mas nunca conseguiu reconstituir nem sequer uma folha morta, prova evidente de que há nestes alguma coisa que não existe nos outros.

17 O princípio vital é alguma coisa de distinto, que tem uma existência própria? Ou, para entrar no sistema da unidade do elemento gerador, é apenas um estado particular, uma das modificações do fluido cósmico universal, que se torna princípio de vida como se torna luz, fogo, calor, eletricidade? É neste último sentido que a questão é resolvida pelas comunicações relatadas acima (cap. VI, Uranografia geral).

Mas, qualquer que seja a opinião que se faça sobre a natureza do princípio vital, ele existe, pois se veem os seus efeitos. Pode-se, pois, admitir logicamente que, ao se formarem, os seres orgânicos assimilaram o princípio vital que era necessário à sua destinação; ou, se quiserem, que esse princípio se desenvolveu em cada indivíduo pelo próprio efeito da combinação dos elementos, como se vê, sob o império de certas circunstâncias, desenvolverem-se o calor, a luz e a eletricidade.

18 O oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono, combinando-se sem o princípio vital, só teriam formado um mineral ou corpo inorgânico; o princípio vital, modificando a constituição molecular desse corpo, dá-lhe propriedades especiais. Em vez de uma molécula mineral, tem-se uma molécula de matéria orgânica.

A atividade do princípio vital é mantida durante a vida pela ação do funcionamento dos órgãos, como o calor pelo movimento de rotação de uma roda; cesse essa ação pela morte, e o princípio vital extingue-se, como o ca-

lor quando a roda deixa de girar. Mas o efeito produzido sobre o estado molecular do corpo pelo princípio vital subsiste depois da extinção desse princípio, como a carbonização da madeira persiste depois da extinção do calor e da cessação do movimento da roda. Na análise dos corpos orgânicos, a química reencontra bem os elementos constituintes — oxigênio, hidrogênio, azoto e carbono —, mas não pode reconstituí-los, porque, não existindo mais a causa, não pode reproduzir o efeito, ao passo que pode reconstituir uma pedra.

19 Tomamos para comparação o calor desenvolvido pelo movimento de uma roda porque é um efeito vulgar, conhecido de todos e mais fácil de compreender; mas teria sido mais exato dizer que, na combinação dos elementos para formar os corpos orgânicos, se desenvolve eletricidade.

19.2 Os corpos orgânicos seriam assim verdadeiras pilhas elétricas, que funcionam enquanto os elementos dessas pilhas estão nas condições necessárias para produzir eletricidade — é a vida —, e que param quando cessam essas condições — é a morte.

19.3 Segundo isso, o princípio vital não seria outro senão a espécie particular de eletricidade designada pelo nome de eletricidade animal, desprendida durante a vida pela ação dos órgãos, e cuja produção é detida na morte pela cessação dessa ação.

20 Pergunta-se naturalmente por que já não se formam seres vivos nas mesmas condições que os primeiros que apareceram na Terra.

A questão da geração espontânea, que preocupa hoje a ciência, embora ainda resolvida de maneiras diversas, não pode deixar de lançar luz sobre esse assunto. O problema proposto é este: formam-se espontaneamente nos nossos dias seres orgânicos apenas pela união dos elementos constitutivos,

sem germes prévios produzidos pela geração ordinária, ou seja, sem pais nem mães?

Os partidários da geração espontânea respondem afirmativamente e apoiam-se em observações diretas que parecem concludentes. Outros pensam que todos os seres vivos se reproduzem uns pelos outros, e apoiam-se neste fato, constatado pela experiência: os germes de certas espécies vegetais e animais, estando dispersos, podem conservar uma vitalidade latente durante um tempo considerável, até que as circunstâncias sejam favoráveis à sua eclosão. Essa opinião deixa sempre subsistir a questão da formação dos primeiros tipos de cada espécie.

21 Sem discutir os dois sistemas, convém notar que o princípio da geração espontânea só pode evidentemente aplicar-se aos seres das ordens mais inferiores do reino vegetal e do reino animal, àqueles em que a vida começa a despontar e cujo organismo, extremamente simples, é de certo modo rudimentar. São efetivamente os primeiros que apareceram na Terra, e cuja geração deve ter sido espontânea. Assistiríamos assim a uma criação permanente, análoga à que se deu nas primeiras idades do mundo.

22 Mas então por que não se veem formar-se da mesma maneira os seres de organização complexa? Esses seres nem sempre existiram, é um fato positivo; logo, começaram. Se o musgo, o líquen, o zoófito, o infusório, os vermes intestinais e outros podem produzir-se espontaneamente, por que não se dá o mesmo com as árvores, os peixes, os cães, os cavalos?

Aqui param, por ora, as investigações; o fio condutor perde-se e, até que seja encontrado, o campo está aberto às hipóteses; seria, pois, imprudente e prematuro dar sistemas como verdades absolutas.

23 Se o fato da geração espontânea for demonstrado, por mais limitado que seja, nem por isso deixará de ser um fato capital, um marco posto que pode pôr no caminho de novas observações. Se os seres orgânicos complexos não se produzem dessa maneira, quem sabe como começaram? Quem conhece o segredo de todas as transformações? Quando se vê o carvalho e a bolota, quem pode dizer se não existe um laço misterioso do pólipo ao elefante? Deixemos ao tempo o cuidado de levar a luz ao fundo desse abismo, se um dia puder ser sondado. Esses conhecimentos são interessantes, sem dúvida, do ponto de vista da ciência pura, mas não são dos que influem nos destinos do homem.

24 Entre o reino vegetal e o reino animal não há delimitação nitidamente marcada. Nos confins dos dois reinos estão os zoófitos, ou animais-plantas, cujo nome indica que participam de um e de outro: é o traço de união.
Como os animais, as plantas nascem, vivem, crescem, alimentam-se, respiram, reproduzem-se e morrem. Como eles, para viver, precisam de luz, de calor e de água; se são privadas deles, definham e morrem; a absorção de um ar viciado e de substâncias deletérias envenena-as. O seu caráter distintivo mais marcado é estarem presas ao solo e tirarem dele o seu alimento sem se deslocarem.
O zoófito tem a aparência exterior da planta; como planta, está preso ao solo; como animal, a vida é nele mais acentuada; tira o seu alimento do meio ambiente.
Um grau acima, o animal é livre e vai procurar o seu alimento; são primeiro as inumeráveis variedades de pólipos de corpo gelatinoso, sem órgãos bem distintos, que só diferem das plantas pela locomoção; depois vêm, na ordem do desenvolvimento dos órgãos, da atividade vital e do instinto: os

helmintos ou vermes intestinais; os moluscos, animais carnosos, sem ossos, uns nus, como as lesmas e os polvos, outros providos de conchas, como os caracóis e as ostras; os crustáceos, cuja pele é revestida de uma crosta dura, como os lagostins e as lagostas; os insetos, nos quais a vida toma uma atividade prodigiosa e se manifesta o instinto industrioso, como a formiga, a abelha, a aranha. Alguns sofrem uma metamorfose, como a lagarta, que se transforma em elegante borboleta. Vem em seguida a ordem dos vertebrados, animais de armação óssea, que compreende os peixes, os répteis, as aves e, enfim, os mamíferos, cuja organização é a mais completa.

25 O homem

Do ponto de vista corporal e puramente anatômico, o homem pertence à classe dos mamíferos, dos quais só difere por nuanças na forma exterior; de resto, a mesma composição química que todos os animais, os mesmos órgãos, as mesmas funções e os mesmos modos de nutrição, de respiração, de secreção, de reprodução; nasce, vive, morre nas mesmas condições, e na sua morte o seu corpo decompõe-se como o de tudo o que vive. Não há no seu sangue, na sua carne, nos seus ossos um átomo a mais nem a menos do que no corpo dos animais; como estes, ao morrer, devolve à terra o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono que se tinham combinado para formá-lo, e que vão, por novas combinações, formar novos corpos minerais, vegetais e animais. A analogia é tão grande que se estudam as suas funções orgânicas em certos animais, quando as experiências não podem ser feitas nele mesmo.

26 Na classe dos mamíferos, o homem pertence à ordem dos bímanos. Imediatamente abaixo dele vêm os quadrúmanos (animais de quatro mãos) ou macacos, alguns dos quais, como o orangotango, o chimpanzé, o jocko, têm

certos modos de andar do homem, a tal ponto que por muito tempo foram designados pelo nome de homens dos bosques; como ele, andam eretos, servem-se do bastão e levam os alimentos à boca com a mão, sinais característicos.

27 Por pouco que se observe a escala dos seres vivos do ponto de vista do organismo, reconhece-se que, desde o líquen até a árvore, e desde o zoófito até o homem, há uma cadeia que se eleva por graus, sem solução de continuidade, e da qual todos os elos têm um ponto de contato com o elo precedente; seguindo passo a passo a série dos seres, dir-se-ia que cada espécie é um aperfeiçoamento, uma transformação da espécie imediatamente inferior. Já que o corpo do homem está em condições idênticas às dos outros corpos, química e constitucionalmente, e que nasce, vive e morre da mesma maneira, deve ter-se formado nas mesmas condições.

28 Por mais que isso possa custar ao seu orgulho, o homem deve resignar-se a ver no seu corpo material apenas o último elo da animalidade na Terra. O inexorável argumento dos fatos aí está, contra o qual protestaria em vão. Mas, quanto mais o corpo diminui de valor aos seus olhos, mais o princípio espiritual cresce em importância; se o primeiro o põe no nível do bruto, o segundo eleva-o a uma altura incomensurável. Vemos o círculo em que para o animal; não vemos o limite que pode atingir o Espírito do homem.

29 O materialismo pode ver por aí que o Espiritismo, longe de temer as descobertas da ciência e o seu positivismo, vai ao encontro delas e as provoca, porque está certo de que o princípio espiritual, que tem a sua existência própria, não pode sofrer com elas nenhum golpe.

Une Sacra · edição 1.8 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XI. GÊNESE ESPIRITUAL

✦

1 A existência do princípio espiritual é um fato que, por assim dizer, não precisa de demonstração mais do que o princípio material; é de certo modo uma verdade axiomática; afirma-se pelos seus efeitos, como a matéria pelos que lhe são próprios.
Segundo a máxima: «Tendo todo efeito uma causa, todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente», não há ninguém que não faça a diferença entre o movimento mecânico de um sino agitado pelo vento e o movimento desse mesmo sino destinado a dar um sinal, um aviso, atestando por isso mesmo um pensamento, uma intenção. Ora, como a ninguém pode vir a ideia de atribuir o pensamento à matéria do sino, conclui-se que ele é movido por uma inteligência, à qual serve de instrumento para se manifestar.
Pela mesma razão, ninguém tem a ideia de atribuir o pensamento ao corpo de um homem morto. Se o homem vivo pensa, é, pois, que há nele alguma coisa que já não está ali quando está morto. A diferença que existe entre ele e o sino é que a inteligência que faz mover este está fora dele, ao passo que a que faz agir o homem está nele mesmo.

2 O princípio espiritual é o corolário da existência de Deus; sem esse princípio, Deus não teria razão de ser, porque não se poderia conceber a soberana inteligência reinando durante a eternidade apenas sobre a matéria bruta, tanto quanto um monarca terrestre reinando durante toda a vida apenas sobre pedras. Como não se pode admitir Deus sem os atributos essenciais da Divindade — a justiça e a bondade —, essas qualidades seriam inúteis se só devessem exercer-se sobre a matéria.

3 Por outro lado, não se poderia conceber um Deus soberanamente justo e bom, criando seres inteligentes e sensíveis para votá-los ao nada depois de alguns dias de sofrimentos sem compensação, recreando a sua vista com essa sucessão indefinida de seres que nascem sem o terem pedido, pensam um instante só para conhecer a dor e se extinguem para sempre depois de uma existência efêmera.

Sem a sobrevivência do ser pensante, os sofrimentos da vida seriam, da parte de Deus, uma crueldade sem fim. Eis por que também o materialismo e o ateísmo são corolários um do outro; negando a causa, não se pode admitir o efeito; negando o efeito, não se pode admitir a causa. O materialismo é, pois, consequente consigo mesmo, se não o é com a razão.

4 A ideia da perpetuidade do ser espiritual é inata no homem; está nele no estado de intuição e de aspiração; ele compreende que só aí está a compensação das misérias da vida: é por isso que sempre houve e sempre haverá mais espiritualistas que materialistas, e mais deístas que ateus.

À ideia intuitiva e ao poder do raciocínio, o Espiritismo vem acrescentar a sanção dos fatos, a prova material da existência do ser espiritual, da sua sobrevivência, da sua imortalidade e da sua individualidade; precisa e define o que esse pensamento tinha de vago e de abstrato. Mostra-nos o ser inteligente agindo fora da matéria, seja depois, seja durante a vida do corpo.

5 O princípio espiritual e o princípio vital são uma só e mesma coisa?

Partindo, como sempre, da observação dos fatos, diremos que, se o princípio vital fosse inseparável do princípio inteligente, haveria alguma razão para confundi-los; mas, como se veem seres que vivem e não pensam, como as plantas; corpos humanos ainda animados da vida orgânica quando já não existe nenhuma manifestação do pensamento; como se produzem no

ser vivo movimentos vitais independentes de todo ato da vontade; como, durante o sono, a vida orgânica está em toda a sua atividade, ao passo que a vida intelectual não se manifesta por nenhum sinal exterior, há motivo para admitir que a vida orgânica reside num princípio inerente à matéria, independente da vida espiritual, que é inerente ao Espírito. Desde que a matéria tem uma vitalidade independente do Espírito, e o Espírito uma vitalidade independente da matéria, fica evidente que essa dupla vitalidade repousa sobre dois princípios diferentes.

6 O princípio espiritual teria a sua fonte no elemento cósmico universal? Seria apenas uma transformação, um modo de existência desse elemento, como a luz, a eletricidade, o calor etc.?

Se assim fosse, o princípio espiritual sofreria as vicissitudes da matéria; extinguir-se-ia pela desagregação, como o princípio vital; o ser inteligente só teria uma existência momentânea, como o corpo, e na morte voltaria ao nada, ou, o que daria no mesmo, ao todo universal; seria, numa palavra, a sanção das doutrinas materialistas.

As propriedades sui generis que se reconhecem no princípio espiritual provam que ele tem a sua existência própria, independente, pois, se tivesse a sua origem na matéria, não teria essas propriedades. Desde que a inteligência e o pensamento não podem ser atributos da matéria, chega-se a esta conclusão, remontando dos efeitos às causas: o elemento material e o elemento espiritual são os dois princípios constitutivos do universo. O elemento espiritual individualizado constitui os seres chamados Espíritos, como o elemento material individualizado constitui os diferentes corpos da natureza, orgânicos e inorgânicos.

7 Admitido o ser espiritual, e não podendo a sua fonte estar na matéria, qual é a sua origem, o seu ponto de partida?

Aqui os meios de investigação faltam absolutamente, como em tudo o que se prende ao princípio das coisas. O homem só pode constatar o que existe; sobre tudo o mais, só pode emitir hipóteses; e, seja porque esse conhecimento ultrapassa o alcance da sua inteligência atual, seja porque haja para ele inutilidade ou inconveniente em possuí-lo por ora, Deus não lho dá, nem mesmo pela revelação.

O que Deus lhe faz dizer pelos seus mensageiros, e o que, aliás, o homem podia deduzir por si mesmo do princípio da soberana justiça, que é um dos atributos essenciais da Divindade, é que todos têm um mesmo ponto de partida; que todos são criados simples e ignorantes, com igual aptidão para progredir pela sua atividade individual; que todos atingirão o grau de perfeição compatível com a criatura pelos seus esforços pessoais; que todos, sendo filhos de um mesmo pai, são objeto de igual solicitude; que não há nenhum mais favorecido ou mais bem dotado que os outros e dispensado do trabalho que seria imposto a outros para atingir o fim.

8 Ao mesmo tempo que Deus criou mundos materiais desde toda a eternidade, criou igualmente seres espirituais desde toda a eternidade: sem isso, os mundos materiais teriam ficado sem fim. Conceber-se-iam antes os seres espirituais sem os mundos materiais do que estes últimos sem os seres espirituais. São os mundos materiais que deviam fornecer aos seres espirituais elementos de atividade para o desenvolvimento da sua inteligência.

9 O progresso é a condição normal dos seres espirituais, e a perfeição relativa, o fim que devem atingir; ora, tendo-os Deus criado desde toda a eternidade, e criando-os sem cessar, desde toda a eternidade também houve os

que atingiram o ponto culminante da escala.
Antes que a Terra existisse, mundos tinham sucedido a mundos, e, quando a Terra saiu do caos dos elementos, o espaço estava povoado de seres espirituais em todos os graus de adiantamento, desde os que nasciam para a vida até os que, desde toda a eternidade, tinham tomado lugar entre os Espíritos puros, vulgarmente chamados anjos.

10 Devendo a matéria ser o objeto do trabalho do Espírito para o desenvolvimento das suas faculdades, era preciso que ele pudesse agir sobre a matéria; é por isso que veio habitá-la, como o lenhador habita a floresta. Devendo esta ser ao mesmo tempo o fim e o instrumento do trabalho, Deus, em vez de uni-lo à pedra rígida, criou para seu uso corpos organizados, flexíveis, capazes de receber todos os impulsos da sua vontade e de se prestar a todos os seus movimentos.
O corpo é, pois, ao mesmo tempo o envoltório e o instrumento do Espírito, e, à medida que este adquire novas aptidões, reveste um envoltório apropriado ao novo gênero de trabalho que deve realizar, como se dão a um operário ferramentas menos grosseiras à medida que ele é capaz de fazer uma obra mais cuidada.

11 Para ser mais exato, é preciso dizer que é o próprio Espírito que modela o seu envoltório e o apropria às suas novas necessidades; aperfeiçoa-o, desenvolve e completa o seu organismo à medida que sente a necessidade de manifestar novas faculdades; numa palavra, põe-no à medida da sua inteligência; Deus fornece-lhe os materiais; cabe a ele pô-los em obra; é assim que as raças adiantadas têm um organismo, ou, se quiserem, um instrumental

mais aperfeiçoado que as raças primitivas. Assim se explica igualmente o cunho especial que o caráter do Espírito imprime aos traços da fisionomia e aos modos do corpo.

12 Logo que um Espírito nasce para a vida espiritual, deve, para o seu adiantamento, fazer uso das suas faculdades, a princípio rudimentares; é por isso que reveste um envoltório corporal apropriado ao seu estado de infância intelectual, envoltório que deixa para revestir outro à medida que as suas forças crescem. Ora, como em todos os tempos houve mundos, e esses mundos deram nascimento a corpos organizados próprios para receber Espíritos, em todos os tempos os Espíritos encontraram, qualquer que fosse o seu grau de adiantamento, os elementos necessários à sua vida carnal.

13 O corpo, sendo exclusivamente material, sofre as vicissitudes da matéria. Depois de ter funcionado algum tempo, desorganiza-se e decompõe-se; o princípio vital, não encontrando mais elemento para a sua atividade, extingue-se, e o corpo morre. O Espírito, para quem o corpo privado de vida já não tem utilidade, deixa-o, como se deixa uma casa em ruínas ou uma roupa fora de uso.

14 O corpo é, pois, apenas um envoltório destinado a receber o Espírito: desde então, pouco importam a sua origem e os materiais de que é construído. Seja ou não o corpo do homem uma criação especial, nem por isso deixa de ser formado dos mesmos elementos que o dos animais, animado do mesmo princípio vital, ou seja, aquecido pelo mesmo fogo, como é iluminado pela mesma luz, sujeito às mesmas vicissitudes e às mesmas necessidades: é um ponto sobre o qual não há contestação.
Considerando apenas a matéria, e fazendo abstração do Espírito, o homem nada tem, pois, que o distinga do animal; mas tudo muda de aspecto se se

faz uma distinção entre a habitação e o habitante.
Um grande senhor, numa choupana ou vestido com o burel do camponês, não deixa por isso de ser grande senhor. O mesmo se dá com o homem; não é a sua veste de carne que o eleva acima do bruto e faz dele um ser à parte, é o seu ser espiritual, o seu Espírito.

15 Da semelhança de formas exteriores que existe entre o corpo do homem e o do macaco, certos fisiologistas concluíram que o primeiro era apenas uma transformação do segundo. Nisso nada há de impossível, sem que, se assim for, a dignidade do homem tenha de sofrer. Corpos de macacos podem muito bem ter servido de vestes aos primeiros Espíritos humanos, necessariamente pouco adiantados, que vieram encarnar-se na Terra, sendo essas vestes as mais apropriadas às suas necessidades e mais próprias ao exercício das suas faculdades que o corpo de qualquer outro animal. Em vez de uma veste especial ter sido feita para o Espírito, ele teria encontrado uma já pronta. Pôde, pois, vestir-se com a pele do macaco sem deixar de ser Espírito humano, como o homem se veste às vezes com a pele de certos animais sem deixar de ser homem.
Fique bem entendido que só se trata aqui de uma hipótese, que de modo algum é posta como princípio, mas dada apenas para mostrar que a origem do corpo não prejudica o Espírito, que é o ser principal, e que a semelhança do corpo do homem com o corpo do macaco não implica a paridade entre o seu Espírito e o do macaco.

16 Admitindo essa hipótese, pode-se dizer que, sob a influência e por efeito da atividade intelectual do seu novo habitante, o envoltório se modificou, embelezou-se nos pormenores, conservando a forma geral do conjunto. Os corpos melhorados, procriando-se, reproduziram-se nas mesmas condições,

como acontece com as árvores enxertadas; deram nascimento a uma nova espécie, que se afastou pouco a pouco do tipo primitivo à medida que o Espírito progrediu. O Espírito macaco, que não foi aniquilado, continuou a procriar corpos de macacos para seu uso, como o fruto do arbusto silvestre reproduz arbustos silvestres, e o Espírito humano procriou corpos de homens, variantes do primeiro molde em que se estabeleceu. O tronco bifurcou-se; produziu um rebento, e esse rebento tornou-se tronco.

Como não há transições bruscas na natureza, é provável que os primeiros homens que apareceram na Terra tenham diferido pouco do macaco pela forma exterior, e sem dúvida não muito também pela inteligência. Há ainda nos nossos dias selvagens que, pelo comprimento dos braços e dos pés e pela conformação da cabeça, têm tanto os modos do macaco que só lhes falta serem peludos para completar a semelhança.

17 O Espiritismo ensina-nos de que maneira se opera a união do Espírito e do corpo na encarnação.

O Espírito, pela sua essência espiritual, é um ser indefinido, abstrato, que não pode ter uma ação direta sobre a matéria; precisava de um intermediário; esse intermediário está no envoltório fluídico, que faz de certo modo parte integrante do Espírito, envoltório semimaterial, isto é, que participa da matéria pela sua origem e da espiritualidade pela sua natureza etérea; como toda matéria, é tirado do fluido cósmico universal, que sofre nessa circunstância uma modificação especial. Esse envoltório, designado pelo nome de perispírito, faz do Espírito, ser abstrato, um ser concreto, definido, apreensível pelo pensamento; torna-o apto a agir sobre a matéria tangível, assim como todos os fluidos imponderáveis, que são, como se sabe, os mais poderosos motores.

O fluido perispiritual é, pois, o traço de união entre o Espírito e a matéria. Durante a sua união com o corpo, é o veículo do seu pensamento para transmitir o movimento às diferentes partes do organismo, que agem sob o impulso da sua vontade, e para repercutir no Espírito as sensações produzidas pelos agentes exteriores. Tem por fios condutores os nervos, como no telégrafo o fluido elétrico tem por condutor o fio metálico.

18 Quando o Espírito deve encarnar-se num corpo humano em via de formação, um laço fluídico, que não é outra coisa senão uma expansão do seu perispírito, liga-o ao germe para o qual se acha atraído por uma força irresistível desde o momento da concepção. À medida que o germe se desenvolve, o laço estreita-se; sob a influência do princípio vital material do germe, o perispírito, que possui certas propriedades da matéria, une-se molécula a molécula com o corpo que se forma; de onde se pode dizer que o Espírito, por intermédio do seu perispírito, cria de certo modo raízes nesse germe, como uma planta na terra. Quando o germe está inteiramente desenvolvido, a união é completa, e então ele nasce para a vida exterior.

Por um efeito contrário, essa união do perispírito e da matéria carnal, que se realizara sob a influência do princípio vital do germe, quando esse princípio deixa de agir em consequência da desorganização do corpo, que acarreta a morte — a união, que só era mantida por uma força atuante, cessa quando essa força deixa de agir; então o perispírito desprende-se molécula a molécula, como se unira, e o Espírito é restituído à liberdade. Não é, pois, a partida do Espírito que causa a morte do corpo, mas a morte do corpo que causa a partida do Espírito.

19 O Espiritismo ensina-nos, pelos fatos que nos põe em condição de observar, os fenômenos que acompanham essa separação: ela é às vezes rápida, fácil, suave e insensível; outras vezes é muito lenta, laboriosa, horrivelmente penosa, conforme o estado moral do Espírito, e pode durar meses inteiros.

20 Um fenômeno particular, igualmente assinalado pela observação, acompanha sempre a encarnação do Espírito. Logo que este é apanhado pelo laço fluídico que o liga ao germe, a perturbação apodera-se dele; essa perturbação cresce à medida que o laço se estreita, e, nos últimos momentos, o Espírito perde toda consciência de si mesmo, de sorte que nunca é testemunha consciente do seu nascimento.

20.2 No momento em que a criança respira, o Espírito começa a recuperar as suas faculdades, que se desenvolvem à medida que se formam e se consolidam os órgãos que devem servir à sua manifestação. Aqui ainda brilha a sabedoria que preside a todas as partes da obra da criação.

20.3 Faculdades ativas demais gastariam e quebrariam órgãos delicados, apenas esboçados; é por isso que a sua energia é proporcional à força de resistência desses órgãos.

21 Mas, ao mesmo tempo que o Espírito recupera a consciência de si mesmo, perde a lembrança do seu passado, sem perder as faculdades, as qualidades e as aptidões adquiridas anteriormente, aptidões que tinham ficado momentaneamente em estado latente e que, retomando a sua atividade, vão ajudá-lo a fazer mais e melhor do que fez precedentemente; renasce o que se fez pelo seu trabalho anterior; é para ele um novo ponto de partida, um novo degrau a subir.

21.2 Aqui ainda se manifesta a bondade do Criador, porque a lembrança de um passado, muitas vezes penoso ou humilhante, juntando-se às amarguras da sua nova existência, poderia perturbá-lo e entravá-lo; só se lembra do que aprendeu, porque isso lhe é útil. Se às vezes conserva uma vaga intuição dos acontecimentos passados, é como a lembrança de um sonho fugidio.

21.3 É, pois, um homem novo, por mais antigo que seja o seu Espírito; segue por novos caminhos, ajudado pelo que adquiriu. Quando volta à vida espiritual, o seu passado desenrola-se diante dos seus olhos, e ele julga se empregou bem ou mal o seu tempo.

22 Não há, pois, solução de continuidade na vida espiritual, apesar do esquecimento do passado; o Espírito é sempre ele mesmo, antes, durante e depois da encarnação; a encarnação é apenas uma fase especial da sua existência. Esse esquecimento só se dá mesmo durante a vida exterior de relação; durante o sono, o Espírito, em parte desprendido dos laços carnais, restituído à liberdade e à vida espiritual, lembra-se; a sua vista espiritual já não está tão obscurecida pela matéria.

23 Tomando a humanidade no seu grau mais ínfimo da escala intelectual, entre os selvagens mais atrasados, pergunta-se se é esse o ponto de partida da alma humana.

Segundo a opinião de alguns filósofos espiritualistas, o princípio inteligente, distinto do princípio material, individualiza-se, elabora-se, passando pelos diversos graus da animalidade; é ali que a alma se ensaia para a vida e desenvolve as suas primeiras faculdades pelo exercício; seria, por assim dizer, o seu tempo de incubação. Chegada ao grau de desenvolvimento que esse estado comporta, recebe as faculdades especiais que constituem a alma

humana. Haveria assim filiação espiritual, como há filiação corporal.

Esse sistema, fundado na grande lei de unidade que preside à criação, responde, é preciso convir, à justiça e à bondade do Criador; dá uma saída, um fim, um destino aos animais, que já não são seres deserdados, mas que encontram, no futuro que lhes está reservado, uma compensação para os seus sofrimentos. O que constitui o homem espiritual não é a sua origem, mas os atributos especiais de que é dotado na sua entrada na humanidade, atributos que o transformam e fazem dele um ser distinto, como o fruto saboroso é distinto da raiz amarga de onde saiu. Por ter passado pela fieira da animalidade, o homem não deixaria de ser homem; não seria mais animal do que o fruto é raiz, do que o sábio é o feto informe pelo qual começou no mundo.

Mas esse sistema levanta numerosas questões, cujo pró e contra não é oportuno discutir aqui, assim como não o é examinar as diferentes hipóteses que se fizeram a esse respeito. Sem, pois, procurar a origem da alma e as fieiras pelas quais pôde passar, tomamo-la na sua entrada na humanidade, no ponto em que, dotada do senso moral e do livre-arbítrio, começa a incorrer na responsabilidade dos seus atos.

24 A obrigação, para o Espírito encarnado, de prover à alimentação do corpo, à sua segurança, ao seu bem-estar, obriga-o a aplicar as suas faculdades em pesquisas, a exercê-las e a desenvolvê-las. A sua união com a matéria é, pois, útil ao seu adiantamento; eis por que a encarnação é uma necessidade.

24.2 Além disso, pelo trabalho inteligente que realiza em seu proveito sobre a matéria, ajuda a transformação e o progresso material do globo que habita; é assim que, progredindo ele mesmo, concorre para a obra do Cria-

dor, de quem é o agente inconsciente.

25 Mas a encarnação do Espírito não é nem constante nem perpétua; é apenas transitória; ao deixar um corpo, não toma outro instantaneamente; durante um lapso de tempo mais ou menos considerável, vive da vida espiritual, que é a sua vida normal; de tal sorte que a soma do tempo passado nas diferentes encarnações é pouca coisa comparada à do tempo que passa no estado de Espírito livre.

No intervalo das suas encarnações, o Espírito progride igualmente, no sentido de que aproveita, para o seu adiantamento, os conhecimentos e a experiência adquiridos durante a vida corporal — falamos do Espírito chegado ao estado de alma humana, que tem a liberdade de ação e a consciência dos seus atos. Examina o que fez durante a sua permanência terrestre, passa em revista o que aprendeu, reconhece as suas faltas, traça os seus planos e toma as resoluções pelas quais conta guiar-se numa nova existência, procurando fazer melhor. É assim que cada existência é um passo adiante no caminho do progresso, uma espécie de escola de aplicação.

A encarnação não é, pois, normalmente uma punição para o Espírito, como alguns pensaram, mas uma condição inerente à inferioridade do Espírito e um meio de progredir.

À medida que o Espírito progride moralmente, desmaterializa-se, isto é, subtraindo-se à influência da matéria, depura-se; a sua vida espiritualiza-se, as suas faculdades e as suas percepções alargam-se; a sua felicidade está em razão do progresso realizado. Mas, como age em virtude do seu livre-arbítrio, pode, por negligência ou má vontade, retardar o seu adiantamento; prolonga, por conseguinte, a duração das suas encarnações materiais, que se tornam então para ele uma punição, pois, por sua culpa, fica nas fileiras in-

feriores, obrigado a recomeçar a mesma tarefa. Depende, pois, do Espírito abreviar, pelo seu trabalho de depuração sobre si mesmo, a duração do período das encarnações.

26 O progresso material de um globo segue o progresso moral dos seus habitantes; ora, como a criação dos mundos e dos Espíritos é incessante, e estes progridem mais ou menos rapidamente em virtude do seu livre-arbítrio, resulta que há mundos mais ou menos antigos, em diferentes graus de adiantamento físico e moral, onde a encarnação é mais ou menos material e onde, por conseguinte, o trabalho, para os Espíritos, é mais ou menos rude. Desse ponto de vista, a Terra é um dos menos adiantados; povoada de Espíritos relativamente inferiores, a vida corporal é nela mais penosa do que em outros, assim como há outros mais atrasados, onde é mais penosa ainda do que na Terra, e para os quais a Terra seria relativamente um mundo feliz.

27 Quando os Espíritos adquiriram num mundo a soma de progresso que o estado desse mundo comporta, deixam-no para se encarnarem noutro mais adiantado, onde adquirem novos conhecimentos, e assim por diante, até que, não lhes sendo mais útil a encarnação num corpo material, vivem exclusivamente da vida espiritual, onde progridem ainda noutro sentido e por outros meios. Chegados ao ponto culminante do progresso, gozam da suprema felicidade; admitidos nos conselhos do Todo-Poderoso, têm o seu pensamento e tornam-se os seus mensageiros, os seus ministros diretos para o governo dos mundos, tendo sob as suas ordens os Espíritos em diferentes graus de adiantamento.

Assim, todos os Espíritos, encarnados ou desencarnados, a qualquer grau da hierarquia que pertençam, desde o menor até o maior, têm as suas atribuições no grande mecanismo do universo; todos são úteis ao conjunto, ao

mesmo tempo que são úteis a si mesmos; aos menos adiantados, como a simples serventes, incumbe uma tarefa material, primeiro inconsciente, depois gradualmente inteligente. Em toda parte, atividade no mundo espiritual; em parte nenhuma, a ociosidade inútil.

A coletividade dos Espíritos é de certo modo a alma do universo; é o elemento espiritual que age em tudo e por toda parte, sob o impulso do pensamento divino. Sem esse elemento, só há a matéria inerte, sem fim, sem inteligência, sem outro motor além das forças materiais, que deixam uma multidão de problemas insolúveis; pela ação do elemento espiritual individualizado, tudo tem um fim, uma razão de ser, tudo se explica; eis por que, sem a espiritualidade, se esbarra em dificuldades insuperáveis.

28 Quando a Terra se encontrou nas condições climáticas próprias à existência da espécie humana, Espíritos vieram encarnar-se nela; e, se se admite que encontraram envoltórios já prontos, que só tiveram de apropriar ao seu uso, compreende-se melhor ainda que tenham podido nascer simultaneamente em vários pontos do globo.

29 Embora os primeiros que vieram devessem ser pouco adiantados, pela própria razão de que deviam encarnar-se em corpos muito imperfeitos, devia haver entre eles diferenças sensíveis nos caracteres e nas aptidões, segundo o grau do seu desenvolvimento moral e intelectual; os Espíritos semelhantes agruparam-se naturalmente por analogia e simpatia.

29.2 A Terra achou-se assim povoada de diferentes categorias de Espíritos, mais ou menos aptos ou rebeldes ao progresso. Recebendo os corpos o cunho do caráter do Espírito, e procriando-se esses corpos segundo o seu tipo respectivo, daí resultaram diferentes raças, no físico como no moral.

29.3 Os Espíritos semelhantes, continuando a encarnar-se de preferência entre os seus semelhantes, perpetuaram o caráter distintivo físico e moral das raças e dos povos, que só se perde com o tempo pela sua fusão e pelo progresso dos Espíritos. (Revista Espírita, julho de 1860, p. 198: Frenologia e fisiognomonia.)

30 Podem comparar-se os Espíritos que vieram povoar a Terra a essas levas de emigrantes de origens diversas que vão estabelecer-se numa terra virgem. Encontram nela a madeira e a pedra para fazer as suas habitações, e cada um dá à sua um cunho diferente, segundo o grau do seu saber e da sua inteligência. Agrupam-se por analogia de origens e de gostos; esses grupos acabam por formar tribos, depois povos, cada um com os seus costumes e o seu caráter próprios.

31 O progresso não foi, pois, uniforme em toda a espécie humana; as raças mais inteligentes adiantaram-se naturalmente às outras, sem contar que Espíritos recém-nascidos para a vida espiritual, tendo vindo encarnar-se na Terra depois dos primeiros que chegaram, tornam mais sensível a diferença de progresso. Seria impossível, com efeito, dar a mesma antiguidade de criação aos selvagens que mal se distinguem dos macacos e aos chineses, e menos ainda aos europeus civilizados.

Esses Espíritos de selvagens, entretanto, também pertencem à humanidade; atingirão um dia o nível dos seus irmãos mais velhos, mas não será certamente em corpos da mesma raça física, impróprios a certo desenvolvimento intelectual e moral. Quando o instrumento já não estiver em relação com o seu desenvolvimento, emigrarão desse meio para se encarnarem num grau superior, e assim por diante, até terem conquistado todos os

graus terrestres, depois do que deixarão a Terra para passar a mundos cada vez mais adiantados. (Revista Espírita, abril de 1862, p. 97: Perfectibilidade da raça negra.)

32 O princípio da reencarnação é uma consequência fatal da lei do progresso. Sem a reencarnação, como explicar a diferença que existe entre o estado social atual e o dos tempos de barbárie? Se as almas são criadas ao mesmo tempo que os corpos, as que nascem hoje são tão novas, tão primitivas quanto as que viviam há mil anos; acrescentemos que não há entre elas nenhuma conexão, nenhuma relação necessária; que são completamente independentes umas das outras; por que, então, as almas de hoje seriam mais bem dotadas por Deus que as suas predecessoras? Por que compreendem melhor? Por que têm instintos mais depurados, costumes mais brandos? Por que têm a intuição de certas coisas sem as terem aprendido? Desafiamos a sair daí, a menos que se admita que Deus cria almas de diversas qualidades, segundo os tempos e os lugares, proposição inconciliável com a ideia de uma soberana justiça.

Dizei, ao contrário, que as almas de hoje já viveram nos tempos remotos; que puderam ser bárbaras como o seu século, mas que progrediram; que a cada nova existência trazem o adquirido das existências anteriores; que, por conseguinte, as almas dos tempos civilizados são almas não criadas mais perfeitas, mas que se aperfeiçoaram a si mesmas com o tempo, e tereis a única explicação plausível da causa do progresso social. (O Livro dos Espíritos, cap. IV e V.) (1)

(1) ... Essa doutrina seria admissível se todos os habitantes da Terra estivessem exatamente no mesmo nível intelectual e moral; só poderiam então progredir indo para outro mundo, e a sua reencarnação na Terra seria sem

utilidade; ora, Deus nada faz de inútil. Desde o instante em que nela se encontram todos os graus de inteligência e de moralidade, desde a selvageria que beira o animal até a civilização mais adiantada, ela oferece um vasto campo ao progresso; perguntar-se-ia por que o selvagem seria obrigado a ir procurar noutra parte o grau acima dele, quando o encontra ao seu lado, e assim sucessivamente; por que o homem adiantado só teria podido fazer as suas primeiras etapas em mundos inferiores, quando os análogos de todos esses mundos estão em torno dele; quando há diferentes graus de adiantamento, não só de povo a povo, mas no mesmo povo e na mesma família? Se assim fosse, Deus teria feito algo inútil pondo lado a lado a ignorância e o saber, a barbárie e a civilização, o bem e o mal, ao passo que é precisamente esse contato que faz avançar os atrasados.

Não há, pois, mais necessidade de que os homens mudem de mundo a cada etapa do que de que um aluno mude de colégio a cada classe; longe de ser isso uma vantagem para o progresso, seria um entrave, porque o Espírito ficaria privado do exemplo que lhe oferece a vista dos graus superiores e da possibilidade de reparar os seus erros no mesmo meio e em relação àqueles que ofendeu, possibilidade que é para ele o mais poderoso meio de adiantamento moral. Depois de uma curta coabitação, dispersando-se os Espíritos e tornando-se estranhos uns aos outros, os laços de família e de amizade, não tendo tido tempo de se consolidar, seriam rompidos.

Que os Espíritos deixem, por um mundo mais adiantado, aquele em que já nada podem adquirir, isso deve ser e é; tal é o princípio. Se há os que o deixam antes, é sem dúvida por causas individuais que Deus pesa na sua sabedoria.

Tudo tem um fim na criação; sem isso Deus não seria nem prudente nem sábio; ora, se a Terra só devesse ser uma única etapa para o progresso de

cada indivíduo, que utilidade haveria para as crianças que morrem em tenra idade em virem passar nela alguns anos, alguns meses, algumas horas, durante as quais nada podem adquirir? O mesmo se dá com os idiotas e os cretinos. Uma teoria só é boa com a condição de resolver todas as questões que se prendem a ela. A questão das mortes prematuras foi uma pedra de tropeço para todas as doutrinas, exceto para a doutrina espírita, a única que a resolveu de maneira racional.

Para os que percorrem na Terra uma carreira normal, há, para o seu progresso, uma vantagem real em se reencontrarem no mesmo meio, para continuarem o que deixaram inacabado, muitas vezes na mesma família ou em contato com as mesmas pessoas, para repararem o mal que puderam fazer, ou para sofrerem a pena de talião.

33 No intervalo das suas existências corporais, os Espíritos estão no estado de erraticidade e compõem a população espiritual ambiente do globo. Pelas mortes e pelos nascimentos, essas duas populações derramam-se incessantemente uma na outra; há, pois, diariamente emigrações do mundo corporal para o mundo espiritual e imigrações do mundo espiritual para o mundo corporal: é o estado normal.

34 Em certas épocas, reguladas pela sabedoria divina, essas emigrações e essas imigrações operam-se em massas mais ou menos consideráveis, em consequência das grandes revoluções que fazem partir ao mesmo tempo quantidades inumeráveis, que logo são substituídas por quantidades equivalentes de encarnações. É preciso, pois, considerar os flagelos destruidores e os cataclismos como ocasiões de chegadas e de partidas coletivas, meios providenciais de renovar a população corporal do globo, de retemperá-la pela introdução de novos elementos espirituais mais depurados. Se nessas catás-

trofes há destruição de grande número de corpos, só há vestes rasgadas, mas nenhum Espírito perece: apenas mudam de meio; em vez de partirem isoladamente, partem em número, eis toda a diferença, porque, partindo por uma causa ou por outra, não deixam por isso de ter de partir fatalmente, cedo ou tarde.

As renovações rápidas e quase instantâneas que se operam no elemento espiritual da população, em consequência dos flagelos destruidores, apressam o progresso social; sem as emigrações e as imigrações que vêm de tempos em tempos dar-lhe um impulso violento, ele marcharia com extrema lentidão.

É notável que todas as grandes calamidades que dizimam as populações são sempre seguidas de uma era de progresso na ordem física, intelectual ou moral e, por conseguinte, no estado social das nações em que se cumprem. É que têm por fim operar uma remodelação na população espiritual, que é a população normal e ativa do globo.

35 Essa transfusão que se opera entre a população encarnada e a população desencarnada de um mesmo globo opera-se igualmente entre os mundos, seja individualmente, nas condições normais, seja em massas, em circunstâncias especiais. Há, pois, emigrações e imigrações coletivas de um mundo para outro.

35.2 Daí resulta a introdução, na população de um globo, de elementos completamente novos; novas raças de Espíritos, vindo misturar-se às raças existentes, constituem novas raças de homens.

35.3 Ora, como os Espíritos nunca perdem o que adquiriram, trazem consigo a inteligência e a intuição dos conhecimentos que possuem; imprimem, por conseguinte, o seu caráter à raça corporal que vêm animar. Não

precisam, para isso, que novos corpos sejam criados especialmente para seu uso; já que a espécie corporal existe, encontram corpos já prontos para recebê-los.

35.4 São, pois, simplesmente novos habitantes; chegando à Terra, fazem primeiro parte da sua população espiritual, depois encarnam-se como os outros.

36 Segundo o ensino dos Espíritos, foi uma dessas grandes imigrações, ou, se quiserem, uma dessas colônias de Espíritos vindos de outra esfera, que deu nascimento à raça simbolizada na pessoa de Adão e, por essa razão, chamada raça adâmica. Quando ela chegou, a Terra estava povoada desde tempos imemoriais, como a América quando para lá vieram os europeus.
A raça adâmica, mais adiantada que as que a tinham precedido na Terra, é com efeito a mais inteligente; é ela que impele todas as outras ao progresso. A Gênese no-la mostra, desde os seus começos, industriosa, apta às artes e às ciências, sem ter passado pela infância intelectual, o que não é próprio das raças primitivas, mas o que concorda com a opinião de que se compunha de Espíritos que já tinham progredido. Tudo prova que não é antiga na Terra, e nada se opõe a que esteja nela apenas há alguns milhares de anos, o que não estaria em contradição nem com os fatos geológicos nem com as observações antropológicas, e tenderia, ao contrário, a confirmá-los.

37 A doutrina que faz proceder todo o gênero humano de uma única individualidade, há seis mil anos, não é admissível no estado atual dos conhecimentos. As principais considerações que a contradizem, tiradas da ordem física e da ordem moral, resumem-se nos pontos seguintes:

38 Do ponto de vista fisiológico, certas raças apresentam tipos particulares característicos, que não permitem atribuir-lhes uma origem comum. Há diferenças que evidentemente não são efeito do clima, pois os brancos que se reproduzem no país dos negros não se tornam negros, e reciprocamente. O ardor do sol queima e bronzeia a epiderme, mas nunca transformou um branco em negro, achatou o nariz, mudou a forma dos traços da fisionomia, nem tornou crespos e lanosos cabelos longos e sedosos. Sabe-se hoje que a cor do negro provém de um tecido particular subcutâneo, que se prende à espécie.

É preciso, pois, considerar as raças negras, mongólicas e caucásicas como tendo a sua origem própria e como tendo nascido simultânea ou sucessivamente em diferentes partes do globo; o seu cruzamento produziu as raças mistas secundárias. Os caracteres fisiológicos das raças primitivas são o indício evidente de que provêm de tipos especiais. As mesmas considerações existem, pois, para o homem como para os animais, quanto à pluralidade dos troncos.

39 Adão e os seus descendentes são representados na Gênese como homens essencialmente inteligentes, pois, desde a segunda geração, constroem cidades, cultivam a terra, trabalham os metais. Os seus progressos nas artes e nas ciências são rápidos e constantemente sustentados.

39.2 Não se conceberia, pois, que esse tronco tivesse tido por rebentos povos numerosos tão atrasados, de uma inteligência tão rudimentar, que ainda nos nossos dias beiram a animalidade, e que teriam perdido todo vestígio e até a menor lembrança tradicional do que faziam os seus pais.

39.3 Uma diferença tão radical nas aptidões intelectuais e no desenvolvimento moral atesta, com não menos evidência, uma diferença de origem.

40 Independentemente dos fatos geológicos, a prova da existência do homem na Terra antes da época fixada pela Gênese é tirada da população do globo.

Sem falar da cronologia chinesa, que remonta, dizem, a trinta mil anos, documentos mais autênticos atestam que o Egito, a Índia e outras regiões estavam povoados e florescentes pelo menos três mil anos antes da era cristã, isto é, mil anos depois da criação do primeiro homem, segundo a cronologia bíblica. Documentos e observações recentes parecem não deixar hoje nenhuma dúvida sobre as relações que existiram entre a América e os antigos egípcios; de onde se deve concluir que essa região já estava povoada nessa época. Seria preciso, pois, admitir que em mil anos a posteridade de um único homem pôde cobrir a maior parte da Terra; ora, tal fecundidade seria contrária a todas as leis antropológicas. A própria Gênese não atribui aos primeiros descendentes de Adão uma fecundidade anormal, pois dá deles a enumeração nominal até Noé.

41 A impossibilidade torna-se ainda mais evidente se se admite, com a Gênese, que o dilúvio destruiu todo o gênero humano, com exceção de Noé e da sua família, que não era numerosa, no ano do mundo 1656, ou seja, 2348 anos antes de Jesus Cristo. Seria, pois, na realidade, só a partir de Noé que dataria o povoamento do globo; ora, por essa época, a história designa Menés como rei do Egito. Quando os hebreus se estabeleceram neste último país, 642 anos depois do dilúvio, era já um poderoso império, que teria sido povoado, sem falar das outras regiões, em menos de seis séculos, apenas pelos descendentes de Noé, o que não é admissível.

Notemos, de passagem, que os egípcios acolheram os hebreus como estrangeiros; seria espantoso que tivessem perdido a lembrança de uma comuni-

dade de origem tão próxima, quando conservavam religiosamente os monumentos da sua história.

Uma lógica rigorosa, corroborada pelos fatos, demonstra, pois, da maneira mais peremptória, que o homem está na Terra há um tempo indeterminado, muito anterior à época assinalada pela Gênese. O mesmo se dá com a diversidade dos troncos primitivos, porque demonstrar a impossibilidade de uma proposição é demonstrar a proposição contrária. Se a geologia descobrir vestígios autênticos da presença do homem antes do grande período diluviano, a demonstração será ainda mais absoluta.

42 A palavra anjo, como muitas outras, tem várias acepções: toma-se indiferentemente em bom e em mau sentido, pois se diz: os bons e os maus anjos, o anjo de luz e o anjo das trevas; de onde se segue que, na sua acepção geral, significa simplesmente Espírito.

Os anjos não são seres fora da humanidade, criados perfeitos, mas Espíritos chegados à perfeição, como todas as criaturas, pelos seus esforços e pelo seu mérito. Se os anjos fossem seres criados perfeitos, sendo a rebelião contra Deus um sinal de inferioridade, os que se revoltaram não podiam ser anjos. A rebelião contra Deus não se conceberia da parte de seres que ele tivesse criado perfeitos, ao passo que se concebe da parte de seres ainda atrasados.

Pela sua etimologia, a palavra anjo (do grego aggelos) significa enviado, mensageiro; ora, não é racional supor que Deus tenha tomado os seus mensageiros entre seres bastante imperfeitos para se revoltarem contra ele.

43 Até que os Espíritos tenham atingido certo grau de perfeição, estão sujeitos a falir, seja no estado de erraticidade, seja no estado de encarnação. Falir é infringir a lei de Deus; embora essa lei esteja inscrita no coração de todos os homens, a fim de que não precisem da revelação para conhecer os

seus deveres, o Espírito só a compreende gradualmente e à medida que a sua inteligência se desenvolve. Aquele que infringe essa lei por ignorância e por falta da experiência, que só se adquire com o tempo, só incorre numa responsabilidade relativa; mas, da parte daquele cuja inteligência está desenvolvida, que, tendo todos os meios de se esclarecer, infringe a lei voluntariamente e faz o mal com conhecimento de causa, é uma revolta, uma rebelião contra o autor da lei.

(1) Quando, na Revista de janeiro de 1862, publicamos um artigo sobre a interpretação da doutrina dos anjos decaídos, só apresentamos essa teoria como uma hipótese, que tinha apenas a autoridade de uma opinião pessoal controversa, porque então nos faltavam elementos bastante completos para uma afirmação absoluta; demo-la a título de ensaio, com vista a provocar o seu exame, bem decididos a abandoná-la ou a modificá-la se houvesse motivo. Hoje, essa teoria sofreu a prova do controle universal; não só foi acolhida pela grande maioria dos espíritas como a mais racional e a mais conforme à soberana justiça de Deus, mas foi confirmada pela generalidade das instruções dadas pelos Espíritos sobre esse assunto. O mesmo se dá com a que diz respeito à origem da raça adâmica.

44 Os mundos progridem fisicamente pela elaboração da matéria e moralmente pela depuração dos Espíritos que os habitam. A felicidade está neles em razão da predominância do bem sobre o mal, e a predominância do bem é resultado do adiantamento moral dos Espíritos. O progresso intelectual não basta, pois, com a inteligência, eles podem fazer o mal.

Quando, pois, um mundo chegou a um dos seus períodos de transformação, que deve fazê-lo subir na hierarquia, operam-se mutações na sua população encarnada e desencarnada; é então que se dão as grandes emigrações e

imigrações. Os que, apesar da sua inteligência e do seu saber, perseveraram no mal, na sua revolta contra Deus e as suas leis, seriam doravante um entrave para o progresso moral ulterior, uma causa permanente de perturbação para o repouso e a felicidade dos bons; é por isso que são excluídos dele e enviados a mundos menos adiantados; ali aplicarão a sua inteligência e a intuição dos conhecimentos adquiridos ao progresso daqueles entre os quais são chamados a viver, ao mesmo tempo que expiarão, numa série de existências penosas e por um duro trabalho, as suas faltas passadas e o seu endurecimento voluntário.

Que serão eles entre esses povos novos para eles, ainda na infância da barbárie, senão anjos ou Espíritos decaídos enviados em expiação? A terra de onde são expulsos não é para eles um paraíso perdido? Não era para eles um lugar de delícias, em comparação com o meio ingrato em que vão encontrar-se relegados durante milhares de séculos, até o dia em que tiverem merecido a sua libertação? A vaga lembrança intuitiva que conservam dela é para eles como uma miragem longínqua, que lhes lembra o que perderam por sua culpa.

45 Mas, ao mesmo tempo que os maus partiram do mundo que habitavam, são substituídos por Espíritos melhores, vindos seja da erraticidade desse mesmo mundo, seja de um mundo menos adiantado que mereceram deixar, e para os quais a sua nova morada é uma recompensa. Renovada assim a população espiritual e purgada dos seus piores elementos, ao cabo de algum tempo o estado moral do mundo acha-se melhorado.

Essas mutações são às vezes parciais, isto é, limitadas a um povo, a uma raça; outras vezes, são gerais, quando chegou para o globo o período de renovação.

46 A raça adâmica tem todos os caracteres de uma raça proscrita; os Espíritos que a compõem foram exilados na Terra, já povoada, mas de homens primitivos, mergulhados na ignorância, e que tiveram por missão fazer progredir, trazendo entre eles as luzes de uma inteligência desenvolvida. Não é esse, com efeito, o papel que essa raça desempenhou até hoje? A sua superioridade intelectual prova que o mundo de onde saíram era mais adiantado que a Terra; mas, devendo esse mundo entrar numa nova fase de progresso, e não tendo esses Espíritos, dada a sua obstinação, sabido pôr-se a essa altura, estariam ali deslocados e teriam sido um entrave à marcha providencial das coisas; é por isso que foram excluídos dele, enquanto outros mereceram substituí-los.

Relegando essa raça a esta terra de labor e de sofrimentos, Deus teve razão em dizer-lhe: «Tirarás dela o teu alimento com o suor do teu rosto.» Na sua mansidão, prometeu-lhe que lhe enviaria um Salvador, isto é, aquele que devia esclarecê-la sobre o caminho a seguir para sair deste lugar de miséria, deste inferno, e chegar à felicidade dos eleitos. Esse Salvador, enviou-lho na pessoa do Cristo, que ensinou a lei de amor e de caridade, desconhecida por eles, e que devia ser a verdadeira âncora de salvação. O Cristo não só ensinou a lei, mas deu o exemplo da prática dessa lei, pela sua mansidão, pela sua humildade, pela sua paciência em sofrer sem murmurar os tratamentos mais ignominiosos e as maiores dores. Para que tal missão fosse cumprida sem desvios, era preciso um Espírito acima das fraquezas humanas.

É igualmente com vista a fazer a humanidade avançar num sentido determinado que Espíritos superiores, sem terem as qualidades do Cristo, se en-

carnam de tempos em tempos na Terra para cumprir nela missões especiais, que aproveitam ao seu adiantamento pessoal, se as cumprirem segundo os desígnios do Criador.

47 Sem a reencarnação, a missão do Cristo seria um contrassenso, assim como a promessa feita por Deus. Suponhamos, com efeito, que a alma de cada homem seja criada no nascimento do seu corpo e que apenas apareça e desapareça na Terra: não há nenhuma relação entre as que vieram desde Adão até Jesus Cristo, nem entre as que vieram depois; são todas estranhas umas às outras. A promessa de um Salvador feita por Deus não podia aplicar-se aos descendentes de Adão, se as suas almas ainda não estavam criadas. Para que a missão do Cristo pudesse ligar-se às palavras de Deus, era preciso que estas pudessem aplicar-se às mesmas almas. Se essas almas são novas, não podem estar maculadas pela falta do primeiro pai, que é apenas o pai carnal e não o pai espiritual; de outro modo, Deus teria criado almas maculadas por uma falta que não teriam cometido. A doutrina vulgar do pecado original implica, pois, a necessidade de uma relação entre as almas do tempo do Cristo e as do tempo de Adão e, por conseguinte, da reencarnação.

Dizei que todas essas almas faziam parte da colônia de Espíritos exilados na Terra no tempo de Adão, e que estavam maculadas pela falta que as fizera excluir de um mundo melhor, e tereis a única interpretação racional do pecado original, pecado próprio de cada indivíduo, e não resultado da responsabilidade pela falta de outro que ele nunca conheceu; dizei que essas almas ou Espíritos renascem várias vezes na Terra para a vida corporal, para

progredir e se depurar; que o Cristo veio esclarecer essas mesmas almas não só para as suas vidas passadas, mas para as suas vidas ulteriores, e só então dais à sua missão um fim real e sério, aceitável pela razão.

48 Um exemplo familiar, impressionante pela sua analogia, fará compreender melhor ainda os princípios que acabam de ser expostos.

A 24 de maio de 1861, a fragata Iphigénie levou à Nova Caledônia uma companhia disciplinar composta de 291 homens. O comandante da colônia dirigiu-lhes, à sua chegada, uma ordem do dia assim concebida:

«Pondo o pé nesta terra longínqua, já compreendestes o papel que vos está reservado.

«A exemplo dos nossos bravos soldados da marinha que servem sob os vossos olhos, ajudar-nos-eis a levar com brilho, no meio das tribos selvagens da Nova Caledônia, o facho da civilização. Não é essa uma bela e nobre missão, pergunto-vos? Vós a cumprireis dignamente.

«Escutai a voz e os conselhos dos vossos chefes. Estou à frente deles; que as minhas palavras sejam bem entendidas.

«A escolha do vosso comandante, dos vossos oficiais, dos vossos suboficiais e cabos é um penhor seguro de todos os esforços que serão tentados para fazer de vós excelentes soldados; digo mais: para vos elevar à altura de bons cidadãos e vos transformar em colonos honrados, se o desejardes.

«A vossa disciplina é severa; deve sê-lo. Posta nas nossas mãos, será firme e inflexível, sabei-o bem; como também, justa e paternal, saberá distinguir o erro do vício e da degradação...»

Eis, pois, homens expulsos, pela sua má conduta, de um país civilizado e enviados, por punição, a um povo bárbaro. Que lhes diz o chefe? «Infringistes as leis do vosso país; fostes nele uma causa de perturbação e de escân-

dalo, e expulsaram-vos dele; enviam-vos para aqui, mas podeis resgatar aqui o vosso passado; podeis, pelo trabalho, criar-vos aqui uma posição honrada e tornar-vos cidadãos honestos. Tendes aqui uma bela missão a cumprir: a de levar a civilização a essas tribos selvagens. A disciplina será severa, mas justa, e saberemos distinguir os que se conduzirem bem.»

Para esses homens relegados ao seio da selvageria, a mãe-pátria não é um paraíso perdido por sua culpa e pela sua rebelião contra a lei? Nessa terra longínqua, não são anjos decaídos? A linguagem do chefe não é a que Deus fez ouvir aos Espíritos exilados na Terra: «Desobedecestes às minhas leis, e é por isso que vos expulsei do mundo onde podíeis viver felizes e em paz; aqui sereis condenados ao trabalho, mas podereis, pela vossa boa conduta, merecer o vosso perdão e reconquistar a pátria que perdestes por vossa culpa, isto é, o céu»?

[49] À primeira vista, a ideia de decadência parece em contradição com o princípio de que os Espíritos não podem retrogradar; mas é preciso considerar que não se trata de um retorno ao estado primitivo; o Espírito, embora numa posição inferior, nada perde do que adquiriu; o seu desenvolvimento moral e intelectual é o mesmo, qualquer que seja o meio em que se encontre colocado. Está na posição do homem do mundo condenado às galés pelos seus delitos; certamente, decaiu do ponto de vista social, mas não se torna nem mais estúpido nem mais ignorante.

50. Crê-se agora que esses homens enviados à Nova Caledônia vão transformar-se de repente em modelos de virtudes? Que vão abjurar de repente os seus erros passados? Seria preciso não conhecer a humanidade para supô-lo. Pela mesma razão, os Espíritos da raça adâmica, uma vez transplantados para a terra de exílio, não se despojaram instantaneamente do seu or-

gulho e dos seus maus instintos; por muito tempo ainda conservaram as tendências da sua origem, um resto do velho fermento; ora, não é isso o pecado original? A mancha que trazem ao nascer é a da raça de Espíritos culpados e punidos a que pertencem; mancha que podem apagar pelo arrependimento, pela expiação e pela renovação do seu ser moral. O pecado original, considerado como a responsabilidade por uma falta cometida por outro, é um contrassenso e a negação da justiça de Deus; considerado, ao contrário, como consequência e resquício de uma imperfeição primeira do indivíduo, não só a razão o admite, mas acha-se de toda justiça a responsabilidade que dele decorre.

Une Sacra · edição 1.8 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XII. GÊNESE MOSAICA

✦

[1] Capítulo I. — 1. No princípio Deus criou o céu e a terra. — 2. A terra era informe e toda nua; as trevas cobriam a face do abismo, e o Espírito de Deus era levado sobre as águas. — 3. Ora, Deus disse: Que a luz seja feita; e a luz foi feita. — 4. Deus viu que a luz era boa e separou a luz das trevas. — 5. Deu à luz o nome de dia, e às trevas o nome de noite; e da tarde e da manhã se fez o primeiro dia.

6. Deus disse também: Que o firmamento seja feito no meio das águas e que separe as águas das águas. — 7. E Deus fez o firmamento; e separou as águas que estavam debaixo do firmamento das que estavam acima do firmamento. E assim se fez. — 8. E Deus deu ao firmamento o nome de céu; e da tarde e da manhã se fez o segundo dia.

9. Deus disse ainda: Que as águas que estão debaixo do céu se reúnam num só lugar, e que o elemento árido apareça. E assim se fez. — 10. Deus deu ao elemento árido o nome de terra, e chamou mares a todas essas águas reunidas. E viu que isso era bom. — 11. Deus disse ainda: Que a terra produza erva verde que dê semente, e árvores frutíferas que deem fruto, cada uma segundo a sua espécie, e que encerrem em si mesmas a sua semente, para se reproduzirem sobre a terra. E assim se fez.

12. A terra produziu, pois, erva verde que dava semente segundo a sua espécie, e árvores frutíferas que encerravam em si mesmas a sua semente, cada uma segundo a sua espécie. E Deus viu que isso era bom. — 13. E da tarde e da manhã se fez o terceiro dia.

14. Deus disse também: Que corpos de luz sejam feitos no firmamento do

céu, a fim de que separem o dia da noite, e que sirvam de sinal para marcar o tempo e as estações, os dias e os anos. — 15. Que brilhem no firmamento do céu e iluminem a terra. E assim se fez. — 16. Deus fez, pois, dois grandes corpos luminosos, um maior para presidir ao dia, e outro menor para presidir à noite; fez também as estrelas; — 17. E pô-los no firmamento do céu para brilharem sobre a terra, — 18. Para presidirem ao dia e à noite, e para separarem a luz das trevas. E Deus viu que isso era bom. — 19. E da tarde e da manhã se fez o quarto dia.

20. Deus disse ainda: Que as águas produzam animais vivos que nadem na água, e aves que voem sobre a terra, sob o firmamento do céu. — 21. Deus criou, pois, os grandes peixes e todos os animais que têm a vida e o movimento, que as águas produziram, cada um segundo a sua espécie, e criou também todas as aves segundo a sua espécie. Viu que isso era bom. — 22. E abençoou-os, dizendo: Crescei e multiplicai-vos, e enchei as águas do mar; e que as aves se multipliquem sobre a terra. — 23. E da tarde e da manhã se fez o quinto dia.

24. Deus disse também: Que a terra produza animais vivos, cada um segundo a sua espécie: os animais domésticos, os répteis e os animais selvagens da terra, segundo as suas diferentes espécies. E assim se fez. — 25. Deus fez, pois, os animais selvagens da terra segundo as suas espécies, os animais domésticos e todos os répteis, cada um segundo a sua espécie. E Deus viu que isso era bom.

26. Disse em seguida: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança, e que ele mande nos peixes do mar, nas aves do céu, nos animais, em toda a terra e em todos os répteis que se movem sobre a terra. — 27. Deus criou, pois, o homem à sua imagem; criou-o à imagem de Deus, e criou-o macho e fêmea. — 28. Deus abençoou-os e disse-lhes: Crescei e multiplicai-vos, en-

chei a terra e sujeitai-a, e dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movem sobre a terra. — 29. Deus disse ainda: Dei-vos todas as ervas que dão a sua semente sobre a terra e todas as árvores que encerram em si mesmas a sua semente, cada uma segundo a sua espécie, a fim de que vos sirvam de alimento; — 30. E a todos os animais da terra, a todas as aves do céu, a tudo o que se move sobre a terra e que é vivo e animado, a fim de que tenham com que se alimentar. E assim se fez. — 31. Deus viu todas as coisas que tinha feito, e eram muito boas. — 32. E da tarde e da manhã se fez o sexto dia.

Capítulo II. — 1. O céu e a terra foram, pois, assim acabados, com todos os seus ornamentos. — 2. Deus terminou no sétimo dia toda a obra que tinha feito, e repousou nesse sétimo dia, depois de ter acabado todas as suas obras. — 3. Abençoou o sétimo dia e santificou-o, porque nesse dia cessara de produzir todas as obras que tinha criado. — 4. Tal é a origem do céu e da terra, e foi assim que foram criados no dia em que o Senhor Deus fez um e outra, — 5. E criou todas as plantas dos campos antes que tivessem saído da terra, e todas as ervas do campo antes que tivessem brotado. Porque o Senhor Deus ainda não tinha feito chover sobre a terra, e não havia homem para lavrá-la; — 6. Mas elevava-se da terra uma fonte que regava toda a sua superfície.

7. O Senhor Deus formou, pois, o homem do limo da terra, e soprou-lhe no rosto um sopro de vida, e o homem tornou-se vivo e animado.

[2] Depois dos desenvolvimentos contidos nos capítulos precedentes sobre a origem e a constituição do universo, segundo os dados fornecidos pela ciência para a parte material e segundo o Espiritismo para a parte espiritual, era útil pôr em paralelo o próprio texto da Gênese de Moisés, a fim de que

cada um pudesse estabelecer uma comparação e julgar com conhecimento de causa; algumas explicações suplementares bastarão para fazer compreender as partes que precisam de esclarecimentos especiais.

3 Em alguns pontos, há certamente uma concordância notável entre a Gênese de Moisés e a doutrina científica; mas seria um erro julgar que basta substituir os seis dias de vinte e quatro horas da criação por seis períodos indeterminados para encontrar uma analogia completa; seria um erro não menor julgar que, salvo o sentido alegórico de algumas palavras, a Gênese e a ciência se seguem passo a passo e são apenas a paráfrase uma da outra.

4 Notemos primeiro, como foi dito (cap. VII, n.º 14), que o número dos seis períodos geológicos é arbitrário, pois se contam mais de vinte e cinco formações bem caracterizadas. Esse número só marca as grandes fases gerais; só foi adotado, no princípio, para se ajustar o mais possível ao texto bíblico, numa época, de resto pouco afastada, em que se julgava dever controlar a ciência pela Bíblia. É por isso que os autores da maior parte das teorias cosmogônicas, com vista a se fazerem aceitar mais facilmente, se esforçaram por pôr-se de acordo com o texto sagrado. Quando a ciência se apoiou no método experimental, sentiu-se mais forte e emancipou-se; hoje é a Bíblia que se controla pela ciência.

Por outro lado, a geologia, tomando o seu ponto de partida apenas na formação dos terrenos graníticos, não compreende no número dos seus períodos o estado primitivo da Terra. Também não se ocupa do sol, da lua e das estrelas, nem do conjunto do universo, que pertencem à astronomia. Para se ajustar ao quadro da Gênese, convém, pois, acrescentar um primeiro período que abarque essa ordem de fenômenos, e que se poderia chamar período astronômico.

Além disso, o período diluviano não é considerado por todos os geólogos como um período distinto, mas como um fato transitório e passageiro, que não mudou notavelmente o estado climático do globo nem marcou uma nova fase nas espécies vegetais e animais, pois, com poucas exceções, as mesmas espécies se encontram antes e depois do dilúvio. Pode-se, pois, fazer abstração dele sem se afastar da verdade.

5 O quadro comparativo seguinte, em que estão resumidos os fenômenos que caracterizam cada um dos seis períodos, permite abarcar o conjunto e julgar as relações e as diferenças que existem entre eles e a Gênese bíblica:
I. Período astronômico. — Aglomeração da matéria cósmica universal num ponto do espaço, numa nebulosa que deu nascimento, pela condensação da matéria em diversos pontos, às estrelas, ao sol, à Terra, à Lua e a todos os planetas. Estado primitivo fluídico e incandescente da Terra. — Atmosfera imensa, carregada de toda a água em vapor e de todas as matérias volatilizáveis. — Gênese: 1º dia. — O céu e a terra. — A luz.
II. Período primário. — Endurecimento da superfície da Terra pelo resfriamento; formação das camadas graníticas. — Atmosfera espessa e escaldante, impenetrável aos raios do sol. — Precipitação gradual da água e das matérias sólidas volatilizadas no ar. — Ausência de toda vida orgânica. — Gênese: 2º dia. — O firmamento. — Separação das águas que estão debaixo do firmamento das que estão acima.
III. Período de transição. — As águas cobrem toda a superfície do globo. — Primeiros depósitos de sedimento formados pelas águas. — Calor úmido. — O sol começa a atravessar a atmosfera brumosa. — Primeiros seres organizados, da constituição mais rudimentar. — Líquens, musgos, fetos, licopódios, plantas herbáceas. Vegetação colossal. — Primeiros animais mari-

nhos: zoófitos, pólipos, crustáceos. — Depósitos de hulha. — Gênese: 3º dia. — As águas que estão debaixo do firmamento reúnem-se; o elemento árido aparece. — A terra e os mares. — As plantas.

IV. Período secundário. — Superfície da Terra pouco acidentada; águas pouco profundas e pantanosas. Temperatura menos escaldante; atmosfera mais depurada. Depósitos consideráveis de calcários pelas águas. — Vegetação menos colossal; novas espécies; plantas lenhosas; primeiras árvores. — Peixes; cetáceos; animais de concha; grandes répteis aquáticos e anfíbios. — Gênese: 4º dia. — O sol, a lua e as estrelas.

V. Período terciário. — Grandes levantamentos da crosta sólida; formação dos continentes. Retirada das águas para os lugares baixos; formação dos mares. — Atmosfera depurada; temperatura atual pelo calor solar. — Animais terrestres gigantescos. Vegetais e animais atuais. Aves. — Gênese: 5º dia. — Os peixes e as aves.

Dilúvio universal.

VI. Período quaternário ou pós-diluviano. — Terrenos de aluvião. Vegetais e animais atuais. O homem. — Gênese: 6º dia. — Os animais terrestres. — O homem.

6. Um primeiro fato que ressalta do quadro comparativo acima é que a obra de cada um dos seis dias não corresponde de maneira rigorosa, como muitos julgam, a cada um dos seis períodos geológicos. A concordância mais notável é a da sucessão dos seres orgânicos, que é com pouca diferença a mesma, e a do aparecimento do homem em último lugar; ora, esse é um fato importante.

Há igualmente coincidência, não com a ordem numérica dos períodos, mas quanto ao fato, na passagem em que se diz que, no terceiro dia, «as águas que estão debaixo do céu se reuniram num só lugar, e o elemento árido

apareceu». É a expressão do que se deu no período terciário, quando os levantamentos da crosta sólida puseram a descoberto os continentes e repeliram as águas que formaram os mares. Foi só então que apareceram os animais terrestres, segundo a geologia e segundo Moisés.

7 Quando Moisés diz que a criação foi feita em seis dias, quis falar de dias de vinte e quatro horas, ou compreendeu essa palavra no sentido de período, duração, espaço de tempo indeterminado, já que a palavra hebraica traduzida por dia tem essa dupla acepção? A primeira hipótese é a mais provável, se nos reportarmos ao próprio texto. A especificação da tarde e da manhã, que limitam cada um dos seis dias, dá todo motivo para supor que quis falar de dias ordinários. Não se pode mesmo conceber nenhuma dúvida a esse respeito quando diz, no versículo 5: «Deu à luz o nome de dia, e às trevas o nome de noite; e da tarde e da manhã se fez o primeiro dia.» Isso evidentemente só pode aplicar-se ao dia de vinte e quatro horas, dividido pela luz e pelas trevas. O sentido é ainda mais preciso quando diz, no versículo 17, falando do sol, da lua e das estrelas: «Pô-los no firmamento do céu para brilharem sobre a terra; para presidirem ao dia e à noite, e para separarem a luz das trevas. E da tarde e da manhã se fez o quarto dia.»
De resto, tudo, na criação, era miraculoso, e, desde que se entra no caminho dos milagres, pode-se perfeitamente crer que a Terra se fez em seis vezes vinte e quatro horas, sobretudo quando se ignoram as primeiras leis naturais. Essa crença foi bem partilhada por todos os povos civilizados até o momento em que a geologia veio, com provas na mão, demonstrar a sua impossibilidade.

8 Um dos pontos mais criticados na Gênese é a criação do sol depois da luz. Procurou-se explicá-lo, segundo os próprios dados fornecidos pela geologia, dizendo que, nos primeiros tempos da sua formação, a atmosfera terrestre, estando carregada de vapores densos e opacos, não permitia ver o sol, que, desde então, não existia para a Terra. Essa razão seria talvez admissível se, nessa época, tivesse havido habitantes para julgar da presença ou da ausência do sol; ora, segundo o próprio Moisés, ainda só havia plantas, que, todavia, não teriam podido crescer e multiplicar-se sem a ação do calor solar.

Há, pois, evidentemente um anacronismo na ordem que Moisés assinala à criação do sol; mas, involuntariamente ou não, ele não cometeu erro ao dizer que a luz tinha precedido o sol.

O sol não é o princípio da luz universal, mas uma concentração do elemento luminoso num ponto, ou seja, do fluido que, em circunstâncias dadas, adquire as propriedades luminosas. Esse fluido, que é a causa, devia necessariamente existir antes do sol, que é apenas um efeito. O sol é causa para a luz que espalha, mas é efeito em relação à que recebeu.

Num quarto escuro, uma vela acesa é um pequeno sol. Que se fez para acender a vela? Desenvolveu-se a propriedade iluminante do fluido luminoso e concentrou-se esse fluido num ponto; a vela é a causa da luz espalhada no quarto; mas, se o princípio luminoso não tivesse existido antes da vela, esta não poderia ter sido acesa.

O mesmo se dá com o sol. O erro vem da ideia falsa, que se teve por muito tempo, de que o universo inteiro começou com a Terra, e não se compreende que o sol possa ter sido criado depois da luz. Sabe-se agora que, antes do nosso sol e da nossa Terra, milhões de sóis e de terras existiram, que gozavam, por conseguinte, da luz. A asserção de Moisés é, pois, perfeitamente exata em princípio; é falsa no que faz criar a Terra antes do sol; estando a

Terra sujeita ao sol no seu movimento de translação, deve ter sido formada depois dele: é o que Moisés não podia saber, pois ignorava a lei da gravitação.

O mesmo pensamento encontra-se na Gênese dos antigos persas, no primeiro capítulo do Vendidad. Ormuzd, contando a origem do mundo, diz: «Criei a luz, que foi iluminar o sol, a lua e as estrelas.» (Dicionário de mitologia universal.) A forma é aqui certamente mais clara e mais científica que em Moisés e não precisa de comentário.

9 Moisés partilhava evidentemente as crenças mais primitivas sobre a cosmogonia. Como os homens do seu tempo, cria na solidez da abóbada celeste e em reservatórios superiores para as águas. Esse pensamento está expresso sem alegoria nem ambiguidade nesta passagem (versículos 6 e seguintes): «Deus disse: Que o firmamento seja feito no meio das águas e que separe as águas das águas. Deus fez o firmamento e separou as águas que estavam debaixo do firmamento das que estavam acima do firmamento.» (Ver cap. V, Sistemas do mundo antigos e modernos, n.º 3, 4, 5.)

Uma antiga crença fazia considerar a água como o princípio, o elemento gerador primitivo; por isso Moisés não fala da criação das águas, que parecem ter existido já. «As trevas cobriam o abismo», isto é, as profundezas do espaço, que a imaginação representava vagamente ocupadas pelas águas e nas trevas antes da criação da luz; eis por que Moisés diz que «o Espírito de Deus era levado sobre as águas». Supondo-se a Terra formada no meio das águas, era preciso isolá-la; supôs-se, pois, que Deus tinha feito o firmamento, abóbada sólida que separava as águas de cima das que tinham ficado sobre a Terra.

Para compreender certas partes da Gênese, é preciso necessariamente colocar-se do ponto de vista das ideias cosmogônicas do tempo de que ela é o reflexo.

10 Desde os progressos da física e da astronomia, semelhante doutrina não é sustentável. Entretanto, Moisés atribui essas palavras ao próprio Deus; ora, já que exprimem um fato notoriamente falso, de duas uma: ou Deus enganou-se no relato que faz da sua obra, ou esse relato não é uma revelação divina. Não sendo admissível a primeira suposição, deve-se concluir que Moisés exprimiu as suas próprias ideias. (Cap. I, n.º 3.)

11 Moisés está mais na verdade quando diz que Deus formou o homem com o limo da terra. A ciência mostra-nos, com efeito (cap. X), que o corpo do homem é composto de elementos tirados da matéria inorgânica, ou seja, do limo da terra.

A mulher formada de uma costela de Adão é uma alegoria, pueril na aparência, se tomada ao pé da letra, mas profunda pelo sentido. Tem por fim mostrar que a mulher é da mesma natureza que o homem, sua igual, por conseguinte, perante Deus, e não uma criatura à parte, feita para ser escravizada e tratada como hilota. Saída da sua própria carne, a imagem da igualdade é muito mais impressionante do que se tivesse sido formada separadamente do mesmo limo; é dizer ao homem que ela é sua igual, e não sua escrava, e que ele deve amá-la como uma parte de si mesmo.

12 Para espíritos incultos, sem nenhuma ideia das leis gerais, incapazes de abarcar o conjunto e de conceber o infinito, essa criação miraculosa e instantânea tinha algo de fantástico, que impressionava a imaginação. O quadro do universo tirado do nada em alguns dias, por um único ato da vontade criadora, era para eles o sinal mais brilhante do poder de Deus. Que

pintura, com efeito, mais sublime e mais poética desse poder do que estas palavras: «Deus disse: Que a luz seja, e a luz foi!» Deus criando o universo pelo cumprimento lento e gradual das leis da natureza ter-lhes-ia parecido menos grande e menos poderoso; precisavam de algo maravilhoso, que saísse dos caminhos ordinários; de outro modo teriam dito que Deus não era mais hábil que os homens. Uma teoria científica e raciocinada da criação tê-los-ia deixado frios e indiferentes.

Os homens primitivos são como crianças, a quem só se deve dar o alimento intelectual que a sua inteligência comporta. Hoje, que estamos esclarecidos pelas luzes da ciência, apontemos os erros materiais do relato de Moisés, mas não o censuremos por ter falado a linguagem do seu tempo, sem o que não teria sido nem compreendido nem aceito.

Respeitemos esses quadros, que hoje nos parecem pueris, como respeitamos os apólogos que iluminaram a nossa primeira infância e abriram a nossa inteligência, ensinando-nos a pensar. Foi com esses quadros que Moisés inculcou no coração dos primeiros homens a fé em Deus e no seu poder, fé ingênua que devia depurar-se mais tarde ao facho da ciência. Porque sabemos ler correntemente, não desprezemos o livro em que aprendemos a soletrar.

Não rejeitemos, pois, a Gênese bíblica; estudemo-la, ao contrário, como se estuda a história da infância dos povos. É uma epopeia rica em alegorias, cujo sentido oculto é preciso procurar; que é preciso comentar e explicar com o auxílio das luzes da razão e da ciência. Ao mesmo tempo que se fazem ressaltar as suas belezas poéticas e as instruções veladas sob a forma figurada, é preciso demonstrar francamente os seus erros, no próprio inte-

resse da religião. Respeitá-la-ão melhor quando esses erros não forem impostos à fé como verdades, e Deus só parecerá maior e mais poderoso quando o seu nome não estiver misturado a fatos inventados.

13 Capítulo II. — 8. Ora, o Senhor Deus tinha plantado desde o princípio um jardim delicioso, no qual pôs o homem que tinha formado. — 9. O Senhor Deus tinha também produzido da terra toda espécie de árvores belas à vista e cujo fruto era agradável ao gosto, e a árvore da vida no meio do paraíso, com a árvore da ciência do bem e do mal. (Fez sair, Jeová Eloim, da terra (min haadama) toda árvore bela de ver e boa de comer, e a árvore da vida (vehetz hachayim) no meio do jardim, e a árvore da ciência do bem e do mal.)

15. O Senhor tomou, pois, o homem e pô-lo no paraíso de delícias, para que o cultivasse e guardasse. — 16. Deu-lhe também este mandamento, dizendo-lhe: Comei de todas as árvores do paraíso. (Ordenou, Jeová Eloim, ao homem (hau haadam), dizendo: De toda árvore do jardim (hagan) podes comer.) — 17. Mas não comais do fruto da árvore da ciência do bem e do mal; porque, no mesmo tempo em que dele comerdes, morrereis certissimamente. (E da árvore da ciência do bem e do mal (oumehetz hadaat tob vara) não comerás, porque no dia em que dela comeres morrerás.)

Capítulo III. — 1. Ora, a serpente era o mais astuto de todos os animais que o Senhor Deus tinha formado sobre a terra. E disse à mulher: Por que vos mandou Deus que não comêsseis do fruto de todas as árvores do paraíso? (E a serpente era astuta mais que todos os animais terrestres que fizera Jeová Eloim; disse à mulher (et haischa): Acaso disse Eloim: Não comereis de nenhuma árvore do jardim?)

2. A mulher respondeu-lhe: Comemos dos frutos de todas as árvores que

estão no paraíso. (Disse a mulher à serpente: Do fruto (miperi) das árvores do jardim podemos comer.) — 3. Mas, quanto ao fruto da árvore que está no meio do paraíso, Deus mandou-nos que não comêssemos dele e que não lhe tocássemos, para que não corrêssemos perigo de morrer. — 4. A serpente replicou à mulher: Certamente não morrereis; — 5. Mas é que Deus sabe que, logo que tiverdes comido desse fruto, os vossos olhos se abrirão, e sereis como deuses, conhecendo o bem e o mal.

6. A mulher considerou, pois, que o fruto dessa árvore era bom para comer, que era belo e agradável à vista. E, tendo-o tomado, comeu dele e deu-o ao marido, que também comeu. (Viu a mulher que era boa a árvore como alimento, e que era desejável a árvore para compreender (leaskil), e tomou do seu fruto etc.)

8. E, como tivessem ouvido a voz do Senhor Deus, que passeava no paraíso depois do meio-dia, quando se levanta um vento brando, retiraram-se para o meio das árvores do paraíso, para se esconderem da sua face.

9. Então o Senhor Deus chamou Adão e disse-lhe: Onde estás? — 10. Adão respondeu-lhe: Ouvi a vossa voz no paraíso e tive medo, porque estava nu; por isso me escondi. — 11. O Senhor replicou-lhe: E como soubestes que estáveis nu, senão por terdes comido do fruto da árvore de que vos proibira comer? — 12. Adão respondeu-lhe: A mulher que me destes por companheira apresentou-me do fruto dessa árvore, e eu comi. — 13. O Senhor Deus disse à mulher: Por que fizestes isso? Ela respondeu: A serpente enganou-me, e comi desse fruto.

14 Então o Senhor Deus disse à serpente: Porque fizeste isso, és maldita entre todos os animais e todas as bestas da terra; rastejarás sobre o ventre e comerás terra todos os dias da tua vida. — 15. Porei inimizade entre ti e a mu-

lher, entre a sua descendência e a tua. Ela te esmagará a cabeça, e tu procurarás mordê-la no calcanhar.

16. Deus disse também à mulher: Afligir-vos-ei com muitos males durante a vossa gravidez; dareis à luz na dor; estareis sob o domínio do vosso marido, e ele vos dominará.

17. Disse em seguida a Adão: Porque escutastes a voz da vossa mulher e comestes do fruto da árvore de que vos proibira comer, a terra será maldita por causa do que fizestes, e só com muito trabalho tirareis dela com que vos alimentar durante toda a vossa vida. — 18. Ela vos produzirá espinhos e abrolhos, e alimentar-vos-eis da erva da terra. — 19. E comereis o vosso pão com o suor do vosso rosto, até que volteis à terra de onde fostes tirado, porque sois pó e ao pó voltareis.

20. E Adão deu à sua mulher o nome de Eva, que significa a vida, porque era a mãe de todos os viventes.

21. O Senhor Deus fez também para Adão e para a sua mulher vestes de peles, com que os vestiu. — 22. E disse: Eis Adão tornado como um de nós, sabendo o bem e o mal. Impeçamos, pois, agora que ele leve a mão à árvore da vida, que tome também do seu fruto e que, comendo desse fruto, viva eternamente. (Disse Jeová Eloim: Eis que o homem foi como um de nós para o conhecimento do bem e do mal; e agora pode estender a mão e tomar da árvore da vida (veata pen ischlach yado velakach mehetz hachayim); comerá dela e viverá eternamente.)

23. O Senhor Deus fê-lo sair do jardim de delícias, para que fosse trabalhar na cultura da terra de onde tinha sido tirado. — 24. E, tendo-o expulsado, pôs querubins diante do jardim de delícias, que faziam faiscar uma espada de fogo, para guardar o caminho que conduzia à árvore da vida.

15 Sob uma imagem pueril e às vezes ridícula, se nos detivermos na forma, a alegoria esconde muitas vezes as maiores verdades. Haverá fábula mais absurda, à primeira vista, que a de Saturno, um deus que devora pedras que toma pelos seus filhos? Mas, ao mesmo tempo, que há de mais profundamente filosófico e verdadeiro que essa figura, se se procura o seu sentido moral!

15.2 Saturno é a personificação do tempo; sendo todas as coisas obra do tempo, ele é o pai de tudo o que existe, mas também tudo se destrói com o tempo. Saturno devorando pedras é o emblema da destruição, pelo tempo, dos corpos mais duros, que são seus filhos, pois se formaram com o tempo. E quem escapa a essa destruição, segundo essa mesma alegoria?

15.3 Júpiter, o emblema da inteligência superior, do princípio espiritual, que é indestrutível. Essa imagem é até tão natural que, na linguagem moderna, sem alusão à fábula antiga, diz-se de uma coisa deteriorada com o tempo que está devorada pelo tempo, roída, devastada pelo tempo.

16 Toda a mitologia pagã não é, na realidade, senão um vasto quadro alegórico dos diversos lados bons e maus da humanidade. Para quem procura o seu espírito, é um curso completo da mais alta filosofia, como acontece com as nossas fábulas modernas.

16.2 O absurdo era tomar a forma pelo fundo; mas os sacerdotes pagãos só ensinavam a forma, seja porque alguns não sabiam mais do que isso, seja porque tinham interesse em manter o povo em crenças que, favorecendo a sua dominação, lhes eram mais rendosas que a filosofia.

16.3 A veneração do povo pela forma era uma fonte inesgotável de riquezas, pelos dons acumulados nos templos, pelas oferendas e pelos sacrifícios feitos em intenção dos deuses, mas na realidade em proveito dos seus

representantes.

16.4 Um povo menos crédulo teria dado menos às imagens, às estátuas, aos emblemas e aos oráculos; por isso Sócrates foi condenado, como ímpio, a beber a cicuta, por ter querido estancar essa fonte, pondo a verdade no lugar do erro.

16.5 Ainda não era então costume queimar vivos os hereges; e, cinco séculos mais tarde, o Cristo foi condenado a uma morte infamante, como ímpio, por ter querido, como Sócrates, substituir a letra pelo espírito, e porque a sua doutrina, toda espiritual, arruinava a supremacia dos escribas, dos fariseus e dos doutores da lei.

17 O mesmo se dá com a Gênese, em que é preciso ver grandes verdades morais sob figuras materiais que, tomadas ao pé da letra, seriam tão absurdas quanto se, nas nossas fábulas, se tomassem ao pé da letra as cenas e os diálogos atribuídos aos animais.

Adão é a personificação da humanidade; a sua falta individualiza a fraqueza do homem, em quem predominam os instintos materiais, aos quais não sabe resistir.

A árvore, como árvore da vida, é o emblema da vida espiritual; como árvore da ciência, é o da consciência que o homem adquire do bem e do mal pelo desenvolvimento da sua inteligência, e o do livre-arbítrio, em virtude do qual escolhe entre os dois; marca o ponto em que a alma do homem, deixando de ser guiada só pelos instintos, toma posse da sua liberdade e incorre na responsabilidade dos seus atos.

O fruto da árvore é o emblema do objeto dos desejos materiais do homem; é a alegoria da cobiça; resume sob uma mesma figura os motivos de arrastamento ao mal; comer dele é sucumbir à tentação (1). Cresce no meio do jar-

dim de delícias para mostrar que a sedução está no próprio seio dos prazeres, e para lembrar ao mesmo tempo que, se o homem dá a preponderância aos gozos materiais, prende-se à terra e afasta-se do seu destino espiritual.

A morte de que é ameaçado, se infringir a proibição que lhe é feita, é uma advertência das consequências inevitáveis, físicas e morais, que acarreta a violação das leis divinas que Deus gravou na sua consciência. É bem evidente que não se trata aqui da morte corporal, pois, depois da sua falta, Adão viveu ainda muito tempo, mas da morte espiritual, ou seja, da perda dos bens que resultam do adiantamento moral, perda de que a sua expulsão do jardim de delícias é a imagem.

A serpente está longe de passar hoje pelo tipo da astúcia; é, pois, aqui, em relação à sua forma, mais do que ao seu caráter, uma alusão à perfídia dos maus conselhos, que se insinuam como a serpente e dos quais, por essa razão, muitas vezes não se desconfia. Aliás, se a serpente, por ter enganado a mulher, foi condenada a rastejar sobre o ventre, isso quereria dizer que antes tinha pernas, e então já não era uma serpente. Por que, então, impor à fé ingênua e crédula das crianças, como verdades, alegorias tão evidentes, e que, falseando o seu juízo, as fazem mais tarde olhar a Bíblia como um tecido de fábulas absurdas?

(1) ... cada um o entende como quer, contanto que a interpretação não seja contrária à gramática. A palavra peri foi traduzida em latim por malum, que se diz da maçã e de toda espécie de frutos. É derivada do grego melon, particípio do verbo melo, interessar, cuidar, atrair.

18 Se a falta de Adão é literalmente ter comido um fruto, não poderia incontestavelmente, pela sua natureza quase pueril, justificar o rigor com que foi castigada. Também não se poderia racionalmente admitir que seja o

fato que geralmente se supõe; de outro modo, Deus, considerando esse fato um crime irremissível, teria condenado a sua própria obra, pois criara o homem para a propagação. Se Adão tivesse entendido nesse sentido a proibição de tocar no fruto da árvore, e se se tivesse conformado escrupulosamente a ela, onde estaria a humanidade, e que teria sido dos desígnios do Criador? Se assim fosse, Deus teria criado o imenso aparelho do universo para dois indivíduos, e a humanidade teria vindo contra a sua vontade e as suas previsões.

Deus não tinha criado Adão e Eva para ficarem sozinhos na Terra; e a prova disso está nas próprias palavras que lhes dirige imediatamente depois da sua formação, quando ainda estavam no paraíso terrestre: «Deus abençoou-os e disse-lhes: Crescei e multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a.» (Cap. I, v. 28.) Já que a multiplicação do homem era uma lei desde o paraíso terrestre, a sua expulsão não pode ter por causa o fato suposto.

O que deu crédito a essa suposição é o sentimento de vergonha de que Adão e Eva foram tomados à vista de Deus e que os levou a se cobrirem. Mas essa própria vergonha é uma figura por comparação: simboliza a confusão que todo culpado sente na presença daquele que ofendeu.

19 Qual é, pois, afinal, essa falta tão grande que pôde ferir de reprovação perpétua todos os descendentes daquele que a cometeu? Caim, o fratricida, não foi tratado tão severamente. Nenhum teólogo pôde defini-la logicamente, porque todos, não saindo da letra, giraram num círculo vicioso.

Hoje sabemos que essa falta não é um ato isolado, pessoal de um indivíduo, mas que compreende, sob um fato alegórico único, o conjunto das prevaricações de que pode tornar-se culpada a humanidade ainda imperfeita da

Terra, e que se resumem nestas palavras: infração à lei de Deus. Eis por que a falta do primeiro homem, que simboliza a humanidade, é simbolizada ela mesma por um ato de desobediência.

20 Dizendo a Adão que tirará o seu alimento da terra com o suor do seu rosto, Deus simboliza a obrigação do trabalho; mas por que faz do trabalho uma punição? Que seria a inteligência do homem se ele não a desenvolvesse pelo trabalho? Que seria a terra se não fosse fecundada, transformada, saneada pelo trabalho inteligente do homem?

Está dito (cap. II, v. 5 e 7): «O Senhor Deus ainda não tinha feito chover sobre a terra, e não havia homem para lavrá-la. O Senhor formou, pois, o homem do limo da terra.» Essas palavras, aproximadas destas outras: Enchei a terra, provam que o homem era, desde a origem, destinado a ocupar toda a terra e a cultivá-la; e, além disso, que o paraíso não era um lugar circunscrito num canto do globo. Se a cultura da terra devesse ser uma consequência da falta de Adão, resultaria que, se Adão não tivesse pecado, a terra não teria sido cultivada, e os desígnios de Deus não se teriam cumprido.

Por que diz à mulher que, por ter cometido a falta, dará à luz na dor? Como pode a dor do parto ser um castigo, se é uma consequência do organismo e está fisiologicamente provado que é necessária? Como pode uma coisa que está segundo as leis da natureza ser uma punição? É o que os teólogos ainda não explicaram, e o que não poderão fazer enquanto não saírem do ponto de vista em que se colocaram; e, no entanto, essas palavras, que parecem tão contraditórias, podem ser justificadas.

21 Notemos primeiro que, se no momento da criação de Adão e de Eva a sua alma acabava de ser tirada do nada, como se ensina, deviam ser noviços em todas as coisas; não deviam saber o que é morrer. Estando sozinhos na Terra, enquanto viveram no paraíso terrestre, não tinham visto ninguém morrer; como, então, teriam podido compreender em que consistia a ameaça de morte que Deus lhes fazia? Como teria Eva podido compreender que dar à luz na dor seria uma punição, se, acabando de nascer para a vida, nunca tinha tido filhos e era a única mulher do mundo?

As palavras de Deus não deviam, pois, ter para Adão e Eva nenhum sentido. Mal tirados do nada, não deviam saber nem por que nem como tinham saído dele; não deviam compreender nem o Criador nem o fim da proibição que lhes fazia. Sem nenhuma experiência das condições da vida, pecaram como crianças que agem sem discernimento, o que torna mais incompreensível ainda a terrível responsabilidade que Deus fez pesar sobre eles e sobre a humanidade inteira.

22 O que é um beco sem saída para a teologia, o Espiritismo explica-o sem dificuldade e de maneira racional pela anterioridade da alma e pela pluralidade das existências, lei sem a qual tudo é mistério e anomalia na vida do homem. Com efeito, admitamos que Adão e Eva já tivessem vivido: tudo fica justificado; Deus não lhes fala como a crianças, mas como a seres em condição de o compreender e que o compreendem, prova evidente de que têm um adquirido anterior. Admitamos, além disso, que tenham vivido num mundo mais adiantado e menos material que o nosso, onde o trabalho do Espírito supria o trabalho do corpo; que, pela sua rebelião contra a lei de Deus, figurada pela desobediência, tenham sido excluídos dele e exilados por punição na Terra, onde o homem, em consequência da natureza

do globo, está sujeito a um trabalho corporal; Deus tinha razão em dizer-lhes: No mundo onde ides viver doravante, «cultivareis a terra e tirareis dela o vosso alimento com o suor do vosso rosto»; e à mulher: «Dareis à luz na dor», porque tal é a condição deste mundo. (Cap. XI, n.º 31 e seguintes.)

O paraíso terrestre, de que inutilmente se procuraram os vestígios na Terra, era, pois, a figura do mundo feliz onde tinha vivido Adão, ou antes a raça dos Espíritos de que ele é a personificação. A expulsão do paraíso marca o momento em que esses Espíritos vieram encarnar-se entre os habitantes deste mundo, e a mudança de situação que daí resultou. O anjo armado de uma espada flamejante que defende a entrada do paraíso simboliza a impossibilidade em que estão os Espíritos dos mundos inferiores de penetrar nos mundos superiores antes de o terem merecido pela sua depuração. (Ver adiante cap. XIV, n.º 9 e seguintes.)

23 Caim (depois do assassínio de Abel) respondeu ao Senhor:

A minha iniquidade é grande demais para que eu possa obter o perdão dela. — Expulsais-me hoje de sobre a terra, e irei esconder-me da vossa face. Serei fugitivo e vagabundo sobre a terra; quem quer que me encontre, pois, me matará. — O Senhor respondeu-lhe: Não, isso não será; porque quem quer que matar Caim será punido muito severamente. E o Senhor pôs um sinal em Caim, a fim de que os que o encontrassem não o matassem.

Caim, tendo-se retirado da face do Senhor, foi vagabundo sobre a terra e habitou na região oriental do Éden. — E, tendo conhecido a sua mulher, ela concebeu e deu à luz Enoque. Edificou em seguida uma cidade, a que chamou Enoque (Enochia), do nome do seu filho. (Cap. IV, versículos de 13 a 16.)

[24] Se nos reportarmos à letra da Gênese, eis a que consequências se chega: Adão e Eva estavam sozinhos no mundo depois da sua expulsão do paraíso terrestre; só posteriormente tiveram por filhos Caim e Abel. Ora, Caim, tendo matado o irmão e tendo-se retirado para outra região, não tornou a ver o pai e a mãe, que ficaram de novo sozinhos; só muito tempo depois, na idade de cento e trinta anos, Adão teve um terceiro filho, chamado Sete. Depois do nascimento de Sete, viveu ainda, segundo a genealogia bíblica, oitocentos anos, e teve filhos e filhas.

Quando Caim veio estabelecer-se a oriente do Éden, só havia, pois, na Terra três pessoas: o pai e a mãe, e ele só, do seu lado. Entretanto, teve uma mulher e um filho; quem podia ser essa mulher e onde a teria podido tomar? Edificou uma cidade; mas uma cidade supõe habitantes, porque não é de presumir que a tenha feito para si, para a sua mulher e para o seu filho, nem que a tenha podido construir sozinho.

É preciso, pois, inferir desse próprio relato que a região estava povoada; ora, não podia sê-lo pelos descendentes de Adão, que então não tinha outro senão Caim.

A presença de outros habitantes ressalta igualmente desta palavra de Caim: «Serei fugitivo e vagabundo, e quem quer que me encontre me matará», e da resposta que Deus lhe deu. Por quem podia temer ser morto, e de que servia o sinal que Deus pôs nele para preservá-lo, se não devia encontrar ninguém? Se, pois, havia na Terra outros homens fora da família de Adão, é que estavam nela antes dele; de onde esta consequência, tirada do próprio texto da Gênese: Adão não é nem o primeiro nem o único pai do gênero humano. (Cap. XI, n.º 34.)

25 Eram precisos os conhecimentos que o Espiritismo trouxe acerca das relações do princípio espiritual e do princípio material; sobre a natureza da alma, a sua criação no estado de simplicidade e de ignorância, a sua união com o corpo, a sua marcha progressiva indefinida através de existências sucessivas e através dos mundos, que são outros tantos degraus no caminho do aperfeiçoamento; a sua libertação gradual da influência da matéria pelo uso do seu livre-arbítrio; a causa das suas inclinações boas ou más e das suas aptidões; o fenômeno do nascimento e da morte; o estado do Espírito na erraticidade; enfim, o futuro, que é o prêmio dos seus esforços para melhorar-se e da sua perseverança no bem — para lançar luz sobre todas as partes da Gênese espiritual.

Graças a essa luz, o homem sabe doravante de onde vem, para onde vai, por que está na Terra e por que sofre; sabe que o seu futuro está nas suas mãos, e que a duração do seu cativeiro aqui embaixo depende dele. A Gênese, saída da alegoria estreita e mesquinha, aparece-lhe grande e digna da majestade, da bondade e da justiça do Criador. Considerada desse ponto de vista, a Gênese confundirá a incredulidade e a vencerá.

Une Sacra · edição 1.8 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XIII. CARACTERES DOS MILAGRES

✦

1 Na sua acepção etimológica, a palavra milagre (de mirari, admirar) significa: admirável, coisa extraordinária, surpreendente. A Academia define essa palavra: um ato do poder divino contrário às leis conhecidas da natureza.

Na sua acepção usual, essa palavra perdeu, como tantas outras, a sua significação primitiva. De geral que era, restringiu-se a uma ordem particular de fatos. No pensamento das massas, um milagre implica a ideia de um fato extranatural; no sentido litúrgico, é uma derrogação das leis da natureza pela qual Deus manifesta o seu poder. Tal é, com efeito, a sua acepção vulgar, tornada o sentido próprio, e é só por comparação e por metáfora que se aplica às circunstâncias ordinárias da vida.

Um dos caracteres do milagre propriamente dito é ser inexplicável, pelo próprio fato de se cumprir fora das leis naturais; e é tanto essa a ideia que se lhe liga que, se um fato miraculoso vem a encontrar a sua explicação, diz-se que já não é um milagre, por mais surpreendente que seja.

Outro caráter do milagre é ser insólito, isolado e excepcional; desde o momento em que um fenômeno se reproduz, seja espontaneamente, seja por um ato da vontade, é que está submetido a uma lei, e desde então, seja essa lei conhecida ou não, não pode ser um milagre.

2 A ciência faz todos os dias milagres aos olhos dos ignorantes. Que um homem realmente morto seja chamado de volta à vida por uma intervenção divina, eis um verdadeiro milagre, porque é um fato contrário às leis da natureza. Mas, se esse homem só tem as aparências da morte, se há ainda nele

um resto de vitalidade latente, e se a ciência, ou uma ação magnética, consegue reanimá-lo, para as pessoas esclarecidas é um fenômeno natural; mas, aos olhos do vulgo ignorante, o fato passará por miraculoso. Que, no meio de certos campos, um físico lance um papagaio elétrico e faça cair o raio sobre uma árvore, esse novo Prometeu será certamente visto como armado de um poder diabólico; mas Josué detendo o movimento do sol, ou antes da Terra, admitido o fato, eis o verdadeiro milagre, porque não existe nenhum magnetizador dotado de um poder bastante grande para operar tal prodígio.

Os séculos de ignorância foram fecundos em milagres, porque tudo aquilo cuja causa era desconhecida passava por miraculoso. À medida que a ciência revelou novas leis, o círculo do maravilhoso restringiu-se; mas, como ela não explorara todo o campo da natureza, restava ainda uma parte bastante larga ao maravilhoso.

3 O maravilhoso, expulso pela ciência do domínio da materialidade, entrincheirou-se no da espiritualidade, que foi o seu último refúgio. O Espiritismo, demonstrando que o elemento espiritual é uma das forças vivas da natureza, força que age incessantemente juntamente com a força material, faz entrar os fenômenos que dele decorrem no círculo dos efeitos naturais, porque, como os outros, estão submetidos a leis.

3.2 Se o maravilhoso é expulso da espiritualidade, já não tem razão de ser, e só então se poderá dizer que o tempo dos milagres passou.

4 O Espiritismo vem, pois, por sua vez, fazer o que cada ciência fez no seu advento: revelar novas leis e explicar, por conseguinte, os fenômenos que são da alçada dessas leis.

Esses fenômenos, é verdade, prendem-se à existência dos Espíritos e à sua

intervenção no mundo material; ora, é aí, diz-se, que está o sobrenatural. Mas então seria preciso provar que os Espíritos e as suas manifestações são contrários às leis da natureza; que não é nem pode ser essa uma dessas leis.
O Espírito não é outra coisa senão a alma que sobrevive ao corpo; é o ser principal, pois não morre, ao passo que o corpo é apenas um acessório que se destrói. A sua existência é, pois, tão natural depois quanto durante a encarnação; está submetida às leis que regem o princípio espiritual, como o corpo está submetido às que regem o princípio material; mas, como esses dois princípios têm uma afinidade necessária, como reagem incessantemente um sobre o outro, como da sua ação simultânea resultam o movimento e a harmonia do conjunto, segue-se que a espiritualidade e a materialidade são as duas partes de um mesmo todo, tão naturais uma quanto a outra, e que a primeira não é uma exceção, uma anomalia na ordem das coisas.

5 Durante a sua encarnação, o Espírito age sobre a matéria por intermédio do seu corpo fluídico ou perispírito; o mesmo se dá fora da encarnação. Faz, como Espírito e na medida das suas capacidades, o que fazia como homem; apenas, como já não tem o corpo carnal por instrumento, serve-se, quando isso é necessário, dos órgãos materiais de um encarnado, que se torna o que se chama médium.

5.2 Faz como aquele que, não podendo escrever ele mesmo, toma emprestada a mão de um secretário; ou que, não sabendo uma língua, se serve de um intérprete. Um secretário, um intérprete são os médiuns de um encarnado, como o médium é o secretário ou o intérprete de um Espírito.

6 Não sendo mais o meio em que agem os Espíritos e os meios de execução os mesmos que no estado de encarnação, os efeitos são diferentes. Esses efeitos só parecem sobrenaturais porque são produzidos com o auxílio de agentes que não são aqueles de que nós nos serviríamos; mas, desde o instante em que esses agentes estão na natureza e os fatos de manifestações se cumprem em virtude de certas leis, nada há de sobrenatural nem de maravilhoso.

6.2 Antes de se conhecerem as propriedades da eletricidade, os fenômenos elétricos passavam por prodígios aos olhos de certas pessoas; logo que a causa foi conhecida, o maravilhoso desapareceu.

6.3 O mesmo se dá com os fenômenos espíritas, que não saem mais da ordem das leis naturais do que os fenômenos elétricos, acústicos, luminosos e outros, que foram a fonte de uma multidão de crenças supersticiosas.

7 Entretanto, dir-se-á, admitis que um Espírito pode levantar uma mesa e mantê-la no espaço sem ponto de apoio; não é isso uma derrogação da lei da gravidade? — Sim, da lei conhecida; mas conhecem-se todas as leis?

7.2 Antes que se tivesse experimentado a força ascensional de certos gases, quem teria dito que uma pesada máquina levando vários homens pode triunfar da força de atração? Aos olhos do vulgo, isso não devia parecer maravilhoso, diabólico?

7.3 Aquele que, há um século, tivesse proposto transmitir um despacho a quinhentas léguas e receber a resposta em alguns minutos teria passado por louco; se o tivesse feito, ter-se-ia julgado que tinha o diabo às suas ordens, porque então só o diabo era capaz de ir tão depressa; entretanto, hoje a coisa não só é reconhecida como possível, mas parece inteiramente natural.

7.4 Por que, então, um fluido desconhecido não teria a propriedade, em circunstâncias dadas, de contrabalançar o efeito do peso, como o hidrogênio contrabalança o peso do balão? É, com efeito, o que acontece no caso de que se trata. (O Livro dos Médiuns, cap. IV.)

8 Os fenômenos espíritas, estando na natureza, produziram-se em todos os tempos; mas, precisamente porque o seu estudo não podia fazer-se pelos meios materiais de que dispõe a ciência vulgar, permaneceram mais tempo que outros no domínio do sobrenatural, de onde o Espiritismo os faz sair hoje.

O sobrenatural, baseado em aparências inexplicadas, deixa livre curso à imaginação, que, errando no desconhecido, gera então as crenças supersticiosas. Uma explicação racional, fundada nas leis da natureza, reconduzindo o homem ao terreno da realidade, põe um ponto de parada aos desvios da imaginação e destrói as superstições. Longe de estender o domínio do sobrenatural, o Espiritismo restringe-o até os seus últimos limites e tira-lhe o seu último refúgio. Se faz crer na possibilidade de certos fatos, impede de crer em muitos outros, porque demonstra no círculo da espiritualidade, como a ciência no círculo da materialidade, o que é possível e o que não o é. Todavia, como não tem a pretensão de ter a última palavra sobre todas as coisas, nem mesmo sobre as que são da sua competência, não se coloca como regulador absoluto do possível e reserva a parte dos conhecimentos que o futuro guarda.

9 Os fenômenos espíritas consistem nos diferentes modos de manifestação da alma ou Espírito, seja durante a encarnação, seja no estado de erraticidade. É pelas suas manifestações que a alma revela a sua existência, a sua so-

brevivência e a sua individualidade; julga-se pelos seus efeitos; sendo a causa natural, o efeito o é igualmente.

9.2 São esses efeitos que constituem o objeto especial das pesquisas e do estudo do Espiritismo, a fim de chegar ao conhecimento tão completo quanto possível da natureza e dos atributos da alma, assim como das leis que regem o princípio espiritual.

10 Para os que negam a existência do princípio espiritual independente e, por conseguinte, a da alma individual e sobrevivente, toda a natureza está na matéria tangível; todos os fenômenos que se prendem à espiritualidade são, aos seus olhos, sobrenaturais e, por conseguinte, quiméricos; não admitindo a causa, não podem admitir o efeito; e, quando os efeitos são patentes, atribuem-nos à imaginação, à ilusão, à alucinação, e recusam-se a aprofundá-los; daí, neles, uma opinião preconcebida que os torna impróprios para julgar sãmente o Espiritismo, porque partem do princípio da negação de tudo o que não é material.

11 Do fato de o Espiritismo admitir os efeitos que são consequência da existência da alma não se segue que aceite todos os efeitos qualificados de maravilhosos, e que pretenda justificá-los e acreditá-los; que se faça o campeão de todos os sonhadores, de todas as utopias, de todas as excentricidades sistemáticas, de todas as lendas miraculosas: seria preciso conhecê-lo muito pouco para pensar assim.

11.2 Os seus adversários julgam opor-lhe um argumento sem réplica quando, depois de terem feito eruditas pesquisas sobre os convulsionários de Saint-Médard, os camisardos das Cevenas ou as religiosas de Loudun, chegaram a descobrir nesses casos fatos patentes de embuste, que ninguém contesta; mas essas histórias são o evangelho do Espiritismo?

11.3 Os seus partidários negaram que o charlatanismo tenha explorado certos fatos em seu proveito; que a imaginação os tenha criado; que o fanatismo tenha exagerado muitos? Ele não é mais solidário das extravagâncias que se podem cometer em seu nome do que a verdadeira ciência o é dos abusos da ignorância, ou a verdadeira religião dos excessos do fanatismo.

11.4 Muitos críticos só julgam o Espiritismo pelos contos de fadas e pelas lendas populares, que são as suas ficções; seria o mesmo que julgar a história pelos romances históricos ou pelas tragédias.

12 Os fenômenos espíritas são o mais das vezes espontâneos e produzem-se, sem nenhuma ideia preconcebida, nas pessoas que menos pensam neles; em certas circunstâncias, há os que podem ser provocados pelos agentes designados pelo nome de médiuns; no primeiro caso, o médium é inconsciente do que se produz por seu intermédio; no segundo, age com conhecimento de causa; daí a distinção entre médiuns conscientes e médiuns inconscientes. Estes últimos são os mais numerosos e encontram-se muitas vezes entre os incrédulos mais obstinados, que fazem assim Espiritismo sem o saber e sem o querer. Os fenômenos espontâneos têm, por isso mesmo, uma importância capital, porque não se pode suspeitar da boa-fé dos que os obtêm. Dá-se aqui o mesmo que com o sonambulismo, que, em certos indivíduos, é natural e involuntário, e, em outros, provocado pela ação magnética (1).

Mas, sejam ou não esses fenômenos resultado de um ato da vontade, a causa primeira é exatamente a mesma e em nada se afasta das leis naturais. Os médiuns não produzem, pois, absolutamente nada de sobrenatural; por conseguinte, não fazem nenhum milagre; as próprias curas instantâneas não são mais miraculosas que os outros efeitos, porque são devidas à ação

de um agente fluídico que faz o ofício de agente terapêutico, cujas propriedades não são menos naturais por terem sido desconhecidas até hoje. O epíteto de taumaturgos, dado a certos médiuns pela crítica ignorante dos princípios do Espiritismo, é, pois, completamente impróprio. A qualificação de milagres dada, por comparação, a essas espécies de fenômenos só pode induzir em erro sobre o seu verdadeiro caráter.

(1) O Livro dos Médiuns, cap. V. — Revista Espírita; exemplos: dezembro de 1865, p. 370; agosto de 1865, p. 231.

13 A intervenção de inteligências ocultas nos fenômenos espíritas não os torna mais miraculosos que todos os outros fenômenos devidos a agentes invisíveis, porque esses seres ocultos que povoam os espaços são uma das potências da natureza, potência cuja ação é incessante sobre o mundo material tanto quanto sobre o mundo moral.

O Espiritismo, esclarecendo-nos sobre essa potência, dá-nos a chave de uma multidão de coisas inexplicadas, e inexplicáveis por qualquer outro meio, que puderam, em tempos remotos, passar por prodígios; revela, assim como o magnetismo, uma lei, se não desconhecida, pelo menos mal compreendida; ou, para melhor dizer, conheciam-se os efeitos, porque se produziram em todos os tempos, mas não se conhecia a lei, e foi a ignorância dessa lei que gerou a superstição. Conhecida essa lei, o maravilhoso desaparece e os fenômenos voltam à ordem das coisas naturais. Eis por que os espíritas não fazem mais milagres fazendo girar uma mesa ou escrever os falecidos do que o médico fazendo reviver um moribundo, ou o físico fazendo cair o raio. Aquele que pretendesse, com o auxílio dessa ciência, fazer milagres seria ou um ignorante da coisa, ou um fazedor de logrados.

14 Já que o Espiritismo repudia toda pretensão às coisas miraculosas, haverá fora dele milagres na acepção usual da palavra?

Digamos primeiro que, entre os fatos reputados miraculosos que se passaram antes do advento do Espiritismo e que se passam ainda nos nossos dias, a maior parte, se não todos, encontram a sua explicação nas novas leis que ele veio revelar; esses fatos entram, pois, embora sob outro nome, na ordem dos fenômenos espíritas, e, como tais, nada têm de sobrenatural. Fique bem entendido que só se trata aqui dos fatos autênticos, e não dos que, sob o nome de milagres, são produto de uma indigna prestidigitação com vista a explorar a credulidade; nem de certos fatos lendários que podem ter tido, na origem, um fundo de verdade, mas que a superstição ampliou até o absurdo. É sobre esses fatos que o Espiritismo vem lançar luz, dando os meios de separar o erro da verdade.

15 Quanto aos milagres propriamente ditos, nada sendo impossível a Deus, ele pode sem dúvida fazê-los; terá feito algum? Por outras palavras: derroga ele as leis que estabeleceu? Não cabe ao homem prejulgar os atos da Divindade e subordiná-los à fraqueza do seu entendimento; entretanto, temos por critério do nosso juízo, em relação às coisas divinas, os próprios atributos de Deus. Ao soberano poder ele junta a soberana sabedoria, de onde se deve concluir que nada faz de inútil.

Por que, então, faria milagres? Para atestar o seu poder, dizem; mas o poder de Deus não se manifesta de maneira muito mais impressionante pelo conjunto grandioso das obras da criação, pela sabedoria previdente que preside às suas partes mais ínfimas como às maiores, e pela harmonia das leis que regem o universo, do que por algumas pequenas e pueris derrogações, que todos os prestidigitadores sabem imitar? Que se diria de um sábio mecâ-

nico que, para provar a sua habilidade, desarranjasse o relógio que construiu, obra-prima de ciência, a fim de mostrar que pode desfazer o que fez? O seu saber não ressalta, ao contrário, da regularidade e da precisão do movimento?

A questão dos milagres propriamente ditos não é, pois, da alçada do Espiritismo; mas, apoiando-se neste raciocínio — Deus nada faz de inútil —, emite esta opinião: não sendo os milagres necessários à glorificação de Deus, nada, no universo, se afasta das leis gerais. Se há fatos que não compreendemos, é que ainda nos faltam os conhecimentos necessários.

16 Admitindo que Deus tenha podido, por razões que não podemos apreciar, derrogar acidentalmente as leis que estabeleceu, essas leis já não são imutáveis; mas pelo menos é racional pensar que só ele tem esse poder; não se poderia admitir, sem lhe negar a onipotência, que seja dado ao Espírito do mal desfazer a obra de Deus, fazendo da sua parte prodígios capazes de seduzir até os eleitos, o que implicaria a ideia de um poder igual ao seu; é, contudo, o que se ensina. Se Satanás tem o poder de interromper o curso das leis naturais, que são a obra divina, sem a permissão de Deus, é mais poderoso que Deus: logo, Deus não tem a onipotência; se Deus lhe delega esse poder, como se pretende, para induzir mais facilmente os homens ao mal, Deus não tem a soberana bondade. Num e noutro caso, é a negação de um dos atributos sem os quais Deus não seria Deus.

Por isso a Igreja distingue os bons milagres, que vêm de Deus, dos maus milagres, que vêm de Satanás; mas como fazer a diferença? Seja um milagre oficial ou não, não deixa por isso de ser uma derrogação das leis que emanam só de Deus; se um indivíduo é curado supostamente de modo miraculoso, seja por obra de Deus ou de Satanás, não deixa por isso de estar cu-

rado. É preciso ter uma ideia bem pobre da inteligência humana para esperar que semelhantes doutrinas possam ser aceitas nos nossos dias.
Reconhecida a possibilidade de certos fatos reputados miraculosos, deve-se concluir que, qualquer que seja a fonte que se lhes atribua, são efeitos naturais de que Espíritos ou encarnados podem usar, como de tudo, como da sua própria inteligência e dos seus conhecimentos científicos, para o bem ou para o mal, segundo a sua bondade ou a sua perversidade. Um ser perverso, aproveitando o seu saber, pode, pois, fazer coisas que passam por prodígios aos olhos dos ignorantes; mas, quando esses efeitos têm por resultado um bem qualquer, seria ilógico atribuir-lhes uma origem diabólica.

17 Mas, dizem, a religião apoia-se em fatos que não são nem explicados nem explicáveis. Inexplicados, talvez; inexplicáveis, é outra questão. Sabem-se as descobertas e os conhecimentos que o futuro nos reserva?

17.2 Sem falar do milagre da Criação, o maior de todos sem contradita, e que hoje voltou ao domínio da lei universal, não se veem já, sob o império do magnetismo, do sonambulismo, do Espiritismo, reproduzirem-se os êxtases, as visões, as aparições, a visão a distância, as curas instantâneas, as suspensões, as comunicações orais e outras com os seres do mundo invisível, fenômenos conhecidos desde tempos imemoriais, considerados outrora maravilhosos e demonstrados hoje como pertencentes à ordem das coisas naturais, segundo a lei constitutiva dos seres?

17.3 Os livros sagrados estão cheios de fatos desse gênero qualificados de sobrenaturais; mas, como se encontram outros análogos, e ainda mais maravilhosos, em todas as religiões pagãs da Antiguidade, se a verdade de uma

religião dependesse do número e da natureza desses fatos, não se saberia bem qual levaria a melhor.

18 Pretender que o sobrenatural é o fundamento necessário de toda religião, que é a chave da abóbada do edifício cristão, é sustentar uma tese perigosa; se se faz repousar as verdades do cristianismo sobre a base única do maravilhoso, dá-se-lhe um apoio frágil, cujas pedras se desprendem cada dia. Essa tese, de que eminentes teólogos se fizeram defensores, conduz direto a esta conclusão: num tempo dado, já não haverá religião possível, nem mesmo a religião cristã, se o que é considerado sobrenatural for demonstrado natural; porque, por mais que se amontoem os argumentos, não se conseguirá manter a crença de que um fato é miraculoso quando está provado que não o é; ora, a prova de que um fato não é uma exceção nas leis naturais é quando pode ser explicado por essas mesmas leis e quando, podendo reproduzir-se por intermédio de um indivíduo qualquer, deixa de ser privilégio dos santos. Não é o sobrenatural que é necessário às religiões, mas sim o princípio espiritual, que se confunde erradamente com o maravilhoso, e sem o qual não há religião possível.

O Espiritismo considera a religião cristã de um ponto mais elevado; dá-lhe uma base mais sólida que os milagres: são as leis imutáveis de Deus, que regem o princípio espiritual como o princípio material; essa base desafia o tempo e a ciência, porque o tempo e a ciência virão sancioná-la.

Deus não é menos digno da nossa admiração, do nosso reconhecimento, do nosso respeito, por não ter derrogado as suas leis, grandes sobretudo pela sua imutabilidade. Não é preciso o sobrenatural para render a Deus o culto que lhe é devido; a natureza não é bastante imponente por si mesma, para que ainda seja preciso acrescentar-lhe algo para provar o poder supremo? A

religião encontrará tanto menos incrédulos quanto mais for, em todos os pontos, sancionada pela razão. O cristianismo nada tem a perder com essa sanção; só pode, ao contrário, ganhar com ela. Se alguma coisa pôde prejudicá-lo na opinião de certas pessoas, foi precisamente o abuso do maravilhoso e do sobrenatural.

19 Se se toma a palavra milagre na sua acepção etimológica, no sentido de coisa admirável, temos sem cessar milagres diante dos olhos; aspiramo-los no ar e pisamo-los sob os nossos passos, porque tudo é milagre na natureza. Quer-se dar ao povo, aos ignorantes, aos pobres de espírito uma ideia do poder de Deus? É preciso mostrá-lo a eles na sabedoria infinita que preside a tudo, no admirável organismo de tudo o que vive, na frutificação das plantas, na apropriação de todas as partes de cada ser às suas necessidades, segundo o meio em que é chamado a viver; é preciso mostrar-lhes a ação de Deus na folha de erva, na flor que desabrocha, no sol que vivifica tudo; é preciso mostrar-lhes a sua bondade na sua solicitude por todas as criaturas, por ínfimas que sejam; a sua previdência na razão de ser de cada coisa, das quais nenhuma é inútil; no bem que sai sempre de um mal aparente e momentâneo. Fazei-lhes compreender sobretudo que o mal real é obra do homem, e não de Deus; não procureis assustá-los com o quadro das chamas eternas, nas quais acabam por não mais crer e que os fazem duvidar da bondade de Deus; mas encorajai-os pela certeza de poderem resgatar-se um dia e reparar o mal que puderam fazer; mostrai-lhes as descobertas da ciência como a revelação das leis divinas, e não como obra de Satanás; ensinai-lhes, enfim, a ler no livro da natureza, sem cessar aberto diante deles; nesse livro inesgotável em que a sabedoria e a bondade do Criador estão inscritas em cada página: então compreenderão que um Ser tão grande, ocupando-

se de tudo, velando por tudo, prevendo tudo, deve ser soberanamente poderoso. O lavrador o verá ao traçar o seu sulco, e o infortunado o bendirá nas suas aflições, porque dirá consigo: Se sou infeliz, é por minha culpa. Então os homens serão verdadeiramente religiosos, racionalmente religiosos sobretudo, muito mais do que esforçando-se por fazê-los crer em pedras que suam sangue ou em estátuas que piscam os olhos e derramam lágrimas.

Une Sacra · edição 1.8 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XIV. OS FLUIDOS

✦

1 A ciência deu a chave dos milagres que dependem mais particularmente do elemento material, quer explicando-os, quer demonstrando-lhes a impossibilidade, pelas leis que regem a matéria; mas os fenômenos em que o elemento espiritual tem parte preponderante, não podendo ser explicados apenas pelas leis da matéria, escapam às investigações da ciência: é por isso que eles têm, mais que os outros, os caracteres aparentes do maravilhoso. É, pois, nas leis que regem a vida espiritual que se pode encontrar a chave dos milagres dessa categoria.

2 O fluido cósmico universal é, como foi demonstrado, a matéria elementar primitiva, cujas modificações e transformações constituem a inumerável variedade dos corpos da natureza. Enquanto princípio elementar universal, ele apresenta dois estados distintos: o de eterização ou de imponderabilidade, que se pode considerar como o estado normal primitivo, e o de materialização ou de ponderabilidade, que é de certo modo apenas consecutivo. O ponto intermediário é o da transformação do fluido em matéria tangível; mas, ainda aí, não há transição brusca, pois se podem considerar os nossos fluidos imponderáveis como um termo médio entre os dois estados. (Cap. IV, nºs 10 e seguintes.)

Cada um desses dois estados dá lugar necessariamente a fenômenos especiais: ao segundo pertencem os do mundo visível, e ao primeiro os do mundo invisível. Uns, chamados fenômenos materiais, são da alçada da ciência propriamente dita; os outros, qualificados de fenômenos espirituais ou psíquicos, porque se ligam mais especialmente à existência dos Espíri-

tos, estão nas atribuições do Espiritismo; mas, como a vida espiritual e a vida corporal estão em contato incessante, os fenômenos dessas duas ordens se apresentam muitas vezes simultaneamente. O homem, no estado de encarnação, só pode ter a percepção dos fenômenos psíquicos que se ligam à vida corporal; os que são do domínio exclusivo da vida espiritual escapam aos sentidos materiais, e só podem ser percebidos no estado de Espírito (1).

3 No estado de eterização, o fluido cósmico não é uniforme; sem deixar de ser etéreo, ele sofre modificações tão variadas em seu gênero, e talvez mais numerosas, quanto no estado de matéria tangível. Essas modificações constituem fluidos distintos que, embora procedendo do mesmo princípio, são dotados de propriedades especiais, e dão lugar aos fenômenos particulares do mundo invisível.

Sendo tudo relativo, esses fluidos têm para os Espíritos, que são eles próprios fluídicos, uma aparência tão material quanto a dos objetos tangíveis para os encarnados, e são para eles o que são para nós as substâncias do mundo terrestre; eles os elaboram, os combinam para produzir efeitos determinados, como fazem os homens com os seus materiais, porém por processos diferentes.

Mas lá, como aqui embaixo, só é dado aos Espíritos mais esclarecidos compreender o papel dos elementos constitutivos do seu mundo. Os ignorantes do mundo invisível são tão incapazes de explicar a si mesmos os fenômenos de que são testemunhas, e para os quais muitas vezes concorrem maquinalmente, quanto os ignorantes da terra o são de explicar os efeitos da luz ou da eletricidade, de dizer como veem e ouvem.

4 Os elementos fluídicos do mundo espiritual escapam aos nossos instrumentos de análise e à percepção dos nossos sentidos, feitos para a matéria tangível e não para a matéria etérea. Há alguns que pertencem a um meio tão diferente do nosso, que deles só podemos julgar por comparações tão imperfeitas quanto aquelas pelas quais um cego de nascença procura fazer uma ideia da teoria das cores.

Mas, entre esses fluidos, alguns estão intimamente ligados à vida corporal, e pertencem de certo modo ao meio terrestre. Na falta de percepção direta, podem-se observar os seus efeitos, e adquirir sobre a sua natureza conhecimentos de certa precisão. Esse estudo é essencial, pois é a chave de uma multidão de fenômenos inexplicáveis apenas pelas leis da matéria.

5 O ponto de partida do fluido universal é o grau de pureza absoluta, de que nada nos pode dar uma ideia; o ponto oposto é a sua transformação em matéria tangível. Entre esses dois extremos, existem inumeráveis transformações, que se aproximam mais ou menos de um e de outro. Os fluidos mais vizinhos da materialidade, os menos puros por conseguinte, compõem o que se pode chamar a atmosfera espiritual terrestre. É nesse meio, onde se encontram igualmente diferentes graus de pureza, que os Espíritos encarnados e desencarnados da terra haurem os elementos necessários à economia de sua existência. Esses fluidos, por mais sutis e impalpáveis que sejam para nós, nem por isso deixam de ser de uma natureza grosseira em comparação com os fluidos etéreos das regiões superiores.

O mesmo se dá na superfície de todos os mundos, salvo as diferenças de constituição e as condições de vitalidade próprias a cada um. Quanto menos material for ali a vida, menos afinidade têm os fluidos espirituais com a matéria propriamente dita.

A qualificação de fluidos espirituais não é rigorosamente exata, visto que, em definitivo, é sempre matéria mais ou menos quintessenciada. Só há de realmente espiritual a alma ou princípio inteligente. Designam-se assim por comparação, e principalmente em razão de sua afinidade com os Espíritos. Pode-se dizer que é a matéria do mundo espiritual: é por isso que são chamados fluidos espirituais.

6 Quem conhece, aliás, a constituição íntima da matéria tangível? Ela talvez só seja compacta em relação aos nossos sentidos, e o que o provaria é a facilidade com que é atravessada pelos fluidos espirituais e pelos Espíritos, aos quais não opõe mais obstáculos do que os corpos transparentes opõem à luz.

A matéria tangível, tendo por elemento primitivo o fluido cósmico etéreo, deve poder, desagregando-se, voltar ao estado de eterização, como o diamante, o mais duro dos corpos, pode volatilizar-se em gás impalpável. A solidificação da matéria não é, na realidade, mais que um estado transitório do fluido universal, que pode voltar ao seu estado primitivo quando as condições de coesão deixam de existir.

Quem sabe mesmo se, no estado de tangibilidade, a matéria não é suscetível de adquirir uma espécie de eterização que lhe daria propriedades particulares? Certos fenômenos que parecem autênticos tenderiam a fazê-lo supor. Ainda possuímos apenas os marcos do mundo invisível, e o futuro sem dúvida nos reserva o conhecimento de novas leis que nos permitirão compreender o que ainda é para nós um mistério.

7 O perispírito, ou corpo fluídico dos Espíritos, é um dos produtos mais importantes do fluido cósmico; é uma condensação desse fluido em torno de um foco de inteligência ou alma.

7.2 Viu-se que o corpo carnal tem igualmente o seu princípio nesse mesmo fluido transformado e condensado em matéria tangível; no perispírito, a transformação molecular se opera diferentemente, pois o fluido conserva a sua imponderabilidade e as suas qualidades etéreas.

7.3 O corpo perispiritual e o corpo carnal têm, pois, a sua fonte no mesmo elemento primitivo; um e outro são matéria, embora sob dois estados diferentes.

8 Os Espíritos haurem o seu perispírito no meio em que se encontram, isto é, esse envoltório é formado dos fluidos ambientes; disso resulta que os elementos constitutivos do perispírito devem variar segundo os mundos.

8.2 Sendo Júpiter apresentado como um mundo muito adiantado em comparação com a Terra, onde a vida corporal não tem a materialidade da nossa, os envoltórios perispirituais devem ser ali de uma natureza infinitamente mais quintessenciada do que na terra.

8.3 Ora, assim como não poderíamos existir naquele mundo com o nosso corpo carnal, os nossos Espíritos não poderiam penetrar nele com o seu perispírito terrestre. Ao deixar a terra, o Espírito deixa nela o seu envoltório fluídico, e reveste outro apropriado ao mundo para onde deve ir.

9 A natureza do envoltório fluídico está sempre em relação com o grau de adiantamento moral do Espírito. Os Espíritos inferiores não podem mudá-lo a seu bel-prazer, e, por conseguinte, não podem, à vontade, transportar-se de um mundo para outro. Há aqueles cujo envoltório fluídico, embora etéreo e imponderável em relação à matéria tangível, é ainda pesado demais, se assim se pode exprimir, em relação ao mundo espiritual, para lhes permitir sair do seu meio. É preciso incluir nessa categoria aqueles cujo perispírito é bastante grosseiro para que o confundam com o seu corpo car-

nal, e que, por essa razão, se julgam sempre vivos. Esses Espíritos, e o seu número é grande, permanecem na superfície da terra como os encarnados, crendo sempre tratar das suas ocupações; outros, um pouco mais desmaterializados, não o são, contudo, bastante para se elevar acima das regiões terrestres (1).

Os Espíritos superiores, ao contrário, podem vir aos mundos inferiores e até encarnar-se neles. Eles haurem, nos elementos constitutivos do mundo em que entram, os materiais do envoltório fluídico ou carnal apropriado ao meio em que se encontram. Fazem como o grande senhor que deixa as suas vestes douradas para se revestir momentaneamente de burel, sem deixar por isso de ser grande senhor.

É assim que Espíritos da ordem mais elevada podem manifestar-se aos habitantes da terra, ou encarnar-se em missão entre eles. Esses Espíritos trazem consigo, não o envoltório, mas a lembrança intuitiva das regiões de onde vêm, e que veem pelo pensamento. São videntes entre cegos.

10 A camada dos fluidos espirituais que envolvem a terra pode ser comparada às camadas inferiores da atmosfera, mais pesadas, mais compactas, menos puras que as camadas superiores. Esses fluidos não são homogêneos; são uma mistura de moléculas de diversas qualidades, entre as quais se encontram necessariamente as moléculas elementares que lhes formam a base, porém mais ou menos alteradas. Os efeitos produzidos por esses fluidos estarão em razão da soma das partes puras que eles encerram. Tal é, por comparação, o álcool retificado ou misturado, em diferentes proporções, com água ou outras substâncias: o seu peso específico aumenta por essa mistura, ao mesmo tempo que a sua força e a sua inflamabilidade diminuem, embora no todo haja álcool puro.

Os Espíritos chamados a viver nesse meio haurem nele o seu perispírito; mas, conforme o Espírito seja ele próprio mais ou menos depurado, o seu perispírito se forma das partes mais puras ou das mais grosseiras desse meio. O Espírito produz nele, sempre por comparação e não por assimilação, o efeito de um reagente químico que atrai a si as moléculas assimiláveis à sua natureza.

Disso resulta este fato capital: que a constituição íntima do perispírito não é idêntica em todos os Espíritos encarnados ou desencarnados que povoam a terra ou o espaço circundante. Não se dá o mesmo com o corpo carnal, que, como foi demonstrado, é formado dos mesmos elementos, qualquer que seja a superioridade ou a inferioridade do Espírito. Por isso, em todos, os efeitos produzidos pelo corpo são os mesmos, as necessidades semelhantes, ao passo que diferem em tudo o que é inerente ao perispírito.

Disso resulta ainda que o envoltório perispiritual de um mesmo Espírito se modifica com o progresso moral deste em cada encarnação, embora se encarnando no mesmo meio; que os Espíritos superiores, encarnando-se excepcionalmente em missão num mundo inferior, têm um perispírito menos grosseiro que o dos indígenas desse mundo.

11 O meio está sempre em relação com a natureza dos seres que nele devem viver; os peixes estão na água; os seres terrestres estão no ar; os seres espirituais estão no fluido espiritual ou etéreo, mesmo na terra. O fluido etéreo é para as necessidades do Espírito o que a atmosfera é para as necessidades dos encarnados.

11.2 Ora, assim como os peixes não podem viver no ar, e os animais terrestres não podem viver numa atmosfera rarefeita demais para os seus pulmões, os Espíritos inferiores não podem suportar o brilho e a impressão dos

fluidos mais etéreos.

11.3 Não morreriam ali, porque o Espírito não morre, mas uma força instintiva os mantém afastados deles, como nos afastamos de um fogo ardente demais ou de uma luz ofuscante demais.

11.4 Eis por que não podem sair do meio apropriado à sua natureza; para mudá-lo, é preciso que primeiro mudem a sua natureza; que se despojem dos instintos materiais que os retêm nos meios materiais; numa palavra, que se depurem e se transformem moralmente; então, gradualmente, eles se identificam com um meio mais depurado, que se torna para eles uma necessidade, uma exigência, como os olhos daquele que viveu longamente nas trevas se habituam insensivelmente à luz do dia e ao brilho do sol.

12 Assim tudo se liga, tudo se encadeia no universo; tudo está submetido à grande e harmoniosa lei de unidade, desde a materialidade mais compacta até a espiritualidade mais pura. A terra é como um vaso de onde se escapa uma fumaça espessa que se aclara à medida que se eleva, e cujas parcelas rarefeitas se perdem no espaço infinito.

O poder divino resplandece em todas as partes desse conjunto grandioso, e se quereria que, para melhor atestar o seu poder, Deus, não contente com o que fez, viesse perturbar essa harmonia! que se rebaixasse ao papel de mágico por efeitos pueris dignos de um prestidigitador! E ousa-se, por acréscimo, dar-lhe por rival em habilidade o próprio Satanás! Jamais, em verdade, se rebaixou mais a majestade divina, e espantam-se com o progresso da incredulidade!

Tendes razão de dizê-lo: "A fé se vai!" mas é a fé em tudo o que choca o bom senso e a razão que se vai; a fé semelhante àquela que outrora fez dizer: "Os deuses se vão!" Mas a fé nas coisas sérias, a fé em Deus e na imorta-

lidade está sempre viva no coração do homem, e, se foi abafada sob as histórias pueris com que a sobrecarregaram, ela se reergue mais forte assim que se vê livre delas, como a planta comprimida se reergue assim que torna a ver o sol!

Sim, tudo é milagre na natureza, porque tudo é admirável e dá testemunho da sabedoria divina! Esses milagres são para todo o mundo, para todos os que têm olhos para ver e ouvidos para ouvir, e não em proveito de alguns. Não! não há milagres no sentido que se atribui a essa palavra, porque tudo decorre das leis eternas da criação.

13 Os fluidos espirituais, que constituem um dos estados do fluido cósmico universal, são, pois, a atmosfera dos seres espirituais; são o elemento em que eles haurem os materiais sobre os quais operam; o meio onde se passam os fenômenos especiais, perceptíveis à vista e ao ouvido do Espírito, e que escapam aos sentidos carnais impressionados apenas pela matéria tangível; são, enfim, o veículo do pensamento, como o ar é o veículo do som.

14 Os Espíritos agem sobre os fluidos espirituais, não os manipulando como os homens manipulam os gases, mas com o auxílio do pensamento e da vontade. O pensamento e a vontade são para os Espíritos o que a mão é para o homem. Pelo pensamento, eles imprimem a esses fluidos tal ou qual direção; aglomeram-nos, combinam-nos ou dispersam-nos; formam com eles conjuntos que têm uma aparência, uma forma, uma cor determinadas; mudam-lhes as propriedades como um químico muda as dos gases ou de outros corpos combinando-os segundo certas leis. É a grande oficina ou laboratório da vida espiritual.

Algumas vezes, essas transformações são o resultado de uma intenção; muitas vezes, são o produto de um pensamento inconsciente; basta ao Espírito

pensar numa coisa para que essa coisa se produza.

É assim, por exemplo, que um Espírito se apresenta à vista de um encarnado dotado da vista espiritual, sob as aparências que tinha quando vivo, na época em que o conheceram, ainda que tenha tido várias encarnações depois. Apresenta-se com o traje, os sinais exteriores, enfermidades, cicatrizes, membros amputados etc., que tinha então; um decapitado se apresentará sem a cabeça. Isso não quer dizer que tenha conservado essas aparências; certamente não, pois, como Espírito, ele não é nem coxo, nem maneta, nem caolho, nem decapitado; mas, reportando-se o seu pensamento à época em que era assim, o seu perispírito toma instantaneamente essas aparências, que deixa do mesmo modo instantaneamente. Se, pois, ele foi uma vez negro e outra vez branco, apresentar-se-á como negro ou como branco, conforme aquela dessas duas encarnações sob a qual for evocado e à qual se reportar o seu pensamento.

Por um efeito análogo, o pensamento do Espírito cria fluidicamente os objetos de que tinha o hábito de se servir; um avarento manuseará ouro, um militar terá as suas armas e o seu uniforme, um fumante o seu cachimbo, um lavrador o seu arado e os seus bois, uma velha a sua roca. Esses objetos fluídicos são tão reais para o Espírito quanto o eram no estado material para o homem vivo; mas, pela mesma razão de serem criados pelo pensamento, a sua existência é tão fugidia quanto o pensamento (1).

15 A ação dos Espíritos sobre os fluidos espirituais tem consequências de uma importância direta e capital para os encarnados. Desde o instante em que esses fluidos são o veículo do pensamento, e em que o pensamento lhes pode modificar as propriedades, é evidente que eles devem estar impregnados das qualidades boas ou más dos pensamentos que os põem em vibra-

ção, modificados pela pureza ou pela impureza dos sentimentos. Os maus pensamentos corrompem os fluidos espirituais, como os miasmas deletérios corrompem o ar respirável. Os fluidos que envolvem os maus Espíritos, ou que eles projetam, são, pois, viciados, ao passo que os que recebem a influência dos bons Espíritos são tão puros quanto o comporta o grau de perfeição moral destes.

Seria impossível fazer quer uma enumeração, quer uma classificação dos bons e dos maus fluidos, ou especificar as suas qualidades respectivas, uma vez que a sua diversidade é tão grande quanto a dos pensamentos.

16 Se os fluidos ambientes são modificados pela projeção dos pensamentos do Espírito, o seu envoltório perispiritual, que é parte constituinte do seu ser, que recebe diretamente e de maneira permanente a impressão dos seus pensamentos, deve ainda mais trazer a marca das suas qualidades boas ou más. Os fluidos viciados pelos eflúvios dos maus Espíritos podem depurar-se pelo afastamento destes, mas o perispírito deles será sempre o que é, enquanto o Espírito não se modificar a si mesmo.

17 Sendo os homens Espíritos encarnados, eles têm em parte as atribuições da vida espiritual, pois vivem dessa vida tanto quanto da vida corporal, primeiro durante o sono, e muitas vezes no estado de vigília. O Espírito, ao encarnar-se, conserva o seu perispírito com as qualidades que lhe são próprias, e o qual, como se sabe, não está circunscrito pelo corpo, mas irradia ao redor e o envolve como uma atmosfera fluídica.

Por sua união íntima com o corpo, o perispírito desempenha um papel preponderante no organismo; por sua expansão, põe o Espírito encarnado em relação mais direta com os Espíritos livres.

O pensamento do Espírito encarnado age sobre os fluidos espirituais como

o dos Espíritos desencarnados; transmite-se de Espírito a Espírito pela mesma via, e, conforme seja bom ou mau, saneia ou vicia os fluidos circundantes.

18 Sendo o perispírito dos encarnados de natureza idêntica à dos fluidos espirituais, ele os assimila com facilidade, como uma esponja se embebe de líquido. Esses fluidos têm sobre o perispírito uma ação tanto mais direta quanto, por sua expansão e sua irradiação, ele se confunde com eles.
Agindo esses fluidos sobre o perispírito, este, por sua vez, reage sobre o organismo material com o qual está em contato molecular. Se os eflúvios são de boa natureza, o corpo sente deles uma impressão salutar; se são maus, a impressão é penosa; se os maus são permanentes e enérgicos, podem determinar desordens físicas: certas doenças não têm outra causa.
Os meios onde abundam os maus Espíritos estão, pois, impregnados de maus fluidos, que se absorvem por todos os poros perispirituais, como se absorvem pelos poros do corpo os miasmas pestilenciais.

19 O mesmo se dá nas reuniões de encarnados. Uma assembleia é um foco onde irradiam pensamentos diversos. Agindo o pensamento sobre os fluidos como o som age sobre o ar, esses fluidos nos trazem os pensamentos como o ar nos traz o som. Pode-se, pois, dizer com toda a verdade que há nesses fluidos ondas e raios de pensamentos que se cruzam sem se confundir, como há no ar ondas e raios sonoros.
Uma assembleia é, como uma orquestra, um coro de pensamentos em que cada um produz a sua nota. Disso resulta uma multidão de correntes e de eflúvios fluídicos dos quais cada um recebe a impressão pelo sentido espiritual, como num coro de música cada um recebe a impressão dos sons pelo sentido da audição.

Mas, assim como há raios sonoros harmônicos ou discordantes, há também pensamentos harmônicos ou discordantes. Se o conjunto é harmônico, a impressão é agradável; se é discordante, a impressão é penosa. Ora, para isso, não é preciso que o pensamento seja formulado em palavras; a irradiação fluídica não deixa de existir, quer ele seja expresso, quer não; mas, se a ele se misturam alguns pensamentos maus, eles produzem o efeito de uma corrente de ar gelado num meio morno.

Tal é a causa do sentimento de satisfação que se experimenta numa reunião simpática, animada de pensamentos bons e benevolentes; reina ali como que uma atmosfera moral salubre, onde se respira à vontade; sai-se dali reconfortado, porque se ficou impregnado de eflúvios fluídicos salutares. Assim se explicam também a ansiedade e o mal-estar indefinível que se sentem num meio antipático, onde pensamentos malévolos provocam como que correntes de ar nauseabundo.

20 O pensamento produz, pois, uma espécie de efeito físico que reage sobre o moral; é o que só o Espiritismo podia fazer compreender. O homem o sente instintivamente, visto que procura as reuniões homogêneas e simpáticas onde sabe que pode haurir novas forças morais; poder-se-ia dizer que ali recupera as perdas fluídicas que sofre cada dia pela irradiação do pensamento, como recupera pelos alimentos as perdas do corpo material. É que, com efeito, o pensamento é uma emissão que ocasiona uma perda real nos fluidos espirituais e, por conseguinte, nos fluidos materiais, de tal sorte que o homem tem necessidade de se reconfortar pelos eflúvios que recebe de fora.

Quando se diz que um médico cura o seu doente com boas palavras, está-se na verdade absoluta, pois o pensamento benevolente traz consigo fluidos reparadores que agem sobre o físico tanto quanto sobre o moral.

21 É sem dúvida possível, dir-se-á, evitar os homens que se sabem mal-intencionados, mas como subtrair-se à influência dos maus Espíritos que pululam ao nosso redor e se insinuam por toda parte sem ser vistos?

O meio é muito simples, pois depende da vontade do próprio homem, que traz em si o preservativo necessário. Os fluidos se unem em razão da semelhança de sua natureza; os fluidos dessemelhantes se repelem; há incompatibilidade entre os bons e os maus fluidos, como entre o óleo e a água.

Que se faz quando o ar está viciado? saneia-se, depura-se, destruindo o foco dos miasmas, expulsando os eflúvios malsãos por correntes de ar salubre mais fortes. À invasão dos maus fluidos é preciso, pois, opor os bons fluidos; e, como cada um tem no seu próprio perispírito uma fonte fluídica permanente, traz-se o remédio em si mesmo; trata-se apenas de depurar essa fonte e de lhe dar qualidades tais que sejam para as más influências uma força repulsiva, em vez de serem uma força atrativa. O perispírito é, pois, uma couraça à qual é preciso dar a melhor têmpera possível; ora, como as qualidades do perispírito estão em razão das qualidades da alma, é preciso trabalhar pela própria melhoria, pois são as imperfeições da alma que atraem os maus Espíritos.

As moscas vão aonde os focos de corrupção as atraem; destruí esses focos, e as moscas desaparecerão. Do mesmo modo, os maus Espíritos vão aonde o mal os atrai; destruí o mal, e eles se afastarão. Os Espíritos realmente bons, encarnados ou desencarnados, nada têm a temer da influência dos maus Espíritos.

22 EXPLICAÇÃO DE ALGUNS FATOS REPUTADOS SOBRENATURAIS

O perispírito é o traço de união entre a vida corporal e a vida espiritual: é por ele que o Espírito encarnado está em contínua relação com os Espíritos; é por ele, enfim, que se realizam no homem fenômenos especiais que não têm a sua causa primeira na matéria tangível, e que, por essa razão, parecem sobrenaturais.

É nas propriedades e na irradiação do fluido perispiritual que se deve procurar a causa da dupla vista, ou vista espiritual, que também se pode chamar vista psíquica, de que muitas pessoas são dotadas, muitas vezes sem o saberem, assim como da vista sonambúlica.

O perispírito é o órgão sensitivo do Espírito; é por seu intermédio que o Espírito encarnado tem a percepção das coisas espirituais que escapam aos sentidos carnais. Pelos órgãos do corpo, a vista, a audição e as diversas sensações são localizadas e limitadas à percepção das coisas materiais; pelo sentido espiritual, elas são generalizadas; o Espírito vê, ouve e sente por todo o seu ser o que está na esfera de irradiação do seu fluido perispiritual.

Esses fenômenos são, no homem, a manifestação da vida espiritual; é a alma que age fora do organismo. Na dupla vista, ou percepção pelo sentido espiritual, ele não vê pelos olhos do corpo, embora muitas vezes, por hábito, os dirija para o ponto a que se volta a sua atenção; vê pelos olhos da alma, e a prova disso é que vê igualmente bem com os olhos fechados, e além do alcance do raio visual (1).

23 Embora, durante a vida, o Espírito esteja preso ao corpo pelo perispírito, não é tão escravo que não possa alongar a sua corrente e transportar-se para longe, seja sobre a terra, seja a algum ponto do espaço. O Espírito só a con-

tragosto está ligado ao seu corpo, porque a sua vida normal é a liberdade, ao passo que a vida corporal é a do servo preso à gleba.

O Espírito fica, pois, feliz de deixar o seu corpo, como o pássaro deixa a sua gaiola; aproveita todas as ocasiões de se libertar dele, e se vale para isso de todos os instantes em que a sua presença não é necessária à vida de relação. É o fenômeno designado sob o nome de emancipação da alma; ele sempre ocorre no sono: todas as vezes que o corpo repousa e que os sentidos estão na inatividade, o Espírito se desprende. (O Livro dos Espíritos, cap. VIII.)

Nesses momentos, o Espírito vive da vida espiritual, ao passo que o corpo vive apenas da vida vegetativa; ele está em parte no estado em que estará depois da morte; percorre o espaço, conversa com os seus amigos e com outros Espíritos livres ou encarnados como ele.

O laço fluídico que o retém ao corpo só é definitivamente rompido na morte; a separação completa só ocorre pela extinção absoluta da atividade do princípio vital. Enquanto o corpo vive, o Espírito, a qualquer distância que esteja, é instantaneamente chamado de volta a ele assim que a sua presença é necessária; então retoma o curso da vida exterior de relação. Às vezes, ao despertar, conserva das suas peregrinações uma lembrança, uma imagem mais ou menos precisa, que constitui o sonho; em todo caso, traz delas intuições que lhe sugerem ideias e pensamentos novos, e justificam o provérbio: A noite é boa conselheira.

Assim se explicam igualmente certos fenômenos característicos do sonambulismo natural e magnético, da catalepsia, da letargia, do êxtase etc., que não são outra coisa senão as manifestações da vida espiritual (1).

24 Visto que a vista espiritual não se efetua pelos olhos do corpo, é que a percepção das coisas não ocorre pela luz comum; com efeito, a luz material é feita para o mundo material; para o mundo espiritual, existe uma luz especial cuja natureza nos é desconhecida, mas que é sem dúvida uma das propriedades do fluido etéreo destinada às percepções visuais da alma.

24.2 Há, pois, a luz material e a luz espiritual. A primeira tem focos circunscritos nos corpos luminosos; a segunda tem o seu foco em toda parte: é a razão pela qual não há obstáculos para a vista espiritual; ela não é detida nem pela distância, nem pela opacidade da matéria; a obscuridade não existe para ela.

24.3 O mundo espiritual é, pois, iluminado pela luz espiritual, que tem os seus efeitos próprios, como o mundo material é iluminado pela luz solar.

25 A alma, envolta em seu perispírito, traz assim em si o seu princípio luminoso; penetrando a matéria em virtude da sua essência etérea, não há corpos opacos para a sua vista.

Entretanto, a vista espiritual não tem nem a mesma extensão nem a mesma penetração em todos os Espíritos; só os Espíritos puros a possuem em todo o seu poder; nos Espíritos inferiores, ela é enfraquecida pela grosseria relativa do perispírito, que se interpõe como uma espécie de nevoeiro.

Ela se manifesta em diferentes graus nos Espíritos encarnados pelo fenômeno da segunda vista, seja no sonambulismo natural ou magnético, seja no estado de vigília. Conforme o grau de poder da faculdade, diz-se que a lucidez é maior ou menor. É com o auxílio dessa faculdade que certas pessoas veem o interior do organismo e descrevem a causa das doenças.

26 A vista espiritual dá, pois, percepções especiais que, não tendo por sede os órgãos materiais, se operam em condições inteiramente diferentes das da vista corporal. Por essa razão, não se podem esperar dela efeitos idênticos nem experimentá-la pelos mesmos processos. Realizando-se fora do organismo, ela tem uma mobilidade que frustra todas as previsões.

26.2 É preciso estudá-la nos seus efeitos e nas suas causas, e não por assimilação com a vista comum, que ela não se destina a suprir, salvo em casos excepcionais que não se poderiam tomar por regra.

27 A vista espiritual é necessariamente incompleta e imperfeita nos Espíritos encarnados, e por conseguinte sujeita a aberrações. Tendo a sua sede na própria alma, o estado da alma deve influir sobre as percepções que ela dá.

27.2 Conforme o grau do seu desenvolvimento, as circunstâncias e o estado moral do indivíduo, ela pode dar, seja no sono, seja no estado de vigília: 1º a percepção de certos fatos materiais reais, como o conhecimento de acontecimentos que se passam ao longe, os detalhes descritivos de uma localidade, as causas de uma doença e os remédios convenientes; 2º a percepção de coisas igualmente reais do mundo espiritual, como a vista dos Espíritos; 3º imagens fantásticas criadas pela imaginação, análogas às criações fluídicas do pensamento.

27.3 (Vede acima, nº 14.) Essas criações estão sempre em relação com as disposições morais do Espírito que as gera. É assim que o pensamento de pessoas fortemente imbuídas e preocupadas com certas crenças religiosas lhes apresenta o inferno, as suas fornalhas, as suas torturas e os seus demônios, tais como elas os imaginam: é às vezes toda uma epopeia; os pagãos viam o Olimpo e o Tártaro, como os cristãos veem o Inferno e o Paraíso.

27.4 Se, ao despertar, ou ao sair do êxtase, essas pessoas conservam uma lembrança precisa das suas visões, tomam-nas por realidades e por confirmações das suas crenças, ao passo que não são mais que um produto dos seus próprios pensamentos (1).

27.5 Há, pois, uma escolha muito rigo- (1) É assim que se podem explicar as visões da irmã Elmé- rosa a fazer nas visões extáticas antes de aceitá-las. O remédio para a credulidade excessiva, a esse respeito, é o estudo das leis que regem o mundo espiritual.

28 Os sonhos propriamente ditos apresentam as três naturezas de visões descritas acima. É às duas primeiras que pertencem os sonhos de previsões, pressentimentos e advertências; é na terceira, isto é, nas criações fluídicas do pensamento, que se pode encontrar a causa de certas imagens fantásticas que nada têm de real em relação à vida material, mas que têm, para o Espírito, uma realidade às vezes tal que o corpo sofre o seu contragolpe, e que já se viram cabelos embranquecerem sob a impressão de um sonho.

28.2 Essas criações podem ser provocadas: pelas crenças exaltadas; por lembranças retrospectivas; pelos gostos, os desejos, as paixões, o medo, os remorsos; pelas preocupações habituais; pelas necessidades do corpo, ou por um embaraço nas funções do organismo; enfim, por outros Espíritos, com um fim benevolente ou malévolo, conforme a sua natureza (1).

29 A matéria inerte é insensível; o fluido perispiritual também o é, mas transmite a sensação ao centro sensitivo, que é o Espírito. As lesões dolorosas do corpo repercutem-se, pois, no Espírito como um choque elétrico, por intermédio do fluido perispiritual, do qual os nervos parecem ser os fios condutores. É o influxo nervoso dos fisiologistas, que, não conhecendo rich, que, reportando-se ao tempo da Paixão do Cristo, diz ter visto coisas mate-

riais que nunca existiram senão nos livros que ela leu; as da senhora Cantanille (Revista Espírita, agosto de 1866, p. 240), e uma parte das de Swedenborg. as relações desse fluido com o princípio espiritual, não puderam explicar todos os seus efeitos.

Essa interrupção pode ocorrer pela separação de um membro, ou pelo corte de um nervo, mas também, parcialmente ou de maneira geral, e sem nenhuma lesão, nos momentos de emancipação, de grande superexcitação ou preocupação do Espírito. Nesse estado, o Espírito já não pensa no corpo, e, na sua febril atividade, atrai, por assim dizer, a si o fluido perispiritual, que, retirando-se da superfície, produz ali uma insensibilidade momentânea. É assim que, no ardor do combate, um militar muitas vezes não percebe que está ferido; que uma pessoa cuja atenção está concentrada num trabalho não ouve o ruído que se faz ao seu redor. É um efeito análogo, porém mais pronunciado, que ocorre em certos sonâmbulos, na letargia e na catalepsia. É assim, enfim, que se pode explicar a insensibilidade dos convulsionários e de certos mártires. (Revista Espírita, janeiro de 1868: Estudo sobre os Aïssaouas.)

A paralisia não tem de modo algum a mesma causa: aqui o efeito é todo orgânico; são os próprios nervos, os fios condutores, que já não são aptos à circulação fluídica; são as cordas do instrumento que estão alteradas.

30 Em certos estados patológicos, quando o Espírito já não está no corpo e o perispírito só adere a ele por alguns pontos, o corpo tem todas as aparências da morte, e está-se na verdade absoluta ao dizer que a vida está por um fio. Esse estado pode durar mais ou menos tempo; certas partes do corpo podem até entrar em decomposição, sem que a vida esteja definitivamente extinta.

30.2 Enquanto o último fio não estiver rompido, o Espírito pode, seja por uma ação enérgica da sua própria vontade, seja por um influxo fluídico estranho, igualmente poderoso, ser chamado de volta ao corpo. Assim se explicam certos prolongamentos da vida contra toda probabilidade, e certas pretensas ressurreições.

30.3 É a planta que às vezes torna a brotar de uma única fibrila da raiz; mas, quando as últimas moléculas do corpo fluídico se desprenderam do corpo carnal, ou quando este se encontra num estado de degradação irreparável, todo retorno à vida se torna impossível (1).

31 O fluido universal é, como se viu, o elemento primitivo do corpo carnal e do perispírito, que não são mais que transformações dele. Pela identidade da sua natureza, esse fluido pode fornecer ao corpo os princípios reparadores. Estando condensado no perispírito, o agente propulsor é o Espírito, encarnado ou desencarnado, que infiltra num corpo deteriorado uma parte da substância do seu envoltório fluídico. A cura se opera pela substituição de uma molécula malsã por uma molécula sã. O poder curador estará, pois, em razão da pureza da substância inoculada; depende ainda da energia da vontade, que provoca uma emissão fluídica mais abundante e dá ao fluido uma maior força de penetração; enfim, das intenções que animam aquele que quer curar, seja ele homem ou Espírito. Os fluidos que emanam de uma fonte impura são como substâncias medicamentosas alteradas.

Os efeitos da ação fluídica sobre os doentes são extremamente variados, conforme as circunstâncias; essa ação é algumas vezes lenta e requer um tratamento continuado, como no magnetismo comum; outras vezes, é rápida como uma corrente elétrica. Há pessoas dotadas de um poder tal que operam em certos doentes curas instantâneas pela simples imposição das

mãos, ou mesmo por um só ato da vontade. Entre os dois polos extremos dessa faculdade há nuances ao infinito. Todas as curas desse gênero são variedades do magnetismo e só diferem pelo poder e pela rapidez da ação. O princípio é sempre o mesmo: é o fluido que desempenha o papel de agente terapêutico, e cujo efeito está subordinado à sua qualidade e a circunstâncias especiais.

32 A ação magnética pode produzir-se de várias maneiras: 1º pelo próprio fluido do magnetizador; é o magnetismo propriamente dito, ou magnetismo humano, cuja ação está subordinada ao poder e principalmente à qualidade do fluido.
2º Pelo fluido dos Espíritos agindo diretamente e sem intermediário sobre um encarnado, seja para curar ou acalmar um sofrimento, seja para provocar o sono sonambúlico espontâneo, seja para exercer sobre o indivíduo uma influência física ou moral qualquer. É o magnetismo espiritual, cuja qualidade está em razão das qualidades do Espírito (1).
3º Pelo fluido que os Espíritos derramam sobre o magnetizador e para o qual este serve de condutor. É o magnetismo misto, semiespiritual ou, se se quiser, humano-espiritual. O fluido espiritual, combinado com o fluido humano, dá a este último as qualidades que lhe faltam. O concurso dos Espíritos, em semelhante circunstância, é às vezes espontâneo, mas na maioria das vezes é provocado pelo apelo do magnetizador.

34 A faculdade de curar pelo influxo fluídico é muito comum, e pode desenvolver-se pelo exercício, mas a de curar instantaneamente pela imposição das mãos é mais rara, e o seu apogeu pode ser considerado excepcional. Entretanto, viram-se em diversas épocas, e em quase todos os povos, indivíduos que a possuíam em grau eminente.

34.2 Nestes últimos tempos, viram-se vários exemplos notáveis, cuja autenticidade não pode ser contestada. Visto que essas espécies de curas repousam sobre um princípio natural, e que o poder de operá-las não é um privilégio, é que elas não saem da natureza e só têm de miraculoso a aparência (1).

35 O perispírito é invisível para nós no seu estado normal, mas, como é formado de matéria etérea, o Espírito pode, em certos casos, fazê-lo sofrer, por um ato da sua vontade, uma modificação molecular que o torne momentaneamente visível. É assim que se produzem as aparições, que, não mais que os outros fenômenos, estão fora das leis da natureza. Este não é mais extraordinário que o do vapor, que é invisível quando está muito rarefeito, e que se torna visível quando está condensado.

Conforme o grau de condensação do fluido perispiritual, a aparição é algumas vezes vaga e vaporosa; outras vezes, é mais nitidamente definida; outras vezes, enfim, tem todas as aparências da matéria tangível; pode mesmo chegar até a tangibilidade real, a ponto de alguém se enganar sobre a natureza do ser que tem diante de si.

As aparições vaporosas são frequentes, e acontece muitas vezes que indivíduos se apresentam assim, depois da morte, às pessoas a quem estimaram. As aparições tangíveis são mais raras, embora delas haja exemplos bastante numerosos, perfeitamente autênticos. Se o Espírito quer fazer-se reconhecer, dará ao seu envoltório todos os sinais exteriores que tinha quando vivo.

36 Deve-se notar que as aparições tangíveis só têm as aparências da matéria carnal, mas não poderiam ter as suas qualidades; em razão da sua natureza fluídica, não podem ter a mesma coesão, porque, na realidade, não são carne. Formam-se instantaneamente e desaparecem do mesmo modo, ou se

evaporam pela desagregação das moléculas fluídicas. Os seres que se apresentam nessas condições não nascem nem morrem como os outros homens; são vistos e deixam de ser vistos, sem que se saiba de onde vêm, como vieram, nem para onde vão; não se poderia matá-los, nem acorrentá-los, nem encarcerá-los, visto que não têm corpo carnal; os golpes que se lhes desferissem bateriam no vazio.

Tal é o caráter dos agêneres, com os quais se pode conversar sem suspeitar do que eles são, mas que nunca fazem longas permanências, e não podem tornar-se os comensais habituais de uma casa, nem figurar entre os membros de uma família.

Há, aliás, em toda a sua pessoa, nas suas maneiras, alguma coisa de estranho e de insólito, que participa da materialidade e da espiritualidade; o seu olhar, ao mesmo tempo vaporoso e penetrante, não tem a nitidez do olhar pelos olhos da carne; a sua linguagem breve e quase sempre sentenciosa nada tem do brilho e da volubilidade da linguagem humana; a sua aproximação faz experimentar uma sensação particular e indefinível de surpresa que inspira uma espécie de temor, e, embora tomando-os por indivíduos semelhantes a todo o mundo, diz-se involuntariamente: Eis um ser singular (1).

37 Sendo o perispírito o mesmo nos encarnados e nos desencarnados, por um efeito inteiramente idêntico um Espírito encarnado pode aparecer, num momento de liberdade, num ponto diferente daquele onde o seu corpo repousa, com os seus traços habituais e com todos os sinais da sua identidade. É esse fenômeno, de que se têm exemplos autênticos, que deu lugar à crença nos homens duplos (2).

38 Um efeito particular a essas espécies de fenômenos é que as aparições vaporosas e mesmo tangíveis não são perceptíveis indistintamente por todo o mundo; os Espíritos só se mostram quando querem e a quem querem. Um Espírito poderia, pois, aparecer numa assembleia a um ou a vários assistentes, e não ser visto pelos outros. Isso vem de que essas espécies de percepções se efetuam pela vista espiritual, e não pela vista carnal: pois não somente a vista espiritual não é dada a todo o mundo, como pode, se necessário, ser retirada, pela vontade do Espírito, daquele a quem ele não quer mostrar-se, assim como pode dá-la momentaneamente, se o julgar necessário.

A condensação do fluido perispiritual nas aparições, mesmo até a tangibilidade, não tem, pois, as propriedades da matéria comum: sem isso, as aparições, sendo perceptíveis pelos olhos do corpo, o seriam por todas as pessoas presentes (1).

39 Podendo o Espírito operar transformações na contextura do seu envoltório perispiritual, e irradiando esse envoltório em torno do corpo como uma atmosfera fluídica, um fenômeno análogo ao das aparições pode produzir-se na própria superfície do corpo. Sob a camada fluídica, a figura real do corpo pode apagar-se mais ou menos completamente e revestir outros traços; ou então os traços primitivos, vistos através da camada fluídica modificada, como através de um prisma, podem tomar outra expressão. Se o Espírito, saindo do terra a terra, se identifica com as coisas do mundo espiritual, a expressão de uma figura feia pode tornar-se bela, radiante, e às vezes até luminosa; se, ao contrário, o Espírito é exaltado por más paixões, uma figura bela pode tomar um aspecto hediondo.

É assim que se operam as transfigurações, que são sempre um reflexo das

qualidades e dos sentimentos predominantes do Espírito. Esse fenômeno é, pois, o resultado de uma transformação fluídica; é uma espécie de aparição perispiritual que se produz sobre o próprio corpo vivo e algumas vezes no momento da morte, em vez de se produzir ao longe, como nas aparições propriamente ditas. O que distingue as aparições desse gênero é que geralmente são perceptíveis por todos os assistentes e pelos olhos do corpo, precisamente porque têm por base a matéria carnal visível, ao passo que, nas aparições puramente fluídicas, não há matéria tangível (1).

40 Os fenômenos das mesas girantes e falantes, da suspensão etérea dos corpos pesados, da escrita mediúnica, tão antigos quanto o mundo, mas hoje vulgarizados, dão a chave de alguns fenômenos análogos espontâneos, aos quais, na ignorância da lei que os rege, se havia atribuído um caráter sobrenatural e miraculoso. Esses fenômenos repousam sobre as propriedades do fluido perispiritual, quer dos encarnados, quer dos Espíritos livres.

41 É com o auxílio do seu perispírito que o Espírito agia sobre o seu corpo vivo; é ainda com esse mesmo fluido que ele se manifesta agindo sobre a matéria inerte, que produz os ruídos, os movimentos de mesas e de outros objetos que levanta, derruba ou transporta. Esse fenômeno nada tem de surpreendente, se se considerar que, entre (1) Exemplo e teoria da transfiguração, Revista Espírita, março de 1859, página 62. (O Livro dos Médiuns, cap. VII, página 142.) nós, os mais poderosos motores se encontram nos fluidos mais rarefeitos e até imponderáveis, como o ar, o vapor e a eletricidade.

É igualmente com o auxílio do seu perispírito que o Espírito faz os médiuns escreverem, falarem ou desenharem; não tendo corpo tangível para

agir ostensivamente quando quer manifestar-se, serve-se do corpo do médium, cujos órgãos toma emprestados e faz agir como se fossem o seu próprio corpo, e isso pelo eflúvio fluídico que derrama sobre ele.

42 É pelo mesmo meio que o Espírito age sobre a mesa, seja para fazê-la mover-se sem significação determinada, seja para fazê-la dar pancadas inteligentes indicando as letras do alfabeto, para formar palavras e frases, fenômeno designado sob o nome de tiptologia. A mesa não é aqui mais que um instrumento de que ele se serve, como faz com o lápis para escrever; dá-lhe uma vitalidade momentânea pelo fluido com que a penetra, mas não se identifica de modo algum com ela. As pessoas que, na sua emoção, vendo manifestar-se um ser que lhes é caro, abraçam a mesa, praticam um ato ridículo, pois é absolutamente como se abraçassem o bastão de que um amigo se serve para dar pancadas. O mesmo se dá com aquelas que dirigem a palavra à mesa, como se o Espírito estivesse encerrado na madeira, ou como se a madeira se tivesse tornado Espírito.
Quando comunicações ocorrem por esse meio, é preciso representar o Espírito, não na mesa, mas ao lado dela, tal como era quando vivo, e tal como o veríamos se, nesse momento, ele pudesse tornar-se visível. A mesma coisa ocorre nas comunicações pela escrita; veríamos o Espírito ao lado do médium, dirigindo-lhe a mão ou transmitindo-lhe o pensamento por uma corrente fluídica.

43 Quando a mesa se destaca do chão e flutua no espaço sem ponto de apoio, o Espírito não a levanta à força de braços, mas a envolve e a penetra de uma espécie de atmosfera fluídica que neutraliza o efeito da gravitação, como faz o ar com os balões e as pipas. O fluido de que ela está penetrada lhe dá momentaneamente uma leveza específica maior. Quando ela está

pregada ao chão, encontra-se num caso análogo ao da campânula pneumática sob a qual se faz o vácuo. Estas não são aqui mais que comparações para mostrar a analogia dos efeitos, e não a semelhança absoluta das causas. (O Livro dos Médiuns, cap. IV.)

Compreende-se, por isso, que não é mais difícil ao Espírito levantar uma pessoa do que levantar uma mesa, transportar um objeto de um lugar para outro, ou lançá-lo a alguma parte; esses fenômenos se produzem pela mesma lei (1).

Quando a mesa persegue alguém, não é o Espírito que corre, pois ele pode permanecer tranquilamente no mesmo (1) Tal é o princípio do fenômeno dos transportes; fenômeno muito real, mas que convém só aceitar com extrema reserva, pois é um dos que mais se prestam à imitação e à trapaça. A honorabilidade irrecusável da pessoa que os obtém, o seu desinteresse absoluto, material e moral, e o concurso das circunstâncias acessórias devem ser tomados em séria consideração. É preciso sobretudo desconfiar da facilidade grande demais com que tais efeitos são produzidos, e ter por suspeitos os que se renovam com frequência excessiva e, por assim dizer, à vontade; os prestidigitadores fazem coisas mais extraordinárias.

O levantamento de uma pessoa é um fato não menos positivo, mas talvez muito mais raro, porque é mais difícil de imitar. É notório que o Sr. Home se elevou mais de uma vez até o teto, dando a volta da sala. Diz-se que São Cupertino tinha a mesma faculdade, o que não é mais miraculoso para um do que para o outro. lugar, mas lhe dá o impulso por uma corrente fluídica com o auxílio da qual a faz mover-se à sua vontade.

Quando pancadas se fazem ouvir na mesa ou em outra parte, o Espírito não bate nem com a mão nem com um objeto qualquer; dirige sobre o ponto

de onde parte o ruído um jato de fluido que produz o efeito de um choque elétrico. Ele modifica o ruído, como se podem modificar os sons produzidos pelo ar (1).

44 Um fenômeno muito frequente na mediunidade é a aptidão de certos médiuns para escrever numa língua que lhes é estranha; para tratar pela palavra ou pela escrita de assuntos fora do alcance da sua instrução. Não é raro ver alguns que escrevem correntemente sem ter aprendido a escrever; outros que fazem poesia sem jamais terem sabido fazer um verso na vida; outros desenham, pintam, esculpem, compõem música, tocam um instrumento, sem conhecer o desenho, a pintura, a escultura ou a ciência musical. É muito frequente que um médium escrevente reproduza, a ponto de enganar, a letra e a assinatura que os Espíritos que se comunicam por ele tinham quando vivos, embora nunca os tenha conhecido.

Esse fenômeno não é mais maravilhoso do que ver (1) Exemplos de manifestações materiais e de perturbações pelos Espíritos: Revista Espírita, moça dos Panoramas, janeiro de 1858, página 13; — senhorita Clairon, fevereiro de 1858, página 44; — Espírito batedor de Bergzabern, relato completo, maio, junho, julho de 1858, páginas 125, 153, 184; — Dibbelsdorf, agosto de 1858, página 219; — Padeiro de Dieppe, março de 1860, página 76; — Comerciante de São Petersburgo, abril de 1860, página 115; — rua des Noyers, agosto de 1860, p. 236; — Espírito batedor do Aube, janeiro de 1861, página 23; — Id. no século XVI, janeiro de 1864, página 32; — Poitiers, maio de 1864, página 156, e maio de 1865, página 134; — irmã Maria, junho de 1864, página 185; — Marselha, abril de 1865, página 121; — Fives, agosto de 1865, página 225; — os ratos de Équihem, fevereiro de 1866, página 55. uma criança escrever quando se lhe conduz a mão; pode-se as-

sim fazê-la executar tudo o que se quer. Pode-se fazer qualquer pessoa escrever numa língua qualquer ditando-lhe as palavras letra por letra. Compreende-se que o mesmo possa acontecer na mediunidade, se se considerar a maneira pela qual os Espíritos se comunicam com os médiuns, que não são para eles, na realidade, mais que instrumentos passivos. Mas, se o médium possui o mecanismo, se venceu as dificuldades práticas, se as expressões lhe são familiares, se tem enfim no seu cérebro os elementos do que o Espírito quer fazê-lo executar, ele está na posição do homem que sabe ler e escrever correntemente; o trabalho é mais fácil e mais rápido; o Espírito só tem de transmitir o pensamento que o seu intérprete reproduz pelos meios de que dispõe.

A aptidão de um médium para coisas que lhe são estranhas se deve muitas vezes também aos conhecimentos que ele possuiu em outra existência, e dos quais o seu Espírito conservou a intuição. Se foi poeta ou músico, por exemplo, terá mais facilidade em assimilar o pensamento poético ou musical que se lhe quer fazer reproduzir. A língua que ele hoje ignora pode ter-lhe sido familiar em outra existência: daí, para ele, uma aptidão maior para escrever mediunicamente nessa língua (1).

45 Os maus Espíritos pululam em torno da terra, em consequência da inferioridade moral dos seus habitantes. A sua ação malfazeja faz parte dos flagelos a que a humanidade está exposta aqui embaixo. A obsessão, que é um dos efeitos dessa ação, como as doenças e todas as tribulações da vida, deve, pois, ser considerada como uma prova ou uma expiação, e aceita como tal.

A obsessão é a ação persistente que um mau Espírito exerce sobre um indivíduo. Apresenta caracteres muito diferentes, desde a simples influência moral sem sinais exteriores sensíveis, até a perturbação completa do orga-

nismo e das faculdades mentais. Ela oblitera todas as faculdades mediúnicas; na mediunidade auditiva e psicográfica, traduz-se pela obstinação de um Espírito em manifestar-se com exclusão de todos os outros.

46 Assim como as doenças são o resultado das imperfeições físicas que tornam o corpo acessível às influências perniciosas exteriores, a obsessão é sempre o de uma imperfeição moral que dá azo a um mau Espírito. A uma causa física opõe-se uma força física; a uma causa moral é preciso opor uma força moral. Para preservar das doenças, fortifica-se o corpo; para garantir contra a obsessão, é preciso fortificar a alma; daí, para o obsidiado, a necessidade de trabalhar pela própria melhoria, o que basta na maioria das vezes para livrá-lo do obsessor, sem o socorro de pessoas estranhas. Esse socorro torna-se necessário quando a obsessão degenera em subjugação e em possessão, pois então o paciente perde às vezes a sua vontade e o seu livre-arbítrio.

A obsessão é quase sempre obra de uma vingança exercida por um Espírito, e que na maioria das vezes tem a sua fonte nas relações que o obsidiado teve com ele numa existência precedente.

Nos casos de obsessão grave, o obsidiado está como que envolto e impregnado de um fluido pernicioso que neutraliza a ação dos fluidos salutares e os repele. É desse fluido que é preciso livrá-lo; ora, um mau fluido não pode ser repelido por um mau fluido. Por uma ação idêntica à do médium curador nos casos de doença, é preciso expulsar o fluido mau com o auxílio de um fluido melhor.

Essa é a ação mecânica, mas que nem sempre basta; é preciso também, e principalmente, agir sobre o ser inteligente, ao qual é preciso ter o direito de falar com autoridade, e essa autoridade só é dada à superioridade moral;

quanto maior for esta, maior é a autoridade.

Isso ainda não é tudo; para assegurar a libertação, é preciso levar o Espírito perverso a renunciar aos seus maus desígnios; é preciso fazer nascer nele o arrependimento e o desejo do bem, com o auxílio de instruções habilmente dirigidas, em evocações particulares feitas em vista da sua educação moral; então se pode ter a dupla satisfação de libertar um encarnado e de converter um Espírito imperfeito.

A tarefa torna-se mais fácil quando o obsidiado, compreendendo a sua situação, traz o seu concurso de vontade e de prece; não é assim quando este, seduzido pelo Espírito enganador, se ilude quanto às qualidades do seu dominador e se compraz no erro em que este o mergulha; pois então, longe de secundar, repele toda assistência. É o caso da fascinação, sempre infinitamente mais rebelde que a subjugação mais violenta. (O Livro dos Médiuns, cap. XXI.)

Em todos os casos de obsessão, a prece é o mais poderoso auxiliar para agir contra o Espírito obsessor.

47 Na obsessão, o Espírito age exteriormente com o auxílio do seu perispírito, que identifica com o do encarnado; este se encontra então enlaçado como numa rede e constrangido a agir contra a sua vontade.

Na possessão, em vez de agir exteriormente, o Espírito livre se substitui, por assim dizer, ao Espírito encarnado; faz do corpo deste o seu domicílio, sem que, contudo, este o deixe definitivamente, o que só pode ocorrer na morte. A possessão é, pois, sempre temporária e intermitente, pois um Espírito desencarnado não pode tomar definitivamente o lugar de um Espírito encarnado, uma vez que a união molecular do perispírito e do corpo só se pode operar no momento da concepção. (Cap. XI, nº 18.)

O Espírito, em posse momentânea do corpo, serve-se dele como do seu próprio; fala pela sua boca, vê pelos seus olhos, age com os seus braços, como o teria feito quando vivo. Já não é como na mediunidade falante, em que o Espírito encarnado fala transmitindo o pensamento de um Espírito desencarnado; é este mesmo que fala e que age, e, se o conhecemos quando vivo, reconhecemo-lo pela sua linguagem, pela sua voz, pelos seus gestos e até pela expressão da sua fisionomia.

48 A obsessão é sempre obra de um Espírito malévolo. A possessão pode ser obra de um bom Espírito que quer falar e, para causar mais impressão nos seus ouvintes, toma emprestado o corpo de um encarnado, que este lhe empresta voluntariamente, como se empresta uma roupa. Isso se faz sem nenhuma perturbação nem mal-estar, e durante esse tempo o Espírito se encontra em liberdade como no estado de emancipação, e na maioria das vezes se mantém ao lado do seu substituto para escutá-lo.

Quando o Espírito possessor é mau, as coisas se passam de outro modo; ele não toma o corpo emprestado, apodera-se dele, se o titular não tem força moral para lhe resistir. Fá-lo por maldade para com este, que tortura e martiriza de todas as maneiras, até querer fazê-lo perecer, seja por estrangulamento, seja impelindo-o ao fogo ou a outros lugares perigosos. Servindo-se dos membros e dos órgãos do infeliz paciente, blasfema; injuria e maltrata os que o cercam; entrega-se a excentricidades e a atos que têm todos os caracteres da loucura furiosa.

Os fatos desse gênero, em diferentes graus de intensidade, são muito numerosos, e muitos casos de loucura não têm outra causa. Muitas vezes a eles se juntam desordens patológicas que são apenas consecutivas, e contra as quais os tratamentos médicos são impotentes enquanto subsiste a causa

primeira. O Espiritismo, dando a conhecer essa fonte de uma parte das misérias humanas, indica o meio de remediá-la; esse meio é agir sobre o autor do mal, que, sendo um ser inteligente, deve ser tratado pela inteligência (1).

49 A obsessão e a possessão são na maioria das vezes individuais; mas às vezes são epidêmicas. Quando uma nuvem de maus Espíritos se abate sobre uma localidade, é como quando uma tropa de inimigos vem invadi-la. Nesse caso, o número dos indivíduos atingidos pode ser considerável (2).

Une Sacra · edição 1.8 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XV. OS MILAGRES DO EVANGELHO

✦

1 Os fatos relatados no Evangelho, e que até aqui foram considerados miraculosos, pertencem, na maior parte, à ordem dos fenômenos psíquicos, isto é, dos que têm por causa primeira as faculdades e os atributos da alma. Aproximando-os dos que estão descritos e explicados no capítulo precedente, reconhece-se sem dificuldade que há entre eles identidade de causa e de efeito. A história mostra outros análogos em todos os tempos e em todos os povos, pela razão de que, desde que há almas encarnadas e desencarnadas, os mesmos efeitos devem ter-se produzido. Pode-se, é verdade, contestar nesse ponto a veracidade da história; mas hoje eles se produzem sob os nossos olhos, por assim dizer à vontade, e por indivíduos que nada têm de excepcional. O simples fato da reprodução de um fenômeno em condições idênticas basta para provar que é possível e submetido a uma lei, e que, desde então, não é miraculoso.

O princípio dos fenômenos psíquicos repousa, como se viu, nas propriedades do fluido perispiritual, que constitui o agente magnético; nas manifestações da vida espiritual durante a vida e depois da morte; enfim, no estado constitutivo dos Espíritos e no seu papel como força ativa da natureza. Conhecidos esses elementos e constatados os seus efeitos, têm por consequência fazer admitir a possibilidade de certos fatos que se rejeitavam quando se lhes atribuía uma origem sobrenatural.

2 Sem nada prejulgar sobre a natureza do Cristo, que não entra no quadro desta obra examinar, considerando-o, por hipótese, apenas como um Espírito superior, não se pode deixar de reconhecer nele um dos da ordem mais

elevada, colocado pelas suas virtudes muito acima da humanidade terrestre. Pelos imensos resultados que produziu, a sua encarnação neste mundo só podia ser uma dessas missões que só são confiadas aos mensageiros diretos da Divindade para o cumprimento dos seus desígnios. Supondo que não fosse o próprio Deus, mas um enviado de Deus para transmitir a sua palavra, seria mais que um profeta, porque seria um Messias divino.

Como homem, tinha a organização dos seres carnais; mas, como Espírito puro, desprendido da matéria, devia viver da vida espiritual mais que da vida corporal, cujas fraquezas não tinha. A sua superioridade sobre os homens não se prendia às qualidades particulares do seu corpo, mas às do seu Espírito, que dominava a matéria de maneira absoluta, e à do seu perispírito, tirado da parte mais quintessenciada dos fluidos terrestres (cap. XIV, n.º 9). A sua alma só devia prender-se ao corpo pelos laços estritamente indispensáveis; constantemente desprendida, devia dar-lhe uma dupla vista não só permanente, mas de uma penetração excepcional e muito superior à que se vê nos homens ordinários. O mesmo devia dar-se com todos os fenômenos que dependem dos fluidos perispirituais ou psíquicos. A qualidade desses fluidos dava-lhe um imenso poder magnético, secundado pelo desejo incessante de fazer o bem.

Nas curas que operava, agia como médium? Pode-se considerá-lo um poderoso médium curador? Não; porque o médium é um intermediário, um instrumento de que se servem os Espíritos desencarnados. Ora, o Cristo não precisava de assistência, ele que assistia os outros; agia, pois, por si mesmo, em virtude do seu poder pessoal, como podem fazê-lo os encarnados em certos casos e na medida das suas forças. Que Espírito, aliás, teria

ousado insuflar-lhe os próprios pensamentos e encarregá-lo de transmitilos? Se recebia um influxo estranho, só podia ser de Deus; segundo a definição dada por um Espírito, era médium de Deus.

[3] José, diz o Evangelho, foi advertido por um anjo que lhe apareceu em sonho e lhe disse que fugisse para o Egito com o menino. (São Mateus, cap. II, v. de 19 a 23.)

As advertências por sonhos desempenham um grande papel nos livros sagrados de todas as religiões. Sem garantir a exatidão de todos os fatos relatados e sem discuti-los, o fenômeno em si mesmo nada tem de anormal, quando se sabe que o tempo do sono é aquele em que o Espírito, desprendendo-se dos laços da matéria, volta momentaneamente à vida espiritual, onde se reencontra com os que conheceu. É muitas vezes esse o momento que os Espíritos protetores escolhem para se manifestarem aos seus protegidos e lhes darem conselhos mais diretos. Os exemplos autênticos de advertências por sonhos são numerosos; mas não se deveria inferir daí que todos os sonhos são advertências, e menos ainda que tudo o que se vê em sonho tem a sua significação. É preciso pôr entre as crenças supersticiosas e absurdas a arte de interpretar os sonhos. (Cap. XIV, n.º 27 e 28.)

[4] Diz-se que uma estrela apareceu aos magos que vieram adorar Jesus, que ela andou diante deles para lhes indicar o caminho e parou quando chegaram. (São Mateus, cap. II, v. de 1 a 12.)

A questão não é saber se o fato relatado por são Mateus é real, ou se é apenas uma figura para indicar que os magos foram guiados de maneira misteriosa ao lugar onde estava o Menino, visto que não existe nenhum meio de controle, mas sim se um fato dessa natureza é possível.

Uma coisa certa é que, nessa circunstância, a luz não podia ser uma estrela.

Podia-se julgá-lo na época em que se pensava que as estrelas são pontos luminosos presos ao firmamento e que podem cair sobre a Terra; mas não hoje, que se conhece a sua natureza.

Por não ter a causa que se lhe atribui, o fato do aparecimento de uma luz com o aspecto de uma estrela não deixa de ser uma coisa possível. Um Espírito pode aparecer sob uma forma luminosa, ou transformar uma parte do seu fluido perispiritual num ponto luminoso. Vários fatos desse gênero, recentes e perfeitamente autênticos, não têm outra causa, e essa causa nada tem de sobrenatural.

5 Entrada de Jesus em Jerusalém

Quando se aproximaram de Jerusalém e chegaram a Betfagé, perto do monte das Oliveiras, Jesus enviou dois dos seus discípulos — e disse-lhes: Ide a essa aldeia que está diante de vós, e encontrareis logo, ao chegar, uma jumenta presa e o seu jumentinho junto dela; soltai-a e trazei-mos. — Se alguém vos disser alguma coisa, dizei-lhe que o Senhor precisa deles, e logo os deixará levar. — Ora, tudo isso se fez para que se cumprisse esta palavra do profeta: — Dizei à filha de Sião: Eis o vosso rei, que vem a vós, cheio de mansidão, montado numa jumenta e no jumentinho daquela que está sob o jugo.

Os discípulos foram, pois, e fizeram o que Jesus lhes tinha mandado. — E, tendo trazido a jumenta e o jumentinho, cobriram-nos com as suas vestes e fizeram-no montar neles. (São Mateus, cap. XXI, v. de 1 a 7.)

6 Beijo de Judas

Levantai-vos, vamos; aquele que deve trair-me está perto daqui. — Ainda não acabara essas palavras, quando Judas, um dos doze, chegou, e com ele uma tropa de gente armada de espadas e de paus, que tinham sido envia-

dos pelos príncipes dos sacerdotes e pelos anciãos do povo. — Ora, aquele que o traía tinha-lhes dado um sinal para reconhecê-lo, dizendo-lhes: Aquele a quem eu beijar, é esse mesmo que procurais; prendei-o. — Logo, pois, aproximou-se de Jesus e disse-lhe: Mestre, eu vos saúdo; e beijou-o. — Jesus respondeu-lhe: Meu amigo, que viestes fazer aqui? E ao mesmo tempo todos os outros, avançando, lançaram-se sobre Jesus e prenderam-no. (São Mateus, cap. XXVI, v. de 46 a 50.)

7 Pesca miraculosa

Um dia em que Jesus estava à beira do lago de Genesaré, achando-se oprimido pela multidão do povo, que se apertava para ouvir a palavra de Deus, — viu dois barcos parados à beira do lago, dos quais os pescadores tinham descido e lavavam as suas redes. — Entrou, pois, num desses barcos, que era de Simão, e pediu-lhe que se afastasse um pouco da terra; e, tendo-se sentado, ensinava o povo de dentro do barco.

Quando acabou de falar, disse a Simão: Avançai para o largo e lançai as vossas redes para pescar. — Simão respondeu-lhe: Mestre, trabalhamos toda a noite sem nada apanhar; mas, não obstante, sobre a vossa palavra lançarei a rede. — Tendo-a, pois, lançado, apanharam tão grande quantidade de peixes que a rede se rompia. — E fizeram sinal aos seus companheiros, que estavam no outro barco, para que viessem ajudá-los. Vieram, e encheram de tal modo os barcos que pouco faltava para que fossem ao fundo. (São Lucas, cap. V, v. de 1 a 7.)

8 Vocação de Pedro, André, Tiago, João e Mateus

Ora, Jesus, andando ao longo do mar da Galileia, viu dois irmãos, Simão, chamado Pedro, e André, seu irmão, que lançavam as redes ao mar, porque eram pescadores; — e disse-lhes: Segui-me, e eu vos farei pescadores de ho-

mens. — Logo eles deixaram as redes e o seguiram.

Dali, avançando, viu outros dois irmãos, Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, que estavam num barco com Zebedeu, seu pai, e consertavam as redes; e chamou-os. — No mesmo instante eles deixaram as redes e o pai, e seguiram-no. (São Mateus, cap. IV, v. de 18 a 22.)

Jesus, saindo dali, viu, ao passar, um homem sentado no posto de impostos, chamado Mateus, a quem disse: Segue-me; e ele logo se levantou e o seguiu. (São Mateus, cap. IX, v. 9.)

9 Esses fatos nada têm de surpreendente quando se conhece o poder da dupla vista e a causa muito natural dessa faculdade. Jesus possuía-a em grau supremo, e pode-se dizer que era o seu estado normal, o que atesta grande número de atos da sua vida e o que explicam hoje os fenômenos magnéticos e o Espiritismo.

A pesca qualificada de miraculosa explica-se igualmente pela dupla vista. Jesus não produziu espontaneamente peixes onde não os havia; viu, como teria podido fazê-lo um lúcido em vigília, pela vista da alma, o lugar onde eles se encontravam, e pôde dizer com segurança aos pescadores que lançassem ali as suas redes.

A penetração do pensamento e, por conseguinte, certas previsões são consequência da vista espiritual. Quando Jesus chama a si Pedro, André, Tiago, João e Mateus, era preciso que conhecesse as suas disposições íntimas para saber que o seguiriam e que eram capazes de cumprir a missão de que devia encarregá-los. Era preciso que eles mesmos tivessem a intuição dessa missão para se entregarem a ele. O mesmo se dá quando, no dia da Ceia, anuncia que um dos doze o trairá e o designa dizendo que é aquele que põe a mão no prato, e quando diz que Pedro o negará.

Em muitos lugares do Evangelho, está dito: «Mas Jesus, conhecendo o pensamento deles, disse-lhes...» Ora, como podia conhecer o pensamento deles, senão ao mesmo tempo pela irradiação fluídica que lhe trazia esse pensamento e pela vista espiritual que lhe permitia ler no foro íntimo dos indivíduos?

Muitas vezes, quando se julga um pensamento profundamente sepultado nas dobras da alma, não se suspeita que se traz em si um espelho que o reflete, um revelador na própria irradiação fluídica, que está impregnada dele. Se se visse o mecanismo do mundo invisível que nos cerca, as ramificações desses fios condutores do pensamento que ligam todos os seres inteligentes, corporais e incorporais, os eflúvios fluídicos carregados das impressões do mundo moral e que, como correntes aéreas, atravessam o espaço, ficar-se-ia menos surpreendido com certos efeitos que a ignorância atribui ao acaso. (Cap. XIV, n.º 22 e seguintes.)

10 Perda de sangue

Então uma mulher, doente de uma perda de sangue havia doze anos, — que sofrera muito nas mãos de vários médicos e que, tendo gasto todos os seus bens, não recebera deles nenhum alívio, mas sempre se achara pior, — tendo ouvido falar de Jesus, veio pela multidão por trás e tocou-lhe a veste; porque dizia: Se eu puder somente tocar a sua veste, ficarei curada. — No mesmo instante, a fonte do sangue que perdia secou, e ela sentiu no corpo que estava curada daquela doença.

Logo Jesus, conhecendo em si mesmo a virtude que saíra dele, voltou-se no meio da multidão e disse: Quem tocou as minhas vestes? — Os seus discípulos disseram-lhe: Vedes que a multidão vos aperta de todos os lados, e perguntais quem vos tocou? — E ele olhava em torno de si para ver aquela

que o tinha tocado.

Mas essa mulher, que sabia o que se passara nela, tomada de temor e de espanto, veio lançar-se aos seus pés e declarou-lhe toda a verdade. — E Jesus disse-lhe: Minha filha, a vossa fé vos salvou; ide em paz e ficai curada da vossa doença. (São Marcos, cap. V, v. de 25 a 34.)

11 Estas palavras: «Conhecendo em si mesmo a virtude que saíra dele» são significativas; exprimem o movimento fluídico que se operava de Jesus para a mulher doente; ambos sentiram a ação que acabava de produzir-se. É notável que o efeito não foi provocado por nenhum ato da vontade de Jesus; não houve nem magnetização nem imposição das mãos. A irradiação fluídica normal bastou para operar a cura.

Mas por que essa irradiação se dirigiu para essa mulher e não para outras, se Jesus não pensava nela e estava cercado pela multidão?

A razão é bem simples. O fluido, sendo dado como matéria terapêutica, deve atingir a desordem orgânica para repará-la; pode ser dirigido sobre o mal pela vontade do curador, ou atraído pelo desejo ardente, pela confiança, numa palavra, pela fé do doente. Em relação à corrente fluídica, o primeiro faz o efeito de uma bomba premente, e o segundo, de uma bomba aspirante. Às vezes a simultaneidade dos dois efeitos é necessária; outras vezes, um só basta; foi o segundo que se deu nessa circunstância.

Jesus tinha, pois, razão em dizer: «A vossa fé vos salvou.» Compreende-se que aqui a fé não é a virtude mística tal como certas pessoas a entendem, mas uma verdadeira força atrativa, ao passo que aquele que não a tem opõe à corrente fluídica uma força repulsiva, ou pelo menos uma força de inércia que paralisa a ação.

Compreende-se por aí que, de dois doentes atingidos pelo mesmo mal, em

presença de um curador, um possa ser curado e o outro não. É esse um dos princípios mais importantes da mediunidade curadora, e que explica, por uma causa muito natural, certas anomalias aparentes. (Cap. XIV, n.º 31, 32, 33.)

12 Cego de Betsaida

Tendo chegado a Betsaida, trouxeram-lhe um cego, a quem pediram que tocasse.

E, tomando o cego pela mão, levou-o para fora da aldeia; pôs-lhe saliva nos olhos e, tendo-lhe imposto as mãos, perguntou-lhe se via alguma coisa. — Esse homem, olhando, disse-lhe: Vejo andar homens, que me parecem como árvores. — Jesus pôs-lhe ainda uma vez as mãos sobre os olhos, e ele começou a ver melhor; e enfim ficou tão bem curado que via distintamente todas as coisas.

Mandou-o em seguida para casa e disse-lhe: Ide para a vossa casa; e, se entrardes na aldeia, não digais a ninguém o que vos aconteceu. (São Marcos, cap. VIII, v. de 22 a 26.)

13 Aqui o efeito magnético é evidente; a cura não foi instantânea, mas gradual e em consequência de uma ação sustentada e reiterada, embora mais rápida que na magnetização ordinária. A primeira sensação desse homem é bem a que sentem os cegos ao recuperarem a luz; por um efeito de óptica, os objetos parecem-lhes de um tamanho desmedido.

14 Paralítico

Jesus, tendo subido num barco, tornou a passar o lago e veio à sua cidade (Cafarnaum). — E, como lhe tivessem apresentado um paralítico deitado num leito, Jesus, vendo a fé deles, disse a esse paralítico: Meu filho, tende confiança; os vossos pecados vos são perdoados.

Logo alguns dos escribas disseram consigo: Este homem blasfema. — Mas Jesus, tendo conhecido o que pensavam, disse-lhes: Por que tendes maus pensamentos nos vossos corações? — Pois o que é mais fácil: dizer: Os vossos pecados vos são perdoados, ou dizer: Levantai-vos e andai? — Ora, para que saibais que o Filho do homem tem na terra o poder de perdoar os pecados: Levantai-vos, disse então ao paralítico; levai o vosso leito e ide para a vossa casa.

O paralítico levantou-se logo e foi para a sua casa. — E o povo, vendo esse milagre, encheu-se de temor e deu glória a Deus por ter dado tal poder aos homens. (São Mateus, cap. IX, v. de 1 a 8.)

15 Que podiam significar estas palavras: «Os vossos pecados vos serão perdoados», e de que podiam servir para a cura? O Espiritismo dá a chave delas, como de uma infinidade de outras palavras incompreendidas até hoje; ensina-nos, pela lei da pluralidade das existências, que os males e as aflições da vida são muitas vezes expiações do passado, e que sofremos na vida presente as consequências das faltas que cometemos numa existência anterior, sendo as diferentes existências solidárias umas das outras, até que se tenha pago a dívida das próprias imperfeições.

Se, pois, a doença desse homem era uma punição pelo mal que ele pudera cometer, dizer-lhe: «Os vossos pecados vos são perdoados» era dizer-lhe: «Pagastes a vossa dívida; a causa da vossa doença está apagada pela vossa fé presente; em consequência, mereceis ser libertado da vossa doença.» É por isso que diz aos escribas: «É tão fácil dizer: Os vossos pecados vos são perdoados, quanto: Levantai-vos e andai»; cessando a causa, o efeito deve ces-

sar. O caso é o mesmo que o de um prisioneiro a quem se viesse dizer: «O vosso crime está expiado e perdoado», o que equivaleria a dizer-lhe: «Podeis sair da prisão.»

16 Os dez leprosos

Um dia em que ia a Jerusalém e passava pelos confins da Samaria e da Galileia, — estando para entrar numa aldeia, dez leprosos vieram ao seu encontro; e, conservando-se afastados, levantaram a voz e disseram-lhe: Jesus, nosso Mestre, tende piedade de nós. — Quando os viu, disse-lhes: Ide mostrar-vos aos sacerdotes. E, enquanto iam, ficaram curados.

Um deles, vendo que estava curado, voltou atrás, glorificando a Deus em alta voz; — e veio lançar-se aos pés de Jesus, com o rosto em terra, dando-lhe graças; e esse era samaritano.

Então Jesus disse: Não foram curados todos os dez? Onde estão, pois, os outros nove? — Não se achou nenhum que tenha voltado e dado glória a Deus, senão este estrangeiro. — E disse-lhe: Levanta-te; vai, a tua fé te salvou. (São Lucas, cap. XVII, v. de 11 a 19.)

17 Os samaritanos eram cismáticos, mais ou menos como os protestantes em relação aos católicos, e desprezados pelos judeus como hereges. Jesus, curando indistintamente os samaritanos e os judeus, dava ao mesmo tempo uma lição e um exemplo de tolerância; e, fazendo ressaltar que só o samaritano voltara para dar glória a Deus, mostrava que havia nele mais fé verdadeira e mais reconhecimento do que nos que se diziam ortodoxos.

17.2 Acrescentando: «A tua fé te salvou», faz ver que Deus olha o fundo do coração, e não a forma exterior da adoração. Entretanto, os outros foram curados; era preciso, para a lição que queria dar e para provar a sua ingrati-

dão; mas quem sabe o que terá resultado disso, e se terão beneficiado do favor que lhes fora concedido?

17.3 Dizendo ao samaritano: «A tua fé te salvou», Jesus dá a entender que não se dará o mesmo com os outros.

18 Mão seca

Jesus entrou outra vez na sinagoga, onde encontrou um homem que tinha uma mão seca. — E observavam-no para ver se o curaria num dia de sábado, a fim de terem motivo para acusá-lo. — Então disse a esse homem que tinha uma mão seca: Levantai-vos, ficai aí no meio. — Depois disse-lhes: É permitido, no dia de sábado, fazer o bem ou o mal, salvar a vida ou tirá-la? E eles ficaram em silêncio. — Mas ele, olhando-os com cólera, aflito como estava pela cegueira do seu coração, disse a esse homem: Estendei a vossa mão. Ele a estendeu, e ela ficou sã.

Logo os fariseus, tendo saído, tiveram conselho contra ele com os herodianos, sobre o meio de perdê-lo. — Mas Jesus retirou-se com os seus discípulos para o mar, onde uma grande multidão de povo o seguiu da Galileia e da Judeia, — de Jerusalém, da Idumeia e de além do Jordão; e os das cercanias de Tiro e de Sídon, tendo ouvido falar das coisas que fazia, vieram em grande número ao seu encontro. (São Marcos, cap. III, v. de 1 a 8.)

19 A mulher encurvada

Jesus ensinava numa sinagoga todos os dias de sábado. — E um dia viu nela uma mulher possuída de um Espírito que a tornava doente havia dezoito anos; e estava tão encurvada que não podia de modo algum olhar para cima. — Jesus, vendo-a, chamou-a e disse-lhe: Mulher, estais livre da vossa enfermidade. — Ao mesmo tempo impôs-lhe as mãos; e, sendo logo endireitada, ela deu glória a Deus.

Mas o chefe da sinagoga, indignado por Jesus a ter curado num dia de sábado, disse ao povo: Há seis dias destinados ao trabalho; vinde nesses dias para serdes curados, e não nos dias de sábado.

O Senhor, tomando a palavra, disse-lhe: Hipócritas, haverá algum de vós que não solte o seu boi ou o seu jumento da manjedoura no dia de sábado e não o leve a beber? — Por que, então, não se devia libertar das suas cadeias, num dia de sábado, esta filha de Abraão, que Satanás tinha mantido assim presa durante dezoito anos?

A essas palavras, todos os seus adversários ficaram confundidos, e todo o povo estava encantado de vê-lo fazer tantas ações gloriosas. (São Lucas, cap. XIII, v. de 10 a 17.)

20 Esse fato prova que, nessa época, a maior parte das doenças era atribuída ao demônio, e que se confundiam, como hoje, os possessos com os doentes, mas em sentido inverso; isto é, hoje os que não creem nos maus Espíritos confundem as obsessões com as doenças patológicas.

21 Paralítico da piscina

Depois disso, tendo chegado a festa dos judeus, Jesus foi a Jerusalém. — Ora, havia em Jerusalém a piscina das Ovelhas, que se chama em hebraico Betsaida, que tinha cinco galerias, — nas quais estavam deitados grande número de doentes, de cegos, de coxos e dos que tinham os membros ressequidos, que todos esperavam que a água fosse agitada. — Porque o anjo do Senhor, em certo tempo, descia a essa piscina e agitava a sua água; e aquele que entrava primeiro, depois que a água tinha sido assim agitada, ficava curado, qualquer que fosse a doença que tivesse.

Ora, havia ali um homem que estava doente havia trinta e oito anos. — Jesus, tendo-o visto deitado e sabendo que estava doente havia muito tempo,

disse-lhe: Quereis ser curado? — O doente respondeu: Senhor, não tenho ninguém que me lance na piscina depois que a água foi agitada; e, durante o tempo que levo para ir, outro desce antes de mim. — Jesus disse-lhe: Levantai-vos, levai o vosso leito e andai. — No mesmo instante esse homem ficou curado; e, tomando o seu leito, começou a andar. Ora, esse dia era um dia de sábado.

Os judeus disseram, pois, ao que fora curado: Hoje é sábado; não vos é permitido levar o vosso leito. — Ele respondeu-lhes: Aquele que me curou disse-me: Levai o vosso leito e andai. — Perguntaram-lhe: Quem é, pois, esse homem que vos disse: Levai o vosso leito e andai? — Mas o que fora curado não sabia ele mesmo quem era, porque Jesus se retirara da multidão do povo que estava ali.

Depois, Jesus encontrou esse homem no templo e disse-lhe: Vedes que estais curado; não pequeis mais daqui em diante, para que não vos aconteça algo pior.

Esse homem foi ter com os judeus e disse-lhes que fora Jesus quem o curara. — E foi por essa razão que os judeus perseguiam Jesus, porque fazia essas coisas no dia de sábado. — Então Jesus disse-lhes: Meu Pai não cessa de agir até agora, e eu ajo também incessantemente. (São João, cap. V, v. de 1 a 17.)

22 Piscina (do latim piscis, peixe) dizia-se, entre os romanos, dos reservatórios ou viveiros onde se criavam peixes. Mais tarde, a acepção dessa palavra foi estendida aos tanques onde as pessoas se banhavam em comum.

A piscina de Betsaida, em Jerusalém, era uma cisterna, perto do Templo, alimentada por uma fonte natural, cuja água parece ter tido propriedades curativas. Era sem dúvida uma fonte intermitente, que, em certas épocas,

jorrava com força e agitava a água. Segundo a crença vulgar, esse momento era o mais favorável às curas; talvez na realidade, no momento da sua saída, a água tivesse uma propriedade mais ativa, ou a agitação produzida pela água que jorrava revolvesse o lodo salutar em certas doenças. Esses efeitos são muito naturais e perfeitamente conhecidos hoje; mas então as ciências eram pouco adiantadas, e via-se uma causa sobrenatural na maior parte dos fenômenos incompreendidos. Os judeus atribuíam, pois, a agitação dessa água à presença de um anjo, e essa crença parecia-lhes tanto mais bem fundada quanto, nesse momento, a água era mais salutar.

Depois de ter curado esse homem, Jesus disse-lhe: «Daqui em diante não pequeis mais, para que não vos aconteça algo pior.» Por essas palavras, dá-lhe a entender que a sua doença era uma punição e que, se ele não se melhorar, poderá ser de novo punido ainda mais rigorosamente. Essa doutrina é inteiramente conforme à que o Espiritismo ensina.

23 Jesus parecia empenhar-se em operar as suas curas no dia de sábado, para ter ocasião de protestar contra o rigorismo dos fariseus acerca da observação desse dia. Queria mostrar-lhes que a verdadeira piedade não consiste na observância das práticas exteriores e das coisas de forma, mas que está nos sentimentos do coração.

23.2 Justifica-se dizendo: «Meu Pai não cessa de agir até agora, e eu ajo também incessantemente»; isto é, Deus não suspende as suas obras nem a sua ação sobre as coisas da natureza no dia de sábado; continua a fazer produzir o que é necessário ao vosso alimento e à vossa saúde, e eu sigo o seu exemplo.

24 Cego de nascença

Quando Jesus passava, viu um homem que era cego desde o nascimento; — e os seus discípulos fizeram-lhe esta pergunta: Mestre, é o pecado deste homem, ou o pecado dos que o puseram no mundo, que é causa de ter nascido cego?

Jesus respondeu-lhes: Não é que ele tenha pecado, nem os que o puseram no mundo; mas é para que as obras do poder de Deus resplandeçam nele. — É preciso que eu faça as obras daquele que me enviou enquanto é dia; vem a noite, na qual ninguém pode agir. — Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo.

Depois de ter dito isso, cuspiu na terra e, tendo feito lama com a saliva, ungiu com essa lama os olhos do cego, — e disse-lhe: Ide lavar-vos na piscina de Siloé, que significa Enviado. Ele foi, pois, lavou-se ali e voltou vendo claro.

Os seus vizinhos e os que o tinham visto antes pedir esmola diziam: Não é esse o que estava sentado e pedia esmola? Uns respondiam: É ele; — outros diziam: Não, é um que se parece com ele. Mas ele dizia-lhes: Sou eu mesmo. — Disseram-lhe, pois: Como se abriram os vossos olhos? — Ele respondeu-lhes: Esse homem a quem chamam Jesus fez lama e ungiu com ela os meus olhos, e disse-me: Ide à piscina de Siloé e lavai-vos ali. Fui, lavei-me e vejo. — Disseram-lhe: Onde está ele? Respondeu-lhes: Não sei.

Então levaram aos fariseus esse homem que fora cego. — Ora, era dia de sábado quando Jesus fizera essa lama e lhe abrira os olhos.

Os fariseus interrogaram-no, pois, também eles, para saber como recuperara a vista. E ele disse-lhes: Pôs-me lama sobre os olhos; lavei-me e vejo. — Sobre o que alguns dos fariseus disseram: Este homem não é enviado de Deus, pois não guarda o sábado. Mas outros diziam: Como poderia um ho-

mem mau fazer tais prodígios? E havia sobre isso divisão entre eles.
Disseram, pois, de novo ao cego: E tu, que dizes desse homem que te abriu os olhos? Ele respondeu: Digo que é um profeta. — Mas os judeus não creram que esse homem tivesse sido cego e tivesse recuperado a vista, até que fizeram vir o seu pai e a sua mãe, — a quem interrogaram, dizendo-lhes: É este o vosso filho, que dizeis ter nascido cego? Como, então, vê agora? — O pai e a mãe responderam: Sabemos que este é o nosso filho e que nasceu cego; — mas não sabemos como vê agora, e também não sabemos quem lhe abriu os olhos. Interrogai-o; tem idade, que responda por si mesmo.
O seu pai e a sua mãe falavam assim porque temiam os judeus; porque os judeus já tinham resolvido juntos que quem quer que reconhecesse Jesus como o Cristo seria expulso da sinagoga. — Foi o que obrigou o pai e a mãe a responderem: Tem idade, interrogai-o a ele mesmo.
Chamaram, pois, uma segunda vez esse homem que fora cego e disseram-lhe: Dá glória a Deus; sabemos que esse homem é um pecador. — Ele respondeu-lhes: Se é um pecador, nada sei; mas tudo o que sei é que eu era cego e agora vejo. — Disseram-lhe ainda: Que te fez ele, e como te abriu os olhos? — Ele respondeu-lhes: Já vo-lo disse, e ouvistes; por que quereis ouvi-lo mais uma vez? Acaso quereis tornar-vos discípulos dele? — Sobre o que o cobriram de injúrias e lhe disseram: Sê tu mesmo discípulo dele; quanto a nós, somos discípulos de Moisés. — Sabemos que Deus falou a Moisés; mas, quanto a este, não sabemos de onde saiu.
Esse homem respondeu-lhes: É de espantar que não saibais de onde ele é, e que me tenha aberto os olhos. — Ora, sabemos que Deus não atende os pecadores; mas, se alguém o honra e faz a sua vontade, é a esse que ele atende. — Desde que o mundo existe, nunca se ouviu dizer que alguém tenha aberto os olhos a um cego de nascença. — Se esse homem não fosse enviado

de Deus, não poderia fazer nada de tudo o que fez.
Responderam-lhe: Tu és todo pecado desde o ventre da tua mãe, e queres ensinar-nos? E expulsaram-no. (São João, cap. IX, v. de 1 a 34.)

25 Esse relato, tão simples e tão ingênuo, traz em si um caráter evidente de verdade. Nada de fantástico nem de maravilhoso; é uma cena da vida real apanhada no ato. A linguagem desse cego é bem a desses homens simples nos quais o saber é suprido pelo bom senso, e que retorquem os argumentos dos seus adversários com bonomia e com razões que não carecem nem de justeza nem de propósito. O tom dos fariseus não é o desses orgulhosos que nada admitem acima da sua inteligência e se indignam ao simples pensamento de que um homem do povo possa dar-lhes lições? Salvo a cor local dos nomes, julgar-se-ia estar no nosso tempo.
Ser expulso da sinagoga equivalia a ser posto fora da Igreja; era uma espécie de excomunhão. Os espíritas, cuja doutrina é a do Cristo interpretada segundo o progresso das luzes atuais, são tratados como os judeus que reconheciam Jesus como o Messias; excomungando-os, põem-nos fora da Igreja, como fizeram os escribas e os fariseus com os partidários de Jesus. Assim, eis um homem que é expulso porque não pode crer que aquele que o curou seja um pecador e um possesso do demônio, e porque glorifica a Deus pela sua cura! Não é o que se faz com os espíritas? O que eles obtêm — sábios conselhos dos Espíritos, retorno a Deus e ao bem, curas —, tudo é obra do diabo, e lança-se-lhes o anátema. Não se viram padres dizer, do alto do púlpito, que mais valia permanecer incrédulo do que voltar à fé pelo Espiritismo? Não se viram outros dizer a doentes que não deviam deixar-se curar pelos espíritas que possuem esse dom, porque é um dom satânico? Que diziam e que faziam de mais os sacerdotes judeus e os fariseus? De resto, está

dito que tudo deve passar-se hoje como no tempo do Cristo.

Esta pergunta dos discípulos: É o pecado deste homem que é causa de ter nascido cego? indica a intuição de uma existência anterior; de outro modo não teria sentido; porque o pecado que fosse a causa de uma enfermidade de nascença deveria ter sido cometido antes do nascimento e, por conseguinte, numa existência anterior. Se Jesus tivesse visto aí uma ideia falsa, ter-lhes-ia dito: «Como poderia esse homem ter pecado antes de ter nascido?» Em vez disso, diz-lhes que, se esse homem é cego, não é que tenha pecado, mas para que o poder de Deus resplandeça nele; isto é, devia ser o instrumento de uma manifestação do poder de Deus. Se não era uma expiação do passado, era uma prova que devia servir ao seu adiantamento, porque Deus, que é justo, não podia impor-lhe um sofrimento sem compensação.

Quanto ao meio empregado para curá-lo, é evidente que a espécie de lama feita com saliva e terra só podia ter virtude pela ação do fluido curador de que estava impregnada; é assim que as substâncias mais insignificantes, a água, por exemplo, podem adquirir qualidades poderosas e efetivas sob a ação do fluido espiritual ou magnético, a que servem de veículo ou, se quiserem, de reservatório.

26 Numerosas curas de Jesus

Jesus percorria toda a Galileia, ensinando nas sinagogas, pregando o Evangelho do reino e curando todos os langores e todas as doenças entre o povo. — E, tendo-se espalhado a sua fama por toda a Síria, apresentavam-lhe todos os que estavam doentes e diversamente afligidos de males e de dores, os

possessos, os lunáticos, os paralíticos, e ele os curava; — e uma grande multidão de povo seguiu-o da Galileia, da Decápole, de Jerusalém, da Judeia e de além do Jordão. (São Mateus, cap. IV, v. 23, 24, 25.)

27 De todos os fatos que dão testemunho do poder de Jesus, os mais numerosos são, sem contradita, as curas; queria provar com isso que o verdadeiro poder é o que faz o bem, que o seu fim era tornar-se útil, e não satisfazer a curiosidade dos indiferentes com coisas extraordinárias.

Aliviando o sofrimento, prendia a si as pessoas pelo coração e fazia prosélitos mais numerosos e mais sinceros do que se só tivessem sido impressionados pelo espetáculo dos olhos. Por esse meio fazia-se amar, ao passo que, se se tivesse limitado a produzir efeitos materiais surpreendentes, como lhe pediam os fariseus, a maior parte só teria visto nele um feiticeiro ou um hábil prestidigitador, que os ociosos teriam ido ver para se distrair.

Assim, quando João Batista lhe envia os seus discípulos para lhe perguntar se ele é o Cristo, não diz: «Sou eu», porque todo impostor poderia ter dito o mesmo; não lhes fala nem de prodígios nem de coisas maravilhosas, mas responde-lhes simplesmente: «Ide dizer a João: Os cegos veem, os doentes são curados, os surdos ouvem, o Evangelho é anunciado aos pobres.» Era dizer-lhe: «Reconhecei-me pelas minhas obras, julgai a árvore pelo seu fruto», porque aí está o verdadeiro caráter da sua missão divina.

28 É também pelo bem que faz que o Espiritismo prova a sua missão providencial. Cura os males físicos, mas cura sobretudo as doenças morais, e esses são os maiores prodígios pelos quais se afirma. Os seus adeptos mais sinceros não são os que só foram impressionados pela vista de fenômenos extraordinários, mas os que foram tocados no coração pela consolação; os que foram libertados das torturas da dúvida; aqueles cuja coragem foi levan-

tada nas aflições, que tiraram a força da certeza do futuro que ele lhes veio trazer, do conhecimento do seu ser espiritual e do seu destino. Eis aqueles cuja fé é inabalável, porque sentem e compreendem.

Os que só veem no Espiritismo efeitos materiais não podem compreender o seu poder moral; por isso os incrédulos, que só o conhecem por fenômenos cuja causa primeira não admitem, só veem nos espíritas prestidigitadores e charlatães. Não é, pois, por prodígios que o Espiritismo triunfará da incredulidade; é multiplicando os seus benefícios morais; porque, se os incrédulos não admitem os prodígios, conhecem, como toda a gente, o sofrimento e as aflições, e ninguém recusa os alívios e as consolações. (Cap. XIV, n.º 30.)

29 Vieram em seguida a Cafarnaum; e Jesus, entrando logo, no dia de sábado, na sinagoga, instruía-os; — e estavam espantados com a sua doutrina, porque os instruía como quem tem autoridade, e não como os escribas.

Ora, encontrou-se na sinagoga um homem possuído de um Espírito impuro, que gritou, — dizendo: Que há entre vós e nós, Jesus de Nazaré? Viestes para nos perder? Sei quem sois: sois o santo de Deus. — Mas Jesus, falando-lhe com ameaça, disse-lhe: Cala-te e sai deste homem.

— Então o Espírito impuro, agitando-se com violentas convulsões e soltando um grande grito, saiu dele.

Todos ficaram tão surpreendidos que se perguntavam uns aos outros: Que é isto? E que nova doutrina é esta? Ele manda com império até nos Espíritos impuros, e eles lhe obedecem. (São Marcos, cap. I, v. de 21 a 27.)

30 Depois que saíram, apresentaram-lhe um homem mudo possuído do demônio. — Tendo sido expulso o demônio, o mudo falou, e o povo ficou admirado, e diziam: Nunca se viu nada semelhante em Israel.

Mas os fariseus diziam, ao contrário: É pelo príncipe dos demônios que ele expulsa os demônios. (São Mateus, cap. IX, v. 32 a 34.)

31 Quando chegou ao lugar onde estavam os outros discípulos, viu uma grande multidão de pessoas em torno deles, e escribas que disputavam com eles. — Logo todo o povo, tendo avistado Jesus, foi tomado de espanto e de temor; e, correndo, saudaram-no.

Então perguntou-lhes: Sobre o que disputais juntos? — E um homem do povo, tomando a palavra, disse-lhe: Mestre, trouxe-vos o meu filho, que está possuído de um Espírito mudo; — e, em qualquer lugar em que se apodera dele, lança-o por terra, e o menino escuma, range os dentes e fica todo ressequido. Pedi aos vossos discípulos que o expulsassem, mas não puderam.

Jesus respondeu-lhes: Ó gente incrédula, até quando estarei convosco? Até quando vos suportarei? Trazei-mo.

— Trouxeram-lho; e, mal viu Jesus, o Espírito começou a agitá-lo com violência, e ele caiu por terra, onde rolava escumando.

Jesus perguntou ao pai do menino: Há quanto tempo isso lhe acontece? Desde a infância, disse o pai. — E o Espírito lançou-o muitas vezes ora no fogo, ora na água, para fazê-lo perecer; mas, se podeis alguma coisa, tende compaixão de nós e socorrei-nos.

Jesus respondeu-lhe: Se podeis crer, tudo é possível àquele que crê. — Logo o pai do menino, exclamando, disse-lhe com lágrimas: Senhor, eu creio; ajudai-me na minha incredulidade.

E Jesus, vendo que o povo acorria em multidão, falou com ameaças ao Espírito impuro e disse-lhe: Espírito surdo e mudo, sai do menino, eu te ordeno, e não tornes a entrar nele. — Então esse Espírito, tendo soltado um

grande grito e tendo-o agitado com violentas convulsões, saiu, e o menino ficou como morto, de sorte que muitos diziam que estava morto. — Mas Jesus, tendo-o tomado pela mão e levantando-o, ele se ergueu.
Quando Jesus entrou na casa, os seus discípulos disseram-lhe em particular: Por que não pudemos expulsar esse demônio? — Ele respondeu-lhes: Essa espécie de demônios não pode ser expulsa por nenhum outro meio senão pela prece e pelo jejum. (São Marcos, cap. IX, v. de 13 a 28.)

32 Então apresentaram-lhe um possesso cego e mudo, e ele o curou, de sorte que começou a falar e a ver. — Todo o povo ficou cheio de admiração, e diziam: Não é este o filho de Davi?
Mas os fariseus, ouvindo isso, diziam: Este homem só expulsa os demônios pela virtude de Belzebu, príncipe dos demônios.
Ora, Jesus, conhecendo os seus pensamentos, disse-lhes: Todo reino dividido contra si mesmo será arruinado, e toda cidade ou casa que está dividida contra si mesma não poderá subsistir. — Se Satanás expulsa Satanás, está dividido contra si mesmo; como, então, subsistirá o seu reino? — E, se é por Belzebu que eu expulso os demônios, por quem os expulsam os vossos filhos? Por isso eles mesmos serão os vossos juízes. — Se expulso os demônios pelo Espírito de Deus, o reino de Deus chegou, pois, até vós. (São Mateus, cap. XII, v. 22 a 28.)

33 As libertações de possessos figuram, com as curas, entre os atos mais numerosos de Jesus. Entre os fatos dessa natureza, há os que, como o que foi relatado acima, n.º 30, a possessão não é evidente.

33.2 É provável que, nessa época, como ainda acontece nos nossos dias, se atribuíssem à influência dos demônios todas as doenças cuja causa era desconhecida, principalmente a mudez, a epilepsia e a catalepsia.

33.3 Mas há outros em que a ação dos maus Espíritos não é duvidosa; têm com os de que somos testemunhas uma analogia tão impressionante que se reconhecem neles todos os sintomas desse gênero de afecção.

33.4 A prova da participação de uma inteligência oculta, em semelhante caso, ressalta de um fato material: são as numerosas curas radicais obtidas, em alguns centros espíritas, pela simples evocação e moralização dos Espíritos obsessores, sem magnetização nem medicamentos, e muitas vezes na ausência e a distância do paciente.

33.5 A imensa superioridade do Cristo dava-lhe tal autoridade sobre os Espíritos imperfeitos, então chamados demônios, que lhe bastava ordenar-lhes que se retirassem para que não pudessem resistir a essa injunção. (Cap. XIV, n.º 46.)

34 O fato de maus Espíritos enviados ao corpo de porcos é contrário a toda probabilidade. Um mau Espírito não deixa de ser um Espírito humano, ainda bastante imperfeito para fazer o mal depois da morte como o fazia antes, e é contra as leis da natureza que possa animar o corpo de um animal; é preciso, pois, ver nisso uma dessas amplificações de um fato real, comuns nos tempos de ignorância e de superstição, ou talvez uma alegoria para caracterizar as inclinações imundas de certos Espíritos.

35 Os obsidiados e os possessos parecem ter sido muito numerosos na Judeia no tempo de Jesus, o que lhe dava ocasião de curar muitos deles. Os maus Espíritos tinham sem dúvida invadido esse país e causado uma epidemia de possessões. (Cap. XIV, n.º 49.)

Sem estarem em estado epidêmico, as obsessões individuais são extremamente frequentes e apresentam-se sob aspectos muito variados, que um conhecimento aprofundado do Espiritismo faz reconhecer facilmente; po-

dem muitas vezes ter consequências lamentáveis para a saúde, seja agravando afecções orgânicas, seja determinando-as. Serão incontestavelmente um dia classificadas entre as causas patológicas que requerem, pela sua natureza especial, meios curativos especiais. O Espiritismo, dando a conhecer a causa do mal, abre um novo caminho à arte de curar e fornece à ciência o meio de triunfar onde ela muitas vezes só falha por não atacar a causa primeira do mal. (O Livro dos Médiuns, cap. XXI.)

36 Jesus era acusado pelos fariseus de expulsar os demônios pelos demônios; o próprio bem que fazia era, segundo eles, obra de Satanás, sem refletirem que Satanás, expulsando-se a si mesmo, faria um ato de insensato. Essa doutrina é ainda a que a Igreja procura fazer prevalecer hoje contra as manifestações espíritas (1).

(1) «Se Jesus tivesse operado os seus milagres pela virtude do demônio, o demônio teria, pois, trabalhado para destruir o seu império e teria empregado o seu poder contra si mesmo. Certamente, um demônio que procurasse destruir o reino do vício para estabelecer o da virtude seria um estranho demônio. Eis por que Jesus, para repelir a absurda acusação dos judeus, lhes dizia: "Se opero prodígios em nome do demônio, o demônio está, pois, dividido consigo mesmo; procura, pois, destruir-se"; resposta que não admite réplica.»

É precisamente o argumento que os espíritas opõem aos que atribuem ao demônio os bons conselhos que recebem dos Espíritos. O demônio agiria como um ladrão de profissão que devolvesse tudo o que roubou e exortasse os outros ladrões a tornarem-se gente honesta.

37 Filha de Jairo

Tendo Jesus passado de novo de barco para a outra margem, quando estava junto ao mar, uma grande multidão de povo juntou-se em torno dele. E um chefe de sinagoga, chamado Jairo, veio procurá-lo; e, encontrando-o, lançou-se aos seus pés — e suplicava-lhe com grande insistência, dizendo-lhe: Tenho uma filha que está nas últimas; vinde impor-lhe as mãos para curá-la e salvar-lhe a vida.

Jesus foi com ele, e era seguido por uma grande multidão de povo, que o apertava.

Quando ele (Jairo) ainda falava, vieram pessoas do chefe da sinagoga, que lhe disseram: A vossa filha está morta; por que quereis dar ao Mestre o trabalho de ir mais longe? — Mas Jesus, tendo ouvido essa palavra, disse ao chefe da sinagoga: Não temais, crede somente. — E não permitiu a ninguém que o seguisse, senão a Pedro, a Tiago e a João, irmão de Tiago.

Tendo chegado à casa desse chefe da sinagoga, viu ali uma multidão confusa de pessoas que choravam e davam grandes gritos; — e, entrando, disse-lhes: Por que fazeis tanto barulho e por que chorais? Esta menina não está morta, está apenas dormindo. — E zombavam dele. Tendo feito sair toda a gente, tomou o pai e a mãe da menina e os que tinham vindo com ele, e entrou no lugar onde a menina estava deitada. — Tomou-a pela mão e disse-lhe: Talitha cumi, isto é: Minha filha, levantai-vos, eu vo-lo ordeno.

— No mesmo instante a menina levantou-se e começou a andar, porque tinha doze anos; e ficaram maravilhosamente espantados. (São Marcos, cap. V, v. de 21 a 43.)

Filho da viúva de Naim

38. No dia seguinte, Jesus ia a uma cidade chamada Naim, e os seus discípulos acompanhavam-no com uma grande multidão de povo. — Quando

estava perto da porta da cidade, aconteceu que levavam a enterrar um morto, que era filho único da sua mãe, e essa mulher era viúva, e havia com ela grande quantidade de pessoas da cidade. — O Senhor, tendo-a visto, foi tocado de compaixão por ela e disse-lhe: Não choreis. — Depois, aproximando-se, tocou o caixão, e os que o levavam pararam. Então disse: Jovem, levantai-vos, eu vo-lo ordeno. — Ao mesmo tempo o morto sentou-se e começou a falar; e Jesus entregou-o à sua mãe.

Todos os que estavam presentes foram tomados de temor e glorificavam a Deus, dizendo: Um grande profeta apareceu entre nós, e Deus visitou o seu povo. — A notícia desse milagre que ele fizera espalhou-se por toda a Judeia e por todos os países das cercanias. (São Lucas, cap. VII, v. de 11 a 17.)

39 O fato do retorno à vida corporal de um indivíduo realmente morto seria contrário às leis da natureza e, por conseguinte, miraculoso. Ora, não é necessário recorrer a essa ordem de fatos para explicar as ressurreições operadas pelo Cristo.

Se, entre nós, as aparências enganam às vezes os profissionais, os acidentes dessa natureza deviam ser muito mais frequentes num país onde não se tomava nenhuma precaução e onde o sepultamento era imediato (1). Há, pois, toda a probabilidade de que, nos dois exemplos acima, só houvesse síncope ou letargia. O próprio Jesus o diz positivamente da filha de Jairo: Esta menina, diz ele, não está morta; está apenas dormindo.

Dado o poder fluídico que Jesus possuía, nada há de espantoso em que o fluido vivificante, dirigido por uma forte vontade, tenha reanimado os sentidos entorpecidos; que tenha até podido chamar de volta ao corpo o Espírito prestes a deixá-lo, enquanto o laço perispiritual não estava definitivamente rompido. Para os homens daquele tempo, que julgavam o indivíduo

morto desde que não respirava mais, havia ressurreição, e puderam afirmá-lo de muito boa-fé; mas havia na realidade cura, e não ressurreição na acepção da palavra.

(1) ... «Ananias, tendo ouvido essas palavras, caiu e entregou o Espírito; e todos os que ouviram falar disso foram tomados de grande temor. — Logo alguns jovens vieram tomar o seu corpo e, tendo-o levado, enterraram-no. — Cerca de três horas depois, a sua mulher (Safira), que não sabia o que tinha acontecido, entrou. — E Pedro disse-lhe... etc. — No mesmo momento ela caiu aos seus pés e entregou o Espírito. Esses jovens, tendo entrado, encontraram-na morta e, levando-a, enterraram-na junto do seu marido.»

40 A ressurreição de Lázaro, digam o que disserem, de modo algum infirma esse princípio. Estava, diz-se, havia quatro dias no sepulcro; mas sabe-se que há letargias que duram oito dias e mais. Acrescenta-se que cheirava mal, o que é sinal de decomposição. Essa alegação também nada prova, uma vez que, em certos indivíduos, há decomposição parcial do corpo até antes da morte, e que exalam um cheiro de podridão. A morte só chega quando os órgãos essenciais à vida são atacados.

E quem podia saber se ele cheirava mal? É a sua irmã Marta que o diz; mas como o sabia ela? Estando Lázaro enterrado havia quatro dias, ela podia supô-lo, mas não ter a certeza. (Cap. XIV, n.º 29.) (1)

41. Logo Jesus obrigou os seus discípulos a subirem no barco e a passarem antes dele para a outra margem, enquanto ele despedia o povo. — Depois de o ter despedido, subiu sozinho a uma montanha para orar; e, tendo chegado a tarde, encontrou-se sozinho naquele lugar.

Entretanto, o barco era muito batido pelas ondas no meio do mar, porque o vento era contrário. — Mas, na quarta vigília da noite, Jesus veio a eles,

andando sobre o mar. — Quando o viram andar assim sobre o mar, ficaram perturbados e diziam: É um fantasma; e gritaram de medo. — Logo Jesus lhes falou e disse-lhes: Tranquilizai-vos, sou eu, não temais.

Pedro respondeu-lhe: Senhor, se sois vós, mandai que eu vá a vós andando sobre as águas. — Jesus disse-lhe: Vinde. E Pedro, descendo do barco, andava sobre a água para ir a Jesus. Mas, vendo um grande vento, teve medo; e, começando a afundar, gritou: Senhor, salvai-me. — Logo Jesus, estendendo-lhe a mão, tomou-o e disse-lhe: Homem de pouca fé, por que duvidastes? — E, tendo subido ao barco, o vento cessou. — Então os que estavam nesse barco, aproximando-se dele, adoraram-no, dizendo-lhe: Sois verdadeiramente filho de Deus. (São Mateus, cap. XIV, v. de 22 a 33.)

(1) O fato seguinte prova que a decomposição precede às vezes a morte. No convento do Bom Pastor, fundado em Toulon pelo abade Marin, capelão das galés, para as moças arrependidas, encontrava-se uma jovem mulher que suportara os mais terríveis sofrimentos com a calma e a impassibilidade de uma vítima expiatória. No meio das dores, parecia sorrir a uma visão celeste; como santa Teresa, pedia para sofrer ainda; a sua carne caía em farrapos, a gangrena ganhava os seus membros; por uma sábia previdência, os médicos tinham recomendado fazer o sepultamento do corpo imediatamente depois do falecimento. Coisa estranha! Mal ela deu o último suspiro, todo trabalho de decomposição parou; as exalações cadavéricas cessaram; durante trinta e seis horas ela ficou exposta às preces e à veneração da comunidade.

42 Esse fenômeno encontra a sua explicação natural nos princípios expostos acima, cap. XIV, n.º 43.

Exemplos análogos provam que não é nem impossível nem miraculoso,

pois está nas leis da natureza. Pode ter-se produzido de duas maneiras.
Jesus, embora vivo, pôde aparecer sobre a água sob uma forma tangível, enquanto o seu corpo carnal estava noutra parte; é a hipótese mais provável. Podem-se até reconhecer, no relato, certos sinais característicos das aparições tangíveis. (Cap. XIV, n.º 35 e seguintes.)
Por outro lado, o seu corpo poderia ter sido sustentado, e o seu peso neutralizado, pela mesma força fluídica que mantém uma mesa no espaço sem ponto de apoio. O mesmo efeito produziu-se várias vezes em corpos humanos.

43 Seis dias depois, Jesus, tendo tomado Pedro, Tiago e João, levou-os sozinhos consigo a uma alta montanha, à parte, e foi transfigurado diante deles. — E, enquanto fazia a sua prece, o seu rosto pareceu completamente outro; as suas vestes tornaram-se todas brilhantes de luz e brancas como a neve, de sorte que não há lavandeiro na terra que as possa fazer tão brancas. — E viram aparecer Elias e Moisés, que conversavam com Jesus.
Então Pedro disse a Jesus: Mestre, estamos bem aqui; façamos aqui três tendas: uma para vós, uma para Moisés e uma para Elias; — porque não sabia o que dizia, de tão assustado que estava.
Ao mesmo tempo apareceu uma nuvem que os cobriu; e saiu dessa nuvem uma voz que fez ouvir estas palavras: Este é o meu filho bem-amado; escutai-o.
Logo, olhando para todos os lados, já não viram ninguém senão Jesus, que ficara sozinho com eles.
Quando desciam da montanha, mandou-lhes que não falassem a ninguém do que tinham visto, até que o Filho do homem tivesse ressuscitado dentre

os mortos. — E guardaram a coisa em segredo, perguntando-se uns aos outros o que ele queria dizer com estas palavras: Até que o Filho do homem tivesse ressuscitado dentre os mortos. (São Marcos, cap. IX, v. de 1 a 9.)

44 É ainda nas propriedades do fluido perispiritual que se pode encontrar a razão desse fenômeno. A transfiguração, explicada no cap. XIV, n.º 39, é um fato bastante ordinário, que, em consequência da irradiação fluídica, pode modificar a aparência de um indivíduo; mas a pureza do perispírito de Jesus pôde permitir ao seu Espírito dar-lhe um brilho excepcional. Quanto à aparição de Moisés e de Elias, entra inteiramente no caso de todos os fenômenos do mesmo gênero. (Cap. XIV, n.º 35 e seguintes.)

De todas as faculdades que se revelaram em Jesus, não há nenhuma que esteja fora das condições da humanidade e que não se encontre no comum dos homens, porque estão na natureza; mas, pela superioridade da sua essência moral e das suas qualidades fluídicas, atingiam nele proporções acima das do vulgo. Ele nos representava, à parte o seu envoltório carnal, o estado dos Espíritos puros.

45 Um dia, tendo subido num barco com os seus discípulos, disse-lhes: Passemos à outra margem do lago. Partiram, pois. — E, enquanto passavam, adormeceu. — Então um grande turbilhão de vento caiu subitamente sobre o lago, de sorte que, enchendo-se de água o barco, estavam em perigo.

45.2 — Aproximaram-se, pois, dele e despertaram-no, dizendo-lhe: Mestre, perecemos. Jesus, tendo-se levantado, falou com ameaça aos ventos e às ondas agitadas, e eles se acalmaram, e fez-se uma grande calma.

45.3 — Então disse-lhes: Onde está, pois, a vossa fé? Mas eles, cheios de temor e de admiração, diziam uns aos outros: Quem é, pois, este, que manda assim nos ventos e nas ondas, e a quem eles obedecem? (São Lucas,

cap. VIII, v. de 22 a 25.)

46 Ainda não conhecemos bastante os segredos da natureza para afirmar se há, sim ou não, inteligências ocultas que presidem à ação dos elementos. Nessa hipótese, o fenômeno em questão poderia ser resultado de um ato de autoridade sobre essas mesmas inteligências e provaria um poder que não é dado a nenhum homem exercer.

Em todo caso, Jesus, dormindo tranquilamente durante a tempestade, atesta uma segurança que pode explicar-se pelo fato de o seu Espírito ver que não havia nenhum perigo e que a tempestade ia acalmar-se.

47 Esse milagre, mencionado só no Evangelho de são João, é indicado como o primeiro que Jesus fez, e a esse título deveria ter sido tanto mais notado; é preciso que tenha produzido bem pouca sensação, pois nenhum outro evangelista fala dele. Um fato tão extraordinário deveria ter espantado ao mais alto grau os convivas, e sobretudo o dono da casa, que nem sequer parecem ter-se apercebido dele.

Considerado em si mesmo, esse fato tem pouca importância em comparação com os que dão verdadeiramente testemunho das qualidades espirituais de Jesus. Admitindo que as coisas se tenham passado como são relatadas, é notável que seja o único fenômeno desse gênero que ele tenha produzido; era de natureza elevada demais para se prender a efeitos puramente materiais, próprios apenas para excitar a curiosidade da multidão, que o teria assimilado a um mágico; sabia que as coisas úteis lhe conquistariam mais simpatias e lhe trariam mais adeptos do que as que podiam passar por truques de habilidade e não tocavam o coração.

Embora, a rigor, o fato possa explicar-se, até certo ponto, por uma ação fluídica que, como o magnetismo oferece exemplos, teria mudado as proprie-

dades da água, dando-lhe o gosto do vinho, essa hipótese é pouco provável, uma vez que, em tal caso, a água, tendo apenas o gosto do vinho, teria conservado a sua cor, o que não teria deixado de ser notado. É mais racional ver nisso uma dessas parábolas tão frequentes nos ensinos de Jesus, como a do Filho pródigo, a do festim de núpcias e tantas outras. Ele terá feito, durante a refeição, uma alusão ao vinho e à água, de onde terá tirado uma instrução. O que justifica essa opinião são as palavras que lhe dirige a esse respeito o mestre-sala: «Todo homem serve primeiro o bom vinho e, depois que se bebeu muito, serve então o inferior; mas vós guardastes o bom vinho até esta hora.»

48 A multiplicação dos pães é um dos milagres que mais intrigaram os comentadores, ao mesmo tempo que alimentou a verve dos incrédulos. Sem se darem o trabalho de sondar o seu sentido alegórico, estes últimos só viram nela um conto pueril; mas a maior parte das pessoas sérias viu nesse relato, embora sob uma forma diferente da forma ordinária, uma parábola que compara o alimento espiritual da alma ao alimento do corpo.

Pode-se ver nele, entretanto, mais que uma figura, e admitir, de certo ponto de vista, a realidade de um efeito material, sem por isso recorrer ao prodígio. Sabe-se que uma grande preocupação de espírito, a atenção sustentada dada a uma coisa fazem esquecer a fome. Ora, os que seguiam Jesus eram pessoas ávidas de ouvi-lo; não há, pois, nada de espantoso em que, fascinados pela sua palavra e talvez também pela poderosa ação magnética que exercia sobre eles, não tenham sentido a necessidade material de comer.

Jesus, que previa esse resultado, pôde, pois, tranquilizar os seus discípulos dizendo, na linguagem figurada que lhe era habitual, admitindo que se tenham realmente trazido alguns pães, que esses pães bastariam para saciar a

multidão. Ao mesmo tempo dava-lhes uma lição: «Dai-lhes vós mesmos de comer», dizia; ensinava-lhes com isso que também eles podiam alimentar pela palavra.

Assim, ao lado do sentido alegórico moral, pôde produzir-se um efeito fisiológico natural muito conhecido. O prodígio, nesse caso, está no ascendente da palavra de Jesus, bastante poderosa para cativar a atenção de uma multidão imensa a ponto de lhe fazer esquecer de comer. Esse poder moral dá testemunho da superioridade de Jesus muito mais que o fato puramente material da multiplicação dos pães, que deve ser considerado uma alegoria.

Essa explicação encontra-se, aliás, confirmada pelo próprio Jesus nas duas passagens seguintes:

49 O fermento dos fariseus

Ora, os seus discípulos, tendo passado para o outro lado da água, tinham-se esquecido de levar pães. — Jesus disse-lhes: Tende cuidado de vos guardar do fermento dos fariseus e dos saduceus. — Mas eles pensavam e diziam entre si: É porque não trouxemos pães.

Jesus, conhecendo-o, disse-lhes: Homens de pouca fé, por que conversais entre vós por não terdes trazido pães? Ainda não compreendeis, e não vos lembrais de que cinco pães bastaram para cinco mil homens, e quantos cestos levastes deles? — E de que sete pães bastaram para quatro mil homens, e quantas cestas levastes deles? — Como não compreendeis que não era de pão que eu vos falava, quando vos disse que vos guardásseis do fermento dos fariseus e dos saduceus?

Então compreenderam que ele não lhes tinha dito que se guardassem do fermento que se põe no pão, mas da doutrina dos fariseus e dos saduceus. (São Mateus, cap. XVI, v. de 5 a 12.)

50 No dia seguinte, o povo, que ficara do outro lado do mar, notou que não houvera ali outro barco e que Jesus não entrara nele com os seus discípulos, mas que só os discípulos tinham partido; — e, como tinham chegado depois outros barcos de Tiberíades, perto do lugar onde o Senhor, depois de ter dado graças, os alimentara com cinco pães; — e, como reconheceram enfim que Jesus não estava ali, nem os seus discípulos, entraram nesses barcos e vieram a Cafarnaum procurar Jesus. — E, tendo-o encontrado do outro lado do mar, disseram-lhe: Mestre, quando viestes para aqui?

Jesus respondeu-lhes: Em verdade, em verdade vos digo, vós me procurais não por causa dos milagres que vistes, mas porque vos dei pão para comer e ficastes saciados. — Trabalhai para ter não o alimento que perece, mas o que permanece para a vida eterna, e que o Filho do homem vos dará, porque foi nele que Deus Pai imprimiu o seu selo e o seu caráter.

Disseram-lhe: Que faremos para fazer obras de Deus? — Jesus respondeu-lhes: A obra de Deus é que creiais naquele que ele enviou.

Disseram-lhe: Que milagre fazeis, então, para que, vendo-o, creiamos em vós? Que fazeis de extraordinário? —

Os nossos pais comeram o maná no deserto, segundo o que está escrito: Deu-lhes a comer o pão do céu.

Jesus respondeu-lhes: Em verdade, em verdade vos digo, Moisés não vos deu o pão do céu; mas é meu Pai que vos dá o verdadeiro pão do céu. — Porque o pão de Deus é aquele que desceu do céu e que dá a vida ao mundo.

Disseram-lhe, pois: Senhor, dai-nos sempre desse pão.
Jesus respondeu-lhes: Eu sou o pão da vida; aquele que vem a mim não terá fome, e aquele que crê em mim nunca terá sede. — Mas já vo-lo disse: vós me vistes e não credes.
Em verdade, em verdade vos digo, aquele que crê em mim tem a vida eterna. — Eu sou o pão da vida. — Os vossos pais comeram o maná no deserto e morreram. — Mas eis o pão que desceu do céu, a fim de que aquele que dele comer não morra. (São João, cap. VI, v. de 22 a 36 e de 47 a 50.)

51 Na primeira passagem, Jesus, lembrando o efeito produzido anteriormente, dá claramente a entender que não se tratara de pães materiais; de outro modo, a comparação que estabelece com o fermento dos fariseus teria sido sem objeto. «Ainda não compreendeis, diz ele, e não vos lembrais de que cinco pães bastaram para cinco mil homens, e que sete pães bastaram para quatro mil homens? Como não compreendeis que não era de pão que eu vos falava, quando vos disse que vos guardásseis do fermento dos fariseus?» Essa aproximação não tinha nenhuma razão de ser na hipótese de uma multiplicação material. O fato teria sido bastante extraordinário em si mesmo para ter impressionado a imaginação dos seus discípulos, que, entretanto, não pareciam lembrar-se dele.
É o que ressalta não menos claramente do discurso de Jesus sobre o pão do céu, no qual se empenha em fazer compreender o verdadeiro sentido do alimento espiritual.
«Trabalhai, diz ele, não para ter o alimento que perece, mas o que permanece para a vida eterna, e que o Filho do homem vos dará.» Esse alimento é a sua palavra, que é o pão descido do céu e que dá a vida ao mundo. «Eu sou, diz ele, o pão da vida; aquele que vem a mim não terá fome, e aquele

que crê em mim nunca terá sede.»

Mas essas distinções eram sutis demais para essas naturezas rudes, que só compreendiam as coisas tangíveis. O maná que alimentara o corpo dos seus antepassados era para eles o verdadeiro pão do céu; aí estava o milagre. Se, pois, o fato da multiplicação dos pães tivesse ocorrido materialmente, como esses mesmos homens, em cujo proveito se teria produzido poucos dias antes, teriam ficado tão pouco impressionados com ele para dizerem a Jesus: «Que milagre fazeis, então, para que, vendo-o, creiamos em vós? Que fazeis de extraordinário?» É que entendiam por milagres os prodígios que os fariseus pediam, isto é, sinais no céu operados por ordem, como pela varinha de um encantador. O que Jesus fazia era simples demais e não se afastava bastante das leis da natureza; as próprias curas não tinham um caráter bastante estranho, bastante extraordinário; os milagres espirituais não tinham corpo bastante para eles.

52 Jesus transportado pelo diabo ao alto do Templo, depois a uma montanha, e tentado por ele, é uma dessas parábolas que lhe eram tão familiares e que a credulidade pública transformou em fatos materiais.

53 «Jesus não foi arrebatado, mas queria fazer compreender aos homens que a humanidade está sujeita a falir e que deve estar sempre em guarda contra as más inspirações, às quais a sua natureza fraca a leva a ceder. A tentação de Jesus é, pois, uma figura, e seria preciso ser cego para tomá-la ao pé da letra. Como quereríeis que o Messias, o Verbo de Deus encarnado, tivesse sido submetido por um tempo, por mais curto que fosse, às sugestões do demônio, e que, como diz o Evangelho de Lucas, o demônio o tivesse deixado por um tempo, o que daria a pensar que ainda estaria submetido ao seu poder? Não; compreendei melhor os ensinos que vos foram dados.

O Espírito do mal nada podia sobre a essência do bem. Ninguém diz ter visto Jesus na montanha nem no alto do Templo; certamente teria sido um fato de natureza a espalhar-se entre todos os povos. A tentação não foi, pois, um ato material e físico. Quanto ao ato moral, podeis admitir que o Espírito das trevas pudesse dizer àquele que conhecia a sua origem e o seu poder: "Adora-me, e eu te darei todos os reinos da terra"? O demônio teria, pois, ignorado quem era aquele a quem fazia tais ofertas, o que não é provável; se o conhecia, a sua proposta era um contrassenso, porque sabia bem que seria repelido por aquele que vinha arruinar o seu império sobre os homens.

«Compreendei, pois, o sentido dessa parábola, porque é uma, tanto quanto as do Filho pródigo e do Bom samaritano. Uma nos mostra os perigos que os homens correm se não resistem a essa voz íntima que lhes grita sem cessar: "Podes ser mais do que és; podes possuir mais do que possuis; podes crescer, adquirir; cede à voz da ambição, e todos os teus desejos serão satisfeitos." Ela vos mostra o perigo e o meio de evitá-lo, dizendo às más inspirações: Retira-te, Satanás! ou, por outras palavras: Para trás, tentação!

«Pesai bem os ensinos dados nos Evangelhos; sabei distinguir o que está no sentido próprio ou no sentido figurado, e os erros que vos cegaram durante tantos séculos se apagarão pouco a pouco, para dar lugar à brilhante luz da verdade.» (Bordéus, 1862. João Evangelista.)

54 Prodígios na morte de Jesus

Ora, desde a sexta hora do dia até a nona, toda a terra foi coberta de trevas. Ao mesmo tempo o véu do Templo rasgou-se em dois, de alto a baixo; a terra tremeu, as pedras fenderam-se; — os sepulcros abriram-se, e vários

corpos dos santos, que estavam no sono da morte, ressuscitaram; — e, saindo dos seus túmulos depois da sua ressurreição, vieram à cidade santa e foram vistos por várias pessoas. (São Mateus, cap. XXVII, v. 45, 51, 52, 53.)

55 É estranho que tais prodígios, cumprindo-se no próprio momento em que a atenção da cidade estava fixada no suplício de Jesus, que era o acontecimento do dia, não tenham sido notados, pois nenhum historiador faz menção deles. Parece impossível que um terremoto, e toda a terra coberta de trevas durante três horas, num país onde o céu é sempre de uma limpidez perfeita, tenham podido passar despercebidos.

A duração dessa obscuridade é bem mais ou menos a de um eclipse do sol, mas essas espécies de eclipses só se produzem na lua nova, e a morte de Jesus deu-se durante a lua cheia, no dia 14 do mês de nissan, dia da Páscoa dos judeus.

O obscurecimento do sol pode também ser produzido pelas manchas que se notam na sua superfície. Em tal caso, o brilho da luz é sensivelmente enfraquecido, mas nunca a ponto de produzir a obscuridade e as trevas. Supondo que um fenômeno desse gênero tenha ocorrido nessa época, teria tido uma causa perfeitamente natural (1).

Quanto aos mortos ressuscitados, pode ser que algumas pessoas tenham tido visões ou aparições, o que não é excepcional; mas, como então não se conhecia a causa desse fenômeno, imaginava-se que os indivíduos aparecidos saíam do sepulcro.

Os discípulos de Jesus, comovidos com a morte do seu mestre, ligaram a ela sem dúvida alguns fatos particulares, aos quais não teriam prestado nenhuma atenção em outros tempos. Terá bastado que um fragmento de rochedo se tenha desprendido nesse momento para que pessoas predispostas

ao maravilhoso tenham visto nisso um prodígio e que, ampliando o fato, tenham dito que as pedras se tinham fendido.

Jesus é grande pelas suas obras, e não pelos quadros fantásticos com que um entusiasmo pouco esclarecido julgou dever cercá-lo.

(1) Há constantemente na superfície do sol manchas fixas, que seguem o seu movimento de rotação e serviram para determinar a sua duração. Mas essas manchas aumentam às vezes em número, em extensão e em intensidade, e é então que se produz uma diminuição na luz e no calor. Esse aumento no número das manchas parece coincidir com certos fenômenos astronômicos e com a posição relativa de alguns planetas, o que acarreta o seu retorno periódico. A duração desse obscurecimento é muito variável; às vezes é apenas de duas ou três horas; mas, em 535, houve um que durou catorze meses.

56 Mas Maria (Madalena) ficou do lado de fora, perto do sepulcro, derramando lágrimas. E, enquanto chorava, tendo-se inclinado para olhar no sepulcro, — viu dois anjos vestidos de branco, sentados no lugar onde estivera o corpo de Jesus, um à cabeça e outro aos pés. — Disseram-lhe: Mulher, por que chorais? Ela respondeu-lhes: É que levaram o meu Senhor, e não sei onde o puseram.

Tendo dito isso, voltou-se e viu Jesus de pé, sem saber, contudo, que era Jesus. — Então Jesus disse-lhe: Mulher, por que chorais? A quem procurais? Ela, pensando que fosse o jardineiro, disse-lhe: Senhor, se fostes vós que o levastes, dizei-me onde o pusestes, e eu o levarei.

Jesus disse-lhe: Maria. Logo ela se voltou e disse-lhe: Rabôni, isto é, meu Mestre. — Jesus respondeu-lhe: Não me toqueis, porque ainda não subi para meu Pai; mas ide ter com os meus irmãos e dizei-lhes da minha parte:

Subo para meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus.
Maria Madalena veio, pois, dizer aos discípulos que vira o Senhor e que ele lhe dissera essas coisas. (São João, cap. XX, v. de 11 a 18.)
57. Nesse mesmo dia, dois dentre eles iam a uma aldeia chamada Emaús, distante sessenta estádios de Jerusalém, — falando juntos de tudo o que se passara. — E aconteceu que, enquanto conversavam e conferenciavam juntos sobre isso, o próprio Jesus veio juntar-se a eles e pôs-se a andar com eles; — mas os seus olhos estavam retidos, para que não pudessem reconhecê-lo. — E disse-lhes: De que falais assim, andando, e por que estais tão tristes?
Um deles, chamado Cléofas, tomando a palavra, disse-lhe: Sois vós o único estrangeiro em Jerusalém que não saiba o que nela se passou nestes dias? — E o quê? disse-lhes. Responderam-lhe: Acerca de Jesus de Nazaré, que foi um profeta poderoso diante de Deus e de todo o povo; — e de que maneira os príncipes dos sacerdotes e os nossos senadores o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram. — Ora, esperávamos que fosse ele quem resgataria Israel, e, entretanto, depois de tudo isso, eis o terceiro dia que essas coisas se passaram. — É verdade que algumas mulheres das que estavam conosco nos espantaram; porque, tendo ido antes do dia ao seu sepulcro, — e não tendo encontrado ali o seu corpo, vieram dizer que até anjos lhes apareceram, que lhes disseram que ele está vivo. — E alguns dos nossos, tendo ido também ao sepulcro, encontraram todas as coisas como as mulheres lhes tinham contado; mas a ele não o encontraram.
Então disse-lhes: Ó insensatos, cujo coração é tardio para crer tudo o que os profetas disseram! Não era preciso que o Cristo sofresse todas essas coisas e que entrasse assim na sua glória? — E, começando por Moisés e depois por todos os profetas, explicava-lhes em todas as Escrituras o que fora dito dele.
Quando estavam perto da aldeia aonde iam, fez menção de ir mais longe.

— Mas eles obrigaram-no a ficar, dizendo-lhe: Ficai conosco, porque é tarde e o dia já declina; e entrou com eles. — Estando com eles à mesa, tomou o pão e abençoou-o, e, tendo-o partido, deu-lho. — Ao mesmo tempo os seus olhos abriram-se, e reconheceram-no; mas ele desapareceu de diante dos seus olhos.

Então disseram um ao outro: Não é verdade que o nosso coração ardia dentro de nós, quando ele nos falava no caminho e nos explicava as Escrituras? — E, levantando-se na mesma hora, voltaram a Jerusalém e encontraram reunidos os onze apóstolos e os que estavam com eles, — que diziam: O Senhor ressuscitou verdadeiramente e apareceu a Simão. — Então contaram também eles o que lhes acontecera no caminho, e como o tinham reconhecido ao partir o pão.

Enquanto assim conversavam, Jesus apresentou-se no meio deles e disse-lhes: A paz esteja convosco; sou eu; não tenhais medo. — Mas, na perturbação e no temor de que estavam tomados, imaginaram ver um Espírito.

E Jesus disse-lhes: Por que vos perturbais? E por que se levantam tantos pensamentos nos vossos corações? — Olhai as minhas mãos e os meus pés, e reconhecei que sou eu mesmo; tocai-me e considerai que um Espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho. — Depois de ter dito isso, mostrou-lhes as mãos e os pés.

Mas, como ainda não criam, de tão transportados que estavam de alegria e de admiração, disse-lhes: Tendes aqui alguma coisa para comer? — Apresentaram-lhe um pedaço de peixe assado e um favo de mel. — Ele comeu diante deles e, tomando o que sobrou, deu-lho e disse-lhes: Eis o que eu vos dizia quando ainda estava convosco: que era necessário que se cumprisse tudo o que está escrito de mim na lei de Moisés, nos profetas e nos Salmos.

Ao mesmo tempo abriu-lhes o espírito, para que entendessem as Escritu-

ras; — e disse-lhes: Assim está escrito, e assim era preciso que o Cristo sofresse e ressuscitasse dentre os mortos ao terceiro dia; — e que se pregasse em seu nome a penitência e a remissão dos pecados em todas as nações, começando por Jerusalém. — Ora, vós sois testemunhas dessas coisas. — E vou enviar-vos o dom de meu Pai, que vos foi prometido; mas, entretanto, ficai na cidade até que sejais revestidos da força do alto. (São Lucas, cap. XXIV, v. de 13 a 49.)

58 Ora, Tomé, um dos doze apóstolos, chamado Dídimo, não estava com eles quando Jesus veio. — Os outros discípulos disseram-lhe, pois: Vimos o Senhor. Mas ele disse-lhes: Se eu não vir nas suas mãos a marca dos cravos que as perfuraram, e se não puser o meu dedo no buraco dos cravos e a minha mão na chaga do seu lado, não crerei.
Oito dias depois, estando os discípulos ainda no mesmo lugar, e Tomé com eles, Jesus veio, estando as portas fechadas, e pôs-se no meio deles e disse-lhes: A paz esteja convosco.
Disse em seguida a Tomé: Ponde aqui o vosso dedo e considerai as minhas mãos; aproximai também a vossa mão e ponde-a no meu lado; e não sejais incrédulo, mas fiel. — Tomé respondeu-lhe e disse-lhe: Meu Senhor e meu Deus! — Jesus disse-lhe: Crestes, Tomé, porque vistes; felizes os que creram sem terem visto! (São João, cap. XX, v. de 20 a 29.)

59 Jesus fez-se ver ainda depois aos seus discípulos à beira do mar de Tiberíades, e fez-se ver desta maneira:
Simão Pedro e Tomé, chamado Dídimo, Natanael, que era de Caná da Galileia, os filhos de Zebedeu e outros dois dos seus discípulos estavam juntos. — Simão Pedro disse-lhes: Vou pescar. Disseram-lhe: Vamos também contigo. Foram, pois, e entraram num barco; mas naquela noite nada apa-

nharam.

Tendo chegado a manhã, Jesus apareceu na praia, sem que os seus discípulos soubessem que era Jesus. — Jesus disse-lhes, pois: Filhos, não tendes nada para comer? Responderam-lhe: Não. — Disse-lhes: Lançai a rede do lado direito do barco, e encontrareis. Lançaram-na logo, e já não podiam retirá-la, de tão carregada de peixes que estava.

Então o discípulo que Jesus amava disse a Pedro: É o Senhor. E Simão Pedro, tendo sabido que era o Senhor, vestiu a sua roupa (porque estava nu) e lançou-se ao mar. — Os outros discípulos vieram com o barco; e, como só estavam afastados da terra cerca de duzentos côvados, puxaram para ela a rede cheia de peixes. (São João, cap. XXI, v. de 1 a 8.)

60 Depois disso, levou-os para fora, para Betânia; e, tendo levantado as mãos, abençoou-os; — e, enquanto os abençoava, separou-se deles e foi elevado ao céu.

Quanto a eles, depois de o terem adorado, voltaram a Jerusalém cheios de alegria; — e estavam sem cessar no Templo, louvando e bendizendo a Deus. Amém. (São Lucas, cap. XXIV, v. de 50 a 53.)

61 As aparições de Jesus depois da sua morte são relatadas por todos os evangelistas com pormenores circunstanciados, que não permitem duvidar da realidade do fato. Explicam-se, aliás, perfeitamente pelas leis fluídicas e pelas propriedades do perispírito, e nada apresentam de anormal em relação aos fenômenos do mesmo gênero, de que a história antiga e contemporânea oferece numerosos exemplos, sem excetuar a tangibilidade. Se se observam as circunstâncias que acompanharam as suas diversas aparições, reconhecem-se nele, nesses momentos, todos os caracteres de um ser fluídico. Aparece inopinadamente e desaparece da mesma forma; é visto por uns e

não por outros, sob aparências que não o fazem reconhecer nem pelos seus discípulos; mostra-se em lugares fechados onde um corpo carnal não poderia ter penetrado; a sua própria linguagem não tem a verve da de um ser corporal; tem o tom breve e sentencioso próprio dos Espíritos que se manifestam dessa maneira; todos os seus modos, numa palavra, têm algo que não é do mundo terrestre. A sua vista causa ao mesmo tempo surpresa e temor; os seus discípulos, vendo-o, não lhe falam com a mesma liberdade; sentem que já não é o homem.

Jesus mostrou-se, pois, com o seu corpo perispiritual, o que explica que só tenha sido visto por aqueles a quem quis fazer-se ver; se tivesse tido o seu corpo carnal, teria sido visto pelo primeiro que aparecesse, como em vida. Os seus discípulos, ignorando a causa primeira do fenômeno das aparições, não se davam conta dessas particularidades, que provavelmente não notavam; viam Jesus e tocavam-no; para eles, devia ser o seu corpo ressuscitado. (Cap. XIV, n.º 14, e de 35 a 38.)

62 Enquanto a incredulidade rejeita todos os fatos realizados por Jesus que têm uma aparência sobrenatural e os considera, sem exceção, lendários, o Espiritismo dá da maior parte desses fatos uma explicação natural; prova a sua possibilidade, não só pela teoria das leis fluídicas, mas pela sua identidade com os fatos análogos produzidos por uma multidão de pessoas nas condições mais vulgares. Já que esses fatos estão de certo modo no domínio público, nada provam, em princípio, acerca da natureza excepcional de Jesus (1).

(1) Os numerosos fatos contemporâneos de curas, aparições, possessões, dupla vista e outros, que são relatados na Revista Espírita e lembrados nas notas acima, oferecem, até nas circunstâncias de pormenor, uma analogia

tão impressionante com os que o Evangelho relata que a semelhança dos efeitos e das causas permanece evidente. Pergunta-se, pois, por que o mesmo fato teria uma causa natural hoje e sobrenatural outrora, diabólica em uns e divina em outros. Se tivesse sido possível pô-los aqui uns diante dos outros, a comparação teria sido mais fácil; mas o seu número e os desenvolvimentos que a maior parte exige não o permitiram.

63 O maior dos milagres que Jesus fez, aquele que atesta verdadeiramente a sua superioridade, é a revolução que os seus ensinos operaram no mundo, apesar da exiguidade dos seus meios de ação.

Com efeito, Jesus, obscuro, pobre, nascido na condição mais humilde, num pequeno povo quase ignorado e sem preponderância política, artística ou literária, só prega três anos; durante esse curto espaço de tempo, é desconhecido e perseguido pelos seus concidadãos, caluniado, tratado de impostor; é obrigado a fugir para não ser apedrejado; é traído por um dos seus apóstolos, negado por outro, abandonado por todos no momento em que cai nas mãos dos seus inimigos. Só fazia o bem, e isso não o punha ao abrigo da malevolência, que voltava contra ele os próprios serviços que prestava. Condenado ao suplício reservado aos criminosos, morre ignorado do mundo, porque a história contemporânea se cala a seu respeito. Nada escreveu e, no entanto, ajudado por alguns homens obscuros como ele, a sua palavra bastou para regenerar o mundo; a sua doutrina matou o paganismo onipotente e tornou-se o facho da civilização. Tinha, pois, contra si tudo o que pode fazer fracassar os homens; é por isso que dizemos que o triunfo da sua doutrina é o maior dos seus milagres, ao mesmo tempo que ela prova a sua missão divina. Se, em vez de princípios sociais e regenerado-

res, fundados no futuro espiritual do homem, só tivesse tido a oferecer à posteridade alguns fatos maravilhosos, talvez hoje mal o conhecessem pelo nome.

64 O desaparecimento do corpo de Jesus depois da sua morte foi objeto de numerosos comentários; é atestado pelos quatro evangelistas, segundo o relato das mulheres que se apresentaram ao sepulcro no terceiro dia e não o encontraram ali. Uns viram nesse desaparecimento um fato miraculoso; outros supuseram um roubo clandestino.

Segundo outra opinião, Jesus não teria revestido um corpo carnal, mas somente um corpo fluídico; não teria sido, durante toda a sua vida, senão uma aparição tangível, numa palavra, uma espécie de agênere. O seu nascimento, a sua morte e todos os atos materiais da sua vida teriam sido apenas aparência. Foi assim, dizem, que o seu corpo, voltando ao estado fluido, pôde desaparecer do sepulcro, e foi com esse mesmo corpo que se teria mostrado depois da sua morte.

Sem dúvida, semelhante fato não é radicalmente impossível, segundo o que se sabe hoje sobre as propriedades dos fluidos; mas seria pelo menos inteiramente excepcional e em oposição formal com o caráter dos agêneres (cap. XIV, n.º 36). A questão é, pois, saber se tal hipótese é admissível, se é confirmada ou contraditada pelos fatos.

65 A permanência de Jesus na Terra apresenta dois períodos: o que precedeu e o que se seguiu à sua morte. No primeiro, desde o momento da concepção até o nascimento, tudo se passa, na mãe, como nas condições ordinárias da vida. Desde o seu nascimento até a sua morte, tudo, nos seus atos, na sua linguagem e nas diversas circunstâncias da sua vida, apresenta os caracteres inequívocos da corporeidade. Os fenômenos de ordem psíquica

que se produzem nele são acidentais e nada têm de anormal, pois se explicam pelas propriedades do perispírito e se encontram em diferentes graus em outros indivíduos. Depois da sua morte, ao contrário, tudo nele revela o ser fluídico. A diferença entre os dois estados é tão marcada que não é possível assimilá-los.

O corpo carnal tem as propriedades inerentes à matéria propriamente dita, que diferem essencialmente das dos fluidos etéreos; a desorganização opera-se nele pela ruptura da coesão molecular. Um instrumento cortante, penetrando no corpo material, divide os seus tecidos; se os órgãos essenciais à vida são atacados, o seu funcionamento para, e segue-se a morte, isto é, a morte do corpo. Não existindo essa coesão nos corpos fluídicos, a vida não repousa no funcionamento de órgãos especiais, e não podem produzir-se neles desordens análogas; um instrumento cortante, ou qualquer outro, penetra neles como num vapor, sem ocasionar nenhuma lesão. Eis por que essas espécies de corpos não podem morrer, e por que os seres fluídicos designados pelo nome de agêneres não podem ser mortos.

Depois do suplício de Jesus, o seu corpo ficou ali, inerte e sem vida; foi sepultado como os corpos ordinários, e cada um pôde vê-lo e tocá-lo. Depois da sua ressurreição, quando quer deixar a Terra, não morre; o seu corpo eleva-se, esvaece-se e desaparece sem deixar nenhum vestígio, prova evidente de que esse corpo era de outra natureza que o que pereceu na cruz; de onde se deve concluir que, se Jesus pôde morrer, é que tinha um corpo carnal.

Em consequência das suas propriedades materiais, o corpo carnal é a sede das sensações e das dores físicas, que repercutem no centro sensitivo ou Espírito. Não é o corpo que sofre; é o Espírito que recebe o contragolpe das lesões ou alterações dos tecidos orgânicos. Num corpo privado do Espírito,

a sensação é absolutamente nula; pela mesma razão, o Espírito, que não tem corpo material, não pode sentir os sofrimentos que resultam da alteração da matéria; de onde se deve igualmente concluir que, se Jesus sofreu materialmente, como não se poderia duvidar, é que tinha um corpo material de natureza semelhante à do corpo de todo o mundo.

66 Aos fatos materiais vêm juntar-se considerações morais todo-poderosas. Se Jesus tivesse estado, durante a sua vida, nas condições dos seres fluídicos, não teria sentido nem a dor nem nenhuma das necessidades do corpo; supor que assim foi é tirar-lhe todo o mérito da vida de privações e de sofrimentos que escolhera como exemplo de resignação. Se tudo nele fosse apenas aparência, todos os atos da sua vida, o anúncio reiterado da sua morte, a cena dolorosa do jardim das Oliveiras, a sua prece a Deus para afastar o cálice dos seus lábios, a sua paixão, a sua agonia, tudo, até o seu último grito no momento de entregar o Espírito, teria sido apenas um vão simulacro para enganar sobre a sua natureza e fazer crer no sacrifício ilusório da sua vida, uma comédia indigna de um simples homem honesto, e com mais forte razão de um ser tão superior; numa palavra, teria abusado da boa-fé dos seus contemporâneos e da posteridade. Tais são as consequências lógicas desse sistema, consequências que não são admissíveis, porque é rebaixá-lo moralmente, em vez de elevá-lo.

Jesus teve, pois, como todo o mundo, um corpo carnal e um corpo fluídico, o que atestam os fenômenos materiais e os fenômenos psíquicos que assinalaram a sua vida.

67 Em que se tornou o corpo carnal? É um problema cuja solução só se pode deduzir, até nova ordem, por hipóteses, por falta de elementos suficientes para assentar uma convicção. Essa solução, aliás, é de importância se-

cundária e nada acrescentaria aos méritos do Cristo, nem aos fatos que atestam, de maneira muito mais peremptória, a sua superioridade e a sua missão divina.

Só pode haver, pois, sobre a maneira como esse desaparecimento se operou, opiniões pessoais, que só teriam valor na medida em que fossem sancionadas por uma lógica rigorosa e pelo ensino geral dos Espíritos; ora, até agora, nenhuma das que foram formuladas recebeu a sanção desse duplo controle.

Se os Espíritos ainda não resolveram a questão pela unanimidade do seu ensino, é sem dúvida que o momento de resolvê-la ainda não chegou, ou que ainda faltam os conhecimentos com o auxílio dos quais se poderá resolvê-la por si mesmo. Enquanto isso, se se afasta a suposição de um roubo clandestino, poder-se-ia encontrar, por analogia, uma explicação provável na teoria do duplo fenômeno dos transportes e da invisibilidade. (O Livro dos Médiuns, cap. IV e V.)

68 Essa ideia sobre a natureza do corpo de Jesus não é nova. No século IV, Apolinário de Laodiceia, chefe da seita dos apolinaristas, pretendia que Jesus não tomara um corpo como o nosso, mas um corpo impassível, que descera do céu ao seio da santa Virgem e não nascera dela; que assim Jesus só nascera, sofrera e morrera em aparência. Os apolinaristas foram anatematizados no concílio de Alexandria em 360, no de Roma em 374 e no de Constantinopla em 381.

Une Sacra · edição 1.8 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XVI. TEORIA DA PRESCIÊNCIA

✦

1 Como é possível o conhecimento do futuro? Compreende-se a previsão dos acontecimentos que são consequência do estado presente, mas não a dos que não têm com ele nenhuma relação, e menos ainda a dos que se atribuem ao acaso. As coisas futuras, diz-se, não existem; estão ainda no nada; como, então, saber que acontecerão? Os exemplos de predições realizadas são, entretanto, bastante numerosos, de onde se deve concluir que se passa aí um fenômeno de que não se tem a chave, porque não há efeito sem causa; é essa causa que vamos tentar procurar, e é ainda o Espiritismo, chave ele mesmo de tantos mistérios, que no-la fornecerá e que, além disso, nos mostrará que o próprio fato das predições não sai das leis naturais.
Tomemos, como comparação, um exemplo nas coisas usuais, que ajudará a fazer compreender o princípio que teremos de desenvolver.

2 Suponhamos um homem colocado numa alta montanha e considerando a vasta extensão da planície. Nessa situação, o espaço de uma légua será pouca coisa, e ele poderá facilmente abarcar com um só golpe de vista todos os acidentes do terreno, desde o começo até o fim da estrada.

2.2 O viajante que segue essa estrada pela primeira vez sabe que, andando, chegará ao fim: é uma simples previsão da consequência da sua marcha; mas os acidentes do terreno, as subidas e as descidas, os rios a transpor, os bosques a atravessar, os precipícios onde pode cair, os ladrões postados para despojá-lo, as casas hospitaleiras onde poderá descansar, tudo isso é independente da sua pessoa: é para ele o desconhecido, o futuro, porque a sua vista não se estende além do pequeno círculo que o cerca.

2.3 Quanto à duração, mede-a pelo tempo que leva para percorrer o caminho; tirai-lhe os pontos de referência, e a duração apaga-se. Para o homem que está na montanha e segue com os olhos o viajante, tudo isso é o presente.

2.4 Suponhamos que esse homem desça para junto do viajante e lhe diga: «Em tal momento encontrareis tal coisa, sereis atacado e socorrido»; ele lhe predirá o futuro; o futuro é para o viajante; para o homem da montanha, esse futuro é o presente.

3 Se sairmos agora do círculo das coisas puramente materiais e entrarmos, pelo pensamento, no domínio da vida espiritual, veremos esse fenômeno produzir-se numa escala maior. Os Espíritos desmaterializados são como o homem da montanha: o espaço e a duração apagam-se para eles. Mas a extensão e a penetração da sua vista são proporcionais à sua depuração e à sua elevação na hierarquia espiritual; são, em relação aos Espíritos inferiores, como o homem armado de um poderoso telescópio ao lado daquele que só tem os seus olhos. Nestes últimos, a vista é circunscrita, não só porque só dificilmente podem afastar-se do globo a que estão presos, mas porque a grosseria do seu perispírito vela as coisas afastadas, como o faz um nevoeiro para os olhos do corpo.

Compreende-se, pois, que, segundo o grau de perfeição, um Espírito possa abarcar um período de alguns anos, de alguns séculos e até de vários milhares de anos, porque que é um século em presença do infinito? Os acontecimentos não se desenrolam sucessivamente diante dele, como os incidentes da estrada do viajante: vê simultaneamente o começo e o fim do período; todos os acontecimentos que, nesse período, são o futuro para o homem da Terra são para ele o presente. Poderia, pois, vir dizer-nos com certeza: Tal

coisa acontecerá em tal época, porque vê essa coisa como o homem da montanha vê o que espera o viajante na estrada; se não o faz, é porque o conhecimento do futuro seria nocivo ao homem: entravaria o seu livre-arbítrio, paralisá-lo-ia no trabalho que deve realizar para o seu progresso; o bem e o mal que o esperam, estando no desconhecido, são para ele a prova.
Se tal faculdade, mesmo restrita, pode estar nos atributos da criatura, a que grau de poder não deve elevar-se no Criador, que abarca o infinito? Para ele, o tempo não existe: o começo e o fim dos mundos são o presente. Nesse imenso panorama, que é a duração da vida de um homem, de uma geração, de um povo?

4 Entretanto, como o homem deve concorrer para o progresso geral, e como certos acontecimentos devem resultar da sua cooperação, pode ser útil, em certos casos, que seja prevenido sobre esses acontecimentos, a fim de que lhes prepare os caminhos e se mantenha pronto para agir quando chegar o momento; é por isso que Deus permite às vezes que se levante um canto do véu; mas é sempre com um fim útil, e nunca para satisfazer uma vã curiosidade. Essa missão pode, pois, ser dada, não a todos os Espíritos, pois há os que não conhecem o futuro melhor que os homens, mas a alguns Espíritos suficientemente adiantados para isso; ora, é de notar que essas espécies de revelações são sempre feitas espontaneamente, e nunca, ou pelo menos muito raramente, em resposta a um pedido direto.

5 Essa missão pode igualmente ser atribuída a certos homens, e eis de que maneira:
Aquele a quem é confiado o cuidado de revelar uma coisa oculta pode receber, sem o saber, a inspiração dos Espíritos que a conhecem, e então transmite-a maquinalmente, sem se dar conta disso. Sabe-se, ademais, que, seja

durante o sono, seja no estado de vigília, nos êxtases da dupla vista, a alma se desprende e possui, em grau maior ou menor, as faculdades do Espírito livre. Se é um Espírito adiantado, se recebeu sobretudo, como os profetas, uma missão especial para esse fim, goza, nos momentos de emancipação da alma, da faculdade de abarcar por si mesmo um período mais ou menos extenso, e vê como presentes os acontecimentos desse período. Pode então revelá-los no mesmo instante, ou conservar a sua lembrança ao despertar. Se esses acontecimentos devem permanecer em segredo, perderá a sua lembrança, ou só lhe restará deles uma vaga intuição, suficiente para guiá-lo instintivamente.

É assim que se vê essa faculdade desenvolver-se providencialmente em certas ocasiões, nos perigos iminentes, nas grandes calamidades, nas revoluções, e que a maior parte das seitas perseguidas tiveram numerosos videntes; é ainda assim que se veem grandes capitães marcharem resolutamente contra o inimigo, com a certeza da vitória; homens de gênio, como Cristóvão Colombo, por exemplo, perseguirem um fim predizendo, por assim dizer, o momento em que o atingirão: é que viram esse fim, que não é o desconhecido para o seu Espírito.

O dom de predição não é, pois, mais sobrenatural que uma multidão de outros fenômenos; repousa nas propriedades da alma e na lei das relações do mundo visível e do mundo invisível, que o Espiritismo vem dar a conhecer. Mas como admitir a existência de um mundo invisível, se não se admite a alma, ou se se admite sem individualidade depois da morte? O incrédulo que nega a presciência é consequente consigo mesmo; resta saber se ele mesmo é consequente com a lei natural.

6 Essa teoria da presciência talvez não resolva de maneira absoluta todos os casos que pode apresentar a revelação do futuro, mas não se pode deixar de convir que estabelece o seu princípio fundamental.

6.2 Se não se pode explicar tudo, é pela dificuldade, para o homem, de se colocar nesse ponto de vista extraterrestre; pela sua própria inferioridade, o seu pensamento, incessantemente reconduzido ao caminho da vida material, é muitas vezes impotente para se desprender do solo.

6.3 A esse respeito, certos homens são como as aves novas, cujas asas, fracas demais, não lhes permitem elevar-se no ar, ou como aqueles cuja vista é curta demais para ver ao longe, ou, enfim, como aqueles a quem falta um sentido para certas percepções.

7 Para compreender as coisas espirituais, isto é, para fazer delas uma ideia tão nítida quanto a que fazemos de uma paisagem que está diante dos nossos olhos, falta-nos verdadeiramente um sentido, exatamente como ao cego falta o sentido necessário para compreender os efeitos da luz, das cores e da visão sem o contato. Por isso só chegamos a ela por um esforço da imaginação e com o auxílio de comparações tiradas das coisas que nos são familiares. Mas coisas materiais só podem dar ideias muito imperfeitas das coisas espirituais; é por isso que não se deveriam tomar essas comparações ao pé da letra e julgar, por exemplo, no caso de que se trata, que a extensão das faculdades perceptivas dos Espíritos se prende à sua elevação efetiva, e que eles precisam estar numa montanha ou acima das nuvens para abarcar o tempo e o espaço.

Essa faculdade é inerente ao estado de espiritualização, ou, se quiserem, de desmaterialização; isto é, a espiritualização produz um efeito que se pode comparar, embora muito imperfeitamente, ao da visão de conjunto do ho-

mem que está na montanha; essa comparação tinha simplesmente por fim mostrar que acontecimentos que estão no futuro para uns estão no presente para outros e podem assim ser preditos, o que não implica que o efeito se produza da mesma maneira...

Para gozar dessa percepção, o Espírito não precisa, pois, transportar-se a um ponto qualquer do espaço; aquele que está na Terra, ao nosso lado, pode possuí-la na sua plenitude, tão bem como se estivesse a mil léguas dela, ao passo que nós nada vemos fora do horizonte visual. A vista, nos Espíritos, não se produz da mesma maneira nem com os mesmos elementos que no homem; o seu horizonte visual é inteiramente outro; ora, é precisamente esse o sentido que nos falta para concebê-lo; o Espírito, ao lado do encarnado, é como o que vê ao lado de um cego.

8 É preciso imaginar bem, além disso, que essa percepção não se limita à extensão, mas que compreende a penetração de todas as coisas; é, repetimos, uma faculdade inerente e proporcional ao estado de desmaterialização. Essa faculdade é amortecida pela encarnação, mas não completamente anulada, porque a alma não está encerrada no corpo como numa caixa. O encarnado possui-a, embora sempre em grau menor do que quando está inteiramente desprendido; é o que dá a certos homens um poder de penetração que falta totalmente a outros, uma maior justeza no golpe de vista moral, uma compreensão mais fácil das coisas extramateriais.

Não só o Espírito percebe, mas lembra-se do que viu no estado de Espírito, e essa lembrança é como um quadro que se retraça no seu pensamento. Na encarnação, vê, mas vagamente e como através de um véu; no estado de liberdade, vê e concebe claramente. O princípio da vista não está fora dele, mas nele; é por isso que não precisa da nossa luz exterior. Pelo desenvolvi-

mento moral, o círculo das ideias e da concepção alarga-se; pela desmaterialização gradual do perispírito, este purifica-se dos elementos grosseiros que alteravam a delicadeza das percepções; de onde é fácil compreender que a extensão de todas as faculdades segue o progresso do Espírito.

9 É o grau de extensão das faculdades do Espírito que, na encarnação, o torna mais ou menos apto a conceber as coisas espirituais. Todavia, essa aptidão não é consequência necessária do desenvolvimento da inteligência; a ciência vulgar não a dá; é por isso que se veem homens de grande saber tão cegos para as coisas espirituais quanto outros o são para as coisas materiais; são refratários a elas, porque não as compreendem; isso se deve a que o seu progresso ainda não se cumpriu nesse sentido, ao passo que se veem pessoas de instrução e de inteligência vulgares apreendê-las com a maior facilidade, o que prova que tinham delas a intuição prévia.

9.2 É nelas uma lembrança retrospectiva do que viram e souberam, seja na erraticidade, seja nas suas existências anteriores, como outros têm a intuição das línguas e das ciências que possuíram.

10 A faculdade de mudar o próprio ponto de vista e de tomá-lo do alto não dá somente a solução do problema da presciência; é, além disso, a chave da verdadeira fé, da fé sólida; é também o mais poderoso elemento de força e de resignação, porque, dali, aparecendo a vida terrestre como um ponto na imensidão, compreende-se o pouco valor das coisas que, vistas de baixo, parecem tão importantes; os incidentes, as misérias, as vaidades da vida diminuem à medida que se desenrola o imenso e esplêndido horizonte do futuro.

10.2 Aquele que vê assim as coisas deste mundo é pouco ou nada atingido pelas vicissitudes e, por isso mesmo, é tão feliz quanto se pode ser aqui embaixo. É preciso, pois, lamentar os que concentram os seus pensamentos na estreita esfera terrestre, porque sentem com toda a força o contragolpe de todas as tribulações, que, como outros tantos aguilhões, os perseguem sem cessar.

11 Quanto ao futuro do Espiritismo, os Espíritos, como se sabe, são unânimes em afirmar o seu triunfo próximo, apesar dos entraves que se lhe opõem; essa previsão é-lhes fácil, primeiro porque a sua propagação é obra pessoal deles; concorrendo para o movimento ou dirigindo-o, sabem, por conseguinte, o que devem fazer; em segundo lugar, basta-lhes abarcar um período de curta duração, e, nesse período, veem no seu caminho os poderosos auxiliares que Deus lhe suscita e que não tardarão a manifestar-se.
Sem serem Espíritos desencarnados, que os espíritas se transportem apenas trinta anos adiante, ao meio da geração que se ergue; que, dali, considerem o que se passa hoje; que sigam o seu encadeamento, e verão consumir-se em vãos esforços os que se julgam chamados a derrubá-lo; vê-los-ão pouco a pouco desaparecer da cena, ao lado da árvore que cresce e cujas raízes se estendem cada dia mais.

12 Os acontecimentos vulgares da vida privada são, o mais das vezes, consequência da maneira de agir de cada um; tal terá êxito segundo as suas capacidades, o seu saber-fazer, a sua perseverança, a sua prudência e a sua energia, onde outro falhará pela sua insuficiência; de sorte que se pode dizer que cada um é o artífice do seu próprio futuro, o qual nunca está sub-

metido a uma cega fatalidade independente da sua pessoa. Conhecendo o caráter de um indivíduo, pode-se facilmente predizer-lhe a sorte que o espera no caminho em que se empenha.

13 Os acontecimentos que tocam os interesses gerais da humanidade são regulados pela Providência. Quando uma coisa está nos desígnios de Deus, deve cumprir-se assim mesmo, seja por um meio, seja por outro. Os homens concorrem para a sua execução, mas nenhum é indispensável; de outro modo, o próprio Deus estaria à mercê das suas criaturas.

13.2 Se aquele a quem incumbe a missão de executá-la falha, outro é encarregado dela. Não há missão fatal; o homem é sempre livre de cumprir a que lhe é confiada e que aceitou voluntariamente; se não o faz, perde o benefício dela e assume a responsabilidade dos atrasos que podem ser obra da sua negligência ou da sua má vontade; se se torna um obstáculo ao seu cumprimento, Deus pode quebrá-lo com um sopro.

14 O resultado final de um acontecimento pode, pois, ser certo, porque está nos desígnios de Deus; mas, como o mais das vezes os pormenores e o modo de execução estão subordinados às circunstâncias e ao livre-arbítrio dos homens, os caminhos e os meios podem ser eventuais.

14.2 Os Espíritos podem prevenir-nos sobre o conjunto, se é útil que sejamos avisados; mas, para precisar o lugar e a data, seria preciso que conhecessem de antemão a determinação que tomará tal ou tal indivíduo; ora, se essa determinação ainda não está no seu pensamento, conforme for, pode apressar ou retardar o desenlace, modificar os meios secundários de ação, chegando ao mesmo resultado.

14.3 É assim, por exemplo, que os Espíritos podem, pelo conjunto das circunstâncias, prever que uma guerra está mais ou menos próxima, que é inevitável, sem poderem predizer o dia em que começará, nem os incidentes de pormenor, que podem ser modificados pela vontade dos homens.

15 Para a fixação da época dos acontecimentos futuros, é preciso, além disso, levar em conta uma circunstância inerente à própria natureza dos Espíritos.

O tempo, assim como o espaço, só pode ser avaliado com o auxílio de pontos de comparação ou de referência que o dividem em períodos que se podem contar. Na Terra, a divisão natural do tempo em dias e em anos é marcada pelo nascer e pelo pôr do sol e pela duração do movimento de translação da Terra. A subdivisão dos dias em vinte e quatro horas é arbitrária; é indicada com o auxílio de instrumentos especiais, tais como as ampulhetas, as clepsidras, os relógios, os relógios de sol etc. As unidades de medida do tempo devem variar segundo os mundos, pois os períodos astronômicos são diferentes; é assim, por exemplo, que em Júpiter os dias equivalem a dez das nossas horas, e os anos a quase doze anos terrestres.

Há, pois, para cada mundo uma maneira diferente de calcular a duração, segundo a natureza das revoluções astrais que nele se cumprem; isso já seria uma dificuldade para a determinação das nossas datas por Espíritos que não conhecessem o nosso mundo. Mas, fora dos mundos, esses meios de apreciação não existem. Para um Espírito no espaço, não há nem nascer nem pôr do sol marcando os dias, nem revolução periódica marcando os anos; só há para ele a duração e o espaço infinitos. (Cap. VI, n.º 1 e seguintes.) Aquele, pois, que nunca tivesse vindo à Terra não teria nenhum conhecimento dos nossos cálculos, que, de resto, lhe seriam completamente

inúteis; há mais: aquele que nunca tivesse estado encarnado em nenhum mundo não teria nenhuma noção das frações da duração. Quando um Espírito estranho à Terra vem manifestar-se nela, só pode assinalar datas aos acontecimentos identificando-se com os nossos usos, o que sem dúvida está em seu poder, mas o que, o mais das vezes, não julga útil fazer.

16 O modo de calcular a duração é uma convenção arbitrária feita entre os encarnados para as necessidades da vida corporal de relação. Para medir a duração como nós, os Espíritos só poderiam fazê-lo com o auxílio dos nossos instrumentos de precisão, que não existem na vida espiritual.

Entretanto, os Espíritos que compõem a população invisível do nosso globo, onde já viveram e onde continuam a viver no meio de nós, estão naturalmente identificados com os nossos hábitos, cuja lembrança levam para a erraticidade. Têm, pois, menos dificuldade que os outros em pôr-se no nosso ponto de vista no que diz respeito aos usos terrestres; na Grécia, contavam por olimpíadas; em outros lugares, por períodos lunares ou solares, segundo os tempos e os lugares. Poderiam, por conseguinte, mais facilmente assinalar uma data aos acontecimentos futuros, quando a conhecem; mas, além de que isso nem sempre lhes é permitido, são impedidos disso por esta razão: todas as vezes que as circunstâncias de pormenor estão subordinadas ao livre-arbítrio e à decisão eventual do homem, a data precisa só existe realmente quando o acontecimento se cumpriu.

Eis por que as predições circunstanciadas não podem oferecer certeza e só devem ser aceitas como probabilidades, ainda que não trouxessem consigo um cunho de legítima suspeita. Por isso os Espíritos verdadeiramente sábios nunca predizem nada em épocas fixas; limitam-se a prevenir-nos sobre o desfecho das coisas que nos é útil conhecer. Insistir para ter pormenores

precisos é expor-se às mistificações dos Espíritos levianos, que predizem tudo o que se quer sem se importarem com a verdade e se divertem com os sustos e com as decepções que causam.

As predições que oferecem mais probabilidade são as que têm um caráter de utilidade geral e humanitária; só se deve contar com as outras quando estão cumpridas. Pode-se, segundo as circunstâncias, aceitá-las a título de advertência, mas haveria imprudência em agir prematuramente com vista à sua realização em dia fixo. Pode-se ter por certo que, quanto mais circunstanciadas são, mais suspeitas são.

17 A forma bastante geralmente empregada até aqui para as predições faz delas verdadeiros enigmas, muitas vezes indecifráveis. Essa forma misteriosa e cabalística, de que Nostradamus oferece o tipo mais completo, dá-lhes certo prestígio aos olhos do vulgo, que lhes atribui tanto mais valor quanto mais incompreensíveis são. Pela sua ambiguidade, prestam-se a interpretações muito diferentes, de tal sorte que, segundo o sentido atribuído a certas palavras alegóricas ou de convenção, segundo a maneira de fazer o cálculo bizarramente complicado das datas, e com um pouco de boa vontade, encontra-se nelas quase tudo o que se quer.

Seja como for, não se pode deixar de convir que algumas têm um caráter sério e confundem pela sua veracidade. É provável que essa forma velada tenha tido, em certo tempo, a sua razão de ser e até a sua necessidade.

Hoje as circunstâncias já não são as mesmas; o positivismo do século pouco se acomodaria à linguagem sibilina. Por isso as predições dos nossos dias já não tomam essas formas estranhas; as que os Espíritos fazem nada têm de místico; falam a linguagem de todo o mundo, como o teriam feito em vida, porque não deixaram de pertencer à humanidade: previnem-nos sobre as

coisas futuras, pessoais ou gerais, quando isso pode ser útil, na medida da perspicácia de que são dotados, como o fariam conselheiros ou amigos. As suas previsões são, pois, antes advertências, que nada tiram ao livre-arbítrio, do que predições propriamente ditas, que implicariam uma fatalidade absoluta. A sua opinião é, além disso, quase sempre motivada, porque não querem que o homem aniquile a sua razão sob uma fé cega, o que permite apreciar a sua justeza.

18 A humanidade contemporânea também tem os seus profetas; mais de um escritor, poeta, literato, historiador ou filósofo pressentiu nos seus escritos a marcha futura das coisas que se veem realizar hoje.
Essa aptidão prende-se muitas vezes, sem dúvida, à retidão do juízo, que deduz as consequências lógicas do presente; mas muitas vezes também é resultado de uma clarividência especial inconsciente, ou de uma inspiração estranha. O que esses homens fizeram em vida, podem com mais forte razão fazê-lo, e com mais exatidão, no estado de Espírito, quando a vista espiritual já não está obscurecida pela matéria.

Une Sacra · edição 1.8 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XVII. PREDIÇÕES DO EVANGELHO

✦

1 E, tendo vindo à sua terra, ensinava-os nas suas sinagogas, de sorte que, tomados de espanto, diziam: De onde vieram a este essa sabedoria e esses milagres? — Não é ele o filho desse carpinteiro? A sua mãe não se chama Maria? E os seus irmãos, Tiago, José, Simão e Judas?

1.2 — E as suas irmãs não estão todas entre nós? De onde lhe vêm, pois, todas essas coisas? — E assim tomavam dele motivo de escândalo. Mas Jesus disse-lhes: Um profeta só fica sem honra na sua terra e na sua casa.

1.3 — E não fez ali muitos milagres, por causa da incredulidade deles. (São Mateus, cap. XIII, v. de 54 a 58.)

2 Jesus enunciava aí uma verdade que passou a provérbio, que é de todos os tempos, e à qual se poderia dar mais extensão dizendo que ninguém é profeta em vida.

Na linguagem atual, essa máxima entende-se do crédito de que um homem goza entre os seus e entre aqueles no meio dos quais vive, da confiança que lhes inspira pela superioridade do saber e da inteligência. Se sofre exceções, são raras e, em todo caso, nunca são absolutas; o princípio dessa verdade é uma consequência natural da fraqueza humana e pode explicar-se assim:

O hábito de se verem desde a infância, nas circunstâncias vulgares da vida, estabelece entre os homens uma espécie de igualdade material que faz que muitas vezes se recuse reconhecer uma superioridade moral naquele de quem se foi companheiro ou comensal, que saiu do mesmo meio e de quem se viram as primeiras fraquezas; o orgulho sofre com o ascendente

que é obrigado a suportar. Quem quer que se eleve acima do nível comum é sempre alvo do ciúme e da inveja; os que se sentem incapazes de atingir a sua altura esforçam-se por rebaixá-lo pela difamação, pela maledicência e pela calúnia; gritam tanto mais alto quanto mais pequenos se veem, julgando engrandecer-se e eclipsá-lo pelo barulho que fazem. Tal foi e tal será a história da humanidade enquanto os homens não tiverem compreendido a sua natureza espiritual e não tiverem alargado o seu horizonte moral; por isso esse preconceito é próprio dos espíritos estreitos e vulgares, que referem tudo à sua personalidade.

Por outro lado, faz-se geralmente dos homens que só se conhecem pelo seu espírito um ideal que cresce com o afastamento dos tempos e dos lugares. Despojam-se quase da humanidade; parece que não devem nem falar nem sentir como toda a gente, que a sua linguagem e os seus pensamentos devem estar constantemente no diapasão da sublimidade, sem se pensar que o espírito não poderia estar incessantemente tenso e num estado perpétuo de sobre-excitação. No contato diário da vida privada, vê-se demais o homem material, que nada distingue do vulgo. O homem corporal, que impressiona os sentidos, apaga quase o homem espiritual, que só impressiona o espírito: de longe, só se veem os relâmpagos de gênio; de perto, veem-se os repousos do espírito.

Depois da morte, não existindo mais a comparação, o homem espiritual fica sozinho e parece tanto maior quanto mais afastada está a lembrança do homem corporal. Eis por que os homens que marcaram a sua passagem na Terra por obras de valor real são mais apreciados depois da morte do que em vida. São julgados com mais imparcialidade, porque, tendo desaparecido os invejosos e os ciumentos, os antagonismos pessoais já não existem. A posteridade é um juiz desinteressado, que aprecia a obra do espírito,

aceita-a sem entusiasmo cego se é boa, rejeita-a sem ódio se é má, abstração feita da individualidade que a produziu.

Jesus podia tanto menos escapar às consequências desse princípio, inerente à natureza humana, quanto vivia num meio pouco esclarecido e entre homens inteiramente entregues à vida material. Os seus compatriotas só viam nele o filho do carpinteiro, o irmão de homens tão ignorantes quanto eles, e perguntavam-se o que podia torná-lo superior a eles e dar-lhe o direito de censurá-los; por isso, vendo que a sua palavra tinha menos crédito entre os seus, que o desprezavam, do que entre os estrangeiros, foi pregar entre os que o escutavam e no meio dos quais encontrava simpatia.

Pode-se julgar de que sentimentos os seus próximos estavam animados para com ele por este fato: os seus próprios irmãos, acompanhados da sua mãe, vieram, numa assembleia em que ele se encontrava, para se apoderarem dele, dizendo que tinha perdido o juízo. (São Marcos, cap. III, v. 20, 21 e de 31 a 35. — O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XIV.)

Assim, de um lado, os sacerdotes e os fariseus acusavam Jesus de agir pelo demônio; de outro, era taxado de loucura pelos seus parentes mais próximos. Não é assim que se procede nos nossos dias em relação aos espíritas, e devem estes queixar-se de não serem mais bem tratados pelos seus concidadãos do que o foi Jesus? O que nada tinha de espantoso há dois mil anos, num povo ignorante, é mais estranho no século XIX, nas nações civilizadas.

3 (Depois da cura do lunático.) — Todos ficaram espantados com o grande poder de Deus. E, quando todo o mundo estava admirado do que Jesus fazia, disse aos seus discípulos: Ponde bem no vosso coração o que vou dizer-vos. O Filho do homem deve ser entregue nas mãos dos homens. — Mas

eles não entendiam essa linguagem; estava-lhes de tal modo oculta que nada compreendiam, e temiam até interrogá-lo a esse respeito. (São Lucas, cap. IX, v. 44, 45.)

4 Desde então Jesus começou a revelar aos seus discípulos que era preciso que fosse a Jerusalém; que sofresse muito da parte dos senadores, dos escribas e dos príncipes dos sacerdotes; que fosse morto e que ressuscitasse ao terceiro dia. (São Mateus, cap. XVI, v. 21.)

5 Quando estavam na Galileia, Jesus disse-lhes: O Filho do homem deve ser entregue nas mãos dos homens; — e eles o farão morrer, e ele ressuscitará ao terceiro dia; o que os afligiu extremamente. (São Mateus, cap. XVII, v. 21, 22.)

6 Ora, Jesus, indo para Jerusalém, tomou à parte os seus doze discípulos e disse-lhes: Vamos a Jerusalém, e o Filho do homem será entregue aos príncipes dos sacerdotes e aos escribas, que o condenarão à morte, — e o entregarão aos gentios, para que o tratem com zombaria, o açoitem e o crucifiquem; e ele ressuscitará ao terceiro dia. (São Mateus, cap. XX, v. 17, 18, 19.)

7 Em seguida Jesus, tomando à parte os doze apóstolos, disse-lhes: Eis que vamos a Jerusalém, e tudo o que foi escrito pelos profetas acerca do Filho do homem vai cumprir-se; — porque será entregue aos gentios; zombarão dele, açoitá-lo-ão, cuspir-lhe-ão no rosto. — E, depois que o tiverem açoitado, fá-lo-ão morrer, e ele ressuscitará ao terceiro dia.
Mas eles nada compreenderam de tudo isso: essa linguagem estava-lhes oculta, e não entendiam o que lhes dizia. (São Lucas, cap. XVIII, v. 31 a 34.)

8 Jesus, tendo acabado todos os seus discursos, disse aos seus discípulos: Sabeis que a Páscoa se fará dentro de dois dias, e que o Filho do homem será entregue para ser crucificado.
Ao mesmo tempo, os príncipes dos sacerdotes e os anciãos do povo reuniram-se no pátio do sumo sacerdote chamado Caifás, — e tiveram conselho juntos para encontrar meio de se apoderarem habilmente de Jesus e de fazê-lo morrer. — E diziam: Não convém que seja durante a festa, para que não se levante algum tumulto entre o povo. (São Mateus, cap. XXVI, v. 1 a 5.)

9 No mesmo dia, alguns dos fariseus vieram dizer-lhe: Ide-vos, saí deste lugar, porque Herodes quer fazer-vos morrer. — Ele respondeu-lhes: Ide dizer a essa raposa: Tenho ainda de expulsar os demônios e de dar a saúde aos doentes hoje e amanhã, e ao terceiro dia serei consumado pela minha morte. (São Lucas, cap. XIII, v. 31, 32.)

10 Guardai-vos dos homens, porque vos farão comparecer nas suas assembleias e vos farão açoitar nas suas sinagogas; e sereis apresentados, por minha causa, aos governadores e aos reis, para lhes servirdes de testemunho, assim como às nações. (São Mateus, cap. X, v. 17, 18.)

11 Expulsar-vos-ão das sinagogas; e vem o tempo em que quem quer que vos faça morrer julgará fazer uma coisa agradável a Deus. — Tratar-vos-ão assim porque não conhecem nem meu Pai nem a mim. — Ora, digo-vos estas coisas a fim de que, quando chegar o tempo, vos lembreis de que vo-las disse. (São João, cap. XVI, v. 1 a 4.)

12 Sereis traídos e entregues aos magistrados por vossos pais e vossas mães, por vossos irmãos, por vossos parentes, por vossos amigos, e farão morrer muitos de vós; — e sereis odiados por todo o mundo por causa do meu nome. — Entretanto, não se perderá um cabelo da vossa cabeça. — É pela vossa paciência que possuireis as vossas almas. (São Lucas, cap. XXI, v. 16 a 19.)

13 (Martírio de são Pedro.) Em verdade, em verdade vos digo, quando éreis mais moço, cingíeis-vos a vós mesmo e íeis aonde queríeis; mas, quando fordes velho, estendereis as mãos, e outro vos cingirá e vos levará aonde não quereríeis. — Ora, dizia isso para indicar por que morte ele devia glorificar a Deus. (São João, cap. XXI, v. 18, 19.)

14 Cidades impenitentes

Então começou a censurar as cidades em que fizera muitos milagres, por não terem feito penitência.

Ai de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida! Porque, se os milagres que foram feitos no meio de vós tivessem sido feitos em Tiro e em Sídon, há muito tempo teriam feito penitência no saco e na cinza. — Por isso vos declaro que, no dia do juízo, Tiro e Sídon serão tratadas menos rigorosamente que vós.

E tu, Cafarnaum, elevar-te-ás sempre até o céu? Serás rebaixada até o fundo do inferno; porque, se os milagres que foram feitos no meio de ti tivessem sido feitos em Sodoma, ela talvez subsistisse ainda hoje. — Por isso te declaro que, no dia do juízo, a terra de Sodoma será tratada menos rigorosamente que tu. (São Mateus, cap. XI, v. 20 a 24.)

15 Quando Jesus saiu do Templo para ir-se, os seus discípulos aproximaram-se dele para lhe fazer notar a estrutura e a grandeza desse edifício. — Mas ele disse-lhes: Vedes todas essas construções? Eu vos digo, em verdade, serão de tal modo destruídas que não ficará ali pedra sobre pedra. (São Mateus, cap. XXIV, v. 1, 2.)

16 Tendo chegado em seguida perto de Jerusalém, e olhando a cidade, chorou sobre ela, dizendo: — Ah! se ao menos conhecesses, neste dia que ainda te é dado, o que pode proporcionar-te a paz! Mas agora tudo isso está oculto aos teus olhos.

16.2 — Por isso virá para ti um tempo desgraçado, em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras, te encerrarão e te apertarão por todos os lados; — derrubar-te-ão por terra, a ti e aos teus filhos que estão no meio de ti, e não deixarão em ti pedra sobre pedra, porque não conheceste o tempo em que Deus te visitou. (São Lucas, cap. XIX, v. de 41 a 44.)

17 Entretanto, é preciso que eu continue a andar hoje e amanhã e no dia seguinte, porque não convém que um profeta sofra a morte fora de Jerusalém.
Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados, quantas vezes quis reunir os teus filhos, como uma galinha reúne os seus pintinhos debaixo das asas, e tu não quiseste! — Aproxima-se o tempo em que a vossa casa ficará deserta. Ora, digo-vos, em verdade, que não me vereis mais daqui em diante, até que digais: Bendito o que vem em nome do Senhor. (São Lucas, cap. XIII, v. 33, 34, 35.)

18 Quando virdes um exército cercar Jerusalém, sabei que a sua desolação está próxima. — Então, que os que estão na Judeia fujam para os montes; que os que se encontrarem no meio dela se retirem, e que os que estiverem

nas cercanias não entrem nela.

18.2 — Porque serão então os dias da vingança, a fim de que se cumpra tudo o que está na Escritura. — Ai das que estiverem grávidas ou amamentando nesses dias, porque esta terra será acabrunhada de males, e a cólera do céu cairá sobre este povo.

18.3 — Passarão ao fio da espada; serão levados cativos para todas as nações, e Jerusalém será pisada pelos gentios, até que se cumpra o tempo das nações. (São Lucas, cap. XXI, v. de 20 a 24.)

19 (Jesus caminhando para o suplício.) Ora, era seguido por uma grande multidão de povo e de mulheres que batiam no peito e choravam. — Mas Jesus, voltando-se, disse-lhes: Filhas de Jerusalém, não choreis sobre mim, mas chorai sobre vós mesmas e sobre os vossos filhos; — porque virá um tempo em que se dirá: Felizes as estéreis, e as entranhas que não geraram filhos, e os seios que não amamentaram.

19.2 — Começarão então a dizer aos montes: Caí sobre nós! E às colinas: Cobri-nos! — Porque, se tratam assim a lenha verde, como será tratada a lenha seca? (São Lucas, cap. XXIII, v. de 27 a 31.)

20 A faculdade de pressentir as coisas futuras é um dos atributos da alma e explica-se pela teoria da presciência. Jesus possuía-a, como todas as outras, em grau eminente. Pôde, pois, prever os acontecimentos que se seguiriam à sua morte, sem que haja nesse fato nada de sobrenatural, pois se vê reproduzir-se sob os nossos olhos nas condições mais vulgares. Não é raro que indivíduos anunciem com precisão o instante da sua morte: é que a sua alma, no estado de desprendimento, é como o homem da montanha (cap. XVI, n.º 1); abarca o caminho a percorrer e vê o seu termo.

Assim devia dar-se tanto melhor com Jesus quanto, tendo consciência da

missão que vinha cumprir, sabia que a morte pelo suplício era a sua consequência necessária. A vista espiritual, que nele era permanente, assim como a penetração do pensamento, devia mostrar-lhe as suas circunstâncias e a época fatal. Pela mesma razão, podia prever a ruína do Templo, a de Jerusalém, as desgraças que iam ferir os seus habitantes e a dispersão dos judeus.

21 A incredulidade, que não admite a vida espiritual independente da matéria, não pode dar conta da presciência; é por isso que a nega, atribuindo ao acaso os fatos autênticos que se cumprem sob os seus olhos. É notável que ela recue diante do exame de todos os fenômenos psíquicos que se produzem por toda parte, sem dúvida com receio de ver neles a alma surgir e dar-lhe um desmentido.

22 (João Batista.) Vendo vários dos fariseus e dos saduceus que vinham ao seu batismo, disse-lhes: Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da cólera que deve cair sobre vós?

22.2 — Fazei, pois, frutos dignos de penitência; — e não penseis dizer convosco: Temos Abraão por pai; porque eu vos declaro que Deus pode fazer nascer destas mesmas pedras filhos de Abraão; — porque o machado já está posto à raiz das árvores; toda árvore, pois, que não produz bons frutos será cortada e lançada ao fogo. (São Mateus, cap. III, v. 7 a 10.)

23 Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, porque fechais aos homens o reino dos céus; porque vós mesmos não entrareis nele e ainda vos opondes aos que desejam entrar!

Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, porque, a pretexto das vossas longas preces, devorais as casas das viúvas; é por isso que recebereis um juízo mais rigoroso!

Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, porque percorreis o mar e a terra para fazer um prosélito e, depois que ele o é, o tornais digno do inferno duas vezes mais que vós!

Ai de vós, condutores cegos, que dizeis: Se um homem jura pelo templo, isso nada é; mas quem quer que jure pelo ouro do templo está obrigado ao seu juramento! — Insensatos e cegos que sois! O que se deve estimar mais: o ouro, ou o templo que santifica o ouro? — E, se um homem, dizeis vós, jura pelo altar, isso nada é; mas quem quer que jure pela oferta que está sobre o altar está obrigado ao seu juramento. — Cegos que sois! O que se deve estimar mais: a oferta, ou o altar que santifica a oferta?

— Aquele, pois, que jura pelo altar, jura pelo altar e por tudo o que está sobre ele; — e quem quer que jure pelo templo, jura pelo templo e por aquele que nele habita; — e aquele que jura pelo céu, jura pelo trono de Deus e por aquele que nele está sentado.

Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que pagais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho, e abandonastes o que há de mais importante na lei, a saber: a justiça, a misericórdia e a fé! Eram essas as coisas que era preciso praticar, sem, no entanto, omitir as outras. — Condutores cegos, que tendes grande cuidado em coar o que bebeis, para não engolir um mosquito, e engolis um camelo!

Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, porque limpais o exterior do copo e do prato, e estais por dentro cheios de rapina e de impureza! — Fariseus cegos! Limpai primeiro o interior do copo e do prato, a fim de que o exterior fique limpo também.

Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, porque sois semelhantes a sepulcros caiados, que, por fora, parecem belos aos olhos dos homens, mas que, por dentro, estão cheios de ossadas de mortos e de toda espécie de podri-

dão!

— Assim, por fora, pareceis justos, mas, por dentro, estais cheios de hipocrisia e de iniquidades.

Ai de vós, escribas e fariseus, que edificais túmulos aos profetas e adornais os monumentos dos justos, — e que dizeis: Se tivéssemos vivido no tempo dos nossos pais, não nos teríamos juntado a eles para derramar o sangue dos profetas! — Acabai, pois, também de encher a medida dos vossos pais. — Serpentes, raça de víboras, como podereis evitar ser condenados ao inferno? — É por isso que vou enviar-vos profetas, sábios e escribas, e matareis uns, crucificareis outros, açoitareis outros nas vossas sinagogas e perseguí-los-eis de cidade em cidade; — a fim de que todo o sangue inocente que foi derramado sobre a terra recaia sobre vós, desde o sangue de Abel, o justo, até o sangue de Zacarias, filho de Baraquias, que matastes entre o templo e o altar! — Digo-vos, em verdade, que tudo isso virá cair sobre esta raça que existe hoje. (São Mateus, cap. XXIII, v. de 13 a 36.)

24 Então os seus discípulos, aproximando-se, disseram-lhe: Sabeis que os fariseus, tendo ouvido o que acabais de dizer, se escandalizaram? — Mas ele respondeu: Toda planta que meu Pai celeste não plantou será arrancada. — Deixai-os; são cegos que conduzem cegos; se um cego conduz outro, caem ambos no fosso. (São Mateus, cap. XV, v. 12, 13, 14.)

25 O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não passarão. (São Mateus, cap. XXIV, v. 33.)

26 As palavras de Jesus não passarão, porque serão verdadeiras em todos os tempos; o seu código moral será eterno, porque encerra as condições do bem que conduz o homem ao seu destino eterno. Mas as suas palavras chegaram até nós puras de toda mistura e de falsas interpretações? Todas as

seitas cristãs apreenderam o seu espírito? Nenhuma desviou o seu verdadeiro sentido, em consequência dos preconceitos e da ignorância das leis da natureza? Nenhuma fez delas um instrumento de dominação para servir a ambição e os interesses materiais, um degrau, não para se elevar ao céu, mas para se elevar na terra?

Todas se propuseram como regra de conduta a prática das virtudes de que ele fez a condição expressa da salvação? Todas estão isentas das censuras que ele dirigia aos fariseus do seu tempo? Todas, enfim, são, em teoria como na prática, a expressão pura da sua doutrina?

Sendo a verdade una, não pode encontrar-se em afirmações contrárias, e Jesus não pode ter querido dar um duplo sentido às suas palavras. Se, pois, as diferentes seitas se contradizem; se umas consideram verdadeiro o que outras condenam como heresias, é impossível que estejam todas na verdade. Se todas tivessem tomado o sentido verdadeiro do ensino evangélico, ter-se-iam encontrado no mesmo terreno, e não teria havido seitas.

O que não passará é o sentido verdadeiro das palavras de Jesus; o que passará é o que os homens construíram sobre o sentido falso que deram a essas mesmas palavras.

Tendo Jesus a missão de trazer aos homens o pensamento de Deus, só a sua doutrina pura pode ser a expressão desse pensamento; é por isso que disse: Toda planta que meu Pai celeste não plantou será arrancada.

27 Nunca lestes esta palavra nas Escrituras: A pedra que foi rejeitada pelos que construíam tornou-se a principal pedra do ângulo? Foi o Senhor que fez isso, e os nossos olhos o veem com admiração. — Por isso vos declaro que o reino de Deus vos será tirado e será dado a um povo que produzirá os seus frutos. — Aquele que cair sobre essa pedra despedaçar-se-á, e ela esma-

gará aquele sobre quem cair.
Os príncipes dos sacerdotes e os fariseus, tendo ouvido essas palavras de Jesus, conheceram que era deles que falava; — e, querendo apoderar-se dele, temeram o povo, porque este o considerava um profeta. (São Mateus, cap. XXI, v. de 42 a 46.)

28 A palavra de Jesus tornou-se a pedra angular, isto é, a pedra de consolidação do novo edifício da fé, erguido sobre as ruínas do antigo; tendo os judeus, os príncipes dos sacerdotes e os fariseus rejeitado essa palavra, ela os esmagou, como esmagará os que depois a desconheceram ou desnaturaram o seu sentido em proveito da sua ambição.

29 Havia um pai de família que, tendo plantado uma vinha, a cercou com uma sebe; e, cavando na terra, construiu nela uma torre; depois, tendo-a arrendado a vinhateiros, partiu para um país distante.
Ora, aproximando-se o tempo dos frutos, enviou os seus servos aos vinhateiros para recolher o fruto da sua vinha. — Mas os vinhateiros, tendo agarrado os seus servos, bateram num, mataram outro e apedrejaram outro. — Enviou-lhes ainda outros servos, em maior número que os primeiros, e trataram-nos da mesma maneira. — Enfim enviou-lhes o seu próprio filho, dizendo consigo: Terão algum respeito pelo meu filho. — Mas os vinhateiros, vendo o filho, disseram entre si: Eis o herdeiro; vinde, matemo-lo, e seremos senhores da sua herança. — Assim, tendo-o agarrado, lançaram-no fora da vinha e mataram-no.
Quando, pois, vier o senhor da vinha, como tratará esses vinhateiros? — Responderam-lhe: Fará perecer miseravelmente esses maus e arrendará a sua vinha a outros vinhateiros, que lhe entregarão os frutos no seu tempo. (São Mateus, cap. XXI, v. de 33 a 41.)

30 O pai de família é Deus; a vinha que plantou é a lei que estabeleceu; os vinhateiros a quem arrendou a sua vinha são os homens que devem ensinar e praticar a sua lei; os servos que enviou a eles são os profetas que eles fizeram perecer; o seu filho, que envia enfim, é Jesus, que eles fizeram perecer da mesma maneira. Como, pois, o Senhor tratará os seus mandatários prevaricadores da sua lei? Tratá-los-á como eles trataram os seus enviados e chamará outros, que lhe prestarão melhores contas do seu bem e da condução do seu rebanho.

Assim aconteceu com os escribas, com os príncipes dos sacerdotes e com os fariseus; assim acontecerá quando ele vier de novo pedir contas a cada um do que fez da sua doutrina; tirará a autoridade a quem dela tiver abusado, porque quer que o seu campo seja administrado segundo a sua vontade.

Depois de dezoito séculos, a humanidade, chegada à idade viril, está madura para compreender o que o Cristo apenas aflorou, porque, como ele mesmo diz, não teria sido compreendido. Ora, a que resultado chegaram os que, durante esse longo período, foram encarregados da sua educação religiosa? A ver a indiferença suceder à fé e a incredulidade erigir-se em doutrina. Em nenhuma outra época, com efeito, o ceticismo e o espírito de negação estiveram mais espalhados em todas as classes da sociedade.

Mas, se algumas das palavras do Cristo estão veladas sob a alegoria, para tudo o que diz respeito à regra de conduta, às relações de homem para homem, aos princípios de moral de que faz a condição expressa da salvação (O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XV), ele é claro, explícito e sem ambiguidade.

Que se fez das suas máximas de caridade, de amor e de tolerância; das recomendações que fez aos seus apóstolos de converter os homens pela brandura e pela persuasão; da simplicidade, da humildade, do desinteresse e de

todas as virtudes de que deu o exemplo? Em seu nome, os homens lançaram-se o anátema e a maldição; degolaram-se em nome daquele que disse: Todos os homens são irmãos. Fez-se um Deus ciumento, cruel, vingativo e parcial daquele que ele proclamou infinitamente justo, bom e misericordioso; sacrificou-se a esse Deus de paz e de verdade, nas fogueiras, pelas torturas e pelas perseguições, mais milhares de vítimas do que jamais sacrificaram os pagãos aos falsos deuses; venderam-se as preces e os favores do céu em nome daquele que expulsou os vendedores do Templo e que disse aos seus discípulos: Dai gratuitamente o que recebestes gratuitamente.

Que diria o Cristo se vivesse hoje entre nós? Se visse os seus representantes ambicionarem as honras, as riquezas, o poder e o fausto dos príncipes do mundo, ao passo que ele, mais rei que os reis da terra, fez a sua entrada em Jerusalém montado num jumento? Não teria o direito de dizer-lhes: Que fizestes dos meus ensinos, vós que incensais o bezerro de ouro, que fazeis nas vossas preces uma larga parte aos ricos e uma magra parte aos pobres, quando eu vos disse: Os primeiros serão os últimos, e os últimos serão os primeiros no reino dos céus? Mas, se ele não está aqui carnalmente, está em Espírito e, como o senhor da parábola, virá pedir contas aos seus vinhateiros do produto da sua vinha, quando chegar o tempo da colheita.

31 Tenho ainda outras ovelhas que não são deste aprisco; é preciso também que eu as traga; ouvirão a minha voz, e haverá um só rebanho e um só pastor. (São João, cap. X, v. 16.)

32 Por essas palavras, Jesus anuncia claramente que um dia os homens se reunirão numa crença única; mas como poderia fazer-se essa unificação? A coisa parece difícil, se se consideram as diferenças que existem entre as religiões, o antagonismo que mantêm entre os seus adeptos respectivos, a sua

obstinação em se julgarem de posse exclusiva da verdade. Todas querem bem a unidade, mas todas se lisonjeiam de que ela se fará em seu proveito, e nenhuma pretende fazer concessões nas suas crenças.

Entretanto, a unidade far-se-á em religião como tende a fazer-se social, política e comercialmente, pelo abaixamento das barreiras que separam os povos, pela assimilação dos costumes, dos usos, da linguagem; os povos do mundo inteiro já confraternizam, como os das províncias de um mesmo império; pressente-se essa unidade, deseja-se. Far-se-á pela força das coisas, porque se tornará uma necessidade para estreitar os laços de fraternidade entre as nações; far-se-á pelo desenvolvimento da razão humana, que fará compreender a puerilidade dessas dissidências; pelo progresso das ciências, que demonstra cada dia os erros materiais sobre os quais elas se apoiam e desprende pouco a pouco as pedras carcomidas das suas fundações. Se a ciência demole, nas religiões, o que é obra dos homens e fruto da sua ignorância das leis da natureza, não pode destruir, apesar da opinião de alguns, o que é obra de Deus e de eterna verdade; desobstruindo os acessórios, prepara os caminhos da unidade.

Para chegar à unidade, as religiões deverão encontrar-se num terreno neutro, comum, entretanto, a todas; para isso, todas terão de fazer concessões e sacrifícios mais ou menos grandes, segundo a multiplicidade dos seus dogmas particulares. Mas, em virtude do princípio de imutabilidade que todas professam, a iniciativa das concessões não poderia vir do campo oficial; em vez de tomarem o seu ponto de partida do alto, tomá-lo-ão de baixo, pela iniciativa individual. Opera-se há algum tempo um movimento de descentralização que tende a adquirir uma força irresistível. O princípio de imutabilidade, que as religiões consideraram até aqui uma égide conservadora, tornar-se-á um elemento destruidor, visto que, imobilizando-se os

cultos enquanto a sociedade marcha para a frente, serão ultrapassados e depois absorvidos na corrente das ideias de progresso.

Entre as pessoas que se desprendem, no todo ou em parte, dos troncos principais, e cujo número cresce sem cessar, se algumas nada querem, a imensa maioria, que de modo algum se acomoda ao nada, quer alguma coisa; essa alguma coisa ainda não está definida no seu pensamento, mas elas a pressentem; tendem para o mesmo fim por caminhos diferentes, e é por elas que começará o movimento de concentração rumo à unidade.

No estado atual da opinião e dos conhecimentos, a religião que deverá reunir um dia todos os homens sob uma mesma bandeira será a que melhor satisfizer a razão e as legítimas aspirações do coração e do espírito; que não for em nenhum ponto desmentida pela ciência positiva; que, em vez de se imobilizar, seguir a humanidade na sua marcha progressiva sem nunca se deixar ultrapassar; que não for nem exclusiva nem intolerante; que for emancipadora da inteligência, só admitindo a fé raciocinada; aquela cujo código de moral for o mais puro, o mais racional, o mais em harmonia com as necessidades sociais, o mais próprio, enfim, para fundar na Terra o reino do bem, pela prática da caridade e da fraternidade universais.

Entre as religiões existentes, as que mais se aproximarem dessas condições normais terão menos concessões a fazer; se uma delas as preenchesse completamente, tornar-se-ia naturalmente o eixo da unidade futura; essa unidade far-se-á em torno daquela que menos deixar a desejar à razão, não por uma decisão oficial, porque não se regulamenta a consciência, mas pelas adesões individuais e voluntárias.

O que mantém o antagonismo entre as religiões é a ideia de que cada uma tem o seu deus particular, e a sua pretensão de ter o único verdadeiro e o mais poderoso, que está em hostilidade constante com os deuses dos outros

cultos e ocupado em combater a sua influência. Quando estiverem convencidas de que só há um único Deus no universo, e de que, afinal, é o mesmo que adoram sob os nomes de Jeová, Alá ou Deus; quando estiverem de acordo sobre os seus atributos essenciais, compreenderão que um Ser único só pode ter uma única vontade; estender-se-ão a mão como os servos de um mesmo Senhor e os filhos de um mesmo Pai, e terão dado um grande passo rumo à unidade.

33 Então os seus discípulos perguntaram-lhe: Por que, então, dizem os escribas que é preciso que Elias venha antes? — Mas Jesus respondeu-lhes: É verdade que Elias deve vir e que restabelecerá todas as coisas.
Mas eu vos declaro que Elias já veio, e não o conheceram, mas trataram-no como lhes aprouve. É assim que farão morrer o Filho do homem.
Então os seus discípulos compreenderam que era de João Batista que lhes tinha falado. (São Mateus, cap. XVII, v. de 10 a 13.)

34 Elias já tinha voltado na pessoa de João Batista (O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. IV, n.º 10). A sua nova vinda é anunciada de maneira explícita; ora, como ele só pode voltar com um corpo novo, é a consagração formal do princípio da pluralidade das existências. (O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. IV.)

35 Se me amais, guardai os meus mandamentos, — e eu rogarei a meu Pai, e ele vos enviará outro Consolador, a fim de que fique eternamente convosco: — o Espírito de Verdade, que este mundo não pode receber, porque não o vê; mas vós o conhecereis, porque ficará convosco e estará em vós. — Mas o Consolador, que é o Espírito Santo, que meu Pai enviará em meu

nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos disse. (São João, cap. XIV, v. 15, 16, 17, 26. — O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. VI.)

36 Entretanto, digo-vos a verdade: É-vos útil que eu me vá, porque, se eu não me for, o Consolador não virá a vós; mas eu me vou e vo-lo enviarei; — e, quando ele vier, convencerá o mundo acerca do pecado, acerca da justiça e acerca do juízo: — acerca do pecado, porque não creram em mim; — acerca da justiça, porque vou para meu Pai e não me vereis mais; acerca do juízo, porque o príncipe deste mundo já está julgado.
Tenho ainda muitas coisas a dizer-vos, mas não as podeis suportar agora.
Quando esse Espírito de Verdade vier, vos ensinará toda a verdade, porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que hão de vir.
Ele me glorificará, porque receberá do que é meu e vo-lo anunciará. (São João, cap. XVI, v. de 7 a 14.)

37 Essa predição é sem contradita uma das mais importantes do ponto de vista religioso, porque constata da maneira menos equívoca que Jesus não disse tudo o que tinha a dizer, porque não teria sido compreendido, nem mesmo pelos seus apóstolos, pois é a eles que se dirige. Se lhes tivesse dado instruções secretas, eles teriam feito menção delas no Evangelho. Desde que não disse tudo aos seus apóstolos, os seus sucessores não puderam saber mais do que eles; puderam, pois, enganar-se sobre o sentido das suas palavras, dar uma falsa interpretação aos seus pensamentos, muitas vezes velados sob a forma de parábola. As religiões fundadas no Evangelho não podem, pois, dizer-se de posse de toda a verdade, já que ele se reservou completar ulteriormente as suas instruções. O seu princípio de imutabili-

dade é um protesto contra as próprias palavras de Jesus.
Anuncia, sob o nome de Consolador e de Espírito de Verdade, aquele que deve ensinar todas as coisas e fazer lembrar o que ele disse; logo, o seu ensino não estava completo; ademais, prevê que se terá esquecido o que ele disse e que se terá desnaturado, pois o Espírito de Verdade deve fazê-lo lembrar e, de acordo com Elias, restabelecer todas as coisas, isto é, segundo o verdadeiro pensamento de Jesus.

38 Quando deve vir esse novo revelador? É bem evidente que, se, na época em que Jesus falava, os homens não estavam em condições de compreender as coisas que lhe restavam dizer, não seria em alguns anos que poderiam adquirir as luzes necessárias.

38.2 Para a inteligência de certas partes do Evangelho, com exceção dos preceitos de moral, eram precisos conhecimentos que só o progresso das ciências podia dar, e que deviam ser obra do tempo e de várias gerações. Se, pois, o novo Messias tivesse vindo pouco tempo depois do Cristo, teria encontrado o terreno tão pouco propício quanto ele e não teria feito mais do que ele.

38.3 Ora, desde o Cristo até os nossos dias, não se produziu nenhuma grande revelação que tenha completado o Evangelho e que tenha elucidado as suas partes obscuras, indício certo de que o enviado ainda não tinha aparecido.

39 Quem deve ser esse enviado? Dizendo Jesus: «Rogarei a meu Pai, e ele vos enviará outro Consolador», indica claramente que não é ele mesmo; de outro modo, teria dito: «Voltarei para completar o que vos ensinei.» Depois acrescenta: A fim de que fique eternamente convosco, e estará em vós.

39.2 Isso não poderia entender-se de uma individualidade encarnada, que não pode ficar eternamente conosco, e menos ainda estar em nós, mas compreende-se muito bem de uma doutrina que, com efeito, depois que a assimilamos, pode estar eternamente em nós.

39.3 O Consolador é, pois, no pensamento de Jesus, a personificação de uma doutrina soberanamente consoladora, cujo inspirador deve ser o Espírito de Verdade.

40 O Espiritismo realiza, como foi demonstrado (cap. I, n.º 30), todas as condições do Consolador prometido por Jesus. Não é uma doutrina individual, uma concepção humana; ninguém pode dizer-se o seu criador. É o produto do ensino coletivo dos Espíritos, a que preside o Espírito de Verdade. Não suprime nada do Evangelho: completa-o e elucida-o; com o auxílio das novas leis que revela, juntas às da ciência, faz compreender o que era ininteligível e admitir a possibilidade do que a incredulidade considerava inadmissível. Teve os seus precursores e os seus profetas, que pressentiram a sua vinda. Pelo seu poder moralizador, prepara o reino do bem na Terra.

A doutrina de Moisés, incompleta, ficou circunscrita ao povo judeu; a de Jesus, mais completa, espalhou-se por toda a Terra pelo cristianismo, mas não converteu todo o mundo; o Espiritismo, mais completo ainda, tendo raízes em todas as crenças, converterá a humanidade.

41 O Cristo, dizendo aos seus apóstolos: «Outro virá mais tarde, que vos ensinará o que não posso dizer-vos agora», proclamava por isso mesmo a necessidade da reencarnação. Como poderiam esses homens aproveitar o ensino mais completo que devia ser dado ulteriormente; como seriam mais aptos a compreendê-lo, se não devessem reviver?

41.2 Jesus teria dito uma inconsequência se os homens futuros devessem, segundo a doutrina vulgar, ser homens novos, almas saídas do nada no seu nascimento. Admiti, ao contrário, que os apóstolos e os homens do seu tempo viveram depois; que revivem ainda hoje: a promessa de Jesus acha-se justificada; a sua inteligência, que deve ter-se desenvolvido em contato com o progresso social, pode suportar agora o que não podia suportar então. Sem a reencarnação, a promessa de Jesus teria sido ilusória.

42 Se se dissesse que essa promessa se realizou no dia de Pentecostes, pela descida do Espírito Santo, responder-se-ia que o Espírito Santo os inspirou, que pôde abrir a sua inteligência, desenvolver neles as aptidões mediúnicas que deviam facilitar a sua missão, mas que nada lhes ensinou além do que Jesus ensinara, porque não se encontra nenhum vestígio de um ensino especial. O Espírito Santo não realizou, pois, o que Jesus anunciara do Consolador; de outro modo, os apóstolos teriam elucidado, em vida, tudo o que ficou obscuro no Evangelho até hoje, e cuja interpretação contraditória deu lugar às inumeráveis seitas que dividiram o cristianismo desde o primeiro século.

43 Então Jesus disse aos seus discípulos: Se alguém quer vir após mim, que renuncie a si mesmo, que tome a sua cruz e me siga; — porque aquele que quiser salvar a sua vida perdê-la-á, e aquele que perder a sua vida por amor de mim encontrá-la-á.
E de que serviria a um homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? Ou por que troca poderá o homem resgatar a sua alma, depois de a ter perdido? — Porque o Filho do homem deve vir na glória de seu Pai com os seus anjos, e então dará a cada um segundo as suas obras.

Digo-vos, em verdade, há alguns dos que estão aqui que não provarão a morte sem terem visto o Filho do homem vir no seu reino. (São Mateus, cap. XVI, v. de 24 a 28.)

44 Então o sumo sacerdote, levantando-se no meio da assembleia, interrogou Jesus e disse-lhe: Nada respondeis ao que estes depõem contra vós? — Mas Jesus permanecia em silêncio e nada respondeu. O sumo sacerdote interrogou-o ainda e disse-lhe: Sois vós o Cristo, o Filho de Deus bendito para sempre? — Jesus respondeu-lhe: Eu o sou, e vereis um dia o Filho do homem sentado à direita da majestade de Deus e vindo sobre as nuvens do céu.
Logo o sumo sacerdote, rasgando as suas vestes, disse-lhes: Que necessidade temos ainda de testemunhas? (São Marcos, cap. XIV, v. de 60 a 63.)

45 Jesus anuncia a sua segunda vinda, mas não diz que voltará à Terra com um corpo carnal, nem que o Consolador será personificado nele. Apresenta-se como devendo vir em Espírito, na glória de seu Pai, julgar o mérito e o demérito e dar a cada um segundo as suas obras, quando os tempos estiverem cumpridos.
Esta palavra: «Há alguns dos que estão aqui que não provarão a morte sem terem visto o Filho do homem vir no seu reino» parece uma contradição, pois é certo que ele não veio em vida de nenhum dos que estavam presentes. Jesus não podia, entretanto, enganar-se numa previsão dessa natureza, e sobretudo numa coisa contemporânea que lhe dizia respeito pessoalmente; é preciso primeiro perguntar-se se as suas palavras sempre foram bem fielmente reproduzidas. Pode-se duvidar disso, se se pensa que ele nada escreveu; que só foram recolhidas depois da sua morte; e, quando se vê o mesmo discurso quase sempre reproduzido em termos diferentes por cada evange-

lista, é uma prova evidente de que não são as expressões textuais de Jesus. É, além disso, provável que o sentido tenha sido às vezes alterado ao passar por traduções sucessivas.

Por outro lado, é certo que, se Jesus tivesse dito tudo o que poderia ter dito, se teria exprimido sobre todas as coisas de maneira nítida e precisa, que não teria dado lugar a nenhum equívoco, como o faz para os princípios de moral, ao passo que teve de velar o seu pensamento sobre os assuntos que não julgou conveniente aprofundar. Os apóstolos, persuadidos de que a geração presente devia ser testemunha do que ele anunciava, devem ter interpretado o pensamento de Jesus segundo a sua ideia; puderam, por conseguinte, redigi-lo no sentido do presente de maneira mais absoluta do que talvez ele mesmo o tenha feito. Seja como for, aí está o fato, que prova que as coisas não aconteceram como eles julgaram.

46 Um ponto capital que Jesus não pôde desenvolver, porque os homens do seu tempo não estavam suficientemente preparados para essa ordem de ideias e para as suas consequências, mas cujo princípio, entretanto, estabeleceu, como o fez para todas as coisas, é a grande e importante lei da reencarnação. Essa lei, estudada e posta em evidência nos nossos dias pelo Espiritismo, é a chave de muitas passagens do Evangelho que, sem ela, parecem contrassensos.

É nessa lei que se pode encontrar a explicação racional das palavras acima, admitindo-as como textuais. Já que não podem aplicar-se à pessoa dos apóstolos, é evidente que se referem ao reino futuro do Cristo, isto é, ao tempo em que a sua doutrina, mais bem compreendida, será a lei universal. Dizendo-lhes que alguns dos que estavam presentes veriam a sua vinda, isso só podia entender-se no sentido de que reviveriam nessa época. Mas os

judeus imaginavam que iam ver tudo o que Jesus anunciava e tomavam as suas alegorias ao pé da letra.
De resto, algumas das suas predições cumpriram-se no tempo deles, tais como a ruína de Jerusalém, as desgraças que foram a sua consequência e a dispersão dos judeus; mas ele leva a vista mais longe e, falando do presente, faz constantemente alusão ao futuro.

47 Ouvireis também falar de guerras e de rumores de guerras; mas guardai-vos bem de vos perturbar, porque é preciso que essas coisas aconteçam; mas ainda não será o fim, — porque se verá levantar-se povo contra povo e reino contra reino; e haverá pestes, fomes e terremotos em diversos lugares, — e todas essas coisas serão apenas o começo das dores. (São Mateus, cap. XXIV, v. 6, 7, 8.)

48 Então o irmão entregará o irmão à morte, e o pai, o filho; os filhos se levantarão contra os pais e as mães e os farão morrer. — E sereis odiados por todo o mundo por causa do meu nome; mas aquele que perseverar até o fim será salvo. (São Marcos, cap. XIII, v. 12, 13.)

49 Quando virdes que a abominação da desolação que foi predita pelo profeta Daniel estará no lugar santo, que aquele que lê entenda bem o que lê. Então, que os que estiverem na Judeia fujam para os montes. — Que aquele que estiver no alto do telhado não desça para levar alguma coisa da sua casa; — e que aquele que estiver no campo não volte para tomar as suas vestes. — Mas ai das mulheres que estiverem grávidas ou amamentando nesses dias. — Rogai, pois, a Deus que a vossa fuga não aconteça durante o inverno nem no dia de sábado, — porque a aflição desse tempo será tão grande que não houve semelhante desde o começo do mundo até agora, e

nunca haverá. — E, se esses dias não tivessem sido abreviados, nenhum homem teria sido salvo; mas esses dias serão abreviados em favor dos eleitos. (São Mateus, cap. XXIV, v. 15 a 22.)

50 Logo depois desses dias de aflição, o sol se obscurecerá, e a lua não dará mais a sua luz; as estrelas cairão do céu, e as potências dos céus serão abaladas.
Então o sinal do Filho do homem aparecerá no céu, e todos os povos da terra estarão em prantos e em gemidos; e verão o Filho do homem, que virá sobre as nuvens do céu com grande majestade.
E enviará os seus anjos, que farão ouvir a voz retumbante das suas trombetas e que reunirão os seus eleitos dos quatro cantos do mundo, desde uma extremidade do céu até a outra.
Aprendei uma comparação tirada da figueira. Quando os seus ramos já estão tenros e ela lança folhas, sabeis que o verão está próximo. — Assim também, quando virdes todas essas coisas, sabei que o Filho do homem está próximo e que está como à porta.
Digo-vos, em verdade, que esta raça não passará sem que todas essas coisas se cumpram. (São Mateus, cap. XXIV, v. de 29 a 34.)
E acontecerá na vinda do Filho do homem o que aconteceu no tempo de Noé; — porque, como nos últimos tempos antes do dilúvio os homens comiam e bebiam, casavam-se e casavam os seus filhos, até o dia em que Noé entrou na arca; — e só conheceram o momento do dilúvio quando ele sobreveio e arrastou toda a gente, assim será na vinda do Filho do homem. (São Mateus, cap. XXIV, v. 37, 38.)

51 Quanto a esse dia ou a essa hora, ninguém o sabe, nem os anjos que estão no céu, nem o Filho, mas só o Pai. (São Marcos, cap. XIII, v. 32.)

52 Em verdade, em verdade vos digo, chorareis e gemereis, e o mundo se alegrará; estareis na tristeza, mas a vossa tristeza se mudará em alegria. — Uma mulher, quando dá à luz, está na dor, porque chegou a sua hora; mas, depois que deu à luz um filho, já não se lembra de todos os seus males, na alegria que tem de ter posto um homem no mundo. — Assim vós estais agora na tristeza; mas eu vos verei de novo, e o vosso coração se alegrará, e ninguém vos tirará a vossa alegria. (São João, cap. XVI, v. 20, 21, 22.)

53 Levantar-se-ão muitos falsos profetas, que seduzirão muitas pessoas, — e, porque a iniquidade abundará, a caridade de muitos esfriará; — mas será salvo aquele que perseverar até o fim. — E este Evangelho do reino será pregado em toda a terra para servir de testemunho a todas as nações, e é então que chegará o fim. (São Mateus, cap. XXIV, v. de 11 a 14.)

54 Esse quadro do fim dos tempos é evidentemente alegórico, como a maior parte dos que Jesus apresentava. As imagens que contém são de natureza, pela sua energia, a impressionar inteligências ainda rudes. Para impressionar essas imaginações pouco sutis, eram precisas pinturas vigorosas, de cores marcadas. Jesus dirigia-se sobretudo ao povo, aos homens menos esclarecidos, incapazes de compreender as abstrações metafísicas e de apreender a delicadeza das formas. Para chegar ao coração, era preciso falar aos olhos com o auxílio de sinais materiais, e aos ouvidos pelo vigor da linguagem.

Por uma consequência natural dessa disposição de espírito, o poder supremo só podia, segundo a crença de então, manifestar-se por coisas extraordinárias, sobrenaturais; quanto mais impossíveis eram, melhor eram aceitas como prováveis.

O Filho do homem vindo sobre as nuvens do céu, com grande majestade,

cercado dos seus anjos e ao som das trombetas, parecia-lhes muito mais imponente que um ser investido apenas do poder moral. Por isso os judeus, que esperavam no Messias um rei da terra, poderoso entre todos os reis, para pôr a sua nação no primeiro lugar e levantar o trono de Davi e de Salomão, não quiseram reconhecê-lo no humilde filho do carpinteiro, sem autoridade material, tratado de louco por uns e de sequaz de Satanás por outros; não podiam compreender um rei sem asilo e cujo reino não era deste mundo.

Entretanto, esse pobre proletário da Judeia tornou-se o maior entre os grandes; conquistou para a sua soberania mais reinos que os mais poderosos potentados; só com a sua palavra e alguns miseráveis pescadores, revolucionou o mundo, e é a ele que os judeus deverão a sua reabilitação.

55 É de notar que, entre os Antigos, os terremotos e o obscurecimento do sol eram os símbolos obrigatórios de todos os acontecimentos e de todos os presságios sinistros; encontram-se na morte de Jesus, na de César e numa multidão de circunstâncias da história do paganismo.

55.2 Se esses fenômenos se tivessem produzido tão frequentemente quanto se conta, pareceria impossível que os homens não tivessem conservado a sua memória pela tradição. Aqui acrescentam-se as estrelas que caem do céu, como para testemunhar às gerações futuras, mais esclarecidas, que se trata apenas de uma ficção, pois se sabe hoje que as estrelas não podem cair.

56 Entretanto, sob essas alegorias escondem-se grandes verdades: é primeiro o anúncio das calamidades de todos os gêneros que ferirão a humanidade e a dizimarão; calamidades geradas pela luta suprema entre o bem e o mal, a fé e a incredulidade, as ideias progressivas e as ideias retrógradas.

56.2 Em segundo lugar, o da difusão, por toda a Terra, do Evangelho restabelecido na sua pureza primitiva; depois, o reino do bem, que será o da paz e da fraternidade universal, sairá do código de moral evangélico posto em prática por todos os povos.

56.3 Será verdadeiramente o reino de Jesus, pois ele presidirá ao seu estabelecimento, e os homens viverão sob a égide da sua lei; reino de felicidade, porque, diz ele, «depois dos dias de aflição virão os dias de alegria».

57 Quando se cumprirão essas coisas? «Ninguém o sabe, diz Jesus, nem mesmo o Filho»; mas, quando chegar o momento, os homens serão advertidos por indícios precursores. Esses indícios não estarão nem no sol nem nas estrelas, mas no estado social e em fenômenos mais morais que físicos, que se podem em parte deduzir das suas alusões.

É bem certo que essa mudança não podia operar-se em vida dos apóstolos; de outro modo, Jesus não poderia tê-lo ignorado, e, aliás, tal transformação não podia cumprir-se em alguns anos. Entretanto, fala-lhes como se devessem ser testemunhas dela; é que, com efeito, poderão reviver nessa época e trabalhar eles mesmos na transformação. Ora fala da sorte próxima de Jerusalém, ora toma esse fato como ponto de comparação para o futuro.

58 É o fim do mundo que Jesus anuncia pela sua nova vinda, quando diz: «Quando o Evangelho for pregado por toda a terra, é então que chegará o fim»?

Não é racional supor que Deus destrua o mundo precisamente no momento em que entrar no caminho do progresso moral pela prática dos ensinos evangélicos; nada, aliás, nas palavras do Cristo, indica uma destruição universal, que, em tais condições, não seria justificada.

Devendo a prática geral do Evangelho trazer uma melhoria no estado mo-

ral dos homens, trará por isso mesmo o reino do bem e acarretará a queda do do mal. É, pois, ao fim do velho mundo, do mundo governado pelos preconceitos, pelo orgulho, pelo egoísmo, pelo fanatismo, pela incredulidade, pela cupidez e por todas as más paixões, que o Cristo faz alusão quando diz: «Quando o Evangelho for pregado por toda a terra, é então que chegará o fim»; mas esse fim trará uma luta, e é dessa luta que sairão os males que ele prevê.

59 Nos últimos tempos, diz o Senhor, derramarei do meu espírito sobre toda carne; os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão; os vossos jovens terão visões, e os vossos velhos terão sonhos. — Nesses dias, derramarei do meu espírito sobre os meus servos e sobre as minhas servas, e eles profetizarão. (Atos, cap. II, v. 17, 18.)

60 Se se considera o estado atual do mundo físico e do mundo moral, as tendências, as aspirações, os pressentimentos das massas, a decadência das velhas ideias, que se debatem em vão há um século contra as ideias novas, não se pode duvidar de que uma nova ordem de coisas se prepara e de que o velho mundo chega ao seu fim.

Se agora, fazendo a parte da forma alegórica de certos quadros e perscrutando o sentido íntimo das suas palavras, se compara a situação atual com os tempos descritos por Jesus como devendo marcar a era da renovação, não se pode deixar de convir que várias das suas predições recebem hoje o seu cumprimento; de onde se deve concluir que chegamos aos tempos anunciados, o que confirmam em todos os pontos do globo os Espíritos que se manifestam.

61 Como se viu (cap. I, n.º 32), o advento do Espiritismo, coincidindo com outras circunstâncias, realiza uma das mais importantes predições de Jesus, pela influência que deve forçosamente exercer sobre as ideias. Está, além disso, claramente anunciado na que é relatada nos Atos dos Apóstolos: «Nos últimos tempos, diz o Senhor, derramarei do meu Espírito sobre toda carne; os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão.»
É o anúncio inequívoco da vulgarização da mediunidade, que se revela nos nossos dias em indivíduos de todas as idades, de todos os sexos e de todas as condições, e, por conseguinte, da manifestação universal dos Espíritos, porque sem os Espíritos não haveria médiuns. Isso, está dito, acontecerá nos últimos tempos; ora, como não chegamos ao fim do mundo, mas, ao contrário, à sua regeneração, deve-se entender por essas palavras os últimos tempos do mundo moral que acaba. (O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XXI.)

62 Ora, quando o Filho do homem vier na sua majestade, acompanhado de todos os anjos, sentar-se-á no trono da sua glória; — e, estando todas as nações reunidas diante dele, separará uns dos outros, como um pastor separa as ovelhas dos bodes, e porá as ovelhas à sua direita e os bodes à sua esquerda. — Então o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: Vinde, vós que fostes abençoados por meu Pai etc. (São Mateus, cap. XXV, v. de 31 a 46. — O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XV.)

63 Devendo o bem reinar na Terra, é preciso que os Espíritos endurecidos no mal, que poderiam levar a ela a perturbação, sejam excluídos dela. Deus deixou-os nela o tempo necessário à sua melhoria; mas, tendo chegado o momento em que o globo deve elevar-se na hierarquia dos mundos pelo

progresso moral dos seus habitantes, a permanência nele, como Espíritos e como encarnados, será proibida aos que não tiverem aproveitado as instruções que puderam receber nele.

63.2 Serão exilados em mundos inferiores, como o foram outrora na Terra os da raça adâmica, enquanto serão substituídos por Espíritos melhores. É essa separação, a que Jesus presidirá, que está figurada por estas palavras do juízo final: «Os bons passarão à minha direita, e os maus à minha esquerda.» (Cap. XI, n.º 31 e seguintes.)

64 A doutrina de um juízo final, único e universal, pondo fim para sempre à humanidade, repugna à razão, no sentido de que implicaria a inatividade de Deus durante a eternidade que precedeu a criação da Terra e a eternidade que se seguirá à sua destruição.

64.2 Pergunta-se de que utilidade seriam então o sol, a lua e as estrelas, que, segundo a Gênese, foram feitos para iluminar o nosso mundo. Espanta que uma obra tão imensa tenha sido feita para tão pouco tempo e em proveito de seres cuja maior parte estava votada de antemão aos suplícios eternos.

65 Materialmente, a ideia de um juízo único era, até certo ponto, admissível para os que não procuram a razão das coisas, quando se julgava toda a humanidade concentrada na Terra e que tudo no universo fora feito para os seus habitantes; é inadmissível desde que se sabe que há bilhões de mundos semelhantes, que perpetuam as humanidades durante a eternidade, e entre os quais a Terra é um ponto imperceptível, dos menos consideráveis.

Vê-se, só por esse fato, que Jesus tinha razão em dizer aos seus discípulos: «Há muitas coisas que não posso dizer-vos, porque não as compreende-

ríeis», pois o progresso das ciências era indispensável para uma sã interpretação de algumas das suas palavras. Certamente os apóstolos, são Paulo e os primeiros discípulos teriam estabelecido certos dogmas de maneira inteiramente diversa se tivessem tido os conhecimentos astronômicos, geológicos, físicos, químicos, fisiológicos e psicológicos que hoje se possuem. Por isso Jesus adiou o complemento das suas instruções e anunciou que todas as coisas deviam ser restabelecidas.

66 Moralmente, um juízo definitivo e sem apelação é inconciliável com a bondade infinita do Criador, que Jesus nos apresenta sem cessar como um bom Pai, que deixa sempre um caminho aberto ao arrependimento e está pronto a estender os braços ao filho pródigo. Se Jesus tivesse entendido o juízo nesse sentido, teria desmentido as suas próprias palavras.

E depois, se o juízo final deve surpreender os homens de improviso, no meio dos seus trabalhos ordinários, e as mulheres grávidas, pergunta-se com que fim Deus, que nada faz de inútil nem de injusto, faria nascer crianças e criaria almas novas nesse momento supremo, no termo fatal da humanidade, para fazê-las passar em julgamento ao saírem do seio da mãe, antes que tenham consciência de si mesmas, quando outras tiveram milhares de anos para se reconhecer? De que lado, à direita ou à esquerda, passarão essas almas, que ainda não são nem boas nem más, e às quais todo caminho ulterior de progresso está doravante fechado, pois a humanidade já não existirá? (Cap. II, n.º 19.)

Que os que se contentam com semelhantes crenças as conservem, é o seu direito, e ninguém tem nada a dizer; mas que não achem mau também que nem todo o mundo seja da sua opinião.

67 O juízo por via de emigração, tal como foi definido acima (n.º 63), é racional; está fundado na mais rigorosa justiça, visto que deixa eternamente ao Espírito o seu livre-arbítrio; que não constitui privilégio para ninguém; que uma igual latitude é dada por Deus a todas as suas criaturas, sem exceção, para progredir; que a porta do céu está sempre aberta para os que se tornam dignos de nele entrar; que o próprio aniquilamento de um mundo, acarretando a destruição do corpo, não traria nenhuma interrupção à marcha progressiva do Espírito. Tal é a consequência da pluralidade dos mundos e da pluralidade das existências.

Segundo essa interpretação, a qualificação de juízo final não é exata, pois os Espíritos passam por semelhantes assembleias a cada renovação dos mundos que habitam, até terem atingido certo grau de perfeição. Não há, pois, propriamente falando, juízo final, mas há juízos gerais em todas as épocas de renovação parcial ou total da população dos mundos, em consequência dos quais se operam as grandes emigrações e imigrações de Espíritos.

Une Sacra · edição 1.8 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XVIII. OS TEMPOS SÃO CHEGADOS

✦

1 Os tempos marcados por Deus chegaram, dizem-nos de todas as partes, em que grandes acontecimentos vão cumprir-se para a regeneração da humanidade. Em que sentido se devem entender essas palavras proféticas?

1.2 Para os incrédulos, não têm nenhuma importância; aos seus olhos, são apenas a expressão de uma crença pueril, sem fundamento; para a maioria dos crentes, têm algo de místico e de sobrenatural, que lhes parece ser o precursor da subversão das leis da natureza.

1.3 Essas duas interpretações são igualmente errôneas: a primeira, porque implica a negação da Providência; a segunda, porque essas palavras não anunciam a perturbação das leis da natureza, mas o seu cumprimento.

2 Tudo é harmonia na criação; tudo revela uma previdência que não se desmente nem nas menores coisas nem nas maiores; devemos, pois, primeiro, afastar toda ideia de capricho, inconciliável com a sabedoria divina; em segundo lugar, se a nossa época está marcada para o cumprimento de certas coisas, é que elas têm a sua razão de ser na marcha do conjunto.

Posto isso, diremos que o nosso globo, como tudo o que existe, está submetido à lei do progresso. Progride fisicamente pela transformação dos elementos que o compõem, e moralmente pela depuração dos Espíritos encarnados e desencarnados que o povoam. Esses dois progressos seguem-se e marcham paralelamente, porque a perfeição da habitação está em relação com a do habitante. Fisicamente, o globo sofreu transformações, constatadas pela ciência, que o tornaram sucessivamente habitável por seres cada vez mais aperfeiçoados; moralmente, a humanidade progride pelo desen-

volvimento da inteligência, do senso moral e pelo abrandamento dos costumes. Ao mesmo tempo que a melhoria do globo se opera sob o império das forças materiais, os homens concorrem para ela pelos esforços da sua inteligência; saneiam as regiões insalubres, tornam as comunicações mais fáceis e a terra mais produtiva.

Esse duplo progresso cumpre-se de duas maneiras: uma lenta, gradual e insensível; a outra, por mudanças mais bruscas, em cada uma das quais se opera um movimento ascensional mais rápido, que marca, por caracteres nítidos, os períodos progressivos da humanidade. Esses movimentos, subordinados nos pormenores ao livre-arbítrio dos homens, são de certo modo fatais no seu conjunto, porque estão submetidos a leis, como os que se operam na germinação, no crescimento e na maturidade das plantas, uma vez que o fim da humanidade é o progresso, não obstante a marcha retardatária de algumas individualidades; é por isso que o movimento progressivo é às vezes parcial, isto é, limitado a uma raça ou a uma nação, e outras vezes geral.

O progresso da humanidade efetua-se, pois, em virtude de uma lei; ora, como todas as leis da natureza são obra eterna da sabedoria e da presciência divinas, tudo o que é efeito dessas leis é resultado da vontade de Deus, não de uma vontade acidental e caprichosa, mas de uma vontade imutável. Quando, pois, a humanidade está madura para transpor um grau, pode-se dizer que os tempos marcados por Deus chegaram, como se pode dizer também que, em tal estação, chegaram para a maturação dos frutos e para a colheita.

3 Do fato de o movimento progressivo da humanidade ser inevitável, porque está na natureza, não se segue que Deus lhe seja indiferente e que, depois de ter estabelecido leis, tenha voltado à inação, deixando as coisas andarem sozinhas.

3.2 As suas leis são eternas e imutáveis, sem dúvida, mas porque a sua própria vontade é eterna e constante, e o seu pensamento anima todas as coisas sem interrupção; o seu pensamento, que penetra tudo, é a força inteligente e permanente que mantém tudo na harmonia; cesse esse pensamento um só instante de agir, e o universo seria como um relógio sem pêndulo regulador.

3.3 Deus vela, pois, incessantemente pela execução das suas leis, e os Espíritos que povoam o espaço são os seus ministros encarregados dos pormenores, segundo as atribuições próprias do seu grau de adiantamento.

4 O universo é ao mesmo tempo um mecanismo incomensurável conduzido por um número não menos incomensurável de inteligências, um imenso governo em que cada ser inteligente tem a sua parte de ação sob o olhar do soberano Senhor, cuja vontade única mantém em toda parte a unidade.

4.2 Sob o império desse vasto poder regulador, tudo se move, tudo funciona numa ordem perfeita; o que nos parece perturbações são movimentos parciais e isolados, que só nos parecem irregulares porque a nossa vista é circunscrita. Se pudéssemos abarcar o conjunto, veríamos que essas irregularidades são apenas aparentes e que se harmonizam no todo.

5 A previsão dos movimentos progressivos da humanidade nada tem de surpreendente da parte de seres desmaterializados que veem o fim para o qual tendem todas as coisas, alguns dos quais possuem o pensamento di-

reto de Deus, e que julgam, pelos movimentos parciais, o tempo em que poderá cumprir-se um movimento geral, como se julga de antemão o tempo de que uma árvore precisa para dar frutos, como os astrônomos calculam a época de um fenômeno astronômico pelo tempo de que um astro precisa para cumprir a sua revolução.

Mas todos os que anunciam esses fenômenos, os autores de almanaques que predizem os eclipses e as marés, não estão certamente em condições de fazer eles mesmos os cálculos necessários: são apenas ecos; assim acontece com os Espíritos secundários, cuja vista é limitada e que só repetem o que aprouve aos Espíritos superiores revelar-lhes.

6 A humanidade realizou até hoje progressos incontestáveis; os homens, pela sua inteligência, chegaram a resultados que nunca tinham atingido no que diz respeito às ciências, às artes e ao bem-estar material; resta-lhes ainda um imenso progresso a realizar: é fazer reinar entre eles a caridade, a fraternidade e a solidariedade, para assegurar o bem-estar moral. Não o podiam nem com as suas crenças, nem com as suas instituições antiquadas, restos de outra época, boas em certo tempo, suficientes para um estado transitório, mas que, tendo dado o que comportavam, seriam hoje um ponto de parada. Assim uma criança é estimulada por móveis que se tornam impotentes quando chega a idade madura. Já não é somente o desenvolvimento da inteligência que é preciso aos homens, é a elevação do sentimento, e para isso é preciso destruir tudo o que podia sobre-excitar neles o egoísmo e o orgulho.

Tal é o período em que vão entrar doravante, e que marcará uma das fases principais da humanidade. Essa fase, que se elabora neste momento, é o

complemento necessário do estado precedente, como a idade viril é o complemento da juventude; podia, pois, ser prevista e predita de antemão, e é por isso que se diz que os tempos marcados por Deus chegaram.

7 Neste tempo, não se trata de uma mudança parcial, de uma renovação limitada a uma região, a um povo, a uma raça; é um movimento universal que se opera no sentido do progresso moral. Uma nova ordem de coisas tende a estabelecer-se, e os homens que mais se opõem a ela trabalham para ela sem o saber; a geração futura, livre das escórias do velho mundo e formada de elementos mais depurados, achar-se-á animada de ideias e de sentimentos inteiramente diversos dos da geração presente, que se vai a passos de gigante. O velho mundo estará morto e viverá na história como hoje os tempos da Idade Média, com os seus costumes bárbaros e as suas crenças supersticiosas.

De resto, todos sabem que a ordem de coisas atual deixa a desejar; depois de ter, de certo modo, esgotado o bem-estar material, que é produto da inteligência, chega-se a compreender que o complemento desse bem-estar só pode estar no desenvolvimento moral. Quanto mais se avança, mais se sente o que falta, sem poder ainda, entretanto, defini-lo claramente: é o efeito do trabalho íntimo que se opera para a regeneração; têm-se desejos, aspirações que são como o pressentimento de um estado melhor.

8 Mas uma mudança tão radical quanto a que se elabora não pode cumprir-se sem comoção; há luta inevitável entre as ideias. Desse conflito nascerão forçosamente perturbações temporárias, até que o terreno seja desobstruído e o equilíbrio restabelecido.

8.2 É, pois, da luta das ideias que surgirão os graves acontecimentos anunciados, e não de cataclismos ou de catástrofes puramente materiais. Os cataclismos gerais eram consequência do estado de formação da Terra; hoje já não são as entranhas do globo que se agitam, são as da humanidade.

9 A humanidade é um ser coletivo, em que se operam as mesmas revoluções morais que em cada ser individual, com esta diferença: umas cumprem-se de ano em ano, e as outras de século em século. Que se siga nas suas evoluções através dos tempos, e ver-se-á a vida das diversas raças marcada por períodos que dão a cada época uma fisionomia particular.
Ao lado dos movimentos parciais, há um movimento geral que dá o impulso à humanidade inteira; mas o progresso de cada parte do conjunto é relativo ao seu grau de adiantamento. Seria como uma família composta de vários filhos, dos quais o mais novo está no berço e o mais velho tem dez anos, por exemplo. Dentro de dez anos, o mais velho terá vinte e será um homem; o mais novo terá dez e, embora mais adiantado, será ainda uma criança; mas por sua vez se tornará um homem. Assim acontece com as diferentes frações da humanidade; as mais atrasadas avançam, mas não poderiam atingir de um salto o nível das mais adiantadas.

10 A humanidade, tornada adulta, tem novas necessidades, aspirações mais largas, mais elevadas; compreende o vazio das ideias com que foi embalada, a insuficiência das suas instituições para a sua felicidade; já não encontra no estado das coisas as satisfações legítimas a que se sente chamada; é por isso que sacode os seus cueiros e se lança, impelida por uma força irresistível, para margens desconhecidas, à descoberta de novos horizontes menos limitados.
E é no momento em que ela se encontra apertada demais na sua esfera ma-

terial, em que a vida intelectual transborda, em que o sentimento da espiritualidade desabrocha, que homens que se dizem filósofos esperam encher o vazio com as doutrinas do niilismo e do materialismo! Estranha aberração! Esses mesmos homens, que pretendem impeli-la para a frente, esforçam-se por circunscrevê-la no círculo estreito da matéria, de onde ela aspira a sair; fecham-lhe a vista da vida infinita e dizem-lhe, mostrando-lhe o túmulo: Nec plus ultra!

11 A marcha progressiva da humanidade opera-se de duas maneiras, como dissemos: uma gradual, lenta, insensível, se se consideram as épocas próximas, que se traduz por melhorias sucessivas nos costumes, nas leis, nos usos, e só se percebe com o tempo, como as mudanças que as correntes de água trazem à superfície do globo; a outra, por movimentos relativamente bruscos, rápidos, semelhantes aos de uma torrente que rompe os seus diques, que lhe fazem transpor em alguns anos o espaço que teria levado séculos a percorrer. É então um cataclismo moral que traga em alguns instantes as instituições do passado, e ao qual sucede uma nova ordem de coisas, que se assenta pouco a pouco, à medida que a calma se restabelece, e se torna definitiva.

Àquele que vive bastante tempo para abarcar as duas vertentes da nova fase, parece que um mundo novo saiu das ruínas do antigo; o caráter, os costumes, os usos, tudo mudou; é que, com efeito, homens novos, ou antes regenerados, surgiram; as ideias levadas pela geração que se extingue deram lugar a ideias novas na geração que se ergue.

É a um desses períodos de transformação, ou, se quiserem, de crescimento moral, que chegou a humanidade. Da adolescência passa à idade viril; o passado já não pode bastar às suas novas aspirações, às suas novas necessida-

des; já não pode ser conduzida pelos mesmos meios; já não se paga de ilusões e de prestígios: a sua razão amadurecida precisa de alimentos mais substanciais. O presente é efêmero demais; sente que o seu destino é mais vasto e que a vida corporal é restrita demais para encerrá-lo inteiro; é por isso que mergulha os olhares no passado e no futuro, a fim de descobrir neles o mistério da sua existência e de tirar deles uma consoladora segurança.

12 Quem quer que tenha meditado sobre o Espiritismo e as suas consequências, e não o circunscreva à produção de alguns fenômenos, compreende que ele abre à humanidade um caminho novo e lhe desenrola os horizontes do infinito; iniciando-a nos mistérios do mundo invisível, mostra-lhe o seu verdadeiro papel na criação, papel perpetuamente ativo, tanto no estado espiritual quanto no estado corporal.

12.2 O homem já não caminha às cegas: sabe de onde vem, para onde vai e por que está na Terra. O futuro mostra-se a ele na sua realidade, livre dos preconceitos da ignorância e da superstição; já não é uma vaga esperança: é uma verdade palpável, tão certa para ele quanto a sucessão do dia e da noite.

12.3 Sabe que o seu ser não está limitado a alguns instantes de uma existência efêmera; que a vida espiritual não é interrompida pela morte; que já viveu, que reviverá ainda, e que de tudo o que adquire em perfeição pelo trabalho nada se perde; encontra nas suas existências anteriores a razão do que é hoje; e, do que o homem se faz hoje, pode concluir o que será um dia.

13 Com o pensamento de que a atividade e a cooperação individuais na obra geral da civilização estão limitadas à vida presente, de que nada se foi e nada se será, que importa ao homem o progresso ulterior da humanidade? Que lhe importa que no futuro os povos sejam mais bem governa-

dos, mais felizes, mais esclarecidos, melhores uns para os outros? Já que não deve tirar disso nenhum fruto, esse progresso não está perdido para ele? De que lhe serve trabalhar para os que virão depois dele, se nunca deve conhecê-los, se são seres novos que pouco depois voltarão eles mesmos ao nada? Sob o império da negação do futuro individual, tudo se apequena forçosamente às mesquinhas proporções do momento e da personalidade.
Mas, ao contrário, que amplitude dá ao pensamento do homem a certeza da perpetuidade do seu ser espiritual! Que há de mais racional, de mais grandioso, de mais digno do Criador que essa lei segundo a qual a vida espiritual e a vida corporal são apenas dois modos de existência que se alternam para o cumprimento do progresso! Que há de mais justo e de mais consolador que a ideia dos mesmos seres progredindo sem cessar, primeiro através das gerações do mesmo mundo e depois de mundo em mundo, até a perfeição, sem solução de continuidade! Todas as ações têm então um fim, porque, trabalhando para todos, trabalha-se para si, e reciprocamente; de sorte que nem o progresso individual nem o progresso geral são jamais estéreis; ele aproveita às gerações e às individualidades futuras, que não são outras senão as gerações e as individualidades passadas, chegadas a um grau mais elevado de adiantamento.

14 A vida espiritual é a vida normal e eterna do Espírito, e a encarnação é apenas uma forma temporária da sua existência. Salvo a veste exterior, há, pois, identidade entre os encarnados e os desencarnados; são as mesmas individualidades sob dois aspectos diferentes, pertencendo ora ao mundo visível, ora ao mundo invisível, reencontrando-se seja num, seja noutro, concorrendo num e noutro para o mesmo fim, por meios apropriados à sua situação.

Dessa lei decorre a da perpetuidade das relações entre os seres; a morte não os separa e não põe termo às suas relações simpáticas nem aos seus deveres recíprocos. Daí a solidariedade de todos para com cada um, e de cada um para com todos; daí também a fraternidade. Os homens só viverão felizes na Terra quando esses dois sentimentos tiverem entrado nos seus corações e nos seus costumes, porque então conformarão com eles as suas leis e as suas instituições. Será esse um dos principais resultados da transformação que se opera.

Mas como conciliar os deveres da solidariedade e da fraternidade com a crença de que a morte torna para sempre os homens estranhos uns aos outros? Pela lei da perpetuidade das relações que ligam todos os seres, o Espiritismo funda esse duplo princípio nas próprias leis da natureza; faz dele não só um dever, mas uma necessidade. Pela da pluralidade das existências, o homem liga-se ao que se fez e ao que se fará, aos homens do passado e aos do futuro; já não pode dizer que nada tem de comum com os que morrem, pois uns e outros se reencontram sem cessar, neste mundo e no outro, para subirem juntos a escada do progresso e se prestarem um apoio mútuo. A fraternidade já não está circunscrita a alguns indivíduos que o acaso reúne durante a duração efêmera da vida; é perpétua como a vida do Espírito, universal como a humanidade, que constitui uma grande família cujos membros são todos solidários uns dos outros, qualquer que seja a época em que tenham vivido.

Tais são as ideias que ressaltam do Espiritismo e que ele suscitará entre todos os homens quando estiver universalmente difundido, compreendido, ensinado e praticado. Com o Espiritismo, a fraternidade, sinônimo da caridade pregada pelo Cristo, já não é uma palavra vã; tem a sua razão de ser. Do sentimento da fraternidade nasce o da reciprocidade e dos deveres soci-

ais, de homem para homem, de povo para povo, de raça para raça; desses dois sentimentos bem compreendidos sairão forçosamente as instituições mais proveitosas ao bem-estar de todos.

15 A fraternidade deve ser a pedra angular da nova ordem social; mas não há fraternidade real, sólida e efetiva se não estiver apoiada numa base inabalável; essa base é a fé; não a fé em tais ou tais dogmas particulares, que mudam com os tempos e com os povos e se atiram pedras, porque, anatematizando-se, mantêm o antagonismo; mas a fé nos princípios fundamentais que todos podem aceitar: Deus, a alma, o futuro, o progresso individual indefinido, a PERPETUIDADE DAS RELAÇÕES ENTRE OS SERES. Quando todos os homens estiverem convencidos de que Deus é o mesmo para todos, de que esse Deus, soberanamente justo e bom, nada pode querer de injusto, de que o mal vem dos homens e não dele, olhar-se-ão como os filhos de um mesmo pai e estender-se-ão a mão.

É essa fé que o Espiritismo dá, e que será doravante o eixo sobre o qual se moverá o gênero humano, quaisquer que sejam os seus modos de adoração e as suas crenças particulares, que o Espiritismo respeita, mas de que não tem de ocupar-se.

Só dessa fé pode sair o verdadeiro progresso moral, porque só ela dá uma sanção lógica aos direitos legítimos e aos deveres; sem ela, o direito é o que a força dá; o dever, um código humano imposto pela coação. Sem ela, que é o homem? Um pouco de matéria que se dissolve, um ser efêmero que só passa; o próprio gênio é apenas uma centelha que brilha um instante para se apagar para sempre; não há nisso, certamente, com que elevá-lo muito aos seus próprios olhos.

Com tal pensamento, onde estão realmente os direitos e os deveres? Qual é

o fim do progresso? Só essa fé faz o homem sentir a sua dignidade, pela perpetuidade e pela progressão do seu ser, não num futuro mesquinho e circunscrito à personalidade, mas grandioso e esplêndido; esse pensamento eleva-o acima da Terra; sente-se crescer pensando que tem o seu papel no universo; que esse universo é o seu domínio, que poderá percorrer um dia, e que a morte não fará dele uma nulidade, ou um ser inútil para si mesmo e para os outros.

16 O progresso intelectual realizado até hoje nas mais vastas proporções é um grande passo e marca a primeira fase da humanidade; mas, sozinho, é impotente para regenerá-la; enquanto o homem for dominado pelo orgulho e pelo egoísmo, utilizará a sua inteligência e os seus conhecimentos em proveito das suas paixões e dos seus interesses pessoais; é por isso que os aplica ao aperfeiçoamento dos meios de prejudicar os outros e de se entredestruírem.

Só o progresso moral pode assegurar a felicidade dos homens na Terra, pondo um freio às más paixões; só ele pode fazer reinar entre eles a concórdia, a paz, a fraternidade.

É ele que abaixará as barreiras dos povos, que fará cair os preconceitos de casta e calar os antagonismos de seitas, ensinando aos homens a se olharem como irmãos chamados a se ajudarem mutuamente, e não a viverem à custa uns dos outros.

É ainda o progresso moral, secundado aqui pelo progresso da inteligência, que fundirá os homens numa mesma crença, estabelecida sobre as verdades eternas, não sujeitas a discussão e, por isso mesmo, aceitas por todos. A unidade de crença será o laço mais poderoso, o fundamento mais sólido da fraternidade universal, quebrada em todos os tempos pelos antagonismos

religiosos que dividem os povos e as famílias, que fazem ver no próximo inimigos que é preciso evitar, combater, exterminar, em vez de irmãos que é preciso amar.

17 Tal estado de coisas supõe uma mudança radical no sentimento das massas, um progresso geral que só podia cumprir-se saindo do círculo das ideias estreitas e terra a terra que fomentam o egoísmo. Em diversas épocas, homens de escol procuraram impelir a humanidade nesse caminho; mas a humanidade, ainda jovem demais, permaneceu surda, e os seus ensinos foram como a boa semente caída sobre a pedra.

Hoje a humanidade está madura para levar os seus olhares mais alto do que o fez, para assimilar ideias mais largas e compreender o que não tinha compreendido.

A geração que desaparece levará consigo os seus preconceitos e os seus erros; a geração que se ergue, retemperada numa fonte mais depurada, imbuída de ideias mais sãs, imprimirá ao mundo o movimento ascensional no sentido do progresso moral que deve marcar a nova fase da humanidade.

18 Essa fase revela-se já por sinais inequívocos, por tentativas de reformas úteis, por ideias grandes e generosas que vêm à luz e começam a encontrar ecos. É assim que se vê fundar-se uma multidão de instituições protetoras, civilizadoras e emancipadoras, sob o impulso e por iniciativa de homens evidentemente predestinados à obra da regeneração; que as leis penais se impregnam cada dia de um sentimento mais humano. Os preconceitos de raça enfraquecem-se, os povos começam a olhar-se como os membros de uma grande família; pela uniformidade e pela facilidade dos meios de transação, suprimem as barreiras que os dividiam; de todas as partes do mundo, reúnem-se em assembleias universais para os torneios pacíficos da

inteligência.
Mas falta a essas reformas uma base para se desenvolverem, se completarem e se consolidarem, uma predisposição moral mais geral para frutificarem e se fazerem aceitar pelas massas. Não deixa por isso de ser um sinal característico do tempo, o prelúdio do que se cumprirá numa escala maior, à medida que o terreno se tornar mais propício.

19 Um sinal não menos característico do período em que entramos é a reação evidente que se opera no sentido das ideias espiritualistas; uma repulsão instintiva manifesta-se contra as ideias materialistas.

19.2 O espírito de incredulidade, que se apoderara das massas, ignorantes ou esclarecidas, e lhes fizera rejeitar, com a forma, o próprio fundo de toda crença, parece ter sido um sono, ao sair do qual se sente a necessidade de respirar um ar mais vivificante. Involuntariamente, onde se fez o vazio, procura-se alguma coisa, um ponto de apoio, uma esperança.

20 Nesse grande movimento regenerador, o Espiritismo tem um papel considerável, não o Espiritismo ridículo inventado por uma crítica zombeteira, mas o Espiritismo filosófico, tal como o compreende quem quer que se dê o trabalho de procurar a amêndoa sob a casca.
Pelas provas que traz das verdades fundamentais, enche o vazio que a incredulidade faz nas ideias e nas crenças; pela certeza que dá de um futuro conforme à justiça de Deus, e que a razão mais severa pode admitir, tempera as amarguras da vida e previne os funestos efeitos do desespero.
Dando a conhecer novas leis da natureza, dá a chave de fenômenos incompreendidos e de problemas insolúveis até hoje, e mata ao mesmo tempo a incredulidade e a superstição. Para ele, não há nem sobrenatural nem maravilhoso; tudo se cumpre no mundo em virtude de leis imutáveis.

Longe de substituir um exclusivismo por outro, coloca-se como campeão absoluto da liberdade de consciência; combate o fanatismo sob todas as formas e corta-o na raiz, proclamando a salvação para todos os homens de bem e a possibilidade, para os mais imperfeitos, de chegarem, pelos seus esforços, pela expiação e pela reparação, à perfeição, que é a única que conduz à suprema felicidade. Em vez de desencorajar o fraco, encoraja-o, mostrando-lhe o porto que pode atingir.

Não diz: Fora do Espiritismo não há salvação; mas, com o Cristo: Fora da caridade não há salvação, princípio de união, de tolerância, que reunirá os homens num sentimento comum de fraternidade, em vez de dividi-los em seitas inimigas.

Por este outro princípio: Só é inabalável a fé que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da humanidade, destrói o império da fé cega, que aniquila a razão, e da obediência passiva, que embrutece; emancipa a inteligência do homem e levanta o seu moral.

Consequente consigo mesmo, não se impõe; diz o que é, o que quer, o que dá, e espera que venham a ele livre, voluntariamente; quer ser aceito pela razão, e não pela força. Respeita todas as crenças sinceras e só combate a incredulidade, o egoísmo, o orgulho e a hipocrisia, que são as chagas da sociedade e os obstáculos mais sérios ao progresso moral; mas não lança o anátema a ninguém, nem mesmo aos seus inimigos, porque está convencido de que o caminho do bem está aberto aos mais imperfeitos, e de que, cedo ou tarde, eles entrarão nele.

21 Se se supõe a maioria dos homens imbuída desses sentimentos, pode-se facilmente imaginar as modificações que trariam às relações sociais: caridade, fraternidade, benevolência para com todos, tolerância para com to-

das as crenças, tal será a sua divisa.

21.2 É o fim para o qual tende evidentemente a humanidade, o objeto das suas aspirações, dos seus desejos, sem que ela se dê bem conta dos meios de realizá-los; ensaia, tateia, mas é detida por resistências ativas ou pela força de inércia dos preconceitos, das crenças estacionárias e refratárias ao progresso.

21.3 São essas resistências que é preciso vencer, e essa será a obra da nova geração; se se segue o curso atual das coisas, reconhecer-se-á que tudo parece predestinado a abrir-lhe o caminho; terá a seu favor o duplo poder do número e das ideias, e, além disso, a experiência do passado.

22 A nova geração marchará, pois, para a realização de todas as ideias humanitárias compatíveis com o grau de adiantamento a que tiver chegado. O Espiritismo, marchando para o mesmo fim e realizando os seus desígnios, encontrar-se-ão no mesmo terreno. Os homens de progresso encontrarão nas ideias espíritas uma poderosa alavanca, e o Espiritismo encontrará nos homens novos espíritos completamente dispostos a acolhê-lo. Nesse estado de coisas, que poderão fazer os que quisessem atravessar-se no caminho?

23 Não é o Espiritismo que cria a renovação social; é a maturidade da humanidade que faz dessa renovação uma necessidade. Pelo seu poder moralizador, pelas suas tendências progressivas, pela amplitude dos seus pontos de vista, pela generalidade das questões que abarca, o Espiritismo é, mais que qualquer outra doutrina, apto a secundar o movimento regenerador; é por isso que é seu contemporâneo.

23.2 Veio no momento em que podia ser útil, porque para ele também os tempos chegaram; mais cedo, teria encontrado obstáculos insuperáveis; teria inevitavelmente sucumbido, porque os homens, satisfeitos com o que

tinham, ainda não sentiam a necessidade do que ele traz.

23.3 Hoje, nascido com o movimento das ideias que fermentam, encontra o terreno preparado para recebê-lo; os espíritos, cansados da dúvida e da incerteza, assustados com o abismo que se cava diante deles, acolhem-no como uma âncora de salvação e uma suprema consolação.

24 Dizer que a humanidade está madura para a regeneração não quer dizer que todos os indivíduos o estejam no mesmo grau; mas muitos têm, por intuição, o germe das ideias novas, que as circunstâncias farão eclodir; então se mostrarão mais adiantados do que se supunha e seguirão com empenho o impulso da maioria.

Há, entretanto, os que são profundamente refratários, mesmo entre os mais inteligentes, e que certamente nunca se reunirão a ele, pelo menos nesta existência: uns, de boa-fé, por convicção; outros, por interesse. Aqueles cujos interesses materiais estão ligados ao estado presente das coisas, e que não são bastante adiantados para fazer abnegação deles, a quem o bem geral toca menos que o da sua pessoa, não podem ver sem apreensão o menor movimento reformador. A verdade é para eles uma questão secundária, ou, para melhor dizer, a verdade, para certas pessoas, está inteira no que não lhes causa nenhuma perturbação; todas as ideias progressivas são aos seus olhos ideias subversivas; é por isso que lhes votam um ódio implacável e lhes fazem uma guerra encarniçada. Inteligentes demais para não verem no Espiritismo um auxiliar dessas ideias e os elementos da transformação que temem, porque não se sentem à sua altura, esforçam-se por abatê-lo; se o julgassem sem valor e sem alcance, não se preocupariam com ele. Já o dis-

semos em outro lugar: «Quanto maior é uma ideia, mais adversários encontra, e pode-se medir a sua importância pela violência dos ataques de que é objeto.»

25 O número dos retardatários ainda é grande, sem dúvida; mas que podem eles contra a onda que sobe, senão atirar-lhe algumas pedras? Essa onda é a geração que se ergue, enquanto eles desaparecem com a geração que se vai cada dia a grandes passos.

25.2 Até lá, defenderão o terreno palmo a palmo; há, pois, uma luta inevitável, mas uma luta desigual, porque é a do passado decrépito, que cai em farrapos, contra o futuro juvenil; da estagnação contra o progresso; da criatura contra a vontade de Deus, porque os tempos marcados por ele chegaram.

26 Para que os homens sejam felizes na Terra, é preciso que ela só seja povoada de bons Espíritos, encarnados e desencarnados, que só queiram o bem. Tendo chegado esse tempo, uma grande emigração cumpre-se neste momento entre os que a habitam; os que fazem o mal pelo mal, e a quem o sentimento do bem não toca, não sendo mais dignos da Terra transformada, serão excluídos dela, porque levariam a ela de novo a perturbação e a confusão e seriam um obstáculo ao progresso. Irão expiar o seu endurecimento, uns em mundos inferiores, outros entre raças terrestres atrasadas, que serão o equivalente de mundos inferiores, aonde levarão os seus conhecimentos adquiridos e que terão por missão fazer avançar. Serão substituídos por Espíritos melhores, que farão reinar entre eles a justiça, a paz, a fraternidade.

A Terra, no dizer dos Espíritos, não deve ser transformada por um cataclismo que aniquilaria subitamente uma geração. A geração atual desapare-

cerá gradualmente, e a nova lhe sucederá da mesma maneira, sem que nada seja mudado na ordem natural das coisas.

Tudo se passará, pois, exteriormente como de costume, com esta única diferença, mas essa diferença é capital: uma parte dos Espíritos que se encarnavam nela já não se encarnará. Numa criança que nascer, em vez de um Espírito atrasado e inclinado ao mal, que se teria encarnado nela, será um Espírito mais adiantado e inclinado ao bem.

Trata-se, pois, muito menos de uma nova geração corporal do que de uma nova geração de Espíritos. Assim, os que esperassem ver a transformação operar-se por efeitos sobrenaturais e maravilhosos ficarão decepcionados.

27 A época atual é a da transição; os elementos das duas gerações confundem-se. Colocados no ponto intermediário, assistimos à partida de uma e à chegada da outra, e cada uma já se assinala no mundo pelos caracteres que lhe são próprios.

As duas gerações que se sucedem têm ideias e pontos de vista inteiramente opostos. Pela natureza das disposições morais, mas sobretudo das disposições intuitivas e inatas, é fácil distinguir a qual das duas pertence cada indivíduo.

A nova geração, devendo fundar a era do progresso moral, distingue-se por uma inteligência e uma razão em geral precoces, juntas ao sentimento inato do bem e das crenças espiritualistas, o que é sinal indubitável de certo grau de adiantamento anterior. Não será composta exclusivamente de Espíritos eminentemente superiores, mas dos que, tendo já progredido, estão predispostos a assimilar todas as ideias progressivas e aptos a secundar o movimento regenerador.

O que distingue, ao contrário, os Espíritos atrasados é, primeiro, a revolta

contra Deus, pela recusa de reconhecer qualquer poder superior à humanidade; depois, a propensão instintiva às paixões degradantes, aos sentimentos antifraternos do egoísmo, do orgulho, do apego a tudo o que é material. São esses os vícios de que a Terra deve ser purgada pelo afastamento dos que se recusam a emendar-se, porque são incompatíveis com o reino da fraternidade e os homens de bem sempre sofrerão com o seu contato; quando a Terra estiver livre deles, os homens marcharão sem entraves para o futuro melhor que lhes está reservado desde aqui embaixo, como prêmio dos seus esforços e da sua perseverança, enquanto esperam que uma depuração ainda mais completa lhes abra a entrada dos mundos superiores.

28 Por essa emigração dos Espíritos, não se deve entender que todos os Espíritos retardatários serão expulsos da Terra e relegados a mundos inferiores. Muitos, ao contrário, voltarão a ela, porque muitos cederam ao arrastamento das circunstâncias e do exemplo; a casca era neles pior que o fundo. Uma vez subtraídos à influência da matéria e dos preconceitos do mundo corporal, a maior parte verá as coisas de maneira inteiramente diferente do que em vida, como temos numerosos exemplos disso. Nisso são ajudados pelos Espíritos benevolentes que se interessam por eles e que se apressam em esclarecê-los e em mostrar-lhes o caminho falso que seguiram. Pelas nossas preces e pelas nossas exortações, nós mesmos podemos contribuir para a sua melhoria, porque há solidariedade perpétua entre os mortos e os vivos.

A maneira como se opera a transformação é muito simples e, como se vê, é toda moral e em nada se afasta das leis da natureza.

29 Sejam os Espíritos da nova geração novos Espíritos melhores, ou os antigos Espíritos melhorados, o resultado é o mesmo; desde o instante em que trazem melhores disposições, é sempre uma renovação. Os Espíritos encarnados formam assim duas categorias, segundo as suas disposições naturais: de um lado, os Espíritos retardatários que partem; do outro, os Espíritos progressivos que chegam. O estado dos costumes e da sociedade estará, pois, num povo, numa raça ou no mundo inteiro, em razão daquela das duas categorias que tiver a preponderância.

Para simplificar a questão, suponhamos um povo, num grau qualquer de adiantamento, composto de vinte milhões de almas, por exemplo; fazendo-se a renovação dos Espíritos à medida das extinções, isoladas ou em massa, houve necessariamente um momento em que a geração dos Espíritos retardatários prevalecia em número sobre a dos Espíritos progressivos, que só contavam raros representantes sem influência, cujos esforços para fazer predominar o bem e as ideias progressivas eram paralisados. Ora, partindo uns e chegando outros, depois de um tempo dado as duas forças equilibram-se e a sua influência contrabalança-se. Mais tarde, os recém-chegados estão em maioria e a sua influência torna-se preponderante, embora ainda entravada pela dos primeiros; estes, continuando a diminuir enquanto os outros se multiplicam, acabarão por desaparecer; chegará, pois, um momento em que a influência da nova geração será exclusiva; mas isso não se pode compreender se não se admite a vida espiritual independente da vida material.

30 Assistimos a essa transformação, ao conflito que resulta da luta das ideias contrárias que procuram implantar-se; umas marcham com a bandeira do passado, as outras com a do futuro. Se se examina o estado atual do mundo, reconhecer-se-á que, tomada no seu conjunto, a humanidade ter-

restre ainda está longe do ponto intermediário em que as forças se equilibram; que os povos, considerados isoladamente, estão a grande distância uns dos outros nessa escala; que alguns tocam esse ponto, mas que nenhum ainda o ultrapassou. De resto, a distância que os separa dos pontos extremos está longe de ser igual em duração, e, uma vez transposto o limite, o novo caminho será percorrido com tanto mais rapidez quanto uma multidão de circunstâncias virá aplaná-lo.

Assim se cumpre a transformação da humanidade. Sem a emigração, isto é, sem a partida dos Espíritos retardatários que não devem voltar, ou que só devem voltar depois de se terem melhorado, a humanidade terrestre não ficaria por isso indefinidamente estacionária, porque os Espíritos mais atrasados avançam por sua vez; mas teriam sido precisos séculos, e talvez milhares de anos, para atingir o resultado que meio século bastará para realizar.

31 Uma comparação vulgar fará compreender melhor ainda o que se passa nessa circunstância. Suponhamos um regimento composto, em grande maioria, de homens turbulentos e indisciplinados: estes levarão a ele sem cessar uma desordem que a severidade da lei penal terá muitas vezes dificuldade em reprimir.

31.2 Esses homens são os mais fortes, porque são os mais numerosos; sustentam-se, encorajam-se e estimulam-se pelo exemplo. Os poucos bons não têm influência; os seus conselhos são desprezados; são escarnecidos, maltratados pelos outros, e sofrem com esse contato. Não é essa a imagem da sociedade atual?

31.3 Suponhamos que se retirem esses homens do regimento, um a um, dez a dez, cem a cem, e que se substituam à medida por igual número de bons soldados, até pelos que foram expulsos, mas que se tiverem emendado seriamente: ao cabo de algum tempo, ter-se-á sempre o mesmo regimento, mas transformado; a boa ordem terá sucedido à desordem. Assim acontecerá com a humanidade regenerada.

32 As grandes partidas coletivas não têm somente por fim ativar as saídas, mas transformar mais depressa o espírito da massa, livrando-a das más influências, e dar mais ascendente às ideias novas.

É porque muitos, apesar das suas imperfeições, estão maduros para essa transformação que muitos partem, a fim de irem retemperar-se numa fonte mais pura. Enquanto tivessem ficado no mesmo meio e sob as mesmas influências, teriam persistido nas suas opiniões e na sua maneira de ver as coisas. Uma permanência no mundo dos Espíritos basta para lhes abrir os olhos, porque veem ali o que não podiam ver na Terra. O incrédulo, o fanático, o absolutista poderão, pois, voltar com ideias inatas de fé, de tolerância e de liberdade. Na sua volta, encontrarão as coisas mudadas e sofrerão o ascendente do novo meio em que tiverem nascido. Em vez de fazerem oposição às ideias novas, serão os seus auxiliares.

33 A regeneração da humanidade não precisa, pois, absolutamente, da renovação integral dos Espíritos: basta uma modificação nas suas disposições morais; essa modificação opera-se em todos os que estão predispostos a ela, quando são subtraídos à influência perniciosa do mundo. Os que voltam então nem sempre são outros Espíritos, mas muitas vezes os mesmos Espíritos, pensando e sentindo de outro modo.

Quando essa melhoria é isolada e individual, passa despercebida e não tem

influência ostensiva sobre o mundo. Inteiramente outro é o efeito quando se opera simultaneamente em grandes massas; porque então, segundo as proporções, numa geração, as ideias de um povo ou de uma raça podem ser profundamente modificadas.

É o que se nota quase sempre depois dos grandes abalos que dizimam as populações. Os flagelos destruidores só destroem o corpo, mas não atingem o Espírito; ativam o movimento de vaivém entre o mundo corporal e o mundo espiritual e, por conseguinte, o movimento progressivo dos Espíritos encarnados e desencarnados. É de notar que, em todas as épocas da história, as grandes crises sociais foram seguidas de uma era de progresso.

34 É um desses movimentos gerais que se opera neste momento e que deve trazer a remodelação da humanidade. A multiplicidade das causas de destruição é um sinal característico dos tempos, porque devem apressar a eclosão dos novos germes.

34.2 São as folhas de outono que caem, e às quais sucederão novas folhas cheias de vida, porque a humanidade tem as suas estações, como os indivíduos têm as suas idades. As folhas mortas da humanidade caem, levadas pelas rajadas e pelos golpes de vento, mas para renascerem mais vivazes sob o mesmo sopro de vida, que não se extingue, mas se purifica.

35 Para o materialista, os flagelos destruidores são calamidades sem compensação, sem resultados úteis, pois, segundo ele, aniquilam os seres sem retorno. Mas, para aquele que sabe que a morte só destrói o envoltório, não têm as mesmas consequências e não lhe causam o menor pavor; compreende o seu fim e sabe também que os homens não perdem mais em morrer juntos do que em morrer isoladamente, pois, de uma maneira ou de outra, é sempre preciso chegar a isso.

Os incrédulos rirão dessas coisas e as tratarão de quimeras; mas, digam o que disserem, não escaparão à lei comum; cairão por sua vez como os outros, e então que será deles? Dizem: nada; mas viverão, a despeito de si mesmos, e serão obrigados um dia a abrir os olhos.

Une Sacra · edição 1.8 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0